



SEM destino

Bruna Longobucco





SEM d ESTIN o

Bruna Longobucco

Copyright © Bruna Longobucco

Capa: Thais Alves
Revisão e diagramação da autora

Edição do autor
www.brunalongobucco.com.br

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou duplicada sem autorização expressa do autor. Os infratores serão punidos na forma da lei.

2018

Comentários

“Não raro ouvimos a suposição de que o destino é implacável e que ninguém pode escapar de suas mãos. *Sem destino* de Bruna Longobucco está aí para mostrar que tudo de bom ou ruim que acontece em nossa vida tem ligação com as escolhas que fazemos. A escolha é a liberdade de se pensar e tecer o nosso destino. E é assim que, com sua escrita leve e delicada, Bruna parte do simples para alcançar o profundo.” **Vivi, *Romance Gracinha*.**

“Entre trancos e barrancos esse livro me fez viajar e não consegui largá-lo enquanto não terminei! Realmente não lia algo do gênero e que me interessasse tanto há muito tempo. Personagens bons escritos, cada um com seus medos e segredos que você vai desvendando no desenrolar ou enrolar da história. Bruna foi de uma maestria na escrita desse belo livro, me encantou, me surpreendeu, me cativou, amei!” **Leninha, [Sempre Romântica](#).**

“Adorei! Uma narrativa gostosa, que me prendeu a atenção e não me deixava largar o livro. Bruna criou personagens ricos e cheios de conflitos e dilemas, num cenário bonito e atraente. Uma história que mostra o difícil processo de amadurecimento e o quanto vale a pena abandonarmos certos padrões de comportamento infantis e nos entregarmos ao que realmente importa na vida.” **Loraine Pivatto, *escritora*.**

“Cada vez mais me surpreendo com nossos escritores brasileiros. É muito bom ter tido a oportunidade de ler *Sem Destino* da Bruna Longobucco e ter me maravilhado. Paixão avassaladora e discussões que acabam em beijos roubados... o resultado é a história maravilhosa de Tiago e Helena.” **Bruna Britti, *Supreme Romance*.**

“Sem Destino me prendeu do começo até a última página. Sem brincadeira, mergulhei de cabeça na história... O romance de Leninha e Tiago me deixava ávida por mais, virando cada página com a curiosidade do que viria a seguir. E o livro não me desapontou em nenhum ponto. Recomendadíssimo!”

Carol, Open Page.

“A trama é muito bem elaborada. É uma história envolvente, que prende o leitor do início ao fim.” **Sumie, Fada dos Livros.**

“Descobertas, revelações e muitas surpresas te aguardam nesse romance doce e intrigante.” **Thais Turesso, Viaje na Leitura.**

“... do começo até o final, o livro é permeado de emoção. Amor, ódio, sentimento de rejeição, sede de vingança, paixão e mais um misto de outros sentimentos que o fazem tão forte e tão bonito.” **Rafaela Figueirêdo, Canto de Meninas.**

*Eu nunca acreditei em destino
No entanto, acredito na escolha
Foi como cheguei onde estou
E sei...*

*Existem dois mundos entre o que sou e o que tento ser
Mas ainda não descobri a qual destes mundos
Meu amor pertence.
O que sei é que hoje nossa distância é maior
Embora ontem, diz a lembrança,
Estivéssemos caminhando juntos.
Em algum lugar especial,
Dividindo planos e sonhos.
Agora, meu horizonte não é o mesmo
E me pergunto onde deixei as cores
Os gostos, os cheiros
E talvez minha pergunta seja a mesma
Até encontrar você.*

**Há muito a ser dito.
Há mais a ser descoberto...**



Prólogo

Interior de Minas Gerais, 1994

Agora sim pular as ondas,
comer um doce
brincar de esconde
correr no mato
sonhar as nuvens.
Depois,
olhar em seus olhos
sentir suas mãos nas minhas
e, com o coração a mil,
vou então falar de amor...

Ao avistar a sede da Fazenda, a menina não conseguiu esconder um sorriso. Ansiosa, voltou o olhar para a mãe que ocupava o assento ao seu lado. Ela havia cochilado no caminho. Assim que o carro alcançou a alameda de eucaliptos que conduzia à casa do avô, a acordou.

– Chegamos, mãe! Finalmente estamos em Embalança!

Ao ouvir a voz da filha, Sílvia abriu os olhos confusa. Passou a mão pelo rosto e, ainda sonolenta, consultou o relógio de pulso – Nossa, dormi a viagem toda.

– Foi bom, mãe. Pelo menos você descansou um pouco e não vai precisar tomar aquele tanto de remédio pra conseguir relaxar.

– Está certa, meu bem. Como sempre.

Sílvia não pôde evitar o orgulho que sentia da filha. Era a única alegria de sua vida. Uma vida que, diante das mágoas e traições, já não suportava... Passou a mão pelos cabelos pretos e lisos de Helena e retribuiu o calor que

leu nos olhos verdes brilhantes.

Quando desceram do carro instantes depois, a menina correu para os braços do avô, Seu Altino, que a rodopiou no ar, exultante. Ela riu ao notar que mesmo da varanda do casarão podia escutar o som de um bolero. Não se lembrava de um só dia na fazenda sem que o avô ouvisse aquelas canções antigas. Após as trocas de carinho, perguntou sem conter a excitação:

– Cadê o Tiago e a Aninha?

Ele encarou o relógio numa expressão divertida

– Eu já estava calculando quantos minutos minha neta levaria para fazer esta pergunta.

– Ah, vô... – Helena corou, desviando o olhar e Altino deu uma gostosa gargalhada antes de falar. – Nas baias. Estão acompanhando o veterinário na inspeção dos animais.

Helena não precisou de mais respostas. Beijou as faces enrugadas do simpático senhor e correu feliz e apressada em direção ao estábulo. Ao chegar, encontrou os dois meninos conversando com um homem que deduziu ser o veterinário de quem o avô acabara de falar. – Tiago, Ana, cheguei! – Avisou.

Surpreendidos, eles falaram qualquer coisa para o doutor e correram ao encontro de Helena.

Juntos, os três brincaram por toda a tarde.

Quando, enfim, a mãe de Ana veio chamá-la para o banho, precisaram se separar.

– Você não vem, Leninha? – perguntou Maria.

– Ainda não. Podem ir na minha frente!

– Tudo bem, mas seu avô pediu pra descer antes que anoiteça. Vê lá, hein?

– Preocupa não.

Maria riu do modo seguro como a menina expressava sua vontade e, balançando a cabeça, deu as mãos para a filha e caminhou em direção a casa.

– Ô Lena, quanto tempo *cê* vai ficar na fazenda?

Animada, Helena voltou a atenção para Tiago:

– Minha mãe falou que desta vez vamos ficar todo o período das férias.

– Uau! Vai ser demais!

– Mais pra mim. Afinal, você sempre tem a Ana pra brincar. Já eu, lá em casa não tenho ninguém.

– Não é a mesma coisa. Você é minha namorada, esqueceu?

– Não. Você contou pra mais alguém?

Tiago negou balançando a cabeça e Helena respirou aliviada. – Sei que já temos onze anos, mas o vô não ia entender. Ele disse que eu só vou poder namorar quando crescer e estiver formada.

– É... eu sei. A mãe também acha que eu preciso criar barba. Mas não me importo, gosto de você.

Entreolharam-se. Um azul intenso coloria o céu de Embalança e, naquele momento, o futuro parecia perfeito. Um lugar cheio de cores e possibilidades.

– Eu também! – ela finalmente respondeu.

– Posso fazer uma coisa? – ele pediu animado.

– O quê? – atendendo a um impulso, Tiago não perdeu tempo explicando e roçou levemente seus lábios nos de Helena. Ela o olhou assustada e ele riu.

– Agora é oficial. – ele explicou – Só no rosto, não vale.

Helena pensou se deveria xingar ou não.

– O que foi?! – perguntou Tiago, agora preocupado se teria ido longe demais.

– Nada! Mas já que beijou minha boca, vai ter que se casar comigo. Promete?

– Prometo!

P rimeira P arte

“ É necessário ter o caos aqui dentro
para gerar uma estrela.”



Friedrich Nietzsche

Capítulo um

Dez anos depois...

O Land Rover Discovery preto percorria em alta velocidade uma das principais avenidas da Capital Mineira. Helena sabia que guiava com imprudência, ainda assim, não se importava com as consequências.

Embora àquela hora não houvesse tanto movimento, as luzes da cidade ofuscavam-lhe a visão, invasivas e dançantes sob o efeito do álcool. Respirou aliviada quando o carro finalmente alcançou o bairro residencial onde vivia. Ao se identificar na guarita e passar pelo portão, uma forte náusea a acometeu. Saiu do automóvel trôpega, entregou o carro ao cuidado de um dos seguranças e percorreu a ladeira que conduzia à mansão a pé.

Levou algum tempo até conseguir abrir a porta. Ao entrar, sentindo-se exausta e com o corpo trêmulo, jogou-se no sofá. Só de olhar a escada que levava ao quarto, desistiu. Estava quase amanhecendo e havia exagerado na bebida.

Dormiu por volta de duas horas e acordou quando alguém tocou em seu ombro. Ao abrir os olhos, sentiu a luz do sol contra o rosto e fez uma expressão desgostosa. A sala estava iluminada e Célia, sua governanta, a encarava num ar de clara reprovação.

– Não acredito que esteja fazendo isso com você. Chegou em casa bêbada de novo?

– Não começa, Celinha. Eu me acabei. Meu corpo dói terrivelmente, estou com a boca amarga e a cabeça latejando.

– Pra variar. Não me surpreende e também não me comove. Desde que começou a sair com aquelazinha, passou a levar essa vida desregrada. Já te falei que a Íris não é boa companhia.

Helena levou as mãos à cabeça e se levantou com dificuldade. O vestido de noite estava amarrotado e os pequenos cristais que bordavam o decote pareciam ter aderido dolorosamente à pele. Continuava com a sandália, mas os brincos, os jogou num lugar qualquer.

A contragosto, Célia a ajudou a se manter de pé e a acompanhou até o quarto.

– Você precisa de um banho e de um bom café. – declarou com autoridade. Helena não discutiu. Prestativa, Célia a auxiliou a se livrar do vestido e ligou o chuveiro.

– E meu pai? – perguntou, após alguns instantes.

– Como a reunião foi até tarde, o Doutor Mauro passou a noite em São

Paulo, mas avisou que volta ainda hoje.

– *Sei. É um exemplo de homem o presidente da Lançatec-MG, a empresa mineira que caminha para ser a maior do setor rural!* – afirmou com cinismo e fitou o chão sem conseguir evitar a antiga mágoa. Na certa, pensou, a reunião devia ter cabelos louros e um corpo escultural. De qualquer forma, a coluna social do dia traria a resposta. Instantes depois, já de banho tomado, deitou-se na cama e voltou a dormir.

Triste, Célia velou o sono de Helena por alguns minutos. Dormindo, parecia tão inocente que ficava difícil acreditar no modo imprudente como vinha se comportando ultimamente. A viu crescer e não sabia dizer exatamente quando se tornou tão revoltada. A princípio, pensou ser um choque com a perda da mãe e do avô numa fase tão complicada quanto a adolescência. Mas já estava com vinte e um anos e a cada dia se tornava mais infeliz e na visão dos outros, mais problemática.

Vivia em guerra com o pai. No início, as confusões que aprontava revelavam uma tentativa imatura de chamar sua atenção a qualquer custo. Com o tempo, os atritos criaram uma distância ainda maior entre os dois que passaram a viver como inimigos.

A única ameaça que Mauro não havia cumprido até o momento era a de internar a filha numa clínica de reabilitação. Infelizmente, Célia sabia que era uma questão de tempo para que ele tomasse uma atitude mais drástica, a situação andava insustentável e temia pelo destino de Helena. Desanimada, olhou para a jovem mais uma vez, saiu do quarto silenciosamente e seguiu para a cozinha. Tinha muito a fazer e os empregados da casa aguardavam suas ordens.

Helena voltou a acordar ao anoitecer. Tateou o criado buscando o relógio. Ao checar as horas, viu que dormiu um dia quase inteiro. Mordeu os lábios ao lembrar que tinha perdido uma prova importante na faculdade. Mais uma. Se a situação já estava crítica, ficou ainda pior.

Entediada, ligou a televisão. Com o controle remoto em mãos, passou por todos os canais da TV a Cabo e não encontrou nenhum filme que lhe chamasse a atenção. Deixou no jornal local enquanto escovava os cabelos.

O repórter falava sobre os malefícios do aquecimento global. Não se passou muito tempo e a manchete mudou trazendo a notícia do desaparecimento de outro adolescente. Quando começaram a falar de mais um crime hediondo, desligou a TV. Desânimo. Era o que sentia. Como ela, o

mundo estava em caos.

Parece que em contradição aos progressos científicos e tecnológicos, o homem se encontra numa era de involução. Em relação ao passado os recursos são tantos, mas a sociedade segue atolada em corrupção, intolerância, marginalização e sofre os efeitos da pobreza, a falta de recursos para educação, saúde e tantas outras carências. O resultado se vê nas ruas, nas estatísticas. A mídia noticiando crimes cada vez mais bárbaros, acidentes naturais catastróficos, tráfico de drogas e de pessoas, atentados terroristas, guerrilhas sangrentas etc.

Passou as mãos pelos cabelos num gesto de desespero. Às vezes, tudo o que queria era desaparecer completamente. Estranhava quando alguém lhe falava em esperança. Em fé no futuro. Em que acreditar se tudo o que uma pessoa ama e tem pode desaparecer de um momento ao outro? Foi assim com sua mãe e com seu avô. Afinal, por que construir algo se cedo ou tarde vamos embora?

Existiria mesmo um destino? E o que é o destino? Sorte, fato, escolha? Não, escolha não podia ser. Certamente não escolheu estar como estava. Deprimida, cansada... Ou será que sim? Não podia negar as relações de causa e consequência. Pensou nas atitudes que tomou. E suspirou ao constatar que também não havia feito nada para mudar sua vida. Acostumou-se com a ideia de ser um barco sem rumo. Se destino significasse futuro, estava sem destino, sem amanhã. Perdida como os sonhos que enterrou no fundo da mente; distante como a alegria que um dia conheceu.

E de nada adiantava perder tempo questionando o mundo, os problemas sociais, o tempo, a dor. Como ela própria, tudo aquilo parecia não ter mais jeito. Odiando as lágrimas que teimavam inundar seus olhos, atirou a escova longe e secou o rosto com as mãos. Precisava sair daquele quarto antes que enlouquecesse. Estava quase tocando a maçaneta da porta, quando Íris entrou.

– Nossa! – perguntou a ruiva recém-chegada ao encará-la – O que aconteceu com você, amiga? Sua cara tá péssima!

– Sugiro não me perguntar.

– Ih... já vi que tá *deprê*.

– Acontece com frequência.

– É... eu sei. Olha, vim aqui justamente pra dar um *up* no seu astral.

– Se conseguir te dou um doce! – ironizou Helena. Era o típico dia em que não queria ver a cara de ninguém.

– Ironia?!

– Imagina...

– Ah, não me importo! Semana passada aguentou minha TPM então dou um desconto. Só não abusa. – não esperou resposta e continuou – Mudando de assunto, essa sua governanta é um porre! Não sei como você tolera tanto atrevimento.

– Não implica com a Célia, Íris. Ela é assim mesmo.

– Não implica? Ela praticamente me mandou embora. Você dá muita confiança aos empregados.

– Não é uma questão de dar ou não confiança. Ela é como se fosse minha mãe. Sempre cuidou de mim. Acho que é a única pessoa que se preocupa comigo de verdade.

– Ah, pelo amor de Deus, Lena! Ela não passa de uma chata atrevida! Veio me pedir satisfações sobre a noite de ontem. Como se você não fosse grandinha o suficiente pra se cuidar.

– Deixa pra lá. Não foi por mal. – Íris fez uma expressão irônica, então, cedeu, lembrando-se do que a levou até a mansão – *Falou com o todo poderoso?*

– Não. Meu pai viajou. Vamos ter que adiar.

– Não te entendo. Algum tempo atrás me disse que a fazenda era herança da sua mãe, mas sempre precisa da permissão de seu pai pra tudo. Se fosse eu, vendia o lugar e torrava a grana.

– As coisas não são tão fáceis. É ele quem administra tudo. A fazenda é como uma empresa, entende? Não é um sítio qualquer. Desde a época de meu avô já se trabalhava com a criação de gado leiteiro. Além disso, meu pai cria cavalos de raça e existem outras coisas também, só que não estou muito por dentro. Faz tempo que não me interessa por Embalança.

– Tudo bem, não importa! O que eu quero é organizar o fim de semana com o pessoal. Preciso reconquistar o Túlio e, como a Ceíça viajou, esta é minha única oportunidade. – Os olhos de Íris refletiam malícia e ela soube que a amiga tinha planos ousados.

– Pensei que vocês fossem amigas.

– Amigas? Aham... Vai nessa! Ela roubou meu namorado.

– Uai! Que eu saiba, vocês tinham terminado.

– E daí? Ela não tinha o direito de ficar com ele.

– Engraçado, você vivia dizendo que o Túlio não servia pra você. Agora que o perdeu, ficou obcecada.

– Não dou a mínima pra ele, o que não suporto é ser passada para trás. Ele me fez de boba.

Helena não escondeu um sorriso. No fundo tinha pena de Túlio. Mas não daria braço a torcer por homem nenhum. Ele que se danasse. Nem sempre concordava com o que Íris falava, no entanto, não podia negar que a divertia.

– Quer saber? Fala com o pessoal. Com ou sem a autorização de meu pai vamos pra lá. Preciso mesmo sair de casa por uns dias.

Íris sorriu satisfeita e ocupou o telefone por umas duas horas. Algum tempo depois, foi à procura de Helena. – Tudo certo. Amanhã você me busca às dez.

– Quantas pessoas vão?

– Umas quinze.

– Ok.

Helena sabia que o pai não iria gostar nem um pouco. Razão pela qual a ideia lhe pareceu tão atraente.



Capítulo dois

Maria observou satisfeita o trabalho dos pintores. Concluíram a reforma há uma semana, porém, não se cansava de admirar. Já na época de Seu Altino, o casarão recebia uma mão de tinta de tempos em tempos. Após sua morte, o genro fez questão de preservar o patrimônio. O telhado colonial e as janelas de madeira foram envernizados e a parede refletia um tom impecável de branco.

Confortável, a moradia abrigava quinze quartos, sendo cinco deles suítes, cozinha, escritório, sala de som, sala de jantar e sala de televisão, além de três banheiros sociais. Contudo, a comodidade se estendia além da casa.

A saída dos fundos dava para a área de lazer onde foi construída a piscina, a sauna, a quadra e o salão de jogos, além de um espaço coberto com uma cozinha externa, churrasqueira, fogão a lenha e freezer.

Ao longo do tempo, Embalança ajustou-se à vida moderna, embora conservasse o mesmo estilo e atmosfera de calma e tranquilidade do passado.

Uma alameda de eucaliptos levava à casa de dois andares que se destacava em meio à paisagem rural. Uma escada conduzia à entrada principal e uma ampla varanda estendia-se pelas laterais. Do teto pendiam samambaias viçosas e, entre as grossas pilastras, algumas redes coloridas e franjadas.

No espaço verde ao redor das benfeitorias havia muitas variedades de flores e plantas e uma extensa cerca viva circundava as construções da sede, incluindo o pomar, a lagoa e o caminho de pedras que conduzia aos estábulos.

O lugar, diferentemente do que acontecia nos dias atuais, abrigou moradores e teve dias mais felizes.

Filha dos antigos caseiros, Maria conheceu toda a história da família de Altino. Quarto filho de um casal de imigrantes italianos foi o único que sobreviveu a uma epidemia de febre que lhe levou todos os entes queridos. Com vinte e um anos assumiu Embalança, casando-se meses depois com

Eulália, namorada de infância e filha de fazendeiros assim como ele.

A primeira filha do casal, Sílvia, tornou-se a alegria de Seu Altino, mas por ter sobrevivido a um parto difícil, o médico aconselhou Eulália a não ter mais filhos.

Maria não conteve uma lágrima ao se lembrar de Sílvia, pois, ainda meninas, tornaram-se amigas inseparáveis.

Quando Sílvia contava dezesseis anos, a mãe engravidou novamente. Uma gravidez de risco. Altino, preocupado, cercou a esposa de cuidados. Infelizmente, Eulália não resistiu ao parto e o bebê nasceu morto. Grande tristeza abateu-se sobre a fazenda.

Homem de força e valor, Altino enfrentou mais aquela provação e fez de tudo para levar a vida e os negócios adiante. Sílvia, no entanto, nunca mais foi a mesma. Transformou-se em uma pessoa frágil, triste. Ao se casar, o pai teve esperanças de que fosse finalmente feliz.

Não foi. Além de ser um relacionamento tumultuado, não podia ter filhos. O casal quase se separou e, por um milagre, nasceu Helena. Maria não acompanhou a gravidez da amiga e não sabia dizer em que circunstâncias se deu, o fato é que Seu Altino ficou radiante e nunca o viu tão feliz como no dia em que a neta visitou a fazenda pela primeira vez.

Emocionada, Maria sentiu os olhos marejados e passou os braços ao redor do corpo, procurando afastar as antigas lembranças.

A manhã se despedia quando Tiago voltou à sede da Fazenda. Cruzou a alameda de eucaliptos e, mal estacionou a picape vermelha, Maria abandonou suas reflexões e se aproximou.

– Ficou uma beleza, não é?

O rapaz fixou o casarão e assentiu, mas ela percebeu-lhe a expressão aflita e deduziu o que acontecia.

– Cadê o Alcides, Tiago?

Antes que ele respondesse, ela viu o marido se aproximar e uma pergunta atropelou a outra:

– Onde se meteu, Antônio? Eu te chamei um tempão.

– Estava na fábrica, mulher. Fui procurar o Alcides e o Jairo me segurou por lá. Está querendo fazer umas reformas.

Maria então se lembrou de que Tiago não havia lhe respondido: – Você ia me falar do seu pai.

– Pois é, o pai sumiu. Procurei em cada canto de Esplanada, mas ninguém soube me informar. Não sei onde se meteu desta vez.

– O que deu nele pra beber desse jeito, gente? – questionou Maria.

– Desde que a mãe morreu, perdeu o rumo. Já fiz de tudo, não adianta. – desanimado, Tiago baixou os olhos. Maria o tocou nos ombros, num gesto de solidariedade.

– Se não fosse por você, ele estaria desempregado. Embora o patrão não saiba, é o verdadeiro administrador de Embalança. – ela comentou.

– O problema, Maria, é que mais cedo ou mais tarde o Seu Mauro vai descobrir o que está acontecendo. Se despedir meu pai, terei que sair daqui e me afastar da Ana. Não quero adiar nosso casamento.

– Não vai acontecer nada disso. Depois, por causa do testamento do Seu Altino ele tem o rabo preso com você.

– Não posso me valer da herança pra segurar meu trabalho.

– *E ele é bobo de te perder? Ara, e depois, pode contar com a gente pro que der e vier.* – afirmou Antônio.

Após minutos, sentindo o rapaz mais confiante, Maria disse aos dois algo que estava lhe preocupando:

– Não faz nem uma hora, Célia me ligou aflita. Helena está vindo pra cá. E parece que vai trazer companhia.

Tiago mal pôde acreditar – Ih! Os tempos vão esquentar. Sempre que ela aparece, o pai vem atrás e tudo acaba em confusão.

– Pois é. A Célia está desesperada. A Leninha anda impossível, bebendo muito, vive causando problemas. Chegou até a ir parar na delegacia.

Preocupado, Antônio levou as mãos ao cabelo – Não vá se meter com ela, Maria! Não quero confusão com o patrão.

– *Eu sei, Antônio, só que tenho pena. Fui amiga da Sílvia. Vi Helena dar os primeiros passos e não consigo aceitar as coisas como estão.*

– *É triste. Imagino o que sente, mas o fato é que ela cresceu, mudou demais e nada podemos fazer a respeito.*

Os três ainda conversavam quando o pessoal começou a chegar. Cinco automóveis promoveram um buzinaço incessante e o grupo se dispersou a fim de tomar providências.

Enquanto os convidados de Íris se acomodavam, Helena foi procurar por Maria. Estranhou, pois, pela primeira vez desde que se entendia por gente

não veio recebê-la. Encontrou-a no quintal da própria casa, cuidando do canteiro onde cultivava rosas vermelhas e brancas – Foi aqui que se escondeu de mim?

Maria se ergueu do chão e, ao encará-la, sorriu – Não me escondi coisa nenhuma.

Sem esperar convite, Helena se aproximou e a abraçou – Senti saudades...

– Ora, vai se sujar de terra, menina!

– Não me importo. Como você está?

– Com a graça de Deus, está tudo bem. E aí? Você sumiu.

Helena não respondeu e Maria percebeu que ela dançava com os olhos para não encará-la. As pálpebras estavam carregadas de sombra azul e roxa e um delineador preto complementava a pintura. No rosto, base e pó compacto em excesso causavam um efeito assustador de palidez. De alguma forma, a antiga caseira procurava atrás da maquiagem pesada a mocinha faceira que um dia conheceu.

– Conversei com Célia e o que ela me falou me deixou muito preocupada. O que anda aprontando?

– Nada demais. A Célia se preocupa com o que não deve.

– Sei. Você mudou tanto, filha.

– Acontece. O mundo muda as pessoas. – afirmou, desviando o olhar.

– Muda sim, mas a gente só faz o que quer.

– E eu só quero me divertir.

– Precisa é criar algum juízo. Não é mais uma criança.

– Não vamos discutir. E Ana, como está?

Evasiva, Maria limpou as mãos sujas de terra no avental. Então, deu-lhe as costas e se agachou no chão, a fim de colher as ferramentas de jardinagem.

– Está ótima! – finalmente respondeu – Temos novidades por aqui.

– Ah, é? E quais são?

– Ana e Tiago... eles estão noivos – pega de surpresa, Helena não sabia o que dizer – *Noivos?!*

– É. Eu e Antônio estamos muito felizes com a escolha da nossa menina.

– Hum... Claro. Faço uma ideia.

Maria voltou o rosto para ela. Analisou a reação da jovem e não gostou nem um pouco do que leu em sua expressão. Vendo-se como objeto de

análise, Helena sentiu necessidade de se afastar – Eu, bem, tenho que ficar com o pessoal. Depois a gente conversa.

A moça se foi e a outra se limitou a acompanhá-la com o olhar.

A noite avançava quando Helena saiu da piscina e se distanciou do pessoal. Deixou pelo menos quatro casais numa situação comprometedor e outros dois tentando se tornar um deles.

Duas das moças que como ela estavam desacompanhadas foram se deitar havia pouco menos de uma hora e ela concluiu que precisava dormir também. Não suportava o modo insinuante como Íris se jogava para Túlio, mesmo sem sentir nada por ele. Não conseguia entender como a amiga podia descer tão baixo, só por um capricho.

Irritada, jogou uma canga preta sobre o corpo. Passou pela quadra, o salão de jogos, contornou o casarão e, por fim, decidiu gastar algum tempo na varanda antes de ir para o quarto.

Lembranças e vozes do passado insistiam em se fazer presentes. Impossível acreditar, mas houve uma época em que se sentia amada, protegida. Pensou nas noites em que se esgueirava pelo casarão a fim de ficar horas na varanda, observando a lua e as estrelas. Noites em que suas mãos se entrelaçavam nas mãos de outro alguém.

Tiago... Nunca mais sentiu outra pessoa chegar tão perto de seu coração. Só que aquela era a história de outra pessoa. Nada daquilo fazia parte de sua vida agora. Nem as vozes, nem os sonhos, nem mesmo a fazenda.

Angustiada, comprimiu os olhos. Não conseguia aceitar o noivado de Ana e Tiago. E, pior, não entendia porque a incomodava tanto.

A lua cheia iluminava a noite e fazia desenhos sombreados na alameda de eucaliptos. Refletiu sobre as próprias sombras. Na forte sensação de solidão que a perseguiu nos últimos anos. Antes, essa sensação não existia. Não quando ainda tinha o carinho do avô, da mãe e de outras pessoas. As mesmas pessoas que agora a encaravam com reprovação. Entristecida, ergueu os olhos do chão e percebeu a aproximação de alguém. Desgostosa, reconheceu o casal que ocupou sua mente desde a conversa com Maria. Ana, a filha dos caseiros e Tiago, filho do administrador. Quando a alcançaram, ainda pensava em como deveria se comportar.

– Como vai, Helena? – quem a cumprimentou primeiro foi o rapaz.

– Vou bem – respondeu a custo, tentando se mostrar fria e indiferente – Quanto tempo, não é mesmo?

Os dois assentiram e ela os viu ainda crianças. Sempre que visitava a fazenda na companhia da mãe, os três brincavam juntos.

– Fiquei sabendo que vão se casar. Parabéns! Vocês formam um casal perfeito.

Ambos agradeceram, contudo, Tiago não pôde evitar o desconforto que sentia em sua presença. Helena o magoou profundamente e, por mais que o tempo passasse, não conseguia esquecer o que ela fez com ele. A encarou intrigado. Embora ela prolongasse o silêncio, seu olhar ia muito além do cumprimento frio e formal.

Foi Ana quem, segundos depois, retomou a conversa:

– Quando Tiago morou em Belo Horizonte, pensei que ia acabar ficando por lá. Então ele voltou e começamos a namorar.

– Foi? – indagou Helena, fingindo interesse.

– Só consegui aguentar três anos na Capital.

– Eu tinha me esquecido de sua ida para BH.

– Morei com meus tios enquanto fazia o segundo grau. Trabalhei numa das representantes da *Lançatec*. Na época seu pai foi muito bom comigo e até me deu chances de crescer por lá, mas eu não quis ficar. Sou muito bicho do mato pra aguentar o ritmo da cidade grande.

– Acho que ele comentou por alto... – refletiu sobre as palavras de Tiago. De alguma forma, o rapaz via seu pai como uma pessoa generosa.

– E você, ainda está sozinha? – perguntou Ana, arrependendo-se imediatamente de sua indiscrição.

Helena ergueu a sobrancelha esquerda pensando em dar uma má resposta, mas ela não tinha perguntado por mal e engoliu o desaforo prestes a saltar da língua.

– Sempre só. – respondeu – Minha vida é suficientemente movimentada. Não preciso de outro alguém para complicá-la mais.

– Essas coisas a gente não escolhe. Um dia vai acontecer. – Ana afirmou sonhadora e Helena não pôde deixar de se perguntar em que mundo ela vivia. Sem noção... Mas é claro, sabia a resposta.

– Aham! Tenho certeza de que meu príncipe está a caminho, só não sei se virá num cavalo branco ou numa BMW. – Riu com deboche, mas olhando a expressão assustada da moça e se arrependeu. De repente, já não queria ser a Helena fria e indiferente dos últimos anos.

– Olha, vocês têm sorte de viver aqui. É uma vida tão melhor do que a minha que chego a invejá-la. Bom, se me dão licença, vou me deitar.

Ambos seguiram seus passos com o olhar, enquanto ela se afastava – Não posso entender como a Lena se transformou numa jovem tão infeliz. Está sempre com roupas escuras e aquela maquiagem esquisita. Sem contar as companhias que arruma. Me dá a impressão de que vive fingindo ser quem não é. Como se gostasse de esconder a própria beleza atrás das pinturas.

– Sei não, Ana. Aos olhos do pai ela é a própria perdição.

– Pelo que minha mãe fala, ele também não é lá um exemplo de pai.

– Pode ser, só que não temos nada a ver com isso. E não quero que se apegue a ela. Não é mais a menina que brincava com a gente. Não gosto do modo como se comporta nem dos amigos que tem.

Embora sentisse simpatia por Helena, Ana concordou com o noivo.

Mal o sábado amanheceu, Helena abandonou os lençóis. Seguiu para a cozinha à procura de Maria, onde encontrou Lisa e Candinha, filhas de Jairo, o responsável pela produção da fábrica de Laticínios. Surpreendeu-se ao ver o quanto elas tinham crescido.

– Não vi vocês duas ontem.

– Ué, não viu porque só chegamos hoje! – foi Lisa quem respondeu.

Diante da resposta ríspida da irmã, Candinha, cumprimentando-a delicadamente, apressou-se em explicar:

– Desculpe os modos da Lisa. É que ficamos a semana com a madrinha lá em Esplanada.

Ela fitou as gêmeas de dezesseis anos e se perguntou como duas irmãs podiam ser tão diferentes. Não eram gêmeas idênticas. Enquanto os cabelos de Lisa eram pretos, levemente ondulados, cortados na altura dos ombros, os olhos no mesmo tom e a pele clara, Candinha era morena, tinha olhos amendoados e cabelos compridos quase até a cintura, castanho-claros e cacheados.

Porém, não era só na aparência que existia a diferença, o que Lisa tinha de antipática e invejosa, Candinha esbanjava em simpatia e bondade.

Ambas se afastaram ao chamado de Maria e, assim que Helena tomou café, pediu a Antônio que selasse seu cavalo.

Cavalgou Liár grande parte da manhã. Estava justamente deixando o garanhão negro no estábulo quando colidiu com Tiago. Estando a jovem sem

a maquiagem e as roupas usuais, o rapaz percebeu que a observação da noiva fazia sentido. Helena parecia querer se esconder da vida. Além de ter um corpo invejável, os cabelos pretos e lisos, na altura do queixo, em contraste com os olhos de um verde-esmeralda e a pele alva, atribuíam-lhe uma beleza única. Uma beleza que ele admirou no passado e que se esforçava para não enxergar desde que ela o deixou.

– Gostou do passeio?

– Adorei. Não sei se ainda se lembra, mas eu amo cavalgar e, como não tenho vindo aqui ultimamente, estava morrendo de saudade do Liár.

– Está certo. Ele também sentiu sua falta.

Tiago riu e fez um carinho no cavalo. Depois tirou as rédeas das mãos dela e ele mesmo desencilhou o cavalo.

Helena o observou durante alguns instantes. Parecia enxergá-lo novamente após todo aquele tempo. Não era mais um adolescente. Não mesmo. Havia se tornado um homem forte e atraente. Bem mais alto do que ela, Tiago tinha os cabelos castanhos levemente ondulados, olhos num tom de azul-acinzentado e a pele morena. A camiseta branca mal escondia o peitoral definido e os braços musculosos. Sem contar a calça jeans justa. Molhou os lábios desviando o olhar e agradeceu pelos cuidados com o garanhão.

– Não tem de quê.

Embora fosse reservado, sabia ser gentil e continuava esperto e inteligente. Ela se afastou intrigada com a forte atração que sentiu. Afinal, o que estava acontecendo com ela? Após tanto tempo seus últimos pensamentos não faziam nenhum sentido.

Durante a tarde, Helena visitou uma cidade histórica com os amigos, conhecida pela cerveja artesanal. Ao anoitecer, Íris programou um churrasco.

Lá pelas dez da noite já estavam todos alterados, especialmente Helena.

Por todo o dia percebeu o olhar intenso de um dos amigos de Íris sobre ela. Um tal de Cláudio. Então, o rapaz a chamou para dar uma volta e ela encarou-o confusa – E a moça com quem estava ontem?

– Tá com outro, gata. Não esquentas, aquilo foi só ontem.

– Sei...

– *Relaxa, só quero dar um rolé por aí.*

Ela sorriu e acabou por aceitar lhe fazer companhia. Ambos caminharam pelo pomar e acabaram sentando-se à margem da lagoa que se

estendia como um tapete prateado, a uns cinquenta metros de distância da casa.

– Tenho algo especial, quer experimentar?

– O que é?

– Não tem coragem?

– Você não me conhece para saber se tenho ou não coragem. – ele tirou um comprimido do bolso e estendeu-lhe a garrafa de uísque que tinha em mãos para que bebesse.

Helena hesitou, mas acabou por aceitar o que entendeu como um desafio.

Ao longe, sem ser visto, Tiago observou a cena. Além de bêbada, teve a impressão de que a ex-namorada se drogava. Pensou que era melhor ir ao encontro de Ana, pois a noiva esperava por ele e já não tinha nada a ver com as escolhas de Helena. No entanto, algo fez com que ficasse e observasse a cena. Após alguns instantes, a moça se levantou. Indignado, viu quando o mau caráter a atraiu para si, ele tentou beijá-la, mas ela o empurrou. Ela não conseguiu se desvencilhar dele, pois o rapaz a usou de força para impedir que se afastasse. Helena gritou. Seguiu-se uma luta corporal entre os dois. Percebendo a gravidade do que acontecia, Tiago resolveu intervir. Porém, antes que pudesse alcançá-los, o rapaz a agrediu e a empurrou na lagoa, fugindo em seguida.

Chocado, Tiago não pensou duas vezes e se atirou na água turva. Enquanto mergulhava para resgatá-la, lutava contra o pânico que nascia em seu interior. Era assustador a ideia de Helena se afogar.

Foram instantes de aflição extrema. Chegou a perder o fôlego procurando por ela. Pediu ajuda a Deus e quase chorou de felicidade quando tocou o corpo dela.

Agradeceu a providência divina. Com dificuldade, devido a pouca iluminação dos holofotes, conseguiu retirá-la da água. O conjunto de blusa, saia e *legging* de *lycra* preto que ela usava aderiu ao corpo. Seus lábios sangravam e estava inerte.

Tentou reanimá-la, mas ela demorou a reagir. Fez respiração boca a boca e, para seu alívio, ela cuspiu a água que engoliu. Chegou a abrir os olhos e murmurar algumas palavras sem sentido, contudo, após alguns segundos, mergulhou novamente na inconsciência.

Desesperado, a tomou nos braços e a carregou até o casarão em busca de socorro. Não sabia quanta água ela tinha engolido e até que ponto ela

ainda corria riscos. Assim que pisou na varanda, deparou-se com Mauro que, aos berros, expulsava os amigos da filha da fazenda.

Ao ver o estado de Helena, indagou nervoso – O que houve com ela?

– Sinto muito, Senhor. Um dos rapazes a agrediu e a jogou na lagoa. Sua filha quase se afogou e desmaiou. Precisa ser levada imediatamente para o hospital.

– Faça isso agora! Meu motorista vai levá-los. Não preciso de outro escândalo em minha vida.



Capítulo três

Ao abrir os olhos, a primeira coisa que Helena notou foi que se encontrava num ambiente desconhecido. Os lábios latejavam e ela sentia o corpo pesado e a garganta seca.

Olhou ao redor. Viu as paredes brancas, então notou a agulha nos braços e foi inevitável o desespero que sentiu. Que lugar era aquele? Como a responder sua pergunta, Tiago entrou no quarto bebericando um café. Ao perceber que ela havia acordado, depositou o copo descartável sobre uma mesinha e se aproximou – Tiago?! Onde estou? – Indagou, aflita.

– Não se lembra do que aconteceu? – Helena negou e ele contou que quase havia se afogado, omitindo os detalhes da véspera, e que agora estavam no hospital de Esplanada.

– A última coisa que lembro é que estava na piscina... Acho que me deu um branco total! Nossa, parece um pesadelo!

– Vai passar. – afirmou o rapaz, desconcertado. – Agradeça a Deus por estar bem.

– A Deus ou a você?

– A Ele. se eu pude ajudar foi da vontade do Pai.

– Obrigada mesmo assim, meu herói. – Ironizou, ao que Tiago franziu a testa levemente irritado. Como ela ainda podia fazer gracinha depois de tudo?

– Já posso ir embora?

– Não. Vai ter que passar a noite aqui, em observação.

– Não quero. – Helena fez menção de se levantar, contudo, estava fraca e tonta – Ai, por favor, não me deixa sozinha.

– Não vou deixar.

– Promete?

– Prometo.

Ela queria dizer alguma coisa, mas mergulhou novamente num sono profundo. Se por um lado Tiago se enervava com as atitudes irresponsáveis de Helena, por outro ficava sensibilizado com sua vulnerabilidade. O pai

sequer se deu ao trabalho de vir ao hospital ter notícias da filha. Tudo bem que ela passou dos limites, mas pai é pai. No caso dela, pelo visto, Mauro não se sentia assim.

Telefonou para a fazenda. Após informar o estado da moça e justificar sua estadia no hospital, sentou-se na poltrona perto da cama e permaneceu ao seu lado por toda a noite. Tão logo amanheceu e a enfermeira entrou no quarto, Helena acordou. Disse a ela que ia para casa tomar um banho e trocar de roupa e que depois a buscava.

– Tudo bem, Tiago. Pode ir. Já estou ótima, não preciso mais de babá.

Ele fechou a cara para ela, mas Helena pouco se importou. Por volta das nove da manhã, ele ligou para o hospital. Ao saber que Helena teria alta, foi buscá-la acompanhado de Ana.

Ao chegar à fazenda, Helena surpreendeu-se com a presença do pai.

Com a expressão fechada e um olhar que associou ao calor de um bloco de gelo, Mauro a observou sair do carro e aguardou que viesse até a varanda.

– A que devo a honra da visita do “todo poderoso”?

Mauro percebeu o olhar cínico da filha e contou até dez antes de responder: – No momento, você não está em condições de ironizar ninguém.

– Deve ser difícil saber que eu quase morri. Seria tão fácil se eu simplesmente tivesse me afogado, não é?

– Com certeza. Mas o Tiago teve a ideia infeliz de te salvar e agora estamos aqui. Como sabe, prefiro lidar com fatos a hipóteses.

– Claro! – Respondeu, sem conseguir evitar o nó que se formou na garganta.

– Valeu pela sinceridade.

– Seja impertinente o quanto quiser. Estou aqui para te informar que a partir de hoje sua vida vai mudar completamente.

– Como assim?

– Seus cartões de crédito estão bloqueados. Não sei se você se lembra do que fez, mas pra mim foi o limite. Além de encher esta casa de marginais, foi agredida por um deles, bebeu, se drogou e quase acabou com a própria vida.

– Eu não me droguei! Eu... Eu fui agredida? – Ela olhou para Tiago em interrogação. Ele assentiu.

– Você nem sabe o que aconteceu! Há muito tempo perdeu a noção das coisas. E eu, cego, fui deixando passar.

Mauro então narrou em segundos o que Tiago lhe contou. Perplexa, ela ouviu e reviveu claramente a cena com o rapaz à margem da lagoa.

– Ouça bem, Helena. Vai permanecer aqui sob estreita vigilância. Está proibida a visita de seus amigos e vou deixar um segurança para me informar sobre quem entra e quem sai. Se contrariar minhas ordens, te interno numa clínica e aí, garanto, não sai tão cedo. Estou cansado de brigas, de gente entrando e saindo da minha casa, das festas loucas que promove, de ir buscá-la na delegacia. Sabe quantas vezes fomos manchete de jornais sensacionalistas só no último mês? Não consegue sair do segundo período da faculdade. Toma bomba por frequência e até um de meus carros destruiu. Você é um perigo para si mesma. Já gastou mais vidas do que tem direito e me recuso a sustentar a corja de vagabundos com quem insiste em se misturar. Pensa que está me machucando, mas olhe pra você! Está magra, abatida, perdendo um tempo precioso porque não se cuida. E pior, levando uma vida promíscua, jogando-se nos braços de qualquer um...

– Como pode falar assim de mim?

– Por acaso estou mentindo? Você não se dá ao respeito. Não foi à toa que o rapaz forçou a barra. Se quer a verdade, tenho vergonha de ser seu pai.

Olhos marejados, Helena viu que todos acompanhavam a discussão estarrecidos. Além de Tiago, estavam presentes Maria, Antônio, Alcides e Ana. Sentiu-se ainda mais humilhada.

– Ah, mas tudo vai mudar. – prosseguiu Mauro – Quero ver como vai se virar agora.

– Você não pode fazer isso comigo! – gritou em desespero. Tinha tanta mágoa do pai e, diante dele, não conseguia se defender. Era como se seus argumentos fossem sempre inúteis, infantis... – Sou maior de idade, não tem o direito!

– Tenho sim, sou dono da minha casa e das minhas decisões. Lembre-se, esta é sua última chance antes que eu te interne num hospício. Até se tornar gente, não a quero mais em Belo Horizonte. Fique longe de mim. Considere-se feliz por poder ficar em Embalança, agradeça seu avô e sua mãe por isso, pois se dependesse de mim não teria nada. E já que não tem uma profissão e não quer estudar, pense em como vai se sustentar daqui pra frente.

Helena ainda tentou discutir com Mauro, segurou-o pela camisa, mas ele foi inflexível e a empurrou bruscamente. Caminhou em direção ao carro onde o motorista o aguardava e não olhou pra trás nem uma vez– Pai, por favor! Não pode estar falando sério!

Não houve resposta. Enquanto o carro se afastava, ela ajoelhou-se na grama em frente a casa e chorou. Lágrimas pelo passado de indiferença com o pai, por um presente ainda pior e por não ter a menor ideia do que faria com a própria vida.

Compadecida, Maria se aproximou e a acolheu entre os braços...

Naquela noite, Helena não conseguiu dormir. Revirou-se na cama por horas e horas ainda sem acreditar na atitude do pai.

Uma semana se passou e decidiu que precisava procurar um advogado e conhecer melhor sua situação financeira.

Não estava totalmente desamparada. Isso não. Com limites a se perder de vista, Embalança era a maior fazenda da região de Serrana. Possuindo mais de mil hectares de terra e uma belíssima reserva florestal, seria postal para qualquer artista interessado em belas paisagens. Autossuficiente, além da fábrica de laticínios e, loja própria para a venda da produção localizada na área central da cidade de Esplanada, a propriedade contava com infraestrutura para criação de vários animais, incluindo gado leiteiro, porcos e galinhas. Havia ainda o haras, cultura de café, milho, feijão, horticultura e mais de cem hectares destinados ao plantio de eucalipto em parceria com empresas locais. E isto, era apenas um pouco do que sabia. Erguendo o olhar para o horizonte, sentiu-se renovada. Como Mauro não deixou lhe opção, iria mostrar pra ele que não era uma alienada. E sim, por mais que ele duvidasse, ela era capaz de cuidar da própria vida. Havia chegado o momento de exigir a herança da mãe. Pois ele que se danasse!



Capítulo Quatro

Ana foi até a cidade vizinha na companhia de Tiago. Como o noivo tinha compromissos por lá, preferiu voltar de carona com um amigo do pai que a deixou na porteira. Assim que entrou em Embalança, viu um carro parado em meio à estrada.

Ela contornou o veículo e percebeu que um jovem trocava um dos pneus dianteiros – Posso ajudar?

O rapaz levantou a cabeça e deparou-se com o rosto amigável de Ana – Não, obrigado. Estou quase acabando. Meu carro aprontou comigo logo na chegada.

– Já vi que não é daqui! – ela afirmou ao notar a pele clara avermelhada pela exposição ao sol.

– Não mesmo. – ele concordou. Passou as mãos pelos cabelos louros e cacheados e um sorriso desenhou-se em sua face – Muito prazer! Sou Otávio, primo de Helena. – ele estendeu a mão, viu que estava suja e fez menção de retirá-la, mas Ana retribuiu o cumprimento, sorrindo com simpatia. – Desculpa o mau jeito. – ele pediu, ainda agachado.

– Imagina! Aqui não temos disso. E o prazer é todo meu, sou Ana, filha dos caseiros.

Por alguns instantes, o rapaz apenas a contemplou admirado. Ao ver que ela o encarava, voltou a concentrar a atenção no pneu, comentando sem graça – Pelo que minha prima falou no telefone, achei que a entrada da fazenda estaria blindada.

– Ela exagerou. O segurança deve estar lanchando. Ficar aqui neste

calor é como um castigo. Sem contar a poeira que o vento levanta na estrada e que parece entrar pelos poros da pele.

Otávio olhou para a própria roupa encardida – Nem me fala. – Ele apertou o último parafuso e finalmente se levantou, batendo a mão na calça para limpá-la – Ainda bem que terminei. Mais um pouco e derreteria.

Ambos sorriram e Otávio ofereceu-lhe uma carona. Ana aceitou, satisfeita por não ter que andar mais dois quilômetros a pé. Ao alcançarem a sede, Helena veio recebê-los na varanda.

– Não acredito! – exclamou. Ansiosa, correu para os braços do primo e, com os olhos marejados, contou o que Mauro fez em detalhes.

– Meu pai me odeia. – declarou dramática, ao terminar a narrativa.

– Também não é assim. Vocês têm um relacionamento difícil. Pelo que me lembro, sempre tiveram.

– Não me venha com conversa de psicólogo. Respeito sua profissão, mas estou cansada de gente que só faz explicar as atitudes dele.

– Helena, querida, embora tenha o seu lado da história, o que se passou aqui foi muito grave. Por acaso tem consciência do que poderia ter acontecido?

Ela assentiu, os lábios trêmulos – Não importa. Quero me vingar do meu pai.

– Vingança? Era só o que faltava. Não seja imatura. Qualquer pai tomaria uma atitude enérgica. Você está acabando com a própria vida e nem percebe. Onde pretende chegar, não sei.

A conversa foi interrompida por Maria, que veio chamá-los para almoçar.

Após o almoço, Otávio e Helena foram caminhar pelo terreno.

– Quanto tempo vai ficar aqui?

– Só mais uma hora.

– *Tá brincando, né?! Não dá pra acreditar!* – ela o fitou com um olhar tão magoado que Otávio não resistiu e sorriu. – Calma, estou brincando sim. Como estou de férias, vou ficar com você esta semana, mas só porque a Célia me pediu.

Ela pulou de alegria, abraçando-o efusivamente.

– Sabe que não gosto de mato, prima. Vou fazer um esforço. E vai ter que se comportar, hein? Aliás, diga-se de passagem, sua prisão não me parece

tão ruim como pintou.

– Sei. Não parece porque não sabe o que é ficar sem dinheiro. Não bastasse a dureza, estou a pé. Meu carro está aqui, mas o segurança está com a chave e vigia todos os meus passos.

– Não é por muito tempo. O tio Mauro vai esfriar a cabeça.

– Pois cada minuto parece uma eternidade, enfim, sou uma exilada.

– Quer parar de se fazer de vítima? Não vai me comover.

– Chato! – ela tirou a língua pra fora como se fosse uma criança.

– Muito bonito, priminha! E a Íris, tentou se comunicar?

– Não, ainda não.

– E não acha estranho?

– Hum... Por quê?

– Porque tenho a impressão de que ela só te procura quando é conveniente pra ela. E se ela sabe que você quase se afogou, tinha que ter pelo menos telefonado para mostrar que se importa. – Otávio não podia conter a irritação ao falar da ruiva provocante e vulgar que influenciava a prima de forma tão negativa.

– Você parece a Célia. Não posso esperar muita coisa dela, meu pai a expulsou daqui como se fosse uma qualquer.

– Não sei se desconfia, mas se ela fosse sua amiga de verdade, demonstraria um pouco mais de solidariedade com o que o amiguinho dela fez. O infeliz devia estar preso.

– Eu mal o conheço.

– O que não o exime de culpa.

Helena deu de ombros e prosseguiu: – Eu e a Íris, nós apenas temos interesses em comum. Gosto dela porque faz com que eu não me sinta só. E ela me diverte.

– E ela gosta de você por causa do dinheiro do seu pai.

– Talvez sim.

– E você aceita essa situação?! – ela balançou a cabeça em afirmação e Otávio mal pôde acreditar.

– Está se apegando a um relacionamento superficial e perigoso.

– Não estou me apegando. Sou apenas prática. E tudo na vida não é por interesse? Comece a andar a pé e maltrapilho e tente pregar sua filosofia. Quero ver quantas pessoas vão se aproximar de você.

– Está errada. Generalizar as coisas não adianta. Infelizmente, as aparências contam sim. Daí a pensar que se compra tudo... é diferente. Se

fosse assim, pessoas ricas nem conheceriam o sinônimo de solidão, de indiferença. Qualquer ser humano está sujeito à dor. Amizades como a da Íris representam um falso conforto que pode custar caro. Um preço que vai muito além do dinheiro.

– Ok, respeito seu jeito de pensar, agora dá um tempo.

– Fico triste e preocupado com sua linha de raciocínio. Ainda mais quando vejo que você não tem um foco na vida.

Helena parou de caminhar e o encarou com seriedade:

– Agora tenho! Vou exigir do meu pai o que é meu por direito.

– Pra jogar tudo fora e gastar com bebida e noitadas?

– Também não sou uma alcoólatra.

– Pois é como vem se comportando. Sai dessa, Lena. A vida é muito boa pra se perder a saúde assim. Tudo tem limite. Se quer estragar a vida do seu pai estragando a própria vida, qual a vantagem?

– Tudo que sei é que quero o que é meu.

– Lembre que seu pai mantém a fazenda produtiva.

– Ele ou as pessoas que vivem e trabalham aqui?

– De todo jeito é ele quem dá as ordens.

– O Alcides administra Embalança desde a época do meu avô.

– Eu só quero que pense bem no que vai fazer para não se arrepender depois. Se jogar no lixo o que a sua mãe te deu, vai depender do seu pai para o resto da vida. Toma cuidado.

– Podemos falar de outra coisa?

– Claro. Aliás, mate minha curiosidade. Quem é a moça que me acompanhou hoje de manhã?

– A Ana? O que quer saber?

– Nada demais...

– É filha de Maria e Antônio. Vivem aqui faz tempo... Maria e minha mãe cresceram juntas. Sei que é um *morenaço*, mas como dizem por aí, pode tirar seu cavalo da chuva. Ela é noiva do Tiago, o filho do Alcides.

– Você é muito maldosa. Eu apenas a achei simpática.

– Ah, claro. Ela é mesmo uma graça. Às vezes, é tão boa moça que me irrita. Tem um jeito muito *nhém-nhém-nhém* pro meu gosto.

Otávio riu alto – Nossa, como é debochada! Talvez, bem lá no fundo, você queira ser como ela. Sair da casca de *bad girl* e revelar a verdadeira Helena.

Ao ver a expressão chocada da prima, Otávio se divertiu mais ainda –

Ih! Corta esse papo, cara! Sei bem aonde quer chegar, por acaso pretende me analisar todos os dias?

– Não. Eu ficaria muito estressado. Estou de férias, esqueceu? – Ambos riram.

Helena observou o pôr do sol com admiração, tentando identificar as diversas tonalidades de laranja e vermelho que coloriam o céu. Ali na fazenda as sensações eram mais intensas. A lua e as estrelas mais nítidas. E existia uma sintonia perfeita entre a passagem que encerrava o dia e introduzia a noite.

Jogando os cabelos para trás fitou o chão e pensou no contraste entre seu interior e o mundo que vislumbrava além do horizonte.

As cores vivas nada tinham a ver com seus pensamentos cinzentos. Impaciente, viu que precisava ocupar o tempo de alguma forma.

Lembrou que no início da tarde Maria e Antônio precisaram sair. Ao verificar que Ana e Otávio conversavam entretidos na sala, aproveitou para sair pelos fundos da casa sem ser notada.

Ficou feliz ao perceber que ainda conhecia a trilha que levava até a cachoeira. Chegando ao local, sentou-se nas pedras sentindo-se livre pela primeira vez em muitos dias. Tirou a calça jeans e a *baby look* que usava e, mantendo as peças íntimas, nadou algum tempo. Depois, vestiu a roupa sobre o corpo úmido e decidiu voltar e cavalgar. Passou pelo galpão onde a peonada dormia e foi até as baias. Estava justamente abrindo a cancela de um dos cavalos, quando ouviu o som de vozes alteradas que vinha da casa de rações. Intrigada, não conteve a curiosidade e se aproximou da porta. Arriscou um olhar para o interior e viu que, Tiago, transtornado, discutia com Alcides.

– O que vai ser da gente, pai? O senhor não quer mais saber de nada. A mãe se foi há dois anos e não é a bebida que vai trazer ela de volta!

– É mais forte do que eu, filho. Desgostei da vida.

– E eu, pai? Não se importa comigo?

– Seu Altino se preocupou por mim. Você é melhor administrador que eu, Tiago. Todo este tempo tem levado os negócios da fazenda adiante. A Fábrica de Laticínios vai indo muito bem e os animais estão dando renda como nunca.

– O problema pai, é que você é o profissional e Seu Mauro nem

desconfia que os relatórios que recebe são meus. Ele não faz ideia do estado do administrador que consta em sua folha de pagamentos. E eu, eu sou apenas mais um dos peões. Corremos o risco de ir para a rua os dois. Não pense que aquele acordo pode segurar nosso emprego. Como vou manter a terra? Além de correr o risco de ter que me afastar da Ana, não aguento mais ver o senhor se acabar! – a pressão era tanta, que Tiago não conteve o choro sentido. Perplexa com a descoberta, Helena se afastou.

A noite trouxe um friozinho agradável. Passando os braços ao redor do corpo, Helena sentou-se a uma mesa próxima à piscina. A casa dos caseiros ficava um pouco mais abaixo da sua e notou o movimento nas muretas que cercavam a charmosa construção, onde os dois casais conversavam animados. Maria e Antônio estavam no céu com o noivado da filha.

Otávio que tinha ido até o próprio carro buscar alguma coisa, voltou para perto dela carregando um violão. Ao ver o instrumento, Helena deu um grito de satisfação – Não acredito! Meu violão! Seu danado, só agora me mostra?

– Célia mandou pra você. Eu me esqueci de comentar.

Animada, Helena tocou algumas canções sertanejas e o som atraiu a atenção das gêmeas. Não se passou muito tempo, Ana e Tiago também se aproximaram.

– Podemos ficar? – perguntou Ana, timidamente.

– É claro. – respondeu Otávio, nitidamente empolgado com a aproximação da moça. No entanto, após instantes, a atenção do psicólogo se voltou para Helena que não tirava os olhos de Tiago. Sua prima, sempre tão dispersa e depressiva, tinha um brilho diferente no olhar. O peão, por sua vez, olhava Helena de forma intensa, mas sempre que ela erguia a cabeça para cantar, ele disfarçava.

Quando as gêmeas e os noivos se despediram, Helena colocou o violão de lado e Otávio não se conteve:

– Pode me dizer o que pretende com aquele rapaz?

Helena desviou o olhar, irritada com a insinuação – Ah, não! Mais essa! O que está passando pela sua cabeça?

– Não tente disfarçar. Vi o modo como o encarou.

– Ei! Parou! Está levando as coisas para outro lado. Ele... ele salvou

minha vida e meu olhar é de gratidão.

– Não parecia gratidão. Mas como gaguejou, se eu ainda tivesse alguma dúvida, você acabou de responder.

– É porque você tem o dom de me provocar.

– Não precisa ficar na defensiva.

– Não estou na defensiva, Otávio! Está me interpretando mal. É que além de gratidão, confesso, esta noite me veio uma ideia na cabeça...

– Ai, ai, não sei por que, mas tenho até medo de ouvir.

– Ah, quer saber, não amola! Não vou te contar.

– Não se irrite. Apenas conheço um pouco da minha priminha e não sei como o tal Tiago pode estar envolvido nas suas ideias. Cuidado com o que vai aprontar. Ele está noivo.

Helena se levantou furiosa – Por que todo mundo sempre espera o pior de mim?

– Preciso mesmo responder?

– Vê se me esquece! – As desconfianças do primo eram tão ridículas que foi para o quarto pisando duro. Revirou-se na cama por horas e horas e não conseguiu pregar os olhos. Otávio pensava que ela tinha algum interesse romântico em Tiago, só que seu interesse era outro... Não conseguia esquecer a conversa que ouviu na casa de rações e sabia que aquela informação, se bem empregada, poderia se tornar uma arma valiosa contra o pai.



Capítulo Cinco

Uma semana se passou desde a chegada de Otávio e, por motivos que nem ousava explicar, o rapaz acabou prolongando sua estadia na fazenda. Devia ser umas três horas da tarde quando ligou para casa e avisou os pais que ficaria fora mais uma semana. Desde cedo aprendeu que era melhor dar satisfações de onde estava do que deixá-los no vácuo. Era uma forma de retribuir todo o carinho que sempre tiveram com ele. Já morava sozinho há dois anos, mas sabia que ficariam preocupados com sua demora.

Aproveitou que Lena estava cavalgando para dar o telefonema e se refrescar. Estava justamente saindo do banho, quando Ana entrou em seu quarto.

– Nossa, me desculpa, nem sei o que dizer eu... eu só queria deixar a

roupa de cama limpa, a mãe me pediu e...

– Tudo bem, Ana. Não precisa se desculpar. – ele ajeitou o roupão e se aproximou da moça – Eu queria mesmo falar com você a sós.

– Por quê? – ela esboçou um sorriso constrangido e um tom rubro se espalhou em suas faces. Ele sorriu e tocou-lhe os cabelos com carinho. Surpresa, ela se afastou.

– Acho que já notou que alguma coisa está acontecendo entre nós.

Ana comprimiu os olhos, angustiada – Do que está falando? Não está acontecendo nada.

Otávio, percebendo que ela se aproximava da porta, avançou alguns passos e antes que ela saísse, a segurou pela cintura e cobriu seus lábios num beijo apaixonado, assim como quis fazer desde que a viu pela primeira vez.

Durante aqueles dias se esbarraram muitas vezes. Sempre algo suspenso entre os dois. Era química. Era mais do que química. Era bem forte e desconhecido para ele.

O rapaz era gentil, educado. A princípio, Ana tentou resistir, mas acabou se deixando vencer pelos próprios sentimentos, porque o coração dela desatinava perto do primo de Helena.

Sentir o perfume dele assim tão perto, as mãos macias e tão diferentes das de Tiago, tudo aquilo mexeu com ela de uma forma nova e arrebatadora. Entregou-se ao beijo, ao momento, esquecendo-se de todo o resto. Nos braços dele, sentiu o corpo amolecer e surpreendeu-se por nunca ter se sentido assim com Tiago. Logo, os toques se intensificaram e, ao se conscientizar de que estava indo longe demais, Otávio a afastou delicadamente.

Assustada, ao perceber o que havia feito, quis fugir e mais uma vez ele a impediu. – Espera, Ana, por favor. Não quero parecer um canalha, mas se corresponde aos meus sentimentos, precisa me dizer.

– Você está louco! Eu sou noiva, não posso trair o Tiago! Não é certo – completamente sem rumo, desatou num choro convulsivo e saiu do quarto apressada, colidindo violentamente com Helena – O que foi, Aninha?!

– Nada. Não foi nada. Perdão pelo meu jeito estabonado.

Helena observou o desespero da jovem e, desconfiada, invadiu o quarto do primo buscando uma explicação. Ao vê-lo de roupão, logo entendeu o que aconteceu.

– Ei! Não vá tirando conclusões precipitadas!

– Ouça, Otávio, posso ser uma *bad girl* como você vive dizendo, mas

não sou burra. Vi o jeito da Ana. O que aconteceu entre vocês?

– Nada. – ele lhe deu as costas e virou-se para a janela.

– Está mentindo. Que você está a fim dela, isso eu já sei. Acha que não tenho notado os olhares entre os dois? Estão sempre juntos quando Tiago não está presente. Ele não merece ser enganado e essa história pode acabar mal.

– Olha agora quem vem me falar de consciência! Até parece. Por acaso tomou as dores do rapaz?

– Não mude o foco da nossa conversa.

– Já que é pra jogar limpo, confessa, você também sente alguma coisa por ele e nem adianta negar.

– Eu não sinto nada além de simpatia e gratidão. Entendeu tudo errado... Tenho planos para o Tiago. Planos que não são românticos. E você, o que pretende com a Ana? Ela não é como as namoradas que costuma ter. Aqui no interior as coisas são diferentes. É moça de família e foi criada para se casar.

Ao ver a sinceridade com que a prima falava, Otávio deixou suas defesas caírem por terra. – Eu sei... Não sabe o que isso está fazendo comigo. Estou apaixonado, Lena. Desde o primeiro momento em que a vi, não consigo pensar em mais nada. Nunca imaginei que algo assim pudesse acontecer comigo. Em poucos dias ela virou minha cabeça completamente. Você tem que me ajudar.

– Parece incrível. Logo você, sempre tão frio e controlado, caído de amores pela filha dos meus caseiros.

– Não brinque comigo. Pela primeira vez sou eu quem está implorando sua ajuda.

– Não posso impedir que ela se case. Depois, vocês dois juntos não tem nada a ver.

– Como pode saber?

– Como?! Tá na cara.

– Tá nada. Se eu não sei, você também não sabe. O que importa é que ela também sente alguma coisa por mim. Eu sei que sente, mas está dividida. Talvez, se você falar com ela...

– Não vou prometer nada. – sem saber o que fazer, Helena o deixou. Saiu do quarto completamente confusa.

Alguns minutos depois, encontrou Tiago nos estábulos e esperou que se afastasse dos companheiros para falar com ele.

– Preciso de um favor.

– Pode falar. – Antes que conseguisse se explicar, dois cachorros correram para Tiago e, na mais clara demonstração de alegria, quase o derrubaram.

Os labradores, um cor de mel e o outro num tom de amarelo pálido, conquistaram Helena no mesmo instante.

Ela estendeu a mão para eles e, estalando os dedos, começou a brincar com os animais.

– *Tigre, Leão!* – gritou Tiago sem graça, ao ver a roupa da moça toda suja. – Desculpa, meu pai deve ter soltado esses levados.

– São seus?

Ele assentiu com orgulho.

– São lindos. Você acabou de arrumar um problema.

– Por quê?!

– Acho que me apaixonei. – ela se abaixou e continuou brincando com os cães, sem perceber o olhar perscrutador de Tiago – Quem é Tigre e quem é Leão?

– Tigre é o mais claro. Leão é o outro. Estão com um ano.

– São deliciosos.

Tiago custou a conter a excitação dos cachorros e, sob os protestos da moça, os levou para casa.

Helena passava a mão nas marcas das patas que ficaram em sua blusa. Quando viu que ele tinha voltado, sorriu despreocupada.

– Acho que precisa se trocar.

– Bobagem. Não ligo pra isso. Depois, foi um prazer. Sabe que sempre gostei de cachorros.

– Eu sei.

Sentindo que ela o encarava, Tiago experimentou uma sensação incômoda.

– Antes de aqueles dois aparecerem você ia me pedir alguma coisa.

– É verdade. Quase me esqueci do que vim fazer. Por acaso conhece algum advogado na região?

– Claro. O Doutor Rafael. É um velho amigo do meu pai. Chegou inclusive a trabalhar pro seu avô.

– Ótimo! Teria como me levar até ele?

– Não pode sair, são ordens do teu pai.

– Não estava pensando em sair pela entrada principal. Sei que conhece todos os atalhos. Vamos a cavalo mesmo. O segurança nem vai se dar conta.

– Sei não. Pode acabar em confusão.
– Você já foi mais corajoso.
– Não é questão de coragem. No seu mundo, talvez ninguém precise trabalhar, mas no meu é diferente.
– Não sabia que pertencíamos a mundos diferentes.
– Acho que me entendeu direitinho.
– Por favor! Pelos velhos tempos. O que vou olhar é do seu interesse também.

Curioso, Tiago a encarou e percebeu que estava realmente aflita. – Como assim?

– Embalança era de minha mãe. Foi herança do meu avô e, quando ela morreu, ficou pra mim. Meu pai praticamente me tirou de casa, estou sem dinheiro e preciso conhecer minha situação real. Não posso permitir que ele continue administrando meu patrimônio.

Alguma coisa em seu olhar o convenceu – Tá, tudo bem. Vou te ajudar, mas fica entre nós.

– Sempre tivemos segredos, não é mesmo?
– Prefiro não lembrar o passado. Do contrário, não vou sentir vontade nenhuma de te ajudar.

Helena soube que não havia argumentos e manteve-se em silêncio. Ambos caminharam até as baías. Enquanto passavam pelo corredor, Tiago apontou uma égua cinzenta.

– Nossa, ela é linda.
– Eu a chamo de Flor. É uma égua nova. O pai comprou pra mim quando era só uma potrinha, está prenha, por isso não vou com ela. Espera aqui que vou buscar Liár e Plutão.

– Não me lembro do Plutão. É uma boa ideia colocar meu garanhão perto dele?

– Plutão é castrado e muito manso e Liár é bem treinado. Não se preocupe. Além do mais, os dois são velhos amigos.

Ambos cavalgaram lado a lado como nos velhos tempos. Cada um imerso em suas próprias reflexões. Quando chegaram à pequena cidade de Esplanada, Tiago levou Helena ao escritório de advocacia. Como o rapaz intercedeu, a moça foi atendida sem marcar hora – Eu vou te aguardar na recepção. – ele disse.

– Não, por favor, entre comigo.

Mesmo sem saber porque não sabia dizer não para os pedidos de socorro de Helena, mais uma vez ele assentiu e a acompanhou.

O Doutor Rafael era um senhor alto, magro, moreno e de uma simpatia inigualável. Ela tinha medo de encontrar um homem antipático, desses profissionais arraigados e pedantes, mas gostou dele no primeiro momento e não viu nenhuma dificuldade em contar sua história ao advogado.

Após ouvir todos os detalhes, o distinto senhor se manifestou. – Preciso reler o testamento de seu avô e saber como ficou o inventário de sua mãe. A princípio, não vejo grandes dificuldades em requerer o que é seu. No entanto, seu pai pode colocar obstáculos. Pelo que me contou, ele tem motivos para alegar que você não é capaz de administrar seu patrimônio.

– Acha que ele faria mesmo tal alegação?

– Com assuntos que envolvem herança, nunca se sabe. Você desconfia ou não estaria aqui. Sabe que tem um histórico problemático, com passagens pela polícia, incluindo uma tentativa de suicídio. De qualquer forma, como ele não a interditou, responde pelos seus atos. Ou seja, é capaz aos olhos da lei e pode provar que tem como administrar seus bens.

Tiago baixou o olhar chocado com as revelações de Helena. Até então, acreditou que a ex-namorada havia se tornado uma pessoa fria, fútil... Nunca pensou que Helena estava tão perdida a ponto de querer morrer. Não podia imaginar como chegou a tal ponto e, mesmo contra a vontade, sentiu o peito se apertar.

O advogado prometeu estudar melhor o caso e se despediram já ao anoitecer. O casal saiu calado. Cada um imerso em seus próprios dilemas. Voltaram sem trocar uma só palavra e tudo que se ouvia ao longo do caminho eram os cascos dos cavalos cortando a terra vermelha e os animais resfolegando.

De volta à fazenda, ao se aproximarem dos estábulos, Tiago apeou do cavalo e em seguida foi ajudar Helena a descer. Ela afirmou que não seria preciso, mas acabou enroscando a alça de couro da bota no estribo e, não fosse por Tiago, teria caído. Ele a segurou nos braços sem nenhum esforço. Helena ficou surpresa com a rapidez com que ele impediu sua queda. Fixou o rosto de traços fortes. O cheiro dele mesclava suor, couro e lavanda. O contato das mãos ásperas agora em seu corpo provocaram uma combustão imediata. Ele não a soltou. Ambos se encararam, os rostos a milímetros de distância, estando assim tão próximos, ela não resistiu... Num impulso, colocou

os lábios nos dele. Só percebeu que havia cometido um erro quando as línguas se encontraram e o desejo veio forte como uma tempestade. O ritmo de seu coração assumiu um compasso alucinante. Trêmula de desejo, rodeou seu pescoço com as mãos e estreitou o contato entre os corpos.

Da mesma forma, Tiago não conseguiu se afastar e continuou sustentando seu corpo. O cheiro dela, a pele dela o enlouquecia. Fazia tanto tempo que não se sentia tão excitado. Entregue a uma atração que não sabia existir, Tiago correspondeu com ardor e esqueceu-se até de onde estava. Porém, quando sentiu a mão de Helena no fecho da sua calça, conscientizou-se do que estava acontecendo. Pensou em Ana. Ela não merecia... Interrompeu o beijo na mesma hora e a colocou no chão, encarando-a com perplexidade.

Helena também caiu em si. O olhou assustada e, sem conseguir se explicar, agradeceu o favor e se afastou apressada.

Surpreendido com a reação do próprio corpo, Tiago passou a mão pelos lábios e acompanhou-lhe os passos com o olhar. O que significou aquele beijo?! Helena estava brincando com ele, só podia ser. Contudo, daquela vez não deixaria que o fizesse de bobo. Pensou que estava sozinho, até sentir um aperto no braço.

– *Eta, peão!* Que incêndio foi esse?! Olha, vendo ocês a gente esquece *inté* de respirar.

Fixou Rodrigo, neto de Justo, antigo peão da fazenda. Eles tinham quase a mesma idade. O rapaz veio trabalhar na fazenda há uns quatro anos e falava pelos cotovelos.

– Pode esconder este sorriso besta. Você não viu nada, entendeu?

– Ah, eu vi sim. E se fosse comigo... *Ara!* A patroinha, sempre que vem aqui, me deixa babando.

– Pois trate de se afastar. Helena significa problema.

– E que problemão...

– Não enche, Rodrigo.

– Só não entendo porque essas coisas não acontecem comigo. Além de estar noivo da Ana, você ainda me cai nas graças de um avião. E eu continuo de mãos vazias. Sem contar a Lisa que me atormenta a vida! – Rodrigo passou a mão pelos cabelos fazendo uma expressão tão engraçada que Tiago não resistiu e sorriu – Você não existe. Tente conquistar Candinha, ela é mais serena e talvez você tenha sorte.

– *Cê é besta, sô?! Candinha é feito uma irmã.*

Sabendo que a moça não concordaria em nada com tal colocação, Tiago o encarou. Ambos tinham a mesma altura. Rodrigo, no entanto, era mais moreno e tinha os cabelos pretos e lisos como os de um índio. Embora fosse trabalhador e tivesse um coração de ouro, vivia se colocando em situações delicadas quando o assunto era Lisa.

– Falando sério, *eu tava louco atrás d’ocê. O tal do Pedro aprontô de novo.*

– O que foi agora? – Tiago perguntou apreensivo, arqueando as sobrancelhas.

– Mudou o gado de pasto sem avisar ninguém e colocou os cavalos do haras lá nas terras que o Seu Mauro arrendou. Quero dizer, suas terras. Como ele agiu sem chamar o resto da peonada, perdemos algumas novilhas que caíram nas valas das pedreiras de Embalança.

– Ele ficou louco?

– *Tô achando que o patrão deu ordem.*

– Pois mude o gado de pasto novamente. Não vou prejudicar as novilhas prenhas por causa de meia-dúzia de garanhões.

– *Num gosto daquele peão.*

– Nem eu. Ainda não entendo o que o pai da Helena viu no infeliz.

Nervoso, Tiago se afastou e Rodrigo foi tomar as devidas providências.

Helena estava se deitando quando Ana bateu em seu quarto.

– Pode entrar. – Curiosa, recostou-se à cabeceira da cama e observou a moça se aproximar.

– Eu... quero conversar com você.

– Hum... para vir até aqui a esta hora eu faço uma ideia do que está acontecendo.

Ana corou violentamente e sentiu vontade de que o chão se abrisse sob seus pés.

– Lena, sei que já não temos intimidade como antigamente e talvez seja impertinência de minha parte vir aqui te incomodar, mas não sei que outra pessoa posso procurar pra desabafar.

– Deixa de besteira. Gosto de você, Ana. Sempre gostei. Pode se abrir comigo.

– Estou com tanto medo, Helena. Sem querer, eu... traí meu noivo e estou muito dividida.

– Você e Otávio... está tão nítido que não sei como o Tiago não percebeu. – Ana franziu a testa e mordeu os lábios, encarando-a desconcertadamente. – Você acha?

Helena assentiu e perguntou:

– O que você realmente quer?

– Não sei. Quando fiquei noiva um ano atrás, passei a acreditar que eu tinha nascido pra me casar com Tiago. Quer dizer, sei que foram namorados, só que você o rejeitou e... – Não precisa se explicar, já faz muito tempo.

– Entendo, o fato é que nosso compromisso me apareceu uma decisão acertada e meus pais ficaram tão felizes... Tiago é um rapaz respeitador. Não exige nada e gosto dele de verdade, mas é diferente do que sinto pelo Otávio. Não me desassossega, entende?

– Você me diz que seus pais ficaram felizes com seu noivado. Está aí o problema, Ana. Você acha que nasceu pra ficar com Tiago. Ele é o marido ideal. Mas ele não te desassossega porque vocês não têm química. E o seu coração, o que diz? Eu tenho observado o modo sereno como namoram, não sou uma pessoa apaixonável, mas acho que um relacionamento precisa ter mais tempero. Não pode viver fazendo o que seus pais acham que é melhor pra você. Meu primo é um cara legal e está realmente equilibrado. Nunca o vi perder o controle com ninguém. Posso apostar que é a primeira vez que se apaixonou.

– Verdade? – Helena assentiu.

– Olha, ele já está aqui há quinze dias e amanhã vai ter de ir embora. Não deixe que se vá sem lhe falar o que sente. Pense bem para não se arrepender depois. Entre vocês pode estar acontecendo alguma coisa especial e a distância muda as coisas.

– E se for só um sentimento passageiro? Como se diz por aí, uma atração...

– O problema é se não for só uma atração. E se for amor, Ana? Se não tiver coragem de assumir o que sente agora, a vida pode não te dar outra oportunidade.

– Mesmo se eu assumisse, eu cá e ele lá... Como ficaria?

– Pelo que me lembro, você sempre me dizia que sonhava em sair do interior. Seus pais eram contra. Nunca deixaram que ficasse comigo em BH nem um fim de semana. Quem sabe o Otávio não é a resposta que esperava para realizar os sonhos da adolescência? Sair daqui um pouco, conhecer outros lugares. Como professora, você pode trabalhar em qualquer lugar.

Os olhos de Ana se iluminaram. Foi como se Helena acendesse uma chama em seu interior, porque a verdade é que sempre quis morar na capital. E Otávio era fino, bonito, estudado... O homem dos sonhos de qualquer moça, pensou.

– Ai, Lena! Como vou explicar um relacionamento com seu primo?! Imagina a reação dos meus pais, do Tiago. Não. Não tenho coragem.

Perspicaz, Helena segurou suas mãos e falou com seriedade:

– Pior é se enfiar num casamento sem amor.

– Como pode afirmar com tanta segurança?

– Eu... – Helena sentiu a resistência de Ana. Precisava ser mais enfática. Mordeu os lábios e desviou o olhar, fato que não passou despercebido a outra.

– O que foi?

– Não sei se devo contar. – Helena mordiscou os lábios e fingiu hesitar.

– Por favor, me fala. – pediu Ana.

Então, encarou a jovem com malícia. – Sinto muito, Ana. Eu não queria falar, mas posso atrapalhar sua vida se não for sincera. O Tiago, bom, hoje à tarde saímos juntos, pedi a ele que me levasse até a cidade para falar com um advogado e, na volta, sem que eu esperasse por isso, ele me beijou. Disse que nunca me esqueceu, que continua apaixonado por mim. Quando perguntei sobre o noivado de vocês, disse que só não terminou tudo, porque não queria te magoar.

– Não acredito!

– Por favor, não me entenda mal, eu não queria que isso acontecesse e até tivemos uma discussão. Faz uns dias que tenho notado alguns olhares, achei que era só impressão. Você sabe, algum clima pelo que houve entre nós no passado...

Ana levou a mão à boca, num gesto de indignação – Eu sabia. Você sempre o perturbou. E eu, boba, me sentindo tão culpada pelo beijo que Otávio me deu.

– Não é uma questão de culpa. Acho que você e o Tiago não sabem, mas se gostam apenas como amigos. Do contrário, não se sentiriam atraídos por outras pessoas.

– O que me dói é que só fui uma substituta pra você. Toda vez que eu perguntava, ele simplesmente negava. Desconversava. Mesmo assim, desconfiei. Sei que nunca te esqueceu... De qualquer jeito, foi bom me contar. Estava com medo de magoá-lo. Sei agora que ele não merece o meu respeito.

Embora estivesse decepcionada com a atitude do noivo, Ana sentiu-se mais aliviada após conversar com Helena e a abraçou afetuosamente. Antes de sair, disse ainda. – Obrigada por ter sido tão sincera comigo. Estão todos enganados com você. Aham que está louca e, no entanto, é a mais sã de todos nós.

– Não tente me analisar como o Otávio. O que acontece é que muitas vezes, por medo, a gente nega o óbvio.

Ana a beijou. Quando ela saiu, Helena sentiu remorso. Não gostava de jogar sujo com quem jogava limpo, só que não teve saída. Procurou afastar aqueles pensamentos, afinal, não era o momento pra arrumar uma crise de consciência. A verdade é que uniu o útil ao agradável. No fundo, disse o que Ana precisava ouvir. Tinha que separar os dois e não havia lugar para arrependimento! Queria Tiago livre e, no seu caso, existia um interesse perfeitamente justificável. Era isso, nada além de interesse. Agora era cruzar os dedos e esperar a vida agir por si.

Na manhã seguinte, Helena acordou assustada com as batidas desesperadas de Maria e Antônio em sua porta. Deixou a cama rapidamente e o casal entrou no quarto aos prantos – Minha filha nos deixou...

– Como assim?!

Maria mostrou a aliança de noivado de Ana e lhe entregou uma carta – Leia você mesma.

Incrédula, Helena tirou o papel de suas mãos. Nela, Ana dizia que havia se apaixonado por Otávio e que decidiu deixar Embalança com ele, pois temia a reação dos pais e do noivo.

Ainda sem acreditar na coragem da moça, Helena piscou os olhos para ver se realmente estava acordada. Voltou o olhar para Maria e Antônio que a fixavam com a expressão mais chocada do mundo. Procurou afastar a desagradável sensação de culpa e devolveu a carta para Maria – Sinto muito, não podemos fazer nada. Eles são adultos e já tomaram sua decisão.

– O que está dizendo?! Não posso permitir que minha filha vá embora com um homem que mal conhecemos.

– Calma, Antônio. Meu primo é um bom rapaz.

– Imagina se não fosse! Nós temos uma opinião bem diferente sobre o que é bom ou ruim. Como pode ser de confiança um homem que rouba a filha dos próprios pais e sai assim na calada da noite?

– Olha, a decisão de acompanhá-lo foi da Ana. Ontem conversamos muito e ela me confessou que os dois estavam se gostando. Disse também que aceitou se casar com Tiago porque era o que vocês queriam. Ela não estava feliz. Se decidiu deixar a fazenda, é porque achou que seria melhor assim.

– Não pode ser! – lamentou Maria chorosa – Nossa filha, sempre tão correta e, de repente, vai embora com um sujeito que mal conhece. E a escola, os alunos de Ana, como vou me explicar na cidade?

– O que vai dizer para os outros é o de menos, Maria! – ralhou Antônio, alterado.

– Eu sei quem Otávio é e podem ter certeza de que se ele não fosse responsável, meu pai nunca o deixaria ficar comigo. É um psicólogo dedicado, tem boa condição, tenho certeza de que não vai prejudicar a filha de vocês.

Indiferente às palavras da moça, o casal deixou o quarto lamentando a partida de Ana. Preocupada, Helena os seguiu, pedindo que a deixassem falar com Tiago primeiro.

– Vai ser melhor ele saber por mim. Do contrário, pode se deixar levar pelo calor dos acontecimentos e fazer uma besteira – Ainda em desespero, os dois concordaram.

Helena lavou o rosto, escovou os dentes e penteou o cabelo, mas não se importou com o fato de estar só de pijama e foi procurar pelo rapaz. O sol ainda não havia nascido e entrou no galpão da peonada chamando por Tiago, como se fosse a coisa mais natural do mundo.

Alguns dos homens que trocavam de roupa, assustaram-se com sua entrada repentina. Rodrigo, boquiaberto, não conseguiu se mover – *Onde está o Tiago, homem?*

– Eu... eu – *Fala!*

Para surpresa de Helena, Tiago saiu do pequeno banheiro só de cueca e a encarou com reprovação, pedindo que o aguardasse lá fora por alguns instantes. Ela não evitou um sorriso ao ver sua expressão furiosa. Enquanto saía, seguiram-se algumas brincadeiras desagradáveis e o rapaz irritou-se ainda mais com sua atitude.

Uma vez lá fora, a fuzilou com o olhar – *O que deu em você para invadir o galpão nestes trajes?!*

– Eu não pensei. O assunto é sério. Precisamos conversar.

– É doida, mesmo. Vem comigo, vamos sair daqui.

– Ambos caminharam até a casa de rações, onde poderiam conversar com maior privacidade – Fala logo. O que quer?

– Nem sei como começar...

– Simplesmente comece. Se é sobre o que fez ontem, fique sabendo que aquele beijo não significou nada.

– Mentiroso.

Tiago a olhou com indiferença e ela resolveu ir direto ao que interessava – Não vim falar do beijo.

– Não?! – Ele expressou incredulidade – Se é assim, por que veio até mim a essa hora da manhã?

– Mas que convencido!

Impaciente, ele fez menção de deixá-la, porém, Helena o ultrapassou, impedindo sua passagem.

– Olha, está me deixando nervoso e aqueles peões estão imaginando coisas. Não pode sair da cama vestida como está e invadir o espaço dos homens. Aqui isso se chama provocação. – Tiago balançou a cabeça e não conseguiu desviar o olhar do pijama cinza de seda, pois o *short* e a camiseta nada deixavam para a imaginação.

– Nunca me importei com bobagens. Pelo menos sou franca e não tento mostrar o que não sou.

– O que está insinuando? Pois eu acho que é justamente o contrário.

– Olha bem, minha vida não está em discussão. Vim conversar sobre você e Ana.

– E o que você tem a ver com a gente?

– A Ana foi embora. – Ela então lhe estendeu a aliança.

– Perdeu o juízo? – ele pegou a aliança sem conseguir acreditar no que via – Está brincando comigo!

– Não, não mesmo.

– Foi embora... Como assim? – ele a segurou pelos braços com violência – *O que fez com a minha noiva?*

– Não fiz nada, me solta! Está me machucando.

– Você contou sobre o beijo?!

– Não! – negou, cinicamente – Quer me escutar? Ela conversou comigo ontem. Estava muito insegura quanto ao casamento de vocês.

Finalmente ele a soltou. Levou as mãos aos cabelos sem entender o que Helena queria dizer. Só podia estar delirando.

– Pode parecer que não faz sentido, mas se quer saber, você também

não gosta dela. Não como deveria.

– Com todo o respeito, você não sabe nada sobre os meus sentimentos e acho muita ousadia inventar uma história tão absurda!

– Eu não estou inventando!

– Vou procurar minha noiva. Seu pai está certo, você é maluca.

Furioso, Tiago se dirigiu à sede e Helena o seguiu – Espera, você precisa me escutar!

Ela queria contar sobre Otávio, entretanto, ele já não a ouvia. Ao se deparar com Maria e Antônio no meio do caminho, ficou perplexo. Não conseguiu acreditar na carta que lhe mostraram. Os pais da moça pareciam histéricos.

Diante da traição que sofreu, a raiva e a mágoa foram tão intensas que Tiago ficou mudo. Não disse uma só palavra. Helena tentou segui-lo novamente. Cego de raiva, ele a empurrou.

– Está satisfeita? Parece que escolhi mal pela segunda vez. – Tirou a aliança e, colocando-a na mão dela, se afastou antes que Helena conseguisse responder.

Vendo-o caminhar tão arrasado, Helena sentiu uma pontada no peito. Parecia que, de alguma forma, a dor de Tiago era sua também. Definitivamente, começava a acreditar que não estava em seu juízo perfeito. Pensou, enquanto fixava a aliança frustrada.

Um pouco mais tarde, Maria e Antônio conversaram com Célia que foi a única pessoa capaz de acalmá-los. Otávio havia lhe telefonado e contou todo o acontecido. Sabendo que Ana estava decidida a ficar com ele e que o rapaz pretendia se casar com a filha, ambos se acalmaram. Tiago, por sua vez, desapareceu por dois dias.



Capítulo Seis

“Fomos pro carro e pelas ruas sem sentido
Choramos juntos todos nossos desatinos
Depois paramos de falar
E em algum lugar, dormimos...”
Eu te encontrei
([Chitãozinho e Xororó](#))^[1]

A tarde estava terrivelmente quente. Agitada, Helena zanzava pelo casarão sentindo-se sufocada por ter de continuar a viver sob as regras ditatoriais de Mauro.

Para piorar, Tiago não dava sinal de vida. Sentia-se mal e ao mesmo tempo ansiosa para por seus planos em prática.

Precisava sair dali. Mas como? Finalmente pensou em uma saída. Chamou Rodrigo e, com a ajuda do rapaz, conseguiu driblar o segurança e pegar as chaves de seu carro. Animou-se. Ia procurar por Tiago, mas primeiro precisava ir até Esplanada verificar se o advogado tinha alguma novidade para ela. Procurou uma sombra para estacionar o carro e o deixou próximo à pracinha central, debaixo de uma enorme dama-da-noite.

Mal saiu do interior do veículo, seus propósitos mudaram, pois avistou Tiago sentado num bar, expressão triste, segurava um copo de cerveja para o qual olhava atentamente.

Atravessou a rua calçada e parou diante da mesa – Posso me sentar?

Ele apenas a encarou, os olhos zombeteiros passearam desde as botas de couro pretas, até o jeans justo que ela vestia e a *baby look* cor de chumbo. Ele balançou os ombros num sinal de quem não se importava, como resposta à pergunta que ela fez. Preocupada, Helena sentou-se diante dele.

– Faz dois dias que você sumiu. Abandonou Embalança?

– Talvez. – respondeu e deu um gole na cerveja, fitando o chão.

Sem que ele esperasse, ela tirou o copo de sua mão – Não precisa beber

pra se sentir melhor.

Tiago riu com ironia – E quem vem me dar lição de moral é logo você?

– Não me importo com o que pensa de mim. Aliás, não ligo a mínima para a opinião dos outros. Até porque, nos momentos em que me dou mal estou completamente só para arcar com as consequências. Somos solitários em nossas escolhas, em nossas decisões, nas dores ou alegrias de alma.

– Nem sempre a gente está sozinho.

– Não estou falando disso. Não é uma questão de companhia. Falo de ser, de existir. Olha, o fato é que o álcool é uma escolha de pessoas fracas e você não é um fraco. Nunca foi.

Daquela vez, ele a olhou com seriedade.

– Estou cansado de ser certinho. O que ganhei sendo correto? Meu pai vive bêbado pelos cantos, a Ana me deixou, sem falar em você, *Leninha* (e enfatizou o apelido com ironia), que foi outra decepção. Se quer saber, a maior. – a voz dele alterou-se: – Minha namorada de infância, a pessoa com quem dividi meus sonhos, com quem eu queria dividir minha vida, simplesmente me deixou falando sozinho... morrendo de amor, morrendo de raiva... Tem noção do que fez comigo?

Desconcertada, Helena mordeu os lábios nervosamente. Não sabia que ele ainda guardava tanta mágoa dela e vê-lo com os olhos marejados, cortou seu coração.

– Não foi fácil pra mim também. Acredite ou não, sofri demais com o fim do nosso namoro. Todos me julgam, mas ninguém me conhece de verdade.

– Se não conhecem é porque você não deixa. É porque não deixou.

– Não me julgue. Todos nós temos nossas dores.

– Isso! Falou bonito! Eu quero viver a minha, se me der licença.

– Tudo bem! Se quer mesmo tomar um porre, eu te faço companhia. Vai ver que a ressaca não vale a pena. Só que vamos tomar lá em casa e não aqui na cidade, onde todo mundo gosta de tomar conta da vida dos outros.

– E quem falou que quero ir com você?

– Eu.

– Lá tem gente demais também.

– Não, todos saíram. Aqui você está se expondo demais. – Helena estendeu-lhe as mãos e, indeciso, Tiago se levantou.

– Devo estar maluco pra aceitar te acompanhar.

– Talvez. Veio de carro?

- Não, vim de carona
- Então vamos.

Quando os dois chegaram à fazenda, já havia anoitecido e a casa parecia deserta. Ela o puxou pelas mãos até a sala de som e após colocar um CD sertanejo, sentou-se com ele no sofá. A canção *Indiferença*, de [Zezé Di Camargo](#), tocava baixinho.

– Como você saiu se as chaves do carro estavam com o segurança? – Quis saber Tiago.

– Eu... recebi uma pequena ajuda do Rodrigo.

– Não acredito. O que você fez?

– Digamos que... primeiro a bolsa do nosso adorável *cão de guarda* sumiu e, depois, sabe, ele precisou socorrer Rodrigo com o soro do leite. O pobre acabou se sujando e teve que tomar banho no galpão. Provavelmente, está trancado no banheiro até agora.

Tiago jogou a cabeça pra trás e deu uma sonora gargalhada – Você não presta.

– Obrigada. Fico lisonjeada. E então? O que vai querer?

– Qualquer coisa.

Helena se levantou e algum tempo depois trouxe duas taças e uma garrafa de vinho tinto. Os dois conversaram e beberam até altas horas.

– Preciso ir embora. – Disse Tiago a certa altura, já cambaleante.

Ele se levantou do sofá, porém, num impulso, Helena o segurou pela camisa – Volta aqui! Vai ficar comigo, não pode me deixar neste estado. – Com o movimento brusco, ambos se desequilibraram e caíram no tapete, rindo até perder o fôlego. Quando o acesso de riso passou, Helena voltou-se para Tiago e, olhando em seus olhos, confessou:

– Não sei se quer ouvir o que vou falar, mas sempre senti falta do que tivemos. – ela o abraçou e, após depositar um beijo em seu rosto, deitou-se ao seu lado.

De repente, Tiago se inclinou sobre Helena e levou os lábios aos dela. Um beijo que começou como brincadeira, mas que logo os incendiou. Tiago tirou a camisa e levantou a blusa dela e afastou a lingerie de renda preta, alcançando os seios alvos com a boca, como tantas vezes quis fazer. Helena sentiu a excitação dele. Os olhos dela eram puro desejo, queria muito apagar aquele fogo, mas ele estava mais bêbado do que ela. Ele novamente tomou-lhe a boca e quando as mãos atrevidas tentaram abrir o fecho da calça jeans, ela interrompeu o beijo. Tiago a encarou surpreso e afirmou com expressão divertida:

– Só no rosto, não vale. – disse fazendo menção ao beijo casto que ela lhe deu minutos atrás – Agora é oficial.

– Ei, peão, se me beijou na boca, vai ter que se casar comigo! – Eles se lembraram do passado e voltaram a rir.

Em algum momento, a melancolia ocupou o lugar da euforia. Falaram das próprias dores e choraram juntos. Amanhecia quando Helena se aconchegou a ele e ambos adormeceram.

Ao ouvirem alguém chamar seus nomes, Tiago e Helena pensaram estar sonhando. No entanto, a voz de Maria fez-se irritantemente nítida e acompanhada de batidas na porta. Os dois sentiram no rosto a claridade que invadia a sala através da cortina entreaberta e acordaram assustados. O constrangimento foi inevitável ao perceber que estavam com as pernas entrelaçadas.

Além de ter uma das mãos na cintura da moça, Tiago estava sem camisa e com o rosto mergulhado em seus cabelos. Aflito, se levantou, checkou o relógio e perguntou:

– O que aconteceu?

– Nada... acho que só dormimos. – Helena passou a mão pelo cabelo e ajeitou a roupa, no que ele a imitou. Segundos depois, sem outra saída, abriram a porta para Maria.

– Posso saber o que está acontecendo aqui? – indagou Maria, perplexa, ao vê-los juntos e amarrotados.

– Nada e não fique imaginando coisas. Nós bebemos um pouco e acabamos pegando no sono.

– Juntos?

– Territorialmente sim. – Helena riu alto e foi para o quarto. Já Tiago se desculpou e saiu apressado em direção ao galpão. Estava com uma ressaca tremenda e tinha três dias de serviço atrasado para recuperar. Além do mais, não sabia como explicar a situação em que se encontrava. De alguma forma, aquilo daria o que falar.

Maria viu as taças de vinho caídas na mesa, As almofadas sobre o tapete e balançou a cabeça. Aquilo não ia prestar.

Helena mal tocou o café. No que se referia à própria vida estava cada vez mais perdida.

Ouviu uma discussão na cozinha e logo Maria chegou acompanhada do segurança – O Carlos tá dizendo que você pegou a chave do carro.

– Eu? Ficou louco? – A jovem defendeu-se, fazendo uma expressão inocente e sentida.

– Alguém me aprontou uma ontem. Primeiro minha bolsa sumiu. Depois fiquei preso no banheiro do galpão até de noite.

– Ora, deve ter sido brincadeira dos peões.

– Vai me dizer que não sabia? – ele encarou Helena desconfiado.

– Absolutamente.

Carlos era um moreno alto e tão esbelto quanto um armário. Espirrou umas vinte vezes seguidas e Helena *quase* teve dó de seu estado. *Quase*.

– Mas o que vou dizer ao seu pai?

– Nada. Depois, o carro é meu. Sou a única pessoa que tem motivos para ficar zangada com o sumiço das chaves. Trate de encontrá-las antes de vir me acusar!

Carlos lançou um olhar constrangido à Maria e se retirou.

Pouco depois, Helena se levantou e se dirigiu ao escritório do avô. Queria se inteirar das condições da fazenda e começou a remexer os arquivos e os livros financeiros da Fábrica e da loja.

Durante grande parte da manhã, organizou documentos e continuou procurando por algo que pudesse ter utilidade. Não sabia exatamente o quê. Frustrada, sentou-se à escrivaninha. Derrubou alguns objetos no chão e, ao se abaixar para pegá-los, percebeu, através de uma leve ondulação na madeira, que a antiga escrivaninha possuía um fundo falso. Com um extrator conseguiu removê-lo e encontrou o último diário de Seu Altino. Emocionada e curiosa, tocou a grossa encadernação de couro. Lá, nas páginas finais, o avô explicava os termos de seu testamento.

Para surpresa de Helena, Tiago herdou cem hectares do terreno. E o que a impressionou foi que, segundo a explicação do avô, justamente naquele pedaço de terra localizava-se a maior nascente de Embalança. Atenta, prosseguiu com a leitura.

Não vou me preocupar com o futuro. Sei que minha neta e Tiago sentem grande afeição um pelo outro. Então, não haverá dificuldade em se fazer um acordo satisfatório para ambas as partes. Entendo que minha filha não tem condições de assumir a fazenda, Sílvia sempre teve a saúde

frágil, mas acredito que um dia Helena faça isso por mim. Vejo em seus olhos o grande carinho que sente pela terra. Minha neta é forte e decidida. Vai conseguir assumir meu lugar e levar meus planos adiante. Principalmente se contar com a ajuda de Tiago e, claro, de Alcides, Maria e Antônio, amigos fiéis e queridos.

Se algum dia ler estas palavras, lembre-se, Lena. Embalança é movimento. É a natureza seguindo seu curso todos os dias...

Helena releu a mensagem várias vezes. Que ironia! O avô a achava forte e decidida. Ficaria triste ao ver o que ela aprontou nos últimos anos. Mas por que o pai nunca comentou nada sobre a nascente? Não sabia que Tiago era um dos herdeiros. Pensou e repensou sua situação. Sorriu maliciosamente quando chegou a uma conclusão e saiu à procura de Alcides. O encontrou caído próximo ao paiol, completamente embriagado.

Sentiu um aperto no peito ao vê-lo naquele estado deplorável. Alcides sempre foi tão forte, tão bom, era um pecado que se entregasse ao vício daquela forma... as lembranças que tinham dele era de um homem forte, alegre, trabalhador. Tudo mudou naqueles anos. Mas também, quem era ela para julgar? Aproximou-se e tentou ajudá-lo a se levantar sem sucesso. Completamente fora de si, o homem ria e chorava ao mesmo tempo, puxando-a para o chão. Estava quase desistindo de ajudá-lo, quando duas mãos se juntaram as suas e pôde erguê-lo facilmente. Percebeu o olhar envergonhado de Tiago ao seu lado. Ele pediu rispidamente: – Pode deixar, eu cuido do pai.

– Não, quero ajudar. E nem tente me convencer do contrário! – Ele ia protestar, mas ficou calado. Constrangimento era a palavra, mas o que ela viu ele não podia mudar.

Juntos, eles o conduziram até a casa onde Tiago cresceu. Ficava a uns duzentos metros da Fábrica de Laticínios, onde homens entravam e saíam carregando latões de leite de um pequeno caminhão com a logomarca da fazenda.

Helena acompanhou Alcides até o quarto. Tiago pediu que ela esperasse ali. Após forçar o pai a tomar um banho frio, Tiago fez com que se secasse e o auxiliou a vestir uma roupa limpa. Minutos depois voltaram para o quarto e o filho o conduziu até a cama.

Saiu de lá acompanhado de Helena. Não sabia o que dizer. Assim que chegaram à sala, os cães vieram ao encontro dos dois. Ela se ajoelhou para brincar com eles, porém, acabaram por derrubá-la no chão e a moça levou diversas lambidas no rosto. Ralhando com os cães, Tiago a ajudou a se levantar e se sentaram no sofá.

– Se der muita bola, vai acabar deixando Tigre e Leão mal acostumados.

– Estou quase é carregando essas delícias comigo.

Tiago riu, entretanto, logo ficou sério novamente – Não devia ter deixado você presenciar essa cena com meu pai. Não faz ideia da vergonha que eu sinto agora.

– Que é isso? Vergonha de mim? Não tem noção do que já fiz a Célia passar. Além disso, estou em dívida com você. Salvou minha vida, não me esqueci.

– Bobagem. – Mas a reação dela o deixou menos sem graça – O que queria com o pai?

– Falar sobre a fazenda, mas acho que pode me responder. De qualquer forma, eu pretendia falar com você também.

– Se é sobre o que aconteceu com Ana e o doutorzinho lá, seu primo, por favor, prefiro não tocar no assunto. E peço desculpas pelo modo como reagi quando me contou o que aconteceu.

– Tudo bem, eu sei que não sou digna de confiança. Mas relaxa, o meu assunto é outro. É que eu encontrei o último diário do meu avô. Por que nunca me contou que ele o tornou um de seus herdeiros?

– Achei que você sabia... Faz tanto tempo. Fui informado na leitura do testamento. Terminou comigo dias antes e, se não se lembra, não conversamos muito depois disso.

– Fiquei impressionada. Você possui a maior nascente de Esplanada. Como meu pai lidou com o fato?

– Ele arrendou as terras. É o pasto reservado às novilhas prenhas. No passado, a gente costumava brincar por lá. Não se lembra?

– Claro! Eu sei onde é. Estranho... A gente dizia que ia construir nossa casa às margens do riacho. Você se lembra?

– Não! – negou rispidamente e desviou o olhar.

– Mentiroso.

– Eu só lembro o que quero.

– Está certo. Eu... Eu queria falar com você porque tenho uma proposta

pra te fazer.

Tiago a observou intrigado – Que proposta?

– Você ouviu o que o advogado me falou. Tenho pensado muito e cheguei a uma conclusão.

– Não sei por que eu tenho a ligeira impressão de que não vou gostar nada do que tem a dizer.

– Escuta primeiro. Eu... quero que saiba que eu sei que é você quem administra a fazenda. Faz alguns dias que descobri.

– Quem contou?!

– Ninguém. Ouvi uma conversa entre você e o seu pai na casa de ração. Não foi proposital, mas de certa forma foi bom, porque fiquei conhecendo a verdade.

– E em que essa informação pode lhe ajudar?

– Me deixa explicar tudo antes de perguntar qualquer coisa. Cheguei à conclusão de que devo exigir o que é meu. Não é certo que meu pai controle minha vida como vem fazendo. Estou farta deste segurança me vigiando. Farta de ser a filhinha problemática. Confesso que estava acomodada, mas ficar aqui da forma como ele impôs me fez ver que eu preciso mudar. Quero ter uma vida própria, independente e a fazenda é tudo o que tenho. Ao mesmo tempo, sei que meu pai não vai simplesmente aceitar que eu assuma Embalança. Ele vê isso aqui como um negócio lucrativo. Vai tentar me impedir e, sinceramente, tenho medo do que pode fazer comigo... Você estava lá quando ele ameaçou me internar numa clínica. E não foi a primeira vez, já faz algum tempo que vem me ameaçando.

– Eu acho que ele só quis colocar medo em você. Não teria coragem. Ele é seu pai.

Helena riu. Tiago, Maria, ninguém ali fazia ideia do relacionamento que ela tinha com Mauro.

– Teria sim. Não o conhece. Não sabe como é a nossa convivência. E se ele quiser mesmo me interditar, vai dar um jeito. Meu pai é um homem influente, arrogante e, independentemente de lei ou moral, costuma passar por cima de qualquer um que atravesse seu caminho. Há muito tempo que aprendi a lidar com ele. Para os de fora é um empresário bem-sucedido, um homem bonito, ainda jovem e atraente. É constantemente polido e controlado. Comigo sempre foi arrogante, frio. Sabe ser prepotente e manipular as coisas como quer. Só você pode me ajudar.

– Eu?! Não entendo como.

– Você gosta da fazenda, nasceu no interior, é inteligente, cuida dos negócios. Conhece toda a região e percebi que as pessoas daqui te respeitam e admiram.

– Também não é assim.

– É exatamente como eu falei. Eu já havia pensado na hipótese, mas ler o diário do meu avô me fez ver tudo com clareza. Eu tenho as terras e você a água. Não podia ser melhor.

– Helena, seja mais clara.

– Vou ser bem direta: quero que continue administrando Embalança, só que vou tirar os negócios do controle do meu pai. Sou maior de idade e é um direito meu.

– Eu sei que é.

– Mas para enfrentar meu pai, preciso de uma pessoa ao meu lado. Alguém que possa responder por mim se for necessário, porque tenho medo de que ele cumpra suas ameaças. Não conheço ninguém melhor do que você.

Tiago arqueou as sobrancelhas e a encarou preocupado:

– Desculpa, Lena, não estou entendendo aonde quer chegar. Não posso lutar contra seu pai. Nem sequer sou da família. Que argumentos eu teria?

– Você teria argumentos sim... Na condição de meu marido.

– Ahn?! – Ele pensou não ter ouvido bem e chegou a engasgar quando Helena repetiu tamanho absurdo.

– Ei, você tem noção do que acabou de dizer?!

– Claro que sim. Refleti muito antes de tomar minha decisão. A atitude da Ana me fez ver as coisas de outro modo. Se chegarmos a um acordo será bom pra nós dois. Eu sairia do domínio de meu pai e você teria poder de decisão aqui dentro. Depois, como eu já disse, tenho o terreno e você a água. Aparentemente será um casamento normal, mas, na realidade, cada um segue com a própria vida e faz o que quiser, sem que o outro interfira. É uma proposta vantajosa. E não se esqueça de que, depois do que Ana fez, seria como dar a volta por cima. Afinal, sou Helena!

Diante de sua arrogância, Tiago riu com ironia – Sei! E ser Helena resolve tudo!

– No seu caso, grande parte. Casar comigo é quase um prêmio...

A expressão dela era tão petulante, que Tiago quis dar uma resposta à altura, mas engoliu o desaforo procurando ignorar sua infantilidade – E se eu me negar a aceitar esse “prêmio”?

– Vou contar a verdade ao meu pai. Ele não tolera mentiras e não vai

gostar de saber que você e o Alcides o estão enganando.

– Ou seja, vai fazer chantagem comigo!

– Não tenho alternativa.

– Você me conhece uma vida toda e vai fazer com que o seu Mauro me mande embora? Quero dizer, a mim e ao meu pai. – A expressão dele era de incredulidade.

– Pois se fizer isso, não arrendo mais as terras e o gado ficará prejudicado. – ele ameaçou.

– Meu pai é esperto, Tiago. Se arrendou suas terras, certamente fez com que assinasse um contrato. Estou certa?

Contrariado ele confirmou.

Helena adorou aquela pequena vitória e afirmou: Pois o meu palpite é que está longe de vencer o prazo. Duvido que queira arcar com uma multa rescisória. Ou você quer?

“Mas que ordinária”, ele pensou. Mordeu os lábios num gesto nervoso e passou as mãos jogando a franja pra traz, sem saber o que pensar de toda aquela loucura. Helena sempre o tirava do sério. Mas se ela pretendia manipulá-lo como um fantoche, estava muito enganada.

Venceu a curta distância entre os dois e a segurou pelos ombros, olhando em seus olhos verdes com uma evidente decepção – Quer fazer o favor de me soltar?

– Não. Antes me responda! Você seria capaz de agir assim comigo?

– Pode apostar.

– Mas nós nos conhecemos desde pequenos.

A proximidade roubou o fôlego de Helena e ela sentiu-se vulnerável como nunca. Foi com dificuldade que voltou a falar: – Eu sei, por isso mesmo é que quero sua ajuda.

– Ajuda?! Você está me chantageando! Isso te faz ainda pior do que eu pensava.

– Estou lutando com as armas que tenho. Tente entender, é uma questão de sobrevivência. Estou implorando sua ajuda e tenho muito a oferecer em troca.

– Você só pode estar maluca! Minha vida não é um contrato.

– Estou muito lúcida, Tiago. Você não sabe como é meu relacionamento com meu pai. Não viu nada do que é capaz de fazer. Ele tem anos de dívida comigo.

Ele a soltou frustrado. – Pode procurar outra pessoa. Não vai faltar

peão se oferecendo ao posto.

– Não quero outro peão. Quero o melhor e, pra mim, o melhor é você. Por favor, Tiago, sei que é o único capaz de bater de frente com meu pai.

– Agora entendi! Claro, casar comigo também é um jeito de se vingar. Pode esquecer. Prefiro ir embora daqui.

– Não vou desistir tão fácil. Vou te dar um tempo pra pensar. E lembre-se, muito tempo atrás você me fez uma promessa.

– O quê? – perguntou, incrédulo – *Tá* fazendo hora comigo?

– Não se lembra? Éramos pequenos...

Por alguns segundos, Tiago foi ao passado. Viu uma menina com os cabelos compridos pretos e lisos presos num rabo de cavalo e os olhos verdes e brilhantes cheios de expectativa enquanto estendia-lhe a mão. Olhos com os quais ele costumava sonhar todas as noites. Os dois passavam as férias juntos e brincavam desde o nascer do sol até a chegada da noite. E, nossa, como ele esperava por aqueles momentos... Então Helena cresceu e tudo que sentia por ele virou pó. Aquela moça diante dele, que muitas vezes se revelava fria e manipuladora, nada mais tinha da sua companheira de infância.

– Eu era só um menino bobo. E se não me falha a memória foi você quem me fez enxergar o meu lugar.

– Não, Tiago. Você nunca foi bobo.

– Acha que esqueci o que fez comigo? Aos dezesseis anos você me rejeitou. São coisas que a gente não esquece.

– Eu era muito nova, nós dois éramos muito novos. Tinha perdido meu avô, minha mãe estava em crise, tanto que pouco depois... – sua boca tremeu e ela desviou os olhos marejados – Foram momentos muito duros. Experimentava uma dolorosa tristeza e meu pai mal olhava pra mim. Você queria um relacionamento sério e, de repente, percebi que não estava preparada.

– Alimentou minhas ilusões enquanto quis me usar e foi conveniente pra você. Não pense que não sofri quando jogou aquelas alianças na minha cara. Precisei juntar dinheiro durante um bom tempo para comprá-las.

– E quem te garante que eu não sofri?

– O seu comportamento todos esses anos. Chegou a esfregar seus namorados no meu nariz. Agiu feito uma... uma vagabunda. E agora vem me falar em casamento?!

– Pode me ofender o quanto quiser. Como eu disse, não vou desistir. Leve o tempo que quiser para se decidir e, quando tiver uma resposta, me

procura. – antes de sair, disse ainda:

– Ah, só mais uma coisa, *cowboy*. Não dá pra voar com os pés no chão.

– Peste! – ele resmungou.

Helena riu com malícia e se retirou.

Certo de que ela havia perdido completamente o juízo, Tiago ficou sem ação por alguns instantes.

Talvez Mauro estivesse certo. Helena precisava se tratar. Ele se sentou no sofá, mas as palavras dela martelavam na cabeça dele.

Com o passar das horas, começou a pensar no que Ana havia feito. Era inevitável a mágoa e a vergonha diante das pessoas. Isso gerava brincadeiras maldosas na região e entre os peões. Pensou também no estado do pai. Se saísse dali, os dois dificilmente seriam aceitos juntos em outra fazenda. Mesmo porque seu pai estava falado, já que por causa daquele vício maldito, andou aprontando com muita gente por ali. E ainda que quisesse mandar Helena para o inferno, não seria capaz de submeter Alcides a tamanho desgosto. Além de tudo, ainda havia o fato de que Embalança era parte de sua vida.

Naquela noite Tiago não dormiu.

Depois de fazer o pai tomar uma sopa, foi se deitar. Revirou-se na cama por horas lembrando-se de Seu Altino, do testamento. Ao mesmo tempo, Helena revirava sua cabeça do avesso. Ela o enlouquecia, o irritava e ao mesmo tempo o excitava como nenhuma outra mulher.

Talvez, só talvez ele precisasse pensar um pouco mais. E pensou.

Assim que amanheceu, viu-se ansioso para falar com ela. Trocou de roupa rapidamente, após jogar uma água no corpo e fazer a barba.

Vestiu a calça jeans habitual, uma camisa vermelha de malha e calçou a botina de couro marrom.

Cortou o caminho que levava até a casa-grande da fazenda em segundos. Esgueirou-se pela janela da sala sem que ninguém notasse. Após constatar que Maria preparava o café na cozinha, caminhou silenciosamente pelo corredor e parou diante do quarto da moça que ficava no primeiro andar. Levou a mão à maçaneta e sorriu ao constatar que a porta estava destrancada. Ao ver que ela ainda dormia, entrou rapidamente e, recostando a porta, caminhou até a cama.

Limitou-se a observá-la durante algum tempo. Dormindo, ainda parecia uma menina. Estava deitada de lado e seus cabelos encobriam-lhe parcialmente o rosto. Reconheceu o perfume gostoso do xampu que ela

usava... não resistiu, chegou mais perto e tocou os fios sedosos. Dentro dele os sentimentos se confundiam e lutava contra a vontade de provar seus lábios novamente. De alguma forma, ela percebeu sua presença, pois não demorou a acordar. Helena esfregou os olhos. Ao se virar, o encarou confusa – Tiago! O que faz parado aí? Você me assustou.

– Não foi minha intenção. Vim dar minha resposta. Pensei a noite toda.

– Nossa, pelo visto estava com pressa mesmo. Precisava me acordar?

– Não gosto de coisas mal resolvidas.

– Tudo bem, mas isso não significa que pode invadir meu quarto.

– Houve um tempo em que você não se importaria nem um pouco.

– Agora é diferente.

– Claro que é. Pra quem me pediu em casamento ontem está muito cheia de nove horas.

– “Ponto para ele” – pensou. Ok, eu só não esperava acordar desse jeito.

– Resolvi seguir seu exemplo, já que sempre faz o que te dá na telha! Quer ouvir o que tenho a dizer ou não?

Sonolenta, bocejou. – Me dá um minuto, – pediu. – Preciso usar o banheiro e me tornar decente. Detesto conversar quando acordo.

Assim fez Helena e, após lavar o rosto e escovar os dentes, voltou para o quarto. Ajeitando a camisola minúscula de seda lilás, recostou-se à cabeceira da cama.

– Pronto! *Sou toda ouvidos.*

– Até que enfim, não tenho o dia todo.

Tiago fez uma força para desviar os olhos dos seios delicados que a camisola delineava. Helena reparou na expressão dele e riu por dentro.

– Se está com pressa, peão, pra que perder mais tempo?

Ele então a encarou. – Apesar de não gostar nem um pouco de ser chantageado, vou deixar isso claro, pensei muito e resolvi aceitar sua proposta.

– Jura?!

Sério, assentiu – Mas também tenho uma condição.

– Qual? – Indagou ela, fazendo um esforço enorme para esconder sua satisfação.

– Vamos fingir que nos gostamos. Não quero passar por um interesseiro e ficar ainda mais desmoralizado perante os meus amigos.

– Não pensei em fazer diferente. Meu pai precisa acreditar que é pra

valer. Tenho sua palavra? – Ela estendeu a mão e ele apertou. – Tem.

– Não vai se arrepender. – Ela se levantou num impulso e o abraçou entusiasmada. Tiago ficou desconcertado com o contato e mais ainda com a resposta imediata de seu corpo ao tê-la entre os braços. Odiou-se por sentir-se novamente como um adolescente desajeitado. Se por um lado não aprovava o comportamento de Helena, por outro ainda a desejava como antes.

Ao sair do quarto instantes depois, não percebeu o olhar consternado de Lisa sobre ele.

Uma semana se passou e Célia ligou para Embalança e contou para Maria e Antônio que Ana e Otávio haviam se casado. Explicou que não fizeram festa e que foi uma cerimônia rápida por respeito ao noivado recém-desfeito com Tiago. Ela tinha sido uma das testemunhas, por ser a única pessoa que a moça conhecia em Beagá. Estavam todos reunidos na varanda comentando a novidade, quando Tiago se aproximou e Helena o inteirou dos fatos. Tiago engoliu seco e nada comentou.

Lisa, não suportando mais ficar calada, voltou-se para Maria com o veneno pinicando a ponta da língua:

– Pois se a Ana largou o Tiago, a culpa é dessazinha aí.

– O que está dizendo, menina? Isso lá é jeito de falar com Helena? – repreendeu Maria.

– Não vê o que está acontecendo? Eles estão juntos. Ainda outro dia vi o Tiago saindo do quarto dela bem cedinho. São dois desavergonhados.

Maria lembrou-se da manhã em que os encontrou juntos e, embaraçada, desviou o olhar. Teria sua filha desistido do noivado por conta da traição? O clima que se instalou foi constrangedor. Furiosa, Helena se dirigiu à Lisa com as faces em chama:

– Além de maldosa é intrometida. Quem você pensa que é pra falar comigo nesse tom?

– Releve, Lena. – pediu Tiago – Acho que já conhece o jeito da Lisa.

– Claro, ela é uma invejosa. Coisinha cínica!

– Não importa. – afirmou Tiago – Quer saber? É bom mesmo que Maria e Antônio saibam a verdade. Nós vamos nos casar. – ele revelou.

– O quê?! – perguntaram marido e mulher ao mesmo tempo, sem saber o que pensar ou como reagir, visivelmente decepcionados com a atitude do rapaz.

– Eu disse que vamos casar.

Preocupado, Antônio deu alguns passos em direção aos dois – Olha, *cê* me desculpa, Helena, mas *num* posso ficar calado. Sei que aqui sou só um empregado, mas não concordo com esse casamento não! – pousando as mãos nos ombros de Tiago, aconselhou:

– Não deu certo uma vez, não vai dar de novo. Vocês são muito diferentes, filho. Quanto tempo pensa que ela vai aguentar viver na fazenda?

– Não sei, mas isso não vai impedir nosso casamento.

– Pois depois não digam que não foram avisados.

Magoada, Maria nada comentou e, quando o marido se afastou, limitou-se a segui-lo.

Alguns dias se passaram e Helena continuou firme em sua decisão. Na companhia de Tiago, driblou o segurança e foi até o cartório da cidade dar entrada nos papéis do casamento civil. Conseguiram agendá-lo para dali a quinze dias. Ou seja, praticamente na véspera de natal, no dia 22 de dezembro. O período era ideal, já que por ocasião das festas, Mauro estaria fora do país durante três semanas. Pelo menos, foi o que Célia comentou.

Maria e Antônio, ainda pasmos com o rumo dos acontecimentos, a contragosto aceitaram ser os padrinhos e o casamento de Helena e Tiago revestiu-se de uma solenidade rápida e formal, seguida de um beijo apaixonado que os dois evitaram analisar.

Helena ainda refletia no passo que estava dando, quando o rapaz estendeu-lhe um par de alianças. Ao ver a caixinha vermelha de veludo, reconheceu as joias no mesmo instante. Não tinham o aro fino como as que ela havia escondido, as do noivado dele com Ana. Não, aquelas eram grossas e traziam lembranças da tarde em que rompeu o namoro dos dois. Não chegou a vê-las, mas a caixinha sim.

– Você as guardou... – disse Helena, os olhos subitamente marejados.

– Não sei do que está falando. – ela queria perguntar, porém, Candinha se aproximou para cumprimentá-los e precisou adiar a conversa.

Eu tinha te esquecido, pensei que sim.
Alguma coisa mudou e te trouxe de volta para
dentro de mim.

Um simples jantar comemorou o enlace. Além do pessoal da fazenda, nele compareceram o advogado e sua esposa e o delegado de Esplanada, amigo do avô de longa data. Quando todos se despediram, o casal permaneceu algum tempo na varanda da casa em companhia de Candinha que, juntamente com a irmã, durante a semana ocupava um quarto nos fundos do casarão.

Tão logo Maria apagou as luzes do terreiro, Tigre e Leão se aproximaram festeiros. Sem que Tiago conseguisse evitar, os cães pularam no vestido branco de Helena.

– Que pecado! – exclamou a caseira, indignada – Essas pestes sujaram seu vestido de noiva. Não acredito que conseguiram se soltar novamente. – ralhou – Vou pedir ao Antônio que os leve lá pra cima agora mesmo.

– Não! – determinou Helena – Eles podem ficar. Se Tiago está se mudando para o casarão, eles vêm junto.

Helena fixou o agora marido, sorrindo. Desde o momento em que se viram diante do juiz, uma interrogação havia se formado: como agir dali para frente?

– Ficou louca, menina?! Olha o tamanho deles, vão acabar com a casa.

– Não me importo. Amanhã vou estudar a possibilidade de uma abertura na porta dos fundos para que possam entrar e sair sozinhos do casarão. De qualquer jeito, eu já pensava em trazê-los.

– Mais essa agora! Você não tem juízo mesmo.

– Não é a primeira vez que me falam isso.

Helena se divertiu com a expressão afetada de Maria e aquela se retirou balançando a cabeça num gesto claro de reprovação, ante a presença dos labradores no casarão.

– Tem certeza? – indagou Tiago – Maria tem razão, eles são grandes e bem bagunceiros. Vão fazer um estrago por aqui.

– Absoluta. E te garanto que tem gente que faz um estrago muito maior.

– Isso é verdade.

– Então. Se nos casamos, agora são meus meninos também.

– Você é quem sabe.

A pedido de Helena, Candinha buscou uma colcha para acomodar os cachorros no tapete da sala. A fim de deixar o casal a sós, a moça se despediu

logo em seguida e os noivos resolveram se recolher.

Ao entrar no quarto que dividiria com Helena, Tiago não pôde evitar certo constrangimento. Respirou fundo pensando no passo sério que deram.

– Não posso deixar de pensar que fizemos uma loucura. Ainda não acredito que vou passar a dormir nesta casa. – ele confessou.

– Vai se acostumar. Se quer saber, não me arrependo um só instante do que fizemos.

– Olha, têm quinze quartos aqui. Será que realmente alguém vai perceber se eu ocupar um dos que estão vazios?

A decepção dela foi clara. – Por que isso agora? Será que não suporta a ideia de dividir o quarto comigo?

– Fala como se fosse normal, só que não é. Estamos fingindo uma coisa que não existe.

– Você me fez prometer que agiríamos como um casal de verdade. Se sair daqui, logo vão notar. Não posso correr o risco. Meu pai precisa acreditar que é pra valer. Sabe que na fazenda todo mundo acaba sempre falando mais do que deveria. – justificou Helena, pensando que o motivo não era bem aquele.

– E tem noção de como será nossa convivência daqui por diante? Eu gostava da Ana, acho que ainda gosto. Sempre quis ter uma família, uma companheira. Entre nós nada existe além de um acordo e uma fazenda.

– Mas já existiu.

– Falou bem. Existiu. Você mudou, eu mudei.

– Não foi o que senti com os beijos que trocamos. É tão ruim assim estar casado comigo? – ela diminuiu a distância entre os dois. Agora estavam de frente um para o outro.

Ele analisou sua expressão sentida e não soube o que responder. Estava linda naquele vestido de noiva. O decote tomara que caia revelando o contorno dos seios alvos e delicados. Chegava a sentir falta de ar perto dela. Precisava se controlar ou se tornaria um brinquedo nas mãos de Helena.

– Olha, Tiago, nós não nos amamos. Mas eu gosto de você e não acho que me seja assim tão indiferente. Além do mais, por que preocupar com um amanhã que ainda não chegou?

Ele se afastou, ainda assim, a proximidade dela o perturbava.

Confuso se sentou na cama e envolveu o rosto com as mãos. Estava dividido. Não aceitava que depois de tudo o que aconteceu tivesse concordado com aquele casamento. Sobretudo, tinha medo de que seus

sentimentos o traíssem. Não podia fazer papel de bobo novamente. Levantou-se novamente e foi até a janela. Abriu as treliças para sentir o ar frio da noite no rosto. Depois, se voltou e a olhou buscando uma solução.

Vendo seu desamparo, a jovem tomou uma decisão.

Tiago pensou que estava vendo coisas quando Helena se despiu completamente e venceu a distância entre os dois, colando o corpo atraente ao dele. Sustentou-lhe o olhar com perplexidade, quando ela aproximou a boca da sua e entrelaçou as mãos em sua nuca.

– Você nunca pensa antes de fazer as coisas? – Perguntou com a voz rouca.

– Por que eu pensaria? Não me deseja? Sempre quis ficar comigo, agora tem sua chance.

Experimentando uma verdadeira tormenta interior, ele desviou o olhar.

– De novo, o passado. Ah, Helena... Se fizesse isso alguns anos atrás eu estaria no céu, só que agora, agora não quero.

O que ele disse não a abalou. – Não pense que me engana. Sei que me deseja, vi o modo como me beijou ao final da cerimônia. Sei como reagiu cada vez que ficamos juntos.

Tiago ficou sem saber o que dizer. Helena, no entanto, não vacilava. Ansiosa, puxou-lhe a camisa tentando tocá-lo, provocá-lo, contudo, após alguns instantes, ele segurou suas mãos e falou com ironia: – *Tá* falando do meu desejo ou do seu?! Não sou eu que estou me jogando nos seus braços e forçando uma situação. Como pode se prestar a este papel? Será que mudou tanto a ponto de não sobrar um pinga de vergonha em você?

– Eu não tenho vergonha de você. E não estaria sendo honesta se dissesse que não o desejo.

– Acontece que o desejo tem que ser por parte dos dois.

Helena sentiu o rosto queimar. Não podia acreditar que ele tivesse a coragem de rejeitá-la. – Talvez você não seja tão homem quanto eu pensei que fosse.

– Quer me usar como usaria qualquer outro que estivesse aqui. Só que não sou seu brinquedinho e não tente me manipular também nesse sentido. Não quero nem vou me deitar com você.

– Não tive intenção de manipular ninguém. Se não percebeu é a nossa noite de núpcias.

– O que eu percebi é que está brincando com fogo.

Ela o olhou com malícia – Estou acostumada... – numa última tentativa

buscou-lhe os lábios e, mais uma vez, insinuou-se. Tiago nunca ficou tão dividido. Ardia de desejo. Por outro lado, não conseguia esquecer tudo o que passou quando ela o deixou. Lutou contra si mesmo, mas o orgulho venceu e a afastou bruscamente.

– Chega! Você está acostumada, mas eu não! Pensa que pode me usar como quiser? Pois não pode. Se quer se comportar como uma vagabunda, procure outro palhaço. Aceitei esse acordo absurdo. Estamos casados perante a lei, mas o casamento é só no papel. Não quero nem vou me envolver com você.

Ferida, Helena pegou a colcha sobre a cama e cobriu o próprio corpo – Você é um covarde.

– Covarde? Me diz uma coisa, *Leninha*. É bom ser rejeitada?

– Está negando o que sente, quando sabe que é impossível. Acha que não percebo que me quer?

– Sou homem e qualquer mulher bonita mexe comigo. Não significa que eu realmente queira você. O desejo tem que envolver a pessoa também e não só o corpo. Se entende diferente é porque perdeu todos os seus valores. Tenho nojo só de pensar na vida promíscua que deve levar.

– Está mentindo. Não tem nojo de mim!

– Acha mesmo? Eu, no seu lugar, não teria tanta certeza.

Furiosa e experimentando o gosto amargo da humilhação, Helena sentiu seus olhos transbordarem.

– Não fique assim. Se precisa tanto de um homem, tenho certeza de que não vai ser difícil encontrar. Quero dizer, comprar. Porque é o que faz com as pessoas, não é?

Ofendida, não conseguiu se conter e voou em cima dele, desferindo tapas e empurrões. Tiago, no entanto, apenas se desviou do ataque. – Chega! – ela gritou – Não tem o direito de falar assim comigo!

Ele a olhou dentro dos olhos e disse bem próximo a seu rosto – Nem você de achar que é só estalar os dedos que eu vou correndo. Esse tempo já se foi. Naquela época eu queria e você dizia não. Agora, os papéis se inverteram. Não pode me usar como se eu fosse um cavalo reprodutor.

Sob o olhar furioso de Helena, Tiago se dirigiu à porta. Ao ver que ele pretendia sair, correu e bloqueou-lhe a passagem – Espera! Se sair, todos vão desconfiar. Não quero aguentar o deboche da Lisa amanhã.

– Pior é ficar aqui e brigar com você. A casa é grande demais e ninguém vai perceber minha ausência.

– Claro que vai. Eu vou, quero dizer... aqui as coisas se espalham feito um rastro de pólvora. Pode ficar, não vou sequer falar com você. Antônio estava certo. Somos mesmo muito diferentes.

– Que bom que concordamos em alguma coisa.

Ela se odiou por sentir os lábios trêmulos e trancou-se no banheiro por mais de uma hora. Quando saiu, ele estava deitado no chão sobre um cobertor qualquer e ressonava tranquilamente.

Embora Helena gostasse do natal passou pelas festas que se seguiram sem qualquer entusiasmo. Comprou tudo que precisava para enfeitar a casa, mas não teve ânimo para decorá-la e apenas orientou Candinha. Como Célia não pôde sair de Belo Horizonte por ordem de Mauro, Maria tomou a frente e providenciou os preparativos para as comemorações na fazenda. Depois de muitos anos, o casarão teria uma verdadeira ceia.

Chegaram a vir alguns fazendeiros e pessoas da cidade, como o advogado e sua esposa e o delegado Moacir, que também era amigo de Alcides desde a mocidade.

Mesmo com o clima de celebração, Helena não conseguia superar a mágoa por Tiago, nem abrandar a revolta e a frustração que a consumiam por dentro. A verdade é que nunca foi rejeitada por um homem e a atitude dele na noite do casamento a machucou demais. Talvez fosse só orgulho ferido, mas teria troco, ah teria.

Na véspera do dia 25, estava ao lado da mesa onde a ceia seria servida quando o Doutor Rafael se aproximou. – A decoração do casarão está linda! Cheguei a me lembrar da época em que Seu Altino ainda era vivo. Ele apreciava uma festa como ninguém. – comentou o advogado.

– É verdade.

– Pelo visto, a neta herdou seu bom gosto. Eu e seu avô nos encontramos pouco, mas desde a primeira vez em que o vi, passei a admirá-lo. Possuía uma filosofia de vida admirável. Principalmente tendo passado por tantas perdas... Pelo que conheci dele, acho que ficaria feliz ao vê-la casada com Tiago. É um bom menino, filho dedicado e muito esperto nos negócios.

– É, eu sei, – e emendou falando um pouco mais baixo – pena que nosso casamento seja uma grande mentira.

– O que disse?

Helena o encarou confusa e ia se explicar quando o delegado se aproximou e chamou Rafael para fazer um brinde.

Só então ela percebeu a proximidade de Tiago e o viu balançar a cabeça num gesto claro de reprovação. Ele praticamente colou a boca em seu ouvido e falou quase num sussurro: – Todos já perceberam que existe alguma coisa errada entre nós. Por que não anuncia num alto-falante?

– É mesmo uma boa ideia! – sem pensar duas vezes, ela pegou uma taça de vinho sobre a mesa e a atirou em Tiago, manchando a camisa branca que ele vestia – Agora ficou melhor! Mais claro impossível.

– Não posso acreditar que fez isso! – exclamou, trincando os dentes de raiva.

– Como não? Eu não poderia deixar de brindar com meu marido!

Enquanto ele enxugava o rosto com um guardanapo, ela se afastou sob o olhar chocado dos presentes. Todos comentavam a atitude estranha de um casal que deveria estar em lua de mel, mas ninguém se atrevia a falar nada na frente dos dois.

Nos dias que se seguiram, Helena tentou evitar ao máximo a companhia de Tiago. No entanto, durante as noites, quando ele dormia sobre um edredom ao lado da cama, torturava-se a cada movimento que ele fazia.

Queria odiá-lo por tudo o que falou na noite do casamento, só que a verdade era que seu corpo era traiçoeiro e não suportava mais a distância entre eles. Morria de vontade de estar em seus braços. Lembrava-se do tempo em que namoravam, das promessas feitas, de tudo em que acreditava antes de perder o avô e a mãe e se angustiava. Pelas madrugadas, seu corpo se abrasava. Um calor que nada tinha a ver com o clima. Não tirava aquele homem da cabeça. Estavam tão perto e tão longe. Ela o desejava e estava sofrendo como nunca pensou ser possível. Brincadeira do destino ou não, a vida fez aquele amor renascer. O problema é que agora se tratava de um sentimento não correspondido. Pior, por sua própria culpa casou-se com alguém que não a queria e que não a respeitava. Até quando iria suportar? Como fazer aquilo mudar? Franziu a testa frustrada. Não havia nada que a irritasse mais do que ter que engolir um não. Porque *não* foi o que ouviu do pai a vida inteira e para conseguir qualquer coisa, só *forçando a barra*.

Tiago estava rondando o pasto quando avistou a montaria de Helena.

Como não a viu, aproximou-se intrigado de Liár. Deixou Flor à sombra de um eucalipto e procurou pela *esposa*. Foi encontrá-la a poucos metros de distância, sentada numa pedreira onde, entretida, observava a paisagem. Deitados próximos a ela estavam seus cães. Traidores, pensou. Ao vê-lo, se levantaram abanado o rabo.

– Maria reclamou que você não voltou pra almoçar.

Ao ouvir sua voz, ela procurou demonstrar indiferença e continuou de costas para ele – É... Eu sempre gostei de cavalgar pela fazenda, você sabe.

– Pois não deve ficar nas pedreiras. É o lugar predileto das cascavéis.

Irritada, levantou-se e virou-se para ele, arqueando as sobrancelhas num gesto claro de desafio – Por acaso se importaria se uma delas me picasse?

Tiago a encarou, inclinando a cabeça pra trás e rindo. – Não mesmo. Só que teria consequências para Embalança e me preocupo com todos que trabalham aqui.

– Muito gentil de sua parte.

– Certamente mais gentil do que o brinde que fez comigo. Não pense que esqueci. Vai ter troco!

– Não pense que me ameça.

– Não estou te ameaçando, apenas dando um aviso.

Ela desviou o olhar e permaneceu em silêncio alguns segundos, então, girou a aliança no dedo e o encarou – No dia do nosso casamento eu perguntei e você se fez de bobo. Por que guardou as alianças durante tanto tempo?

– Por que a curiosidade?

– Vai responder ou não?

– Gastei tanto dinheiro com elas que resolvi guardar pra me lembrar de ser mais cuidadoso com minhas escolhas. Pelo visto, não adiantou. Acabei levando um fora pela segunda vez.

– Vi que tem seu nome gravado.

– E a minha tem o seu. É comum sabia? Mas se quer mesmo saber, já fui um adolescente bobo. Na época eu sonhava em ver você com meu *anel* no dedo. Engraçado, finalmente está com ele e não sinto nada. Não é irônico?

Intrigada, Helena sustentou seu o olhar e, aproximando-se, roçou-lhe o pescoço com os lábios – *Será?*

Embaraçado com o gesto, ele se distanciou – O seu problema é que você é muito convencida.

– Eu sou apenas franca. Ao contrário de uns e outros por aí.

– Isso é uma indireta?

– Pode até bancar o indiferente e afirmar o contrário, mas sei que ainda sente alguma coisa por mim... – ela mordiscou o canto de sua boca e com as mãos em sua nuca sentiu sua pele eriçar. Tiago, então, recuou.

Ela riu com cinismo, o que o irritou mais ainda: – Vamos, confessa. – ela insistiu – Mesmo que seja só atração, não pode negar.

– Sonha! Já disse que qualquer homem se sentiria atraído por você. Isso não muda o fato de que continuo querendo distância.

– Não. Antes me falou que qualquer mulher seria capaz de mexer com você, então, de qualquer forma, obrigada pelo elogio.

Resmungando alguma coisa que ela não ouviu, ele se afastou. Helena disse a si mesma que não importava. Ele que fosse para o inferno! Sentou-se novamente na pedreira e o observou cavalgando a distância.

Por cinco anos conseguiu lidar com aquele sentimento que a incomodava na presença de Tiago ou mesmo quando ouvia falar dele. Agora parecia ter voltado no tempo. Perto dele ficava sempre insegura e acabava se expondo mais do que pretendia. Suas faces queimavam, o coração batia num ritmo acelerado e as mãos se inundavam de suor.

Furiosa com a indiferença que ele vinha demonstrando, começou a acreditar que realmente a havia esquecido.

Chateada, voltou para a sede algum tempo depois. Contudo, mal chegou ao casarão, viu que Lisa a esperava na escada com a mão na cintura. Tentou passar por ela como se não a visse. A moça não perdeu a oportunidade e falou, praticamente soltando veneno pelos olhos:

– Tiago mandou avisar que vai dormir na casa do pai. Saiu daqui ainda agorinha e estava bem nervoso.

– Nervoso por quê?!

– Uai! E eu que vou saber! Na certa já se cansou de você.

Apesar da vontade de esganá-la, Helena lhe lançou um olhar tão gelado, que ela se calou na mesma hora. Procurou se controlar e seguiu seu caminho sem dar uma resposta. Ao entrar no quarto, sentiu os olhos úmidos e jogou-se na cama deprimida.

Tiago fazia de tudo para contrariá-la e parecia não se incomodar com a situação que estavam vivendo.

Ao anoitecer, já estava mais calma. Candinha veio chamá-la para jantar e lhe fez companhia durante a refeição.

– Acho que você é a única pessoa que realmente gosta de mim aqui.

Tímida, Candinha negou – Que é isso, Lena? Todos que trabalham em Embalança e te viram crescer gostam de você.

– Não é bem o que sinto.

– E o Tiago, então? Ave-maria! Meu pai contou que ele se apaixonou por você ainda menino. Tão lindo, – suspirou – um amor de infância...

Helena riu da inocência e simplicidade de Candinha, mas depois se recriminou.

– É verdade, só que por culpa minha esse sentimento acabou faz tempo. Todos mudaram comigo.

– Acabou como?! *Cê tá enganada*. Quando chegou aqui estava com problemas, mas agora está diferente, mais calma, mais bonita. E o melhor de tudo é que se casou com Tiago. Acha que ninguém percebe o modo como se olham?

Sim, pensou Helena, havia fogo entre eles; ou melhor, desejo. Um desejo que aparentemente era só dela. Por parte de Tiago restou apenas mágoa e raiva.

Candinha percebeu sua expressão chorosa e a abraçou. Seu carinho era tão grande que Helena se emocionou. Pensou que não conseguiria contar-lhe a verdade, pelo simples fato de não querer desiludi-la. Ainda abraçadas, foram para a varanda onde se sentaram e, não se passou muito tempo, Rodrigo se aproximou.

– *Dona Helena, eu tava falando com a peonada que a senhora toca um violão arretado de bom.*

– Pelo amor de Deus, Rodrigo! – reclamou, achando graça – *Esquece o dona e o senhora. Pode me chamar de Lena ou de Helena se preferir.*

Rodrigo riu e passou a admirá-la ainda mais – *Nóis tamo assando uma carne lá em cima. Se ocê não se importar de ser coisa simples, eu vim aqui só pra lhe chamá.*

Ela refletiu e acabou por se decidir – Você vai comigo, Candinha? – a outra assentiu prontamente. Helena foi buscar o violão e aproveitou para se arrumar um pouco. Pegou o estojo de maquiagem, mas desistiu. Escovou os dentes e vestiu uma saia leve e uma blusa justa. Ambas pretas. Calçou uma bota marrom de camurça que ia até abaixo do joelho e penteou os cabelos,

prendendo-os num rabo de cavalo. Por fim, passou apenas um batom nude suave. Quando saiu do quarto estava mil toneladas mais leve.

Os homens, que a princípio sentiram certo desconforto na presença da *patroinha*, aos poucos acabaram se sentando em roda para ouvi-la tocar. Ela começou com a música “Vai dar namoro”^[2]. Logo, todos se soltaram e começaram a cantar animados. Vieram mais três. Eram canções sertanejas que todos conheciam e faziam parte de suas vidas. E ela levou os peões à loucura, quando após umas cinco músicas cantou “É o amor”, de Zezé di Camargo e Luciano.

Após uma meia hora, atraído pelo som da cantoria, Tiago se aproximou com Jairo e a observou à distância. Naquele momento ela cantava *Olha amor*, de Gian e Giovani. A voz dela era linda e foi inevitável o incômodo que sentiu ao vê-la tão próxima de Rodrigo e destacando-se no meio da peonada. Os homens cantavam junto com ela, como se fossem muito chegados.

Mais irritado ficou ao ver que ela vestia blusa justa e saia curta, as pernas atraindo a atenção masculina.

– *Por que você não admite o que sente, filho?*

Ele encarou Jairo, fazendo-se de desentendido – Como assim? Não vê que Helena não tem juízo? Isso lá é modo de se vestir?

– Ah, pelo amor de Deus, Tiago. Quer que a moça se cubra antes de sair de casa?

– Não. É que ela gosta de me provocar.

– Como assim te provocar se ela sempre se vestiu desse jeito?

– Não sempre. E também não é da roupa que estou falando, mas daquele bando de trouxa babando em cima dela.

– Ih... mas é ciúme do bravo!

– Não tô com ciúme.

– E meu nome não é Jairo. *Ara, quem pensa que engana? Esquece que te vi crescer? Acha que ninguém percebe o que tá acontecendo, mas se engana. Vocês* num parecem um casal em lua de mel, mesmo porque, se fosse assim, *cê* não teria motivos pra passar a noite sozinho.

– Ela me tira do sério. Não consigo pensar quando estou perto dela. Essa mulher precisa aprender que não pode me manipular.

– E por que se casou com ela? Não consigo entender.

– Nem eu... – respondeu, desviando o olhar, sem coragem de contar sobre a proposta.

– Bom, se quer meu conselho, acabem com essas discussões bobas.

São moços e estão perdendo tempo à toa.

Jairo se afastou e Tiago ainda continuou parado ali. Quando seus olhos finalmente se encontraram, Helena já tinha dedilhado a última nota da canção. Ela entregou o violão para Candinha, bebeu um pouco do refrigerante que a moça estendeu para ela e, murmurando alguma coisa, caminhou em direção ao marido. Ele estava de calça jeans justa, camisa polo vermelha e botina preta de couro com bico quadrado. O cabelo de lado. O rosto anguloso e bonito com a expressão fechada. Muito fechada. O encarou e avisou: – Lisa me deu seu recado. Da próxima vez, fale diretamente comigo.

– É uma ordem?

– Entenda como quiser. Não gosto que me deixe exposta assim para os outros. Principalmente para aquela cobrinha venenosa. Deve ter uma desculpa muito boa pra dar aos seus amigos. Não é você que sempre se preocupa com a opinião dos outros?

– Minhas desculpas são um problema meu.

– Ótimo, então volte a ocupar sua cama na casa do papai. Ou melhor, por que não fica no galpão como quando era solteiro?

– Não tem vergonha de se oferecer desse jeito?

– Hein?! É a melhor de todas! Ficou maluco? Não estou me oferecendo pra ninguém. Se não viu, estava tocando, me divertindo e pretendo tocar por muito tempo ainda.

Ela se virou, contudo, antes que pudesse dar um passo, ele a segurou pela mão – Não vai continuar ali vestida como está! Não vou deixar que me desmoralize perante as pessoas que trabalham comigo.

Helena expressou incredulidade ao fitá-lo e viu que estava realmente alterado.

– Não sei se devo rir ou chorar. Era só o que me faltava! Agora vai querer controlar minhas roupas? Espera! – Disse ela sorrindo – Por acaso está com ciúmes?

– Nos seus sonhos.

– Não é o que parece.

– Apenas tem saia de menos aí.

– E maldade demais do seu lado. O que quer de mim? Primeiro me rejeita, depois vem cobrar satisfações sobre meu comportamento. Não consigo entender o que se passa na sua cabeça. Tínhamos um acordo e, pelo visto, nada do que combinamos antes está valendo. Sinceramente, não reconheço você. Nem amigos somos mais.

– Um acordo que você quebrou quando se jogou nua nos meus braços.
– Não leve tudo tão a sério. Já não importa. Foi uma loucura de momento. Passou e nosso casamento continua só no papel.

– Com você é sempre assim. Tudo muito fácil de ser deixado de lado. Não mede as consequências dos seus atos. É a pessoa mais egoísta e mimada que conheço.

Ela o encarou sentida daquela vez – Nossa, você me odeia e só agora estou me dando conta disso.

Tiago leu a mágoa nos olhos verdes e questionou por que diabos estava tão irritado com ela, mas a verdade é que não tinha uma resposta.

– Quer saber? Mudei de ideia. Vou dormir no casarão e você vai descer comigo imediatamente!

– Ah, não vou mesmo. Tenho aguentado todos os seus insultos, mas se pensa que manda em mim está muito enganado! Vou voltar e tocar até fazer calo nos dedos.

Tiago fixou-lhe o queixo erguido numa postura clara de desafio e tomou-lhe o rosto com as mãos, as bocas quase se tocando – Por acaso eu penso sim.

– Pois tente!

Sem que ela esperasse, a atraiu para si, cobrindo seus lábios num beijo forçado e agressivo. Tentou empurrá-lo, contudo, não obteve sucesso e ele aprofundou o beijo. Intensificando o contato acabou por vencer suas resistências e o que era uma declaração de guerra se transformou em combustão total. Quando se separaram, ela sentiu as pernas bambas e o coração acelerado. Da mesma forma, Tiago estava sem chão. Tentando se mostrar indiferente, a olhou bem dentro dos olhos enquanto ela dizia:

– Não pense que tenho medo de você.

– Não tem?!

Ela fez menção de se virar. Antes que pudesse se afastar, ele a tomou nos braços e a acomodou no ombro como se fosse uma saca de ração, ignorando seus protestos ou tentativas de se soltar.

Ao ouvir os risinhos e brincadeiras dos peões, Helena sentiu ainda mais raiva de Tiago.

Ela protestou, mas ele não a soltou e quando a colocou no chão já estavam no casarão. Ele praticamente a arrastou até o quarto. Descontrolada, bateu os punhos em seu peito, sentindo as faces afogeadas e os olhos marejados.

– Não acredito no que fez comigo! Em que espécie de homem se transformou?

– Numa espécie que não aceita ser feito de bobo. Por isso, amor, se pensa que vai fazer o que der nessa sua cabeça maluca, pode esquecer.

– Primata!

– *Pri o quê?*

– Ah, não enche! – ela aproximou-se da cômoda e, pegando um pote de creme, o atirou em Tiago. Ele avançou em sua direção, contudo, antes que ele a alcançasse, trancou-se no banheiro.

Uma hora depois, resolveu sair. O quarto estava escuro e silencioso. Cautelosa, caminhou pé ante pé, mas, ao passar pela lateral da cama, alguma coisa agarrou sua perna. Desequilíbrio e Tiago fez com que caísse sobre ele. Antes que Helena conseguisse reagir, a segurou pela nuca e inverteu as posições, ficando por cima dela. – *Seu grosso!* O que pretende agora? Você me machucou. Não tem amor à vida?

– *Estou morrendo de medo...*

– Por que está aqui? Não ia ficar na casa do papai?

– Desisti.

Helena procurava as palavras certas para atacá-lo, porém, ao sentir seus corpos próximos, os lábios praticamente se tocando, não conseguiu pensar em mais nada. Capturou-lhe a boca com avidez, enlaçando-lhe o pescoço.

Tiago perdeu o controle e, cedendo ao desejo insano que dominava sua razão, arrancou a camisola que impedia o livre acesso ao corpo feminino.

Era loucura se entregar tão facilmente, ela pensou... Loucura porque desde o casamento tudo o que Tiago fazia e falava tinha o propósito de destruir sua autoestima. Seus olhos transbordaram ao pensar que seu corpo era tão traiçoeiro. Derreteu quando ele tomou um de seus seios com os lábios. Por instantes preciosos deixou-se levar pelas delícias do toque úmido em sua pele. A energia agora era indescritível. Mas, entre a paixão e o orgulho, o segundo falou mais alto. Então, ao sentir o sua ereção, ela finalmente conseguiu reagir e interrompeu o contato, empurrando-o com brusquidão. – Chega! – gritou. – Agora sou eu que não quero!

Com o coração num ritmo galopante, esperou que ele zombasse de seus sentimentos, entretanto, ele a soltou como se tivesse tocado em ferro quente.

Ela levantou-se rapidamente e, após vestir a camisola, deitou-se na cama triste e frustrada, as faces queimando de indignação. Acreditou que ele fosse fazer algum comentário desagradável, mas Tiago continuou mudo. Ela

permaneceu em suspense, até que seus batimentos cardíacos voltaram ao normal e, lentamente, o sono chegou.

No dia seguinte, Helena ainda guardava o gosto do beijo de Tiago na boca. Estava enlouquecendo. Sozinha no quarto, vestiu um short jeans, uma baby look lilás e uma botinha preta de trilha. Escovou o cabelo. Viu que tinha crescido bastante e a franja estava cumprida. Passou um protetor solar, depois foi tomar café da manhã sob o olhar atento de Maria e das gêmeas.

Na véspera Tiago tinha acertado com Carlos. Dispensou o segurança, coisa que ela pediu que ele fizesse desde o casamento.

Felizmente estava com a chave do carro e já não tinha que aguentar a vigilância daquele chato.

Pediu a Candinha que chamasse Rodrigo. Queria que o rapaz a acompanhasse até Esplanada, pois precisava fazer algumas compras. Acabaram lanchando por lá e a moça muito se divertiu com as histórias cômicas que Rodrigo contava sobre os foras que levou de Lisa. Quando voltaram para a fazenda, o tempo havia fechado e anoitecia. Mal ela saiu do carro, começou a chover.

O short Jeans e a camiseta que usava logo se encharcaram e a bota preta de camurça afundou na terra vermelha.

Despediu-se de Rodrigo e correu para casa. Assim que entrou no quarto, separou uma roupa limpa para o banho. Porém, ao abrir a porta do banheiro, deparou-se com o marido se enxugando.

Ela o fixou por alguns instantes, seu olhar passeando pelo corpo nu. Surpreso com a aparição repentina, Tiago levou alguns segundos antes de notar o estado de Helena. Os cabelos pingavam. A roupa molhada modelava seu corpo e a blusa quase transparente revelava o contorno dos seios perfeitos. Quando seus olhos se encontraram, não conseguiu conter os sinais evidentes de sua excitação e, constrangido, prendeu a toalha ao redor da cintura. Ao voltar a si, ela murmurou um pedido de desculpas e saiu rapidamente, encostando a porta com as mãos trêmulas.

Atordoada, permaneceu em pé no meio do quarto, sem saber o que fazer. Não se passou dois minutos e ele a seguiu, os olhos soltando faíscas. – Posso saber onde estava?

– Interessas? – replicou ela de costas, o coração aos saltos, as faces afogueadas.

– O que pretende com o Rodrigo?

Por um minuto, Helena pensou que ouviu mal. Porém, a expressão de Tiago não deixava dúvidas. Furiosa, voltou-se para ele e resolveu provocá-lo:

– O que você acha?!

– Estavam todos comentando que saíram juntos. Sabe muito bem como a gente daqui gosta de conversa fiada. A Lisa não se cansou de fazer insinuações.

– Que novidade! Aquela praga sempre faz insinuações maldosas. Por acaso vai entrar no joguinho dela?

– De qualquer jeito, não vou deixar que use um amigo para me atingir.

– Se eu quiser me envolver com ele é problema meu. Sou nova, saudável, não pense que vou ficar intocada só porque nos casamos. Você mesmo disse na noite do nosso casamento que eu não teria dificuldades em encontrar alguém. Não pode negar que, apesar de atrapalhado, o Rodrigo até que é um peão ajeitado!

Diante da provocação, Tiago avançou até ela e a segurou pelos ombros, apertando os dedos ao redor de seus braços. Porém, ao tocá-la, arrependeu-se no mesmo instante – Você está me enlouquecendo!

– Que bom, porque é exatamente o que você faz comigo! E quer fazer o favor de tirar suas mãos de cima de mim? – gritou, perdendo o controle.

Tiago fitou-lhe o queixo erguido, a boca cerrada denotando mágoa. Queria atender seu pedido. Não conseguiu. Buscou qualquer forma de argumento que apagasse aquele fogo, mas, de repente, estavam próximos demais. Ainda lutava para encontrar as palavras certas quando seu olhar se perdeu nos seios arfantes de Helena. Era nítido que estava tão abalada quanto ele. Parecia existir uma corrente elétrica entre os dois e, antes que conseguisse explicar o que acontecia, tomou sua boca num beijo apaixonado.

Num gesto instintivo, ela tentou empurrá-lo, mas ele a segurou firme e ela logo se deixou vencer pelo desejo. O segurou pela nuca e agarrou-lhe os cabelos, eliminando qualquer distância possível entre eles. Corpos colados, após alguns instantes, o contato se intensificou e Tiago soube que estava num caminho sem volta.

Desde a noite do casamento tentou resistir, mas não podia continuar mentindo para si mesmo e o fato é que Helena estava certa. Ela sempre o atraiu. Sempre mexeu com ele e nem depois de tanto tempo era capaz de passar por ela sem que seu corpo reclamasse. Acabou desistindo de querer explicar o que acontecia e se entregou ao momento completamente assustado

com a intensidade do que sentia.

Ele a tomou entre os braços e, quando ela passou as pernas ao redor de sua cintura, a levou para a cama. Como se estivesse em brasas livrou-a das roupas rapidamente e as atirou ao chão, juntamente com a toalha.

Admirado, contemplou os seios alvos e firmes de auréolas rosadas. Excitaram-se com um simples olhar. Depois, explorou o restante do corpo feminino. Ela arrepiou-se e, sentindo seu olhar ardente, ele a tocou avidamente. Com as mãos, com os lábios, com seu próprio corpo.

Da mesma forma, Helena o provou, o descobriu. Acariciou o membro grande e rijo levando Tiago à loucura. Enquanto sentia o contato das mãos delicadas, ele grudou os lábios em seu pescoço e esqueceu-se do que o levou a se casar e até dos motivos para não confiar na esposa. Tudo o que sabia era que estava diante de uma linda mulher, tão linda que faria qualquer um perder a cabeça. Alguém que desejava desde que se entendia por gente...

Foi como se inesperadamente uma paixão febril tomasse conta dos dois e estivessem de volta ao passado. Um entrelaçar de beijos, carinhos e palavras que pareciam estar contidos a tempo demais.

Quando a tocou intimamente e a sentiu pronta para recebê-lo, não pôde mais se conter. Assim que a penetrou, Helena se retraiu de dor e Tiago não escondeu o choque ao entender a razão de seu desconforto. Ao sentir que era seu primeiro homem, fez menção de se afastar, porém, ela o impediu e implorou para que não a deixasse.

Chocado, pensou que alimentou uma ideia completamente errada sobre a mulher em seus braços e voltou a se perder no ato de amor, tentando se redimir da indelicadeza com que a tratou.

Desde que terminou com Tiago, os relacionamentos de Helena foram superficiais. Nunca conseguiu deixar de comparar os outros rapazes com o namorado da adolescência, o que a impediu de ter um envolvimento mais íntimo. Agora que finalmente se amavam, percebeu que não queria ter vivido aquilo com mais ninguém. O que compartilhavam superou suas expectativas. Seus olhos transbordaram ao se dar conta de que o amava. E isso fez com que medo e felicidade se confundissem. Não sabia como agir, nem o que dizer.

Algun tempo depois alcançaram juntos o êxtase. Quando os corações serenaram e a explosão do desejo passou, Tiago rolou para o lado, levando-a junto com ele – Ofegante, disse após alguns segundos – Devia ter me contado.

– Como? Não imaginei que seria assim.

- Sabe do que estou falando, Helena.
- Pra quê? Não ia acreditar em mim. Ia?
- Não.

– Viu? Nem se você soubesse poderia ter sido melhor. – E não estava mentindo. Desde que voltou para a fazenda seus sentimentos andavam tumultuados. Seguia sem rumo. E, no momento em que se reaproximou de Tiago viu-se diante de uma relação que misturava desejo e amizade. O fato é que até então quis seduzi-lo e foi ela quem se deixou envolver. Completamente, irremediavelmente.

- Como é possível, Lena?

– Sendo. Desculpa se te decepcionei. Sabe o que acontece? As pessoas julgam uma mulher pela forma como ela se veste. Se coloco uma saia curta, pronto, já sou rotulada de fácil. Se eu me pinto com maquiagem forte sou porra-louca. Isso é um equívoco e um desrespeito com a liberdade de escolha. Está surpreso porque apesar de tudo que falaram de mim, e isso inclui meu pai, eu não sou tão promíscua quanto pensou!

- O que vou responder?
- Nada. Não importa.

Embora ela não tivesse coragem de confessar para ele, sabia o motivo de sua inexperiência. A verdade é que não quis ser próxima de nenhum outro homem. Só Tiago foi capaz de chegar ao seu coração.

Ele permaneceu calado. Estava mesmo muito surpreso. Não tinha coragem de expressar o que sentia por ela. De confessar que nenhuma mulher mexeu com seus sentimentos da forma como Helena fazia e que se assustava com a resposta do próprio corpo. Ficou ainda mais confuso ao pensar nas sensações que ela lhe despertava. Experimentava mágoa, raiva, atração e carinho ao mesmo tempo. Antes que pudesse se afastar, ela suspirou frustrada e falou: – Quer saber? Não vou deixar que torne minha noite menos perfeita. O beijou novamente e adormeceu em seus braços.

Quando Tiago acordou, o sol já entrava pelas frestas da janela. Notou que tinha perdido a hora, sentiu o braço dormente e conscientizou-se da presença de Helena, de onde estava e dos acontecimentos da véspera. Novamente ficou faminto por ela.

O suave perfume que desprendia dos cabelos pretos fez com que sentisse vontade de estreitá-la entre os braços, de sentir o gosto dela, mas a razão o aconselhou a se controlar, afinal, já tinha ido longe demais. Delicadamente, conseguiu se esquivar. Saiu da cama procurando não fazer

ruídos. Após cobri-la com o lençol, vestiu-se rapidamente e deixou o quarto nitidamente perturbado.

Não se passou muito tempo e Helena acordou. Passou a mão pela cama e notou desgostosa que estava sozinha. Só agora conseguia entender que Otávio estava certo. Desde que chegou à fazenda, Tiago tornou-se o centro de suas atenções e o que pensou ser apenas um jogo, era amor. E mesmo sentindo-se atraído, não correspondia os seus sentimentos. Não como antes. A verdade é que nunca o esqueceu e não suportou a ideia de vê-lo se casar com Ana. Como se a moça estivesse ocupando um lugar que era seu por direito; como se a perda tivesse se tornado real demais.

Não conseguiu conter o pranto ao perceber que era um fracasso em todos os sentidos. Não entendia porque rompeu com ele no passado ou porque propôs aquele casamento absurdo. Quando finalmente se acalmou, tomou um banho e a água foi capaz de restituir suas energias. Vestiu uma legging curta preta e uma camiseta na mesma cor e foi tomar café.

Na cozinha, notou que Maria continuava com a expressão fechada e sentiu vontade de se justificar. Então, simplesmente desistiu. Deu de ombros e saiu mordendo uma maçã.



Capítulo Sete

Ainda sob o impacto da notícia, Mauro levou a mão à testa e sentou-se no sofá perplexo com as palavras do tal Doutor Rafael. Helena não só havia se casado, como agora exigia a herança da mãe.

Só podia ser brincadeira! Sua filha única casada com um peãozinho ignorante. Não podia ser! Com certeza, era apenas mais uma forma que aquela inconsequente encontrou de levá-lo à loucura.

Estava cansado de apagar os incêndios de Helena. Cansado. A filha sempre o contrariou. Como Sílvia. Exatamente como a falecida esposa... Só podia ser castigo.

Bateu a mão no tampo da mesa com força. Subestimou aquela louca. Desde pequeno precisou se virar sozinho. Não teve um pai que o orientasse. Apenas um tio inescrupuloso. Um homem que não media esforços para atingir seus objetivos, ainda que tivesse que passar por cima de qualquer um.

Com Helena, foi diferente. A vida lhe foi generosa. Desde pequena teve tudo e mesmo assim se rebelou. Pois estava na hora de tomar uma atitude radical. Não facilitaria as coisas para Helena. Mauro avaliou os benefícios de um litígio e sorriu cinicamente. Estava ligando para o seu antigo advogado quando Célia entrou no escritório, com um olhar nada amigável. – Maria me telefonou. Já sei de tudo.

– Helena perdeu o juízo de vez. – Mauro levantou-se da cadeira levando as mãos à cabeça. Sentia dor na nuca. Estava tenso e estressado. – Dá para acreditar na gravidade do que aquela maluca fez?

– Calma. Primeiro me fala sobre o rapaz.

– Como posso ficar calmo? Minha filha me traiu.

– Você ouviu o que eu disse?

– Esse Tiago é o filho do meu administrador. Não sei se você se lembra, foi o talzinho que por um ato de loucura de Seu Altino herdou a maior nascente da fazenda. Ele inclusive morou em Belo Horizonte uns tempos. Trabalhou em uma de minhas filiais, mas não quis ficar. Como tinha potencial cheguei a me oferecer para custear sua faculdade, mas não

adiantou. Resolveu voltar para Embalança e jogou o futuro no lixo. Preferiu ser um peãozinho de nada. Está aí o resultado de sua proteção à Helena. Eu deveria tê-la internado antes que chegasse tão longe. Você me impediu, agora veja só no que ela se meteu! Vou ligar para o Doutor Flávio. Não posso permitir que ela destrua a fazenda. Preciso saber quais medidas tomar.

– Nem pense em brigar com Helena na justiça. Por enquanto estou calada e aceitando suas imposições, inclusive de me manter longe dela para forçá-la a amadurecer, mas se fizer alguma coisa contra ela vou me intrometer.

– Como assim?

– Vou contar a verdade.

– Você só pode estar delirando. Como assim contar a verdade? – Indagou Mauro, as faces pálidas.

– Agora sei que errei. Eu devia ter ido atrás de Helena. Mas quer saber? Talvez seja melhor pra ela viver na fazenda, ter alguma responsabilidade. Falei com Maria ontem. Ela está mais tranquila lá. Sem bebedeiras, noitadas. Além disso, era vontade de Sílvia que assumisse Embalança.

– Sílvia era outra desequilibrada. Você não sabe o que está em jogo. Tenho interesses lá.

– Se tem interesses, tente negociar com sua filha.

– Pelo amor de Deus, Célia. Não vê que se casou para me provocar? Há menos de um mês, Tiago era noivo da filha de meus caseiros.

– Quem sabe? Talvez esse rapaz seja a resposta para os nossos problemas. Se não fosse bom, Seu Altino não o teria mencionado no testamento. Helena já aprontou demais, ainda assim, merece uma chance. Vou ficar lá alguns dias e ver como de fato vão as coisas.

Chocado, Mauro observou Célia se retirar do escritório. Pensou nas ameaças feitas e viu-se sem caminho. Acabou por ponderar que se Helena estava casada, deixava de ser um problema com o qual teria de lidar todos os dias e todas as noites. Talvez tirasse algum proveito dessa história. Quanto ao que investiu na fazenda, um acordo satisfatório poderia ser feito. Por enquanto.

Assim que Helena se deitou na espreguiçadeira ao lado da piscina, ouviu alguém chamá-la. Ao se levantar, viu que Célia se aproximava. Pensou

que estava delirando, mas a imagem continuava a sua frente. Nítida demais para ser fantasia. Feliz, retirou os óculos de sol e, abandonando o acessório na cadeira, correu ao seu encontro.

Elas se abraçaram com carinho. – Nossa, Célia, até que enfim! Achei que meu pai ia te manter longe de mim pra sempre!

– Claro que não. Eu não deixaria. Mas conte, o que aprontou agora?

Como resposta, a jovem exibiu a aliança no dedo esquerdo – Para o ano novo, nada melhor do que uma vida nova. Se está aqui, tenho certeza de que já sabe.

– Não acreditei. Tinha que conversar com você e verificar pessoalmente. Ninguém me disse nada.

– Eu pedi. Era preciso. Meu pai ia surtar. Diga, como o *Doutor Mauro* reagiu?

– Como um pai reagiria nessas condições... Quando o vi pela última vez, estava mais calmo.

– Rá! Não acredito. É puro fingimento.

– Tem que se preocupar mais com o que sente e quer da sua vida e deixar seu pai de lado. Não me diga que envolveu o pobre rapaz apenas para afrontá-lo.

– Ih... nem conhece o Tiago e já está tomando partido?

– Não o conheço, mas em compensação eu te conheço muito bem.

– Celinha, Celinha, as coisas não são como parecem ser...

– Não seja vaga. Vai me dizer que de repente se apaixonou?

Helena jogou os cabelos para o lado e fez uma expressão irônica. Célia a seguiu até a piscina e se acomodaram em uma pequena mesa de mosaico, sob um sombrero. Pausadamente, contou o porquê de seu casamento.

Estarrecida, Célia analisou a expressão altiva da jovem ao falar – Você está cada vez pior. Não pode programar relacionamentos apenas para afrontar seu pai. Por acaso pretende viver aqui pra sempre? O que vai ser do seu marido quando perceber com quem realmente casou?

– Calma, *pra sempre* é ir longe demais. Não queime neurônios à toa. E sim, ele sabe com quem se casou.

– Ou pensa que sabe. Me deixou ainda mais preocupada. De qualquer forma, não a vejo morando na fazenda.

– Estou vivendo aqui, não estou?

– Por enquanto. – Célia arqueou as sobrancelhas e analisou a reação de Helena – Abandonou sua vida antiga completamente?

– Não! Quer dizer, não pensei. E não me pressione. Não gosto de me preocupar com o futuro. Sabe aquele filme que a gente assistia juntas todo ano?

– Sei, “E o vento levou...”

– Pois é, a personagem tinha uma frase que eu amo: “amanhã pensarei nisso”. Sou dessas. Entendeu, Celinha?

– Lena, a vida não é um filme que a gente pausa, volta ou acelera. Casar por casar foi a pior das suas atitudes, porque é um passo sério e envolve outra pessoa além de você. Cuidado, porque pode sair bem machucada disso.

– Não sei como. – Mentiu, porque sim, ela sabia muito bem como.

– E sua faculdade, como fica?

– Não fica. Você tranca. Nem sei se quero fazer Administração. Foi uma escolha do meu pai e não está dando certo. Perdi as últimas provas e meu período estava comprometido antes mesmo de eu vir pra cá.

– Porque nunca levou seu estudo a sério. De qualquer forma, vai ter que encontrar um caminho.

– Um dia, quem sabe... lembra da Scarlett^[3].

Célia balançou a cabeça entregando os pontos. Ficaram juntas até a manhã se despedir. Então Maria veio cumprimentar Célia e elas se separaram. Como a governanta se afastou, Helena aproveitou para cavalgar e foi nadar na cachoeira. Após algum tempo, Tiago veio ao seu encontro. Caminhava rapidamente, tendo o chapéu entre as mãos.

Estava saindo da água ao notar sua presença. Um sorriso começou a nascer em seu rosto, mas logo morreu ao ver que parecia fulminá-la com o olhar – O que foi? Por que está me olhando assim?

– Você pretende andar de calcinha e sutiã pela fazenda?

Helena sorriu e apontou para a roupa no chão, o que não amenizou em nada a raiva de Tiago – Um dos peões está comentando com os outros que viu minha mulher praticamente sem roupa na cachoeira. Pelo menos foi o que ouvi antes de sair de lá. Sei que está acostumada a fazer o que quer e a ignorar a consequência de seus atos, só que por aqui as coisas são diferentes.

– Sei, muito diferentes mesmo. Ai, ai! Acabou o discurso? Porque de uns tempos pra cá tudo o que tem feito é me dar lição de moral.

– E pelo visto, não escuta nada.

– Olha, *amor*, se continuar o discurso eu volto pra casa exatamente como estou.

– Você não teria coragem.

– Não? – ela o encarou irritada – Por acaso esqueceu que o nosso casamento é só no papel?

– Você afirmou que queria manter as aparências. Minha honra é tudo que tenho. Não vou permitir que a jogue na lama.

– Sua honra? Em que século estamos?

– Não brinque comigo. Se ainda não se deu conta, está vivendo numa fazenda.

– Pouco me importam seus valores rurais e antiquados!

– Não me provoque, Helena.

– Por quê? Tem medo de repetir a noite de ontem? Não se preocupe. Do jeito que você age, sei que vamos ficar no zero a zero.

Tiago a pegou pelos braços, sem conter a irritação – Você não vai me fazer de bobo! Aceitei suas condições, mas não sou um frouxo. Não vou permitir que as pessoas falem de mim.

– Claro que não. Que tal eu dizer a eles mais algumas coisinhas? Como o fato de que não é homem suficiente para passar a noite com uma mulher e encará-la no dia seguinte.

– Talvez eu esteja envergonhado por ter me deixado levar. E não abra a boca pra dizer que é uma mulher. Não passa de uma criança mimada e voluntariosa. E nem vou comentar sua grande experiência na cama.

– Sinto muito se ficou desapontado. – sem graça, ela baixou o olhar. Agora sim ele tinha tocado num ponto fraco.

– Não desapontado. Surpreso. – confusa, o encarou.

– Como assim?

– Você mostra pra todo mundo uma pessoa que não é. Seu próprio pai pensa que é viciada, promíscua, só que não é nada disso. Por que sente necessidade de chocar todo mundo?

– Está falando do que não sabe. Ficou com raiva por eu não ser a vagabunda a que se referiu na noite do nosso casamento. Que pena que não correspondi às suas expectativas. Tenho certeza que Ana saberia satisfazê-lo melhor. Lamento se preferiu meu primo. Pensando bem, *amor*, as coisas entre vocês estavam mornas demais e ela procurou um homem de verdade para satisfazer suas vontades.

Diante do sorriso cínico, Tiago não se conteve e desferiu um tapa em seu rosto – Não fale da Ana, você não chega aos pés dela!

Consternada, Helena revidou o tapa com violência – Nunca mais

encoste a mão em mim ou acabo com a sua vida!

Tiago a empurrou e se afastou antes que ela o levasse a fazer algo pior. O que deu nele? Nunca nem gritou com uma mulher. Perdeu a cabeça.

Algun tempo depois, Antônio foi procurá-lo na Fábrica de Laticínios. O rapaz estava tão tenso que o chamou para uma conversa particular.

– Os homens tão falando que ocê tá impossível. Precisa manejar. Ninguém tem culpa dos nossos problemas. Arrumar briga com os funcionários não vai resolver nada.

– Eles falam demais pro meu gosto.

– E se continuar arreliado vai arrumar briga com cada um deles.

– Pelo menos eu teria onde descontar minha raiva!

Antes de responder, Antônio passou a mão pela barba num gesto nervoso – Ouvi o que falaram de sua esposa. Sabia com quem estava mexendo, não é mesmo?

– Perdi a cabeça com aquela maluca. Ando sob pressão. Acabamos brigando feio.

– Eu vi como ela voltou pra casa. *Estava soltando fogo pelas ventas*. E olha que se casaram faz menos de um mês.

– Nem sei dizer por que fiquei tão nervoso.

– Me fala uma coisa, filho. Quando ela te deixou, você ficou mal de dar pena. E olha que ainda era só um molecote. Por que resolveu bulir com essa moça depois de tanto tempo? Ainda mais sendo desajuizada como é. Vai me desculpar, mas não aprovo nem um pouco o comportamento da sua mulher.

– Helena não é como todos pensam.

– Pois não se engane. Aquela ali não é fácil. Vi Seu Mauro perder a cabeça muitas vezes. Dói saber que em vez de se tornar meu genro, as coisas terminaram assim. Minha Ana distante e você enfiado numa união complicada como o quê!

– Nem tudo é como a gente quer.

– É verdade...

– Se serve de consolo, tenho certeza que Ana está mais feliz do que eu.

– E quem sabe? – Antônio o tocou com carinho nos ombros e se afastou desgostoso.

Helena fingiu dormir quando Tiago entrou no quarto. Não conseguia esquecer o episódio da cachoeira e sua raiva era tão grande que tinha vontade

de voar em cima do marido.

Imóvel, ouviu quando ele se despiu e pegou o edredom sobre o sofá deitando-se no chão. Não podia acreditar que, mesmo com raiva, queria estar em seus braços novamente. Era um fogo que não se apagava. Ficou horas ouvindo ele se mexer e lutou contra o impulso de se levantar. Como sentia que também estava acordado, custou a dormir. Mal amanheceu, Tiago deixou o quarto e continuaram se evitando por dois dias.

Célia observou o rapaz deixar o casarão e o seguiu até o pomar – *Tiago!*

Ao ouvir o chamado, ele se voltou. Viu a governanta de Helena e esperou que o alcançasse. Foram apresentados no dia de sua chegada. Todas as vezes que ela esteve em Embalança, sequer trocaram duas ou três palavras. Ela tinha mais contato com Ana e Maria.

Até então, não tiveram oportunidade de se conhecer de verdade. Achou graça quando ela se aproximou, pois ela e Helena eram tão apegadas que chegavam a se parecer fisicamente. Como a esposa, Célia tinha os cabelos pretos e lisos e a pele clara.

- Desculpe-me por incomodá-lo tão cedo.
- Imagina, dona Célia.
- Dona não, filho. Pode me chamar só de Célia. Podemos conversar um instante?
- Claro. Quer voltar para o casarão?
- Não, eu preferia que fosse num lugar neutro. Não quero que Helena nos ouça.

Como Alcides estava na casa de um irmão, Tiago a levou até a casa do pai, onde preparou um café. Célia agradeceu e foi direito ao assunto:

- Estou muito preocupada com a Helena.
- De fato, tem motivos pra se preocupar.
- Se sabia disso, por que se casou com ela?
- Nem sempre a gente faz o que deve.
- Sei que não me conhece direito, mas, por favor, seja sincero comigo. Você gosta da minha menina?

Tiago ficou surpreso diante de tamanha devoção e desviou o olhar antes de responder – No momento estou com tanta raiva que nem consigo dizer o que sinto. Aquela maluca me tira do sério.

- Sei que brigaram. Não conheço o motivo. Maria comentou por alto.
- O problema é que ela pensa que pode fazer o que quer.
- E você não imaginou que seria assim?

– Pra dizer a verdade, não pensei nisso quando nos casamos. Helena chegou à fazenda como um furacão. Quase morreu por causa de um mau caráter e o pai a obrigou a ficar aqui, deixando até um segurança por conta dela. Então, com o passar dos dias ela foi se aquietando. Deixou de carregar o rosto com aquelas porcarias, passou a se envolver nos assuntos de Embalança e estava tão calma, tão segura, que eu nem... bom, acabei não levando o gênio dela em conta, quando tomei minha decisão. Às vezes, eu me esqueço de que não é mais como antes. Não sei como ela pôde mudar tanto.

- De antes? A que se refere?
- Antes de perder o avô e a mãe.
- Vocês eram próximos no passado?

Tiago levantou a cabeça e sorriu – Muito. Desde pequenos. Fomos namorados, não sabia?

Surpresa, pois Helena nunca lhe falou sobre Tiago, Célia desconfiou dos verdadeiros motivos que a levaram a se casar tão impulsivamente – Se posso te dar um conselho, tente não bater de frente com ela.

– Sinto muito, Célia. Não posso deixar que brinque comigo. Se eu ceder vai me expor ao ridículo diante de todo mundo. E se eu ficar desmoralizado, os empregados não vão acatar minhas ordens. Já chega o que aconteceu por aqui.

Certa de que ele se referia à ex-noiva, assentiu: – Entendo. De qualquer forma, obrigada por conversar comigo.

– Não foi nada.

Célia se levantou e saiu da casa pesarosa. Ainda não conseguia ter uma noção clara do caráter de Tiago e temia pelo destino de Helena. Ao chegar à sede, a moça já estava acordada.

- Vou até a cidade, quer ir comigo?
- Por acaso avisou seu marido que vai sair?
- Se liga! Eu não tenho que dar satisfações da minha vida. Agora que aquele segurança chato foi embora quero aproveitar minha liberdade de ir e vir.
- Não é questão de satisfação. É consideração. Custa conversar com o Tiago?
- Custa sim. Aquele estúpido...

– Lena, não cause mais confusão. Você casou com esse rapaz pra viver em pé de guerra?

– Eu não vou pedir permissão pra sair. Não estou na Idade Média. Vem comigo ou não?

Sem escolha, Célia assentiu.

Do estábulo, Tiago observou o Land Rover passar pela alameda de eucaliptos deixando para trás uma nuvem de poeira. Mordeu os lábios tentando abrandar a raiva. Em menos de trinta dias casado com Helena, sua vida parecia uma *rinha*. Chutou o chão levantando poeira com a ponta da bota. Afinal, onde estava com a cabeça quando aceitou aquele acordo? E ter se deitado com ela, só piorava as coisas.

Contudo, embora a razão o levasse a pensar assim, não conseguia esquecer a primeira noite que passaram juntos. Não bastou ter sido feito de idiota por Ana, agora se deixava manipular por alguém que se comportava como uma criança mimada e voluntariosa.

– Calma, Tiago. A moça não é daqui. Vai levar um tempo até se habituar. Precisa controlar essa sua ciúmeira.

– Não sei do que está falando.

– Não tente me enganar, estou acompanhando seus olhos. Sei muito bem que nunca a esqueceu. Quando ficou noivo de Ana eu me calei, mas se quer saber não fiquei de acordo, mas tinha uma esperança de que vocês se apaixonassem. Ao mesmo tempo em que torcia para que esquecesse Helena, temia pelo seu futuro. Casamento pode ser o céu e o inferno ao mesmo tempo, filho. Não se pode casar com alguém sentindo menos do que amor.

Só naquele momento Tiago se deu conta de que o pai havia voltado e estava sóbrio. Feliz, o abraçou carinhosamente. – Que bom te ver assim, pai. Por falar em casamento, como foi a festa da prima?

– Uma beleza. E como meu irmão não me deixou sozinho um minuto, fiquei numa seca danada!

– Isso é que é notícia boa. Agora vê se continua limpo. Estou precisando muito de você.

– Ah, pois se resolveu se casar com a dona encrenca, o negócio é tentar viver da melhor forma possível. – e Alcides riu a valer. Não ia confessar, mas que preferia Helena como nora, isso preferia.

Célia e Helena almoçaram em Esplanada e só retornaram ao entardecer. Assim que entrou em casa, Helena foi direto para o banho. Após o jantar se recolheu sentindo uma terrível dor de cabeça. Tomou um analgésico. Estava um pouco melhor quando colocou uma camisola preta curta e se deitou. Mal se aconchegou na cama, Tiago entrou no quarto.

Imediatamente ela se virou para o lado e fingiu dormir, assim como fez nas noites passadas. Ele, no entanto, percebeu o movimento: – Ei, não adianta tentar me enganar. Vi quando saiu e sei que faz essas coisas só pra me irritar.

Helena abriu os olhos e o fixou indignada – Além de grosso, você é muito presunçoso... Como se atreve a falar comigo depois do que fez? Não pense que vou esquecer o tapa que me deu.

Envergonhado, ele desviou o olhar – Você revidou e não se esqueça também de que aquele tapa foi resultado da sua provocação. Nunca fiz isso antes, você me tira do sério.

Ele contornou a cama até ficar ao seu lado e a pegou pelo braço, fazendo com que se erguesse e ficasse de joelhos no colchão. Porém, o movimento brusco fez com que uma das alças da camisola caísse e desnudasse um dos seios. Helena notou seu olhar desejoso e se cobriu. Tensos, ambos se encararam pensando em que ponto da discussão tinham parado – O que quer agora, por acaso gosta de bater em mulher?

Tiago não a soltou – Não sou um covarde e não estou batendo em você, pode ter certeza. Embora, não vou mentir, seja essa minha vontade. É melhor entender de uma vez que meus valores antiquados são os mesmos valores das pessoas que fazem Embalança funcionar. Está brincando comigo, vamos ver se vai gostar quando eu começar a brincar com você.

– O que quer dizer?

Eles se fixaram com raiva. Ambos com a respiração agitada e os olhos brilhando de indignação. Helena sentiu o coração acelerado e odiou-se ao reconhecer que, mesmo furiosa, ainda o queria tão intensamente. Maldizia seus sentimentos e ponderava o que fazer quando ele a soltou. Deixando a pergunta sem resposta, Tiago saiu do quarto e só voltou horas depois, quando Helena já dormia.

Ela entrou no quarto escuro chamando pela mãe. Ao acender a luz, a viu caída no chão. Por um instante, não conseguiu sair do lugar. O coração se acelerou. Ao se aproximar, notou que estava imóvel... Sílvia tinha os pulsos

cortados e uma poça de sangue formava-se ao lado do corpo. Não!!! – gritou ela.

Apavorada, a adolescente tocou-lhe o rosto rígido, os olhos pareciam vidrados – *Mãe, fala comigo! Por favor, mãe, você não pode estar morta. Não é verdade, não pode ser!*

Lágrimas inundavam seus olhos e um sentimento profundo de perda dificultava sua respiração. Desesperada, pediu socorro. Estava frio. Sentia tanto medo. Gritou e gritou, mas ninguém a ouviu. Precisava buscar ajuda. Levantou-se com as pernas trêmulas e, chamando pelo pai, correu. Continuou correndo até cair na mais completa escuridão...

Tiago acordou assustado com os gritos de Helena. Rapidamente foi até a cama e viu que ela se contorcia e chorava numa expressão aflitiva. Assustado, a acolheu entre os braços até que se acalmasse. Levou alguns minutos até que ela despertasse. – *Calma, Lena. Foi só um sonho ruim. Estou com você. Estou aqui.* – Só aí ela abriu os olhos e respirou aliviada

– Não foi só um sonho, foi real... é tão horrível. Tenho sempre este pesadelo. Não consigo me lembrar do que aconteceu na noite em que a minha mãe morreu. Sei que a encontrei e depois caí da escada. Tenho certeza de que vi ou ouvi alguma coisa que me deixou desorientada, mas não sei o que é. Não lembro, não lembro... Nunca consegui me lembrar. Tiago sentiu-se mal com o sofrimento dela. Fez um carinho no rosto dela e a abraçou ainda mais.

– De qualquer forma, já passou. Estou com você agora. Vou ficar aqui do seu lado.

Ela se acalmou e percebeu o quanto quis conversar com Tiago naqueles últimos dias em que tudo o que faziam era só discutir. Ao ver que estava mais serena, ele fez menção de se levantar. Vulnerável, ela o impediu – Não, por favor, fica comigo. Você disse que ia ficar.

Ele pareceu refletir um instante e acabou se deitando ao lado dela novamente, tocando-lhe os cabelos com afeto. Emocionada, Helena retribuiu o gesto e se aconchegou ao marido até sentir seus rostos bem próximos – Por que brigamos tanto?

– Não sei. Como sei que não deveria estar aqui.

– Por quê? – Ela permaneceu em suspense. Queria se reconciliar, dizer que estava sofrendo. Porém, não tinha coragem de se oferecer mais uma vez. Surpreendeu-se quando ele cobriu seus lábios impetuosamente. Naquele

momento, deixou o orgulho de lado e o abraçou com ardor. Foi o suficiente para que os dois se incendiassem. Tiago a despiu lentamente e percorreu seu corpo com os lábios. A beijou intimamente, provou o gosto dela, fazendo com que ela se retorcesse de prazer. Então, quando ela teve um orgasmo, a puxou para cima dele e invadiu o corpo feminino como quis fazer cada segundo desde que a teve nos braços pela primeira vez. Era a vez dele de ir ao céu. A noite avançou e ambos não se cansavam de se tocar. Amaram-se repetidas vezes e só quando amanhecia é que o sono os venceu.

Ela acordou quando o dia amanhecia. Daquela vez, no entanto, Tiago estava ao seu lado. Seu rosto ficava ainda mais bonito quando relaxava. A pele morena contrastava deliciosamente com a dela, tão branca. Um de seus braços envolvia-lhe o corpo. Umedeceu os lábios ao observá-lo risonhando. O peito liso e quase sem pelos era bem definido. As pernas longas e musculosas. A franja do cabelo curto caía displicentemente em sua testa, num convite claro a tocá-la. A expressão dele era tão bonita quando dormia...

Helena se perguntou o que a levava a perder o controle quando estava com ele. Que sentimento era aquele que jogava por terra seu amor próprio e a fazia esquecer toda e qualquer mágoa? Voltou-se para ficar face a face com ele e o observou atentamente, até que finalmente ele abriu os olhos azuis-acinzentados e a fitou: – O que foi?

– Nada. Estou pensando que desta vez você não pôde fugir.

– Talvez eu não quisesse...

– Mentira! Acordei primeiro.

– É verdade. Você me deu muito trabalho esta noite. – Viu que Helena desviou o olhar e ficou claro o rubor em suas faces.

– Não acredito! Pela primeira vez te deixei sem palavras?

– Jogo sujo. Será que não posso dizer o mesmo?

– Para quem detesta conversar quando acorda está muito faladeira.

– Com você é diferente.

– É? – Perguntou, divertindo-se.

Ela se enfezou e decidiu levantar, mas Tiago a segurou pela mão – *Aonde está indo?*

– Tomar banho. Pretende controlar a água também?

– Não. Pelo contrário. Vou com você. – Ele riu e, antes que ela pudesse reagir, tomou-a nos braços e caminhou em direção ao banheiro.



Capítulo oito

Célia estranhou, pois, desde que chegou à fazenda, aquela foi a

primeira manhã em que Tiago tomou café com Helena. Atenta, notou a comunicação silenciosa entre o casal.

Quando ele se levantou, piscou para a esposa e tocou seus lábios rapidamente antes de sair. Helena corou e acompanhou cada um de seus passos com o olhar e Célia compreendeu claramente o que se passava.

Helena podia não assumir, mas estava apaixonada pelo marido. Claro que estava. – Ele é um bonito rapaz.

A outra se surpreendeu e logo respondeu:

– Hum... é mesmo e sua observação significa quê?

– Você gosta dele, Lena... Não posso acreditar!

– Nem eu. Não de novo. – Murmurou.

– O que disse?

– Nada importante e pode tirar esse sorriso bobo da cara. Gosto do Tiago como de qualquer amigo. E não é sempre que gosto dele, se quer mesmo saber, às vezes eu o odeio.

– Eis o problema! Você não admite que está apaixonada pelo seu marido.

– Não estou não! Estamos juntos porque achei conveniente. Nossa união não passa de um acordo. Um acordo que, por enquanto, não se mostrou nada vantajoso.

– Meu Deus! Você age como se tratasse de um negócio. Tem noção da pessoa manipuladora e falsa que está se tornando?

– *Que saco! Pode cortar o sermão!* – Irritada, empurrou a cadeira sob o olhar desgostoso de Célia e caminhou grande parte da manhã.

Helena jamais admitiria seus sentimentos para alguém. Tiago não a amava e ficaria muito vulnerável se notasse o poder que exercia sobre ela. Passava das duas da tarde e resolveu ir até as baías para ver Liár. Desde cedo, sentiu falta dos cães e resolveu procurar Tiago para saber se estava com eles.

Viu Rodrigo conversando com Jairo e lhe perguntou se sabia do marido.

– *Acho que no galpão, patroinha. Se quiser posso ir lá dar uma olhada.*

– Não, deixa que eu mesma vou.

Helena entrou no local chamando por Tiago, mas parecia não haver ninguém lá dentro. Estava quase saindo, quando se assustou com um dos peões parado atrás dela.

Lembrava-se vagamente de Rodrigo chamando-o de Pedro.

– Por acaso viu meu marido?

– *Não. Se a moça tá com precisão de alguma coisa pode falar que terei prazer em servi-la.*

Helena sentiu um cheiro nauseante de álcool e algo no olhar do homem a intimidou. Magro, moreno e alto, estava com a barba por fazer. Os cabelos castanhos eram encaracolados. Mal-encarado, tinha o rosto anguloso e uma falha na sobrancelha esquerda. Provavelmente, uma cicatriz.

– Não estou precisando de nada, obrigada. Se me der licença, quero passar.

– *Carma, dona!* – ironizou, impedindo-lhe a passagem – *Eu lhe vi ainda outro dia na cachoeira. Beleza de se olhá. Quase me aproximei, só que Tiago chegou e não achei certo arrumá confusão na hora. Não que num valesse a pena, mas o patrãozinho é esquentado. Agora, estando só nós dois aqui, fico me perguntando se a moça é mesmo pra frente como todos dizem.*

Helena o fulminou com o olhar – Quer parar de dizer absurdos e sair do meu caminho?

Ela se assustou quando o homem praticamente pulou em cima dela e a estreitou entre os braços. Ficou enjoada com o odor desagradável que mesclava bebida e suor. Ele apertou seu corpo com violência e, pela primeira vez na vida, teve medo do que poderia acontecer com ela ali naquele galpão.

– Ficou louco?! Tire suas mãos imundas de mim ou vai se dar mal. Tiago vai acabar com você.

– *Nesse momento ele num tá aqui e ocê num pode nada contra mim. Acha que pode provocar a peonada se exibindo pela fazenda e depois dizer não?!*

Helena lutou tentando se libertar, mas ele foi mais forte e a derrubou no chão. Entrou em desespero ao sentir o peso de seu corpo sobre o dela, não podia acreditar no que estava acontecendo, tentou gritar, mas ele quase a sufocou com as mãos sujas, então, para seu alívio, alguém o pegou pelos ombros e finalmente viu-se livre do agressor.

Enraivecido, Tiago socou o homem até que caísse inconsciente. Quando ele tombou aos seus pés, voltou-se para Helena e, enquanto a ajudava a se levantar, percebeu como ela tremia. Passou a mão em seus cabelos tentando ajeitá-los e perguntou aflito: – O infeliz te machucou?

– Um pouco, apertou meus braços, minha boca, mas graças a você não conseguiu o que queria.

Tiago viu as marcas da violência na pele clara. Sentiu o estômago

revirar. A boca dela tinha um corte. Se não tivesse chegado a tempo, Deus sabe o que seria de Helena. Suspirou aliviado e a abraçou pedindo que se acalmasse. Ela estava tremendo muito. A blusa rasgada nos ombros por conta da luta contra o agressor.

– Realmente fiquei com medo. Se você não chegasse a tempo esse homem nojento ia... – Não pensa mais nisso. Nunca gostei desse peão. Sempre insatisfeito, arrumando brigas e bebendo muito. Pode ter certeza de que ele não vai mais trabalhar aqui. Só não entendi o que veio fazer sozinha no galpão.

– Vim te procurar. Na realidade eu queria saber se estava com os cães.

– Acabei de deixar aqueles dois no casarão. Eles me seguiram até pouco tempo atrás.

– Só de pensar no que ele pretendia, fico enjoada.

– Então não pense. E não me faça pensar, ou mato esse sujeito.

Os olhos de Helena transbordaram e Tiago secou suas lágrimas com delicadeza, tomando-lhe os lábios num beijo suave.

Rodrigo chegou segundos depois, interrompendo o momento. Ao se inteirar dos fatos, ficou perplexo.

– Você vai mandar esse traste embora de Embalança assim que ele acordar. Vou fazer as contas e você acerta com ele! – esclareceu Tiago.

– *Tá certo, mas e o Seu Mauro? O sujeito é contratado dele, sô!*

– Ele não decide mais quem trabalha aqui.

Na manhã seguinte, Helena ainda não havia se esquecido do episódio no galpão. E nem tinha como se esquecer. Tinha marcas roxas nos braços e no rosto. Contudo, como Tiago estava na cidade, resolveu cavalgar um pouco.

Alcançou uma das divisas da propriedade, visitou algumas plantações e, inesperadamente, deparou-se com Alcides. Como ela, o sogro seguia a cavalo – *Vim campear as cercas. Tá tudo bem?*

Ela assentiu, acenando com a cabeça.

– Pois não devia estar aqui sozinha depois do que aconteceu ontem.

– Não posso me esconder no casarão pra sempre.

– Pedro ainda está com raiva. Não é prudente se expor.

– Tiago me disse que ele foi embora.

– Nunca se sabe o que esperar de um cabra safado como aquele.

– Ele estava bêbado, não teria coragem de me abordar novamente.
– Bom, se você diz isso, não sou eu quem vou contradizer. Mas toma cuidado. De qualquer jeito, eu queria mesmo lhe ver e me desculpar por não ter comparecido ao casamento de vocês.

– Não tem problema, sogrinho. Sentimos sua falta, mas Tiago me contou que precisou viajar.

Alcides emparelhou os cavalos de modo a ficar frente a frente com a nora – Pra ser honesto, nunca concordei com esse romance e fiquei aliviado quando terminaram o namoro anos atrás. Sabe como é, moça da cidade, filha de pai rico e moço do interior. Não podia dar certo e não queria que meu único filho se decepcionasse.

– Você sabia?

– Todo mundo sabia, só que ninguém ousava comentar nada. Primeiro por causa de seu avô, depois pelo seu pai. Quanto a Seu Altino, é claro que percebeu, mas era esperto demais pra se manifestar.

– É verdade. Achei o diário de meu avô. Tenho certeza que ele descobriu.

– Acho que foi por isso que deixou aquela terra pro meu filho. Era uma forma de unir os dois.

– Não pensei por esse lado, faz sentido.

– Só que depois que ele morreu, as coisas mudaram. Não gostei de ver você ignorando meu menino ao longo dos últimos anos, porque apesar de saber o quanto eram diferentes e temer um relacionamento entre vocês, eu também sabia como ele se sentia e ele gostava muito de você. Fez questão de humilhar o Tiago e, não me leve a mal, mas não consigo entender como ele te aceitou de volta.

Envergonhada, Helena não encontrou uma resposta. Era verdade. Não foi uma nem duas vezes que ela se exibiu com um “ficante” na fazenda.

– Agora que fizeram a besteira de se casar, quero dizer que pode contar comigo se precisar de alguma coisa.

– Obrigada. Você está com uma aparência ótima.

– Estou apenas sóbrio, minha filha. Antes era difícil demais encarar a vida sem minha companheira.

– Eu posso entender. Também andei aprontando por aí.

– Ainda é muito nova. Tem tempo pra fazer tudo o que quiser. A única coisa que eu vou te pedir é para não deixar o meu menino infeliz. Tiago é um filho de ouro e já sofreu demais.

Helena não soube o que responder e preferiu ficar calada. Após algum tempo, Alcides se despediu e ela decidiu voltar para o casarão. Soube por Antônio que Tiago ainda estava na cidade e foi à procura de Célia. Assim que chegou à sede, reconheceu o carro do pai e o mal-estar foi inevitável.

Subiu os degraus da varanda lentamente e o encontrou na sala, na companhia da governanta.

– Ora, ora, quem está aqui...

Mauro segurava a mão de Célia. Surpreendendo-se com a entrada repentina de Helena, a soltou e levantou-se do sofá abruptamente.

Analizou o estado da filha. Não trajava as roupas habituais e, pela primeira vez em muitos anos, estava com o rosto limpo, sem a maquiagem pesada e destacavam-se as marcas roxas da violência que ela sofreu na véspera.

Helena passou a mão pela calça Jeans justa e, ajeitando a camiseta branca na cintura, observou-lhe a expressão fechada que em nada combinava com seu rosto ainda jovial, os cabelos louros e os olhos verdes como os seus.

– Antes que comece a mostrar as garras, quero dizer que já falei com seu advogado e vim aqui a fim de termos uma conversa civilizada.

– Desde quando sabe o que é ser civilizado? Porque comigo sempre foi autoritário e radical.

– E você, sem comentários para o seu comportamento. Sempre sem limites e disposta a fazer qualquer coisa para me atingir. Como, por exemplo, casar-se com um dos meus empregados.

– Estava demorando. Se veio aqui com a intenção de prejudicar o meu casamento, eu vou dizendo que... – Pode parar! – interrompeu Mauro estendendo as mãos – Eu não vim aqui para me envolver nesse assunto. Se tomou essa decisão estúpida, faça o que quiser da sua vida. Problema seu.

– Ótimo. Também acho.

A ironia o tirou do sério.

– Pior pra você. Vamos ver como se comporta sem suas roupas caras, as boates e nem preciso falar no resto. Seu marido sabe mesmo com quem se casou? Porque por mais ignorante que possa ser, não acho que merecia uma esposa como você.

Célia tentou intervir, porém, a discussão entre pai e filha se intensificou. Ambos exaltados e se atacando sem limites. Em dado momento, Mauro perdeu o controle e avançou sobre Helena. Célia entrou no meio, contudo, acabou se desequilibrando e caiu. Ambos a socorreram. Justamente

naquele momento, Tiago chegou.

– Vocês não têm mais jeito! – Gritou Célia, com os olhos marejados – Nem parecem pai e filha. Acaso têm noção do mal que estão causando um ao outro?

– Você sabe que ela me provoca! – justificou Mauro.

– Eu? Você é quem está sempre me julgando.

– Quer saber? Não adianta tentar conversar. – Com os olhos flamejantes ele dirigiu a atenção para Tiago – Quanto a você, rapaz, veja bem o que fez. Sua vida vai se tornar um inferno, ela vai te levar à loucura. E se pensa que conseguiu alguma coisa com isso, pode esquecer. Tudo o que ela possui é fruto de herança e doações e você não tem direito a nada. Conte-se com o que recebeu do velho e largue Helena enquanto é tempo.

Tiago o encarou ofendido – Acredita mesmo que o único valor de sua filha está nos bens materiais que possui?

– Ah, pelo amor de Deus! Não me venha com esse papo furado. Até outro dia estava noivo de Ana. Sei muito bem que Helena não tem nenhum encanto que possa atraí-lo. Vocês pertencem a mundos bem diferentes.

– Nossa vida juntos não interessa a ninguém. Pode guardar suas opiniões. Fala da sua filha e se comporta tão mal quanto ela.

Célia novamente interveio – Por favor, Tiago, tire a Helena daqui. Quero conversar com o Mauro. Quero dizer, com Seu Mauro.

Helena, no entanto, ofereceu resistência – Não vou deixar ele falar tudo o que quer sobre mim sem me defender.

– Vamos deixá-los sozinhos. – pediu Tiago.

– Você não manda em mim! – zangada, olhou para o marido, erguendo uma das sobrancelhas para desafiá-lo. Impaciente, Tiago a tomou à força e a jogou sobre os ombros, ignorando completamente seus protestos. Ambos deixaram a sala sob o olhar atônito de Célia e Mauro.

Ao entrar no quarto que ocupavam, Tiago trancou a porta e a colocou no chão.

– Não acredito que fez isso comigo! – Gritou chorosa. Sentia muita raiva dele naquele momento.

– Quando você age com teimosia, merece mesmo ser tratada como criança. Faço uma ideia do que seu pai já passou com você.

– Por acaso está do lado dele?

– Eu não tenho um lado. Sou um estúpido que se casou com você sem pensar nas consequências e agora caiu na real.

– Pois eu vou voltar àquela sala imediatamente. – ela avançou para a porta, porém, ele a deteve – Ah, não vai não. Célia fez um pedido e você vai respeitar.

– Você me paga! Não tem o direito de me dar ordens!

– Não tenho medo das suas ameaças.

– Por que está sempre contra mim? Pensei que fosse me defender. – ele a fixou desanimado. A mágoa era nítida nos olhos verdes. Vê-la tão vulnerável, amenizou sua expressão – Vocês não se respeitam. Ninguém pode ser feliz assim.

– Meu pai é o culpado.

– Não é só ele que tem culpa. Você mostra pra ele o que tem de pior. Conheço suas qualidades, mas tenho certeza que ele desconhece. Não entendo como pode ter vivido por tanto tempo essa vida vazia, infeliz. Querendo chocar o seu pai, carregava o rosto com pinturas pesadas, estranhas, e se escondia atrás de roupas que eram, no mínimo, vulgares. Você mostrava uma pessoa, mas é outra bem diferente. Por que quer alimentar essa imagem ruim que ele tem de você?

– Já te falei que a roupa não faz ninguém... cada um tem seu estilo.

– Deve ter razão, mas você não se vestia assim quando a gente namorava. A roupa não faz ninguém, mas o comportamento faz a pessoa. E o seu mudou da água pro vinho. Andou com pessoas que só queriam te usar, como fez aquele miserável que quase te afogou na lagoa. Fico arrepiado só de pensar naquela noite, no que teria acontecido se eu não estivesse lá. E antes de vir pra cá chegou até a ser presa. Por que se maltrata tanto?

Helena deu-lhe as costas e caminhou até a janela – É como sou. Não posso mudar.

– Eu prefiro acreditar que pode. Você era diferente. Alguma coisa da Helena que eu conheci ainda está aí.

– Está se enganando. Aquela Helena morreu.

– Não, não morreu. Se fosse assim eu não teria sido seu primeiro homem.

Ele foi até ela e fez com que se voltasse para ele. Sem que esperasse por isso, tocou-lhe delicadamente o rosto, os cabelos e os lábios.

– Olhe pra você, de cara limpa e com essas roupas simples está tão bonita. Tão diferente. Comida boa e sono a deixaram quase tão cheia de vida quanto a menina que conheci um dia. Pense nisso. Todo mundo tem o direito de recomeçar. – Sentindo sua resistência, resolveu deixá-la sozinha. Ao

passar pela sala, Mauro o chamou.

– O que deseja?

– Quero pedir desculpas. Helena me tira do sério. Vim aqui apenas para conversar com vocês.

– Sobre? – perguntou Tiago, desconfiando da atitude do sogro. Afinal, obviamente ele não estava feliz em tê-lo como genro.

– Diga a sua esposa que não vou brigar pelo controle da fazenda. Eu aceito a decisão dela, contudo, tenho interesses aqui. O haras é um negócio meu. E existe também a área de eventos da *Lançatec*. Sempre promovemos a feira de agricultura da região. Não posso abrir mão das instalações que construí. Por estarem localizadas a vinte hectares da sede, precisei investir muito em infraestrutura.

Tiago assentiu – Vou falar com Helena.

– Também quero saber se continuará cuidando dos meus animais. Célia me colocou a par da situação e disse que é você quem vem administrando a fazenda.

Constrangido, Tiago quis se explicar, todavia, Mauro o impediu – Não se preocupe, quero apenas uma resposta positiva.

– Por mim tudo bem. Acredito que Helena também vai concordar.

– Ótimo. Fale com o advogado dela então. Diga que estamos acordados. Que não é necessário um processo. Helena já causou tantos escândalos e não quero mais me expor. Sou uma figura pública e tenho um nome a zelar.

– Entendo. Vou falar com o Doutor Rafael.

– Espero que continue o bom trabalho que vem desempenhando. Se deixar os negócios na mão de sua esposa, todo o patrimônio vai se acabar em questão de dias.

– Não se preocupe. Daqui por diante, Helena é assunto meu.

Mauro inclinou o queixo intrigado e acompanhou-lhe os passos enquanto se afastava. Helena estava quieta demais e tinha até medo do que planejava fazer. Sabia muito bem que a filha não era capaz de gostar de ninguém e Tiago era só mais um brinquedo em suas mãos. A arrogância do rapaz, no entanto, o incomodou profundamente. Ele estava muito seguro de si. Isso não era bom.

Por volta das sete da noite, Mauro saiu do casarão e foi se encontrar

com Pedro.

Estacionou o carro numa encruzilhada em meio à estrada de terra, no mesmo lugar onde costumavam se encontrar e interpelou o rapaz assim que este se aproximou – Você não tem juízo? Como teve a coragem de atacar minha filha?

– Eu bebi foi muito. Na hora, nem pensei. A diaba é bonita demais.

– Mais respeito comigo, seu infeliz!

– Desculpa, Doutor.

– Não podia ter feito uma burrada dessas. Acabou perdendo o emprego.

– Não suportava mesmo trabalhar com o Tiago. É muito certinho, estava sempre em cima de mim. Vigiando cada passo.

– De qualquer forma, acho que veio em boa hora. Vai ter que se amoiatar por uns tempos na cidade vizinha. Pretendo me desfazer dos animais, mas precisa parecer um roubo. São propriedade da empresa e estou precisando do dinheiro. Assim que chegar a hora te aviso. Até lá vamos mantendo contato.

– Certo, chefe.

Mauro lhe entregou algum dinheiro para se manter e partiu apressado. Ultimamente, os problemas se amontoavam.

Na manhã seguinte, Célia voltou para a cidade com o patrão e a vida na fazenda assumiu sua rotina.

Parecia incrível. Morava em Embalança há mais de três meses... Não conseguia acreditar. Desde que se casou com Tiago, parecia outra pessoa, já que seu universo e as necessidades mudaram. Se por um lado viviam um relacionamento conturbado, por outro sentia-se menos inquieta. Porém, ele precisou viajar a negócios. Com sua ausência, a velha sensação de vazio voltou. E se sofria com sua ausência, ele devia estar feliz com a distância. Entediada, aproveitou a oportunidade e convidou Íris para visitá-la.

Em menos de uma semana de convivência com a ruiva, Helena aderiu à velha imagem e, sob o olhar reprovador de Maria e Antônio, passou a se comportar como antes, saindo todas as tardes e noites. Talvez, questionava, só se reencontrasse em sombras.

Apreensiva, Helena observou os carros estacionados na grama, em frente o casarão.

Íris alegou que precisavam *agitar* um pouco a fazenda e convidou alguns amigos, mas, pelo visto, exagerou – *O que foi, amiga? Não tá se sentindo bem?*

Helena a encarou e deu de ombros – Ainda bem que o Tiago não está aqui. Ele não ia gostar nem um pouco, você só chamou rapazes.

– Dá um tempo. Você pirou. Saiu do controle do papai e se deixou enrolar pelo caipira. Nunca pensei que gostasse de curral e poeira.

Helena se ofendeu – Não fala assim.

– Ah, para, né?! Não vai me dizer que está apaixonada pelo peão? – insinuou a ruiva, chocada.

– Claro que não! – mentiu – Já contei o que precisei fazer. Minha vida estava um inferno. Agora, pelo menos, não tenho que aguentar as ameaças do meu pai.

– Aqui é bom pra descansar. Mas morar, Helena, de jeito nenhum. É um tédio. Como você está suportando? E a cidade? Não tem uma boate que preste. Fazer compras, então, nem pensar. Cai na real! Está casada com Tiago há mais de um mês. Pede o divórcio, vende as terras e cai fora.

– Não é fácil como você pensa. De qualquer forma, ainda é cedo. Meu pai está atento. Vem aqui com a mesma constância de antes. Usa a desculpa de que precisa verificar seus bichinhos premiados.

– Ele é muito esperto. Eu no seu lugar, levando essa vidinha horrível, tinha surtado. Bom, vou receber meus amigos. Depois a gente conversa.

Helena percebeu o modo à vontade como Íris se movimentava em sua casa. Dava ordens como se fosse a dona do pedaço e encarava qualquer um com ar de superioridade. Até se divertia com o modo como falava com Lisa, mas não gostava quando maltratava Candinha. De repente, percebeu que sentia desconforto na presença da ruiva. Mesmo estando com ela continuava entediada.

Pensou em Tiago, na sua falta de consideração. Desde que saiu da fazenda não lhe deu sequer um telefonema. E ainda teve a coragem de mandar notícias através de Rodrigo, como se ela não representasse nada em sua vida. Pois bem! Ele não merecia que ficasse a sua espera, o que só reforçou sua decisão de se divertir.

Tiago estava fora de casa há quinze dias. Sem avisar ninguém de sua volta, chegou à fazenda no sábado, ao anoitecer. Ficou realmente cansado, o

carro deu problemas na estrada e, por estar ausente há duas semanas, tinha medo do que poderia encontrar.

Preocupava-se com o comportamento do pai e, sobretudo, com o comportamento de Helena. Desde que se casaram, brigavam feito cães e gatos. Às vezes, ficavam sem se falar por uma semana. Discutiam sob qualquer pretexto e o que ele não conseguia entender, era que mesmo em meio à turbulência, continuava louco por ela. Helena tirava sua paz, seu sossego. E não bastasse aquele desejo estúpido, morria de medo que o deixasse. Não confiava na esposa e a cada dia que acordavam juntos, questionava se ela ainda estaria ali quando anoitecesse.

Ao chegar ao casarão, viu que seu faro não falhou. A primeira coisa que notou foi a troca de olhares entre Maria, Antônio e Candinha, que mal o cumprimentaram – O que aconteceu, gente?

– Como assim, Tiago? – perguntou Antônio – Mal põe os pés na fazenda e quer adivinhar como são as coisas?

– Vi o modo como me receberam. – explorou o interior da casa com os olhos – Cadê minha mulher?

– Saiu! – informou Lisa, em alto e bom som – E espero que não se importe com a galhada porque sua mulherzinha não para mais aqui e *tá* é muito bem acompanhada, viu?

– O que está insinuando? Onde ela foi? Falem de uma vez! – voltou-se para Maria e Antônio que permaneciam calados. – Alguma coisa está errada. Posso ler na cara de vocês.

Maria fulminou Lisa com o olhar, mas resolveu ser honesta:

– Olha, aquela amiga dela, a talzinha da Íris, se abancou aqui faz uma semana e hoje à tarde chegaram mais seis rapazes. Saíram lá pelas cinco da tarde e até agora não voltaram.

– Entendo. – Tiago não pôde esconder a raiva. Com a pequena bolsa de viagem na mão, seguiu para o quarto. Tomou um banho, comeu qualquer coisa e depois ficou esperando por Helena.

A todos os momentos conferia o relógio. Quando o ponteiro marcou meia-noite, decidiu que iria atrás deles, fosse onde fosse. Calçou as botas e procurava a carteira, quando ouviu o som de carros se aproximando.

Da janela da casa, viu quando um dos homens ajudou a tirar Helena do carro e a pegou os braços. A raiva era tamanha que não podia se conter.

Empurrou a cortina e caminhou rapidamente até a porta. Assim que Íris a abriu, avançou até o rapaz – Por favor, deixa que eu carregue minha mulher!

Tiago tomou Helena nos braços e passou pela ruiva sem conseguir esconder o quanto estava furioso. Helena exalava o cheiro de bebida. Novamente estava com o rosto pintado e as roupas escuras que ele detestava.

Ao colocá-la na cama, tirou suas sandálias e foi até o banheiro, onde deixou o chuveiro ligado. Ao voltar para buscá-la, viu que falava algumas coisas sem sentido. Nem se preocupou em despi-la e a colocou sob a água fria.

Ela então abriu os olhos e o encarou assustada, dizendo num tom pastoso – Por que está fazendo isso comigo? Não está certo... estou com frio.

– Amanhã a gente conversa.

– Você voltou ou estou delirando?

– Os dois.

– Senti sua falta...

– Estou vendo como.

Após o banho forçado, Tiago a ajudou a tirar o vestido grudado e a se secar. Pegou um pijama qualquer e só deixou o quarto quando ela adormeceu. Encontrou o pessoal na piscina e avançou para cima de Íris – Escuta aqui, você não tem vergonha do que faz? Acha que Helena é um brinquedo?

– Não te devo satisfações, *caipiboy*! Era só o que me faltava!

– Mas ela sim. Não me importa o relacionamento que tinham antes, Helena casou comigo e não vou permitir que continue destruindo sua vida. Se não pegar seus amigos e sair daqui agora, vou chamar a polícia.

– Você não tem o direito!

– Ah, tenho sim. Por acaso sabe o que é invasão de domicílio?

– Bravo! Não é que o peãozinho fala difícil quando quer?

Preocupados, Maria e Antônio deixaram a varanda e foram verificar o que acontecia. Um dos rapazes resolveu tomar as dores de Íris e avançou em Tiago que, nervoso, não conseguiu se conter.

Minutos depois, Antônio que, temeroso, assistia a briga, resolveu interferir – *Solta ele, Tiago! Tá bêbado e você já o machucou demais.*

Ainda furioso, Tiago o largou. Voltou a atenção para Íris que, sem outra opção, recolheu algumas coisas no chão e pediu os amigos para deixarem a fazenda. Com expressão de desafio no olhar ela o encarou – Escuta aqui, seu bronco! Não pense que vou deixar barato! Você ganhou uma inimiga fiel. Vamos ver quanto tempo dura seu casamento de papel. Helena não serve pro seu mundinho pobre... não é um borra-botas como você que vai dominá-la.

– Arrogante. Por mim, desde que fique bem longe de nós, você pode pensar e falar o que quiser.

Quando ele lhe deu as costas, Íris comprimiu os lábios com ódio e, naquele momento, jurou dar o troco.

Na manhã seguinte, Helena acordou com uma terrível dor de cabeça. Estava enjoada demais e sentia a pressão oscilar. Ainda tentava se conscientizar dos acontecimentos da véspera quando Maria entrou no quarto trazendo uma xícara de café. Só de sentir o cheiro, uma forte náusea a acometeu.

– Pelo amor de Deus, leva isso daqui.

– Foi Tiago quem mandou trazer.

– Não quero.

Contrariada, Maria voltou para a cozinha com o café e retornou minutos depois – Querendo ou não, vai ter que colocar alguma coisa no estômago.

– Não dá.

– Você bebeu ontem. Se não se alimentar hoje, vai passar mal. Vou fazer um chá de boldo e vai tomar nem que seja à força.

Maria trouxe o chá e Helena desistiu de dormir. Recostou-se à cabeceira da cama e torceu o nariz para o líquido fumegante que foi posto em suas mãos. Tremia tanto que deixou Maria impressionada – Tem certeza de que isto é engolível?

– Deixe de nove horas, menina. Não é gostoso, mas faz bem para o fígado.

Helena fez um esforço para ingerir a bebida amarga. Quando tomou o último gole, entregou a xícara para Maria – O que aconteceu ontem?

– Não se lembra?

– Algumas coisas. Tiago chegou, não foi?

Irritada, a outra assentiu – Ele deve estar uma fera. E quanto à Íris e os outros?

– Graças a Deus, eles se foram.

– Como assim, foram?

– Não imagina mesmo o que aconteceu? – a moça negou e Maria esclareceu:

– Seu marido os fez correr daqui. Estavam como loucos. Um até avançou em Tiago, mas teve bem o que merecia. E aquela ruiva, Deus me livre, é a pessoa mais aproveitadora que já conheci. Uma mulher casada não

pode se comportar como você. Chegar da rua no colo de um estranho, completamente tonta. Sinto muito se não quer ouvir, mas não consigo ficar calada. Fui amiga de sua mãe e sei que Sílvia ficaria arrasada se visse o que está fazendo com sua vida. E, pior, com a vida do Tiago. Já basta o que esse menino vem passando com o pai, não merecia uma esposa como você!

Helena segurou a língua pra não soltar um desaforo e perguntou em tom de deboche: – Diga, Maria, na sua opinião como uma esposa deve se comportar?

– Não faça hora comigo! – contrariada, Maria se retirou e Helena comprimiu as mãos nervosamente.

Ela se sentia tão mal que ficou na cama grande parte do dia. Ao entardecer, entretanto, sentiu-se mais bem-disposta. Conseguiu se alimentar e, como de hábito, sentou-se à beira da piscina sob o sombreiro.

Uma onda de náusea a acometeu e questionou se seu fígado estaria, de fato, abalado. Algum tempo atrás, reconhecia, havia exagerado na bebida, só que na noite anterior, não se lembrava de ter se alcoolizado. No máximo, tomou uma latinha de cerveja ou duas. De qualquer forma, o fato é que ficou mal.

Naquele momento, viu uma sombra se projetar a sua frente e soube que Tiago estava atrás dela – Pensei que nunca mais te veria nesse estado. Pelo visto, me enganei.

Ela não se moveu. Ele avançou mais alguns passos e ocupou a cadeira a sua frente – Não posso tolerar a presença de seus amigos aqui! Não mesmo.

– Não te dei a liberdade de controlar minhas amizades!

– Além de bêbada, estava no carro com dois homens que eu nunca vi na minha frente.

– Ah, agora entendi. Está preocupado com o que os outros vão pensar.

– Estou preocupado comigo. Com o papel de palhaço que estou fazendo. Bastou eu viajar, pra encontrar essa gente aqui.

– Você ficou fora duas semanas. Não sei o que fez durante esse tempo e está me pedindo contas da minha vida? Não foi o que combinamos.

– Pedindo contas da nossa vida, Helena. E não me importo com o que combinamos. Fui resolver assuntos de seu interesse. Se pensa que o seu papel é só dar uma de proprietária e receber o dinheiro no fim do mês, está enganada. Existem clientes e fornecedores envolvidos no nosso processo de produção. Vai ter que me ajudar, porque não vou fazer sozinho o trabalho do seu pai e o meu. Pode começar a se inteirar dos negócios. Está me usando e

não gosto nem um pouco da ideia de ser usado. Nosso casamento começou por motivos errados e agora desandou de um jeito que não sei o que fazer. Não suporto ver você destruir sua vida. Se quer saber me fez muito mal te ver naquele estado. Já chega o que eu passei com meu pai. Além de beber, voltou a se vestir a se pintar como uma... – Alterada, interrompeu e se levantou. – Como uma o quê?

Tiago também se ergueu – Você sabe. Nem preciso dizer que hoje o meu nome está na boca de toda a região.

– Claro! Povinho pequeno e fofoqueiro! Sabe o que mais me irrita? – Ela não esperou resposta e deu vazão a toda indignação que sentia – Você e o meu pai são iguais. Estão sempre preocupados com a imagem de vocês. Ele a de empresário conceituado e você a de macho da casa. É simplesmente ridículo.

– Ridículo é o seu comportamento. Acontece que no caso do seu pai, ele não escolheu a filha que tem e não pode fazer nada a respeito. Agora, comigo, as coisas são diferentes. Nem pra manter meu emprego, tenho que aguentar o que vi ontem. Não quero minha mulher sendo falada por aí e, pior, chegando em casa nos braços de outro homem. Quando fizemos aquele acordo ridículo eu não sabia como ia me sentir. Sinto muito, Helena, mas não sou tão moderno como você. A gente fala diferente, pensa diferente, é diferente.

– E daí? Isso nunca teve importância pra mim.

– Antes essas coisas não importavam. Só que você não é a mesma.

– E nem você, Tiago. O tempo passou.

– O que estou tentando dizer é que no fundo, sou um peão, sempre fui e um peão como eu não cabe no seu mundo de agora.

– O que está dizendo? Por acaso pretende me deixar? Você não teria coragem. Deu sua palavra.

Tiago a segurou pelos ombros, os olhos brilhando em desafio – Não costumo falar as coisas por falar. E se quer saber, não existe mais um acordo. Eu estava com raiva do que aconteceu, Ana me deixou e eu quis dar o troco de alguma forma. Também considere o futuro de Embalança. Além disso, tinha medo pelo meu pai, mas, com a graça de Deus, ele está melhorando. Podemos ir embora juntos.

– Você não pode!

– O inferno que não! – Ele a soltou bruscamente. Porém, não deu três passos antes que ela o chamasse – Não me deixe, por favor!

Tiago parou e disse ainda de costas para ela – Não tem como dar certo. Nós não pensamos... Mais cedo ou mais tarde, você vai acabar voltando pra vida que tinha antes. Não faz sentido viver aqui. Não é o seu mundo.

– É sim, é claro que é! Não vou embora. – Ao ver que Tiago se afastava, ela correu e o ultrapassou. Colocou as mãos em seu peito, impedindo-lhe a passagem – Escuta! O que aconteceu ontem, não vai mais acontecer. Dou minha palavra! Eu estava ansiosa com sua ausência, com raiva porque não me ligou, por isso pedi à Íris que viesse.

– Não adianta se explicar. Por pior que ela seja não pode tomar as decisões por você e a verdade entre nós é uma só: sou de um lugar onde as pessoas se importam com a opinião das outras. Mesmo tendo me casado com você por causa daquele maldito acordo, não suporto a ideia de ser traído.

– Você não foi, eu juro.

– Até quando? – o olhar do marido parecia atormentado. Então, a expressão de Helena foi do desespero a um sorriso – Nem acredito, você está com ciúme!

– Claro que não – Respondeu com ironia.

– Claro que sim!

– Está confundindo as coisas.

– Tudo que sei é que senti sua falta esses dias. Pode não assumir, mas me quer tanto quanto eu quero você. Eu nem consigo dormir de noite. Não acredito que simplesmente fique comigo por ficar. Sinto seu corpo junto ao meu, percebo o modo como se comporta. São coisas que não se pode fingir.

Tiago desviou o olhar, mas ela segurou seu rosto com as mãos e fez com que a encarasse – Diga que não se importa nem um pouco comigo. Que não sente nada quando estamos juntos.

– O que temos é só cama. Eu realmente gostava de Ana, não pode querer que eu simplesmente me apaixone por você.

Ela baixou a cabeça, tentando esconder os olhos marejados – Você é um mentiroso, um covarde...

Tiago pensou no que sentiria se ela lhe dissesse que gostava de outro e se arrependeu do que falou – Desculpa. Estou muito confuso. Tudo isso parece ser parte da vida de outra pessoa. Eu gostava de você, Lena, mas você riu dos meus sentimentos e me provocou até o limite. O tempo passou. Precisei esquecer o que eu sentia, parar de correr atrás de você e engolir os desaforos que me fez. As coisas mudaram e passei a vê-la apenas como a filha do patrão que costumava brincar com os filhos dos empregados. Depois

de tudo, nunca imaginei que um dia estaríamos nessa situação. Ainda não sei o que está acontecendo comigo.

– Não dá para voltar atrás, mas posso te mostrar como me sinto hoje. – Helena buscou seus lábios avidamente, insinuando o corpo contra o dele. O desejo superou a mágoa. A resposta de Tiago foi imediata. Quando levou os dedos ao fecho da calça jeans, ele a impediu. Ao ver sua decepção, tomou-a nos braços e caminhou em direção a casa.

Quando a colocou na cama, já no quarto, o mundo deixou de existir para os dois. Agora só o amor falava por eles. E o amor tem uma forma de se expressar infinitamente melhor que as palavras.

Aos poucos, o sol se despediu e a noite chegou escurecendo o quarto. Helena tateou o abajur à procura do interruptor, até conseguir acendê-lo. Sentiu Tiago se mexer e viu que estava acordado – Pensei que estava dormindo.

– Não, só descansei uns poucos minutos. Preciso falar com meu pai, também fiquei de dar um pulo na fábrica.

– Se não se deu conta, já anoiteceu. Não vai achar mais ninguém lá.

– Tem razão. Você me fez perder a hora.

Acalorado, empurrou o lençol. Percebendo que ele pretendia se levantar, Helena se deitou sobre ele, que a olhou perplexo – Não vai conseguir mais nada comigo. Estou acabado.

– Só quero ficar junto de você. Por que tenho a impressão de que está sempre fugindo de mim?

– Você está sempre tendo impressões. Por isso brigamos tanto. – afastando-a com delicadeza, saiu da cama e entrou no chuveiro. Magoada, tentou engolir o nó que se formou na garganta e aparentar indiferença.

Nos dias que se seguiram, Helena voltou a cavalgar e tentou se familiarizar com as finanças da fazenda. Contudo, apesar de ocupar o tempo, o enjoo não passava. Relutava em procurar um médico, a preocupação aumentando cada vez mais.



Capítulo nove

O domingo amanheceu ensolarado e Helena caiu na piscina animada. Era a primeira vez que não acordava enjoada em semanas e estava nadando há alguns minutos quando o marido chegou. Ele a observava à distância, mas avançou alguns passos para falar com ela e parou na borda da piscina.

– O que foi?

Tiago esboçou um largo sorriso – Minha égua pariu! Vai ficar louca com o potrinho. Coisa mais linda, gente! É filho de Liár. Aconteceu por um descuido de Rodrigo.

– Não acredito! Você não me contou que Flor estava prenha de Liár.

– Você não perguntou, depois, até pouco tempo atrás o amor dos dois era proibido.

– Não é mais?

– O que você pensa?

– Não. – e ela riu – Agora fazem parte da mesma família. – ela nadou até ele e Tiago lhe estendeu as mãos para que saísse da água. Aproveitando-se de sua distração, o puxou para dentro da piscina.

Ao vê-lo emergir com os cabelos despenteados, não conteve a gargalhada.

– Você não fez isso!

– Fiz sim!

– Moça, você estragou minhas botas e ainda poluiu a água.

Praguejando, Tiago tirou as botas e as meias molhadas com dificuldade, atirando-as longe. Furioso, voltou-se para Helena – *Moça, cê tá perdida!*

A expressão dele era tão ameaçadora que Helena recuou e se dirigiu à pequena escada de alumínio tentando sair da piscina, porém, ele foi mais rápido e a impediu.

Helena virou-se para ele e, ao ver como estava assustada, Tiago sorriu ironicamente – O que vai fazer comigo?

– Você nem desconfia?

Ela negou e antes que pudesse fugir, ele envolveu-lhe o rosto com as mãos e cobriu-lhe os lábios num beijo que fez Helena perder a noção de onde estava. Quando finalmente se afastaram, ela o ajudou a tirar a camisa e a calça e nadaram juntos, brincando como duas crianças.

Célia e Mauro chegaram à fazenda antes do meio-dia. A governanta, ansiosa, perguntou à Maria sobre Helena e foi procurar por ela na piscina. Esperava encontrá-la nervosa e entediada, porém, surpreendeu-se ao ver o jovem casal se divertindo. Sem querer interromper o momento, procurou se afastar sem ser notada.

– Precisamos sair daqui! – disse Tiago, olhando com desânimo as roupas amontoadas ao lado da piscina.

Helena fez beicinho – *Ah, nem! Já?*

– Você está na água há mais de uma hora.

– Estraga prazer.

Tiago riu e a abraçou – Estou pensando na cara de Maria ao me ver entrar em casa só de cueca. Isso sem falar em Lisa e Candinha.

– Lisa até que ia gostar, aquela atrevida. Acha que não percebo o modo como ela olha pra você?

– Talvez ela goste mesmo. Devo arriscar?

– Atrevido! Não se anime tanto. Eu tenho uma toalha, mas só te empresto se me levar pra casa no colo. – Sussurrou em seu ouvido – Não sei se sabe, mas me deixou mal acostumada.

Ele riu e, após sair da água, a ajudou a sair também. Ele a pegou no colo e os dois entraram em casa ainda molhados, sem notar que havia mais um carro na garagem.

– O que acha de passar a tarde comigo? – convidou Helena, provocando.

– Vamos escandalizar essa gente ficando outro dia na cama...

– E não vale a pena?

– Você sabe a resposta. – eles passavam pela sala naquele momento e surpreenderam-se com a presença de Célia e Mauro. Sentados no sofá, conversavam com Maria.

Os três se encararam constrangidos e o casal mais ainda ao saber que ouviram o que falavam.

Helena quis que o chão se abrisse sob seus pés. O rapaz pediu licença e seguiram para o quarto com as faces em brasa.

Tiago, sentindo-se ridículo com aquela toalha. Helena sem saber como voltar a assumir sua velha imagem de indiferença diante do pai e, ao mesmo tempo, irritada com o acontecido. Mostrar o rosto atrás da máscara era algo que ela não admitia. Não em se tratando de Mauro.

Assim que pisaram na suíte, Helena exigiu: – Quer fazer o favor de me soltar? – Tiago a encarou assustado e a colocou no chão sem entender sua agressividade – Ei, eu não tenho culpa, quem inventou isso foi você.

– Não fala comigo agora, estou muito nervosa.

Tiago a puxou pelo braço, chocado com sua atitude – Também estou sem graça, só não estou entendendo porque está me atacando.

– Claro, você é ignorante demais, nunca entende nada. Não me admira ser desse mundinho...

– Ah, já sei! Tá com raiva porque o papai viu você nos braços do peão! Estava sendo natural pela primeira vez na vida e foi pega em flagrante. É uma pena, pensei que a gente estava começando a se entender.

– Não enche!

Tiago ia dizer mais alguma coisa, porém se calou. Ainda perplexo com a mudança de Helena, entrou no chuveiro. Ao terminar o banho, colocou uma roupa qualquer e saiu do quarto em seguida. Helena virou o rosto quando ele passou por ela e sentiu-se ainda pior. Mais uma vez, perguntou o que estava fazendo com a própria vida.

Helena estava acabando de se arrumar quando Célia veio abordá-la – Seu marido deixou a casa pisando duro. O que aconteceu?

– Nada.

– Há alguns minutos os vi na piscina e tive a impressão de que se acertaram. Pareciam tão apaixonados.

– Pois pensou errado.

Helena deu de ombros fingindo indiferença e se sentou na penteadeira em frente à cama ajeitando o cabelo.

– Estou vendo que não está bem, mas se não quer falar é um direito seu.

– Isso mesmo!

– Nossa, quanta amabilidade! Está se sentindo mal por que a vimos com Tiago?

– Meu pai, não sei por que, tem o dom de me irritar.

– Dom que você atribuiu à pessoa dele. Ninguém deixa a gente infeliz quando a gente não quer. Sei que não gosta de ouvir meus conselhos, mas acho melhor repensar seus valores. A vida é muito preciosa para ser desperdiçada com sentimentos mesquinhos. Não é vergonha estarmos feliz ao lado de alguém. Isso é imaturidade. Vergonha é ter medo de se assumir. É um ato de covardia fugir do que realmente nos faz feliz. Não perca tempo dando satisfações ao mundo.

– Só eu sei o que sinto.

– Pois acho que magoou a pessoa errada.

Embora não desse o braço a torcer, Helena sabia que Célia estava certa. Arrependida, refletiu por alguns instantes e decidiu mudar de assunto, a fim de evitar maiores aborrecimentos. – Você não me avisou que viria.

– Aproveitei que seu pai precisava vir para te visitar. Sinceramente, sua estadia aqui está superando minhas expectativas. Isso só confirma o que penso sobre o seu casamento. Quando cheguei, fiquei feliz ao ver vocês dois

se divertindo na piscina. Pra falar a verdade, pareciam bem apaixonados.

– Meu pai nos viu também?

– Não.

Na mesma hora Célia notou seu alívio e achou graça de sua infantilidade.

– Não comece a ter ideias românticas. Meus planos não mudaram, posso estar morando aqui, mas ainda sou a mesma Helena.

– Sei. *Ok!* – Célia se retirou e Helena ficou algum tempo a sós, pensando no modo estúpido como tratou Tiago.

Ao sair do quarto algum tempo depois, notou que a casa estava silenciosa. Chamou por Célia e Maria, contudo, não houve resposta. Levou as mãos ao rosto sentindo uma súbita tontura e apoiou-se no sofá. Estava gelada. Quando, enfim, melhorou, ouviu o telefone tocar. Ao atender, reconheceu a voz de Íris.

Conversaram sobre Tiago. A amiga insistia para que ela deixasse a fazenda e Helena não sabia o que dizer sem parecer ridícula. Estavam quase se despedindo quando deixou escapar suas desconfianças sobre uma possível gravidez. Ouviu os protestos da ruiva que, rude, bateu o telefone em sua cara.

Naquela noite, Tiago não jantou no casarão e, quando Mauro e Célia se levantaram da mesa, Helena decidiu ir até a casa de Alcides.

O sogro conversava com Rodrigo na varanda e sorriu quando ela se aproximou – Se veio atrás do Tiago, ele foi até Esplanada.

– A esta hora?

– Foi o gerente da loja que chamou. Se quiser entrar e esperar, ele já deve de *tá* voltando. Ficou de me trazer uns remédios.

– Se não se importa, vou esperar no quarto dele.

Alcides assentiu e Helena entrou. O cheiro de couro era forte no interior da casa e viu que provinha de uma sela nova jogada no tapete. Passou as mãos pelo assento entalhado e se lembrou de ter visto aquela mesma sela em Flor. Era a sela de Tiago. Olhando bem, viu que tinha o nome dele gravado.

Curiosa, afastou-se e dirigiu-se ao antigo quarto que o marido ocupava. Quando criança esteve ali inúmeras vezes. Sem que pudesse evitar, assim que entrou um nó se formou na garganta. A mãe de Tiago sempre a tratou com carinho. Sentiu os olhos marejados ao pensar no avô e na própria mãe.

Ao partir, as pessoas amadas deixam uma ausência constante. O tempo até ameniza a dor, mas a saudade permanece todos os dias de nossa vida.

Vulnerável, viu que apenas uma pequena luminária do lado da cama estava acesa. Sobre a cômoda em frente à cama, notou um porta-retrato com uma foto dos pais de Tiago abraçados e aproximou-se para ver de perto. Em outra fotografia, mais recente, o rapaz montava Flor. Não se conteve e abriu as gavetas. Na primeira, encontrou uma escova, uma loção pós-barba e alguns documentos e livros. Na seguinte, o que despertou sua curiosidade foi um envelope de papel pardo maltratado pelo tempo.

Ao abri-lo, diversas fotos caíram em suas mãos. Uma, em especial, a comoveu: um retrato que ela e Tiago tiraram juntos aos onze anos de idade. Nele, sorriam com os rostos colados e os olhos brilhantes... Foi um momento especial e ela bem sabia o porquê. Depois viu várias fotos dela na fazenda e dos dois quando namoravam. Não pôde acreditar que ele tivesse guardado aquilo por tanto tempo. Ainda manuseava as imagens quando Tiago chegou.

– O que está fazendo aqui?!

Ela se assustou com a presença inesperada e derrubou as fotos no chão
– Quer me matar de susto?

Sem graça, ela se ajoelhou para recolher os retratos e ele foi ajudá-la.

– Por que veio fuçar minhas coisas?

– Não estava fuçando nada!

– Não? E revirar minha cômoda é o quê?

Com as faces queimando, Helena se entregou: – Desculpa. Você levou tão poucas coisas para o casarão que eu fiquei curiosa.

Tiago guardou o envelope na gaveta e novamente se voltou para Helena – Além de investigar minha vida, posso saber o que veio fazer no meu quarto?

– Você não jantou comigo.

– E?

– E eu... bom, vim pedir desculpas pela forma grosseira como o tratei mais cedo.

– *Eta ferro!* Será que ouvi direito? Está me pedindo desculpas?

– Estou. Ainda está com raiva de mim?

– Fiquei decepcionado, irritado... agora passou.

– Não passou nada. Você pretendia dormir com seu pai.

– Pretendia?

– Aham. Não vai descer comigo? – Indagou sem conter o rubor que se espalhou pelas faces.

Ele a observou divertindo-se com o desconforto dela – O que foi,

Lena? Não consegue mais viver sem mim?

Ela se preparou para dizer uma série de desaforos, então, viu que ele sorria e o abraçou – Estou deixando você muito convencido.

– Está me enlouquecendo, é a verdade. – Ela o acariciou por baixo da camisa, mas Tiago interrompeu o contato – Espera. Vamos sair daqui antes que meu pai venha verificar se estamos nos entendendo. De qualquer forma, minha cama de solteiro não iria nos aguentar. Está muito velha.

Ela riu e os dois deixaram o quarto apressados.

No dia seguinte, Helena acordou indisposta, mas continuou calada e não revelou suas desconfianças a ninguém. Por volta de duas da tarde, deixou o quarto e surpreendeu-se com a chegada de Íris que veio sem avisar.

Intrigada, observou a ruiva descer do carro, um corsa chumbo, que sabia, era da mãe dela. Estava com uma calça preta de lycra justíssima e um top lilás. O batom da mesma cor do top. Os cabelos presos num rabo de cavalo. Argolas de prata e sandália no mesmo tom. O perfume adocicado lhe deu enjoo. – Quem está aí com você? – perguntou a ruiva, investigando o interior da casa assim que pôs os pés na varanda.

– Ninguém. Acho que todos saíram.

– Ainda bem. – ambas entraram na casa e Helena se acomodou no sofá, convidando Íris a fazer o mesmo – Quando me disse que achava que estava grávida, quase tive um treco. O que deu em você? Quer ficar neste fim de mundo pra sempre?

Helena desviou o olhar – Não sei e também não tenho certeza. Eu nem pensei nisso.

– Tudo bem que tenha tido vontade de transar com Tiago. Não gosto daquele roceiro atrevido, mas até que é bem bonito e, cá entre nós, você bem que andava precisada. Só que filhos, aí é viagem. Já chega o casamento maluco em que se meteu.

Íris fez uma pausa e prosseguiu – Sabe que já passei por esse tipo de aperto e só vim aqui pra te ajudar. – Num gesto nervoso, abriu a bolsa e entregou alguns comprimidos para Helena.

– O que é isso?

– É um abortivo. Coisa fina. Pode tomar que é infalível, eu garanto.

– O que está sugerindo é crime!

– Ninguém vai saber.

– Eu disse que não tenho certeza.

– Não vale a pena arriscar.

Decidida, Íris foi até a cozinha e buscou um copo com água, estendendo uma das pílulas para Helena que a olhava horrorizada.

– Anda logo! Quer que alguém chegue?

Helena sentiu um mal-estar terrível e, num gesto automático, estendeu a mão. Não sabia como dizer a Íris que nunca teria coragem de fazer aquilo, no entanto, antes que conseguisse esboçar alguma frase, o comprimido foi bruscamente arrancado de sua mão.

Assustada, viu o olhar enfurecido de Tiago que saiu puxando Íris pelo braço – Não podia mesmo esperar coisa melhor de uma vagabunda como você. Desta vez passou dos limites.

– Solta ela, Tiago! – Implorou Helena, segurando-o pela camisa.

Ele a ignorou e continuou arrastando a ruiva até o carro – Escuta bem, sua ordinária! Vai sair daqui agora e não respondo por mim se voltar aqui de novo.

Atônita, Helena os seguiu tentando dizer que ele havia entendido tudo errado, porém, deparou-se com Célia e o pai que se aproximavam e não quis se expor diante de Mauro.

Íris entrou no carro contra a vontade, ainda lutando com Tiago. Sem outra opção, partiu da fazenda em alta velocidade.

Da porta da casa, Helena viu o marido se aproximar e soube que seria inútil tentar se explicar.

Ele a encarou com profundo desprezo – Você me dá nojo! Quando escutei vocês, nossa, não pude acreditar no que estava ouvindo. Esperei sinceramente que tomasse uma atitude, Helena, e tudo o que vi foi você aceitar aquela porcaria.

Célia acabou interferindo – O que está acontecendo? O que a Íris queria?

Tiago se voltou para Célia ainda sem conseguir acreditar na cena que presenciou – Pergunte a ela. Helena não é só irresponsável como eu pensava, mas cruel.

– Você entendeu tudo errado... – Quis se defender, os olhos marejados.

– Não tente negar. Eu vi. Estou cansado de entrar no seu jogo, cansado de ser manipulado. Se quer saber, no momento eu nem consigo olhar na sua cara.

Então, voltou-se para Mauro, que a tudo observava impassível – E o senhor estava certo. Sua filha transformou mesmo minha vida num inferno.

Helena o observou enquanto caminhava... Ele estava com ódio e nem

sequer lhe deu o benefício da dúvida.

Triste, sentiu o olhar irônico do pai sobre ela e saiu dali, refugiando-se no quarto. Jogou-se na cama aos prantos e nem percebeu quando Célia entrou.

– Você vai me contar agora o que houve!

– Eu não sei...

– Como assim?

Ela se virou e contou à Célia o acontecido. Boquiaberta, a outra se sentou na cama sem saber o que dizer – Você realmente está grávida?

– Não tenho certeza. Tudo o que posso dizer é que eu não pretendia tomar aquela porcaria. Claro, não pensei em ter um filho agora, só que, independentemente de ser planejado ou não, não teria coragem de fazer um aborto. Não sou uma criminosa. Estava pensando no que dizer à Íris quando Tiago tirou o comprimido da minha mão. Ele entendeu tudo errado. Nunca mais vai me perdoar.

– Eu não o culpo por ter pensado que você seria capaz de... bem, você sabe. Acho que lhe deve uma explicação.

– Tudo bem, só não diga nada ao meu pai. Não tenho certeza dessa gravidez.

– Não vou falar. Vou ficar aqui alguns dias e vamos juntas ao médico.

Após esperar por horas e horas, Helena entendeu que Tiago não voltaria para o casarão. Estava com raiva e reconhecia que tinha razões para estar magoado.

Devia ser umas dez horas da noite quando ela pegou uma lanterna e deixou a sede. Precisava falar com o marido e foi até a casa de Alcides. Não gostava de andar à noite pela fazenda à noite, mas sabia que não conseguiria dormir sem ao menos tentar se explicar.

Assim que avistou a casa, viu pai e filho sentados na pequena varanda.

– O que quer agora? – perguntou Tiago, ainda enfurecido.

– Precisamos conversar.

– O que é? O papai foi embora e você veio atrás do caipira aqui?

– Ele não foi embora. Não ainda. Você não me deixou falar mais cedo e continua me julgando sem ouvir o que tenho a dizer.

Impaciente, Alcides os interrompeu – Olha, não quero nem vou participar desta discussão! Não gosto do jeito como se comportam. Parecem crianças birrentas... Se fosse vocês, iria com calma pra não perder o respeito.

– Ele entrou em casa fitando a nora com ressentimento e bateu a porta.

– Contou ao seu pai?
– Claro. Com quem mais eu conversaria?
– Falou de mim sem conhecer a verdade.
– Que verdade, Helena? Deixe de fingimento uma vez na vida! Tudo o que fez até hoje foi me usar pra desafiar seu pai e conseguir o que queria. Sou um estúpido por ter me envolvido em tanta sujeira. Só de lembrar as coisas que aquela mulher falou, meu estômago fica embrulhado.

– Ela não sabe de nada. Eu não pretendia tomar aquela porcaria. Não sei se estou grávida, mas nunca teria coragem de uma atitude tão baixa. Depois, não sou criminosa. Estava pensando no que dizer a Íris quando você apareceu e tirou suas próprias conclusões. E realmente fui covarde, porque eu... porque não tive coragem de assumir que... – ela baixou os olhos, a luz da lua revelando o tremor em seus lábios – Assumir o quê? – indagou, irritado. Como ela não respondia, venceu a distância entre os dois, atraindo-a para si – Fala de uma vez!

– Não tive coragem de assumir que eu... eu te amo. – ela afirmou, sem conter as lágrimas.

Tiago não controlou a vontade de rir. Era incrível a forma como ela gostava de manipulá-lo. – Chega! Não aguento mais. Faz o favor de não me tratar feito idiota.

– Como assim? Estou sendo sincera.

– Você não sabe o que é amor e muito menos o que é sinceridade. E se quer saber, essa pessoa vazia e fútil que se tornou me dá pena.

Helena não pôde acreditar no que ouvia. Sentiu as faces queimando de raiva e se jogou contra ele, tentando agredi-lo. O marido a segurou pelos braços, procurando se desviar dos golpes que desferia – Não adianta, Lena, não tem como lutar comigo. Só não vou fazer nada, porque não quero estragar minha vida por uma mulher como você.

– Vai pro inferno e pode engolir sua pena e levá-la com você!

Ela o empurrou e correu para a sede. Sentia-se ferida, menosprezada. Finalmente confessou que o amava e foi rejeitada de forma cruel. Aquilo não ficaria assim! Tiago iria se arrepender do dia em que nasceu.

Helena não viu Tiago por uma semana. Durante aquele tempo, Mauro voltou para Belo Horizonte e ela criou coragem para ir ao médico na companhia de Célia. Os exames apenas confirmaram o que ela suspeitava já

que, segundo o médico, estava com oito semanas de gestação.

Desesperada, não sabia se ficava na fazenda ou corria de volta para a casa do pai, embora a vida de antes em nada lhe atraísse.

– O que há com você? Estou preocupada. Desde que saímos do consultório não diz uma palavra.

Desanimada, Helena encarou Célia – O que quer que eu diga? Eu não esperava e acho que não quero continuar em Embalança.

– Se acha é porque não tem certeza. Não quer ou não suporta?

– Por que será que sinto certa maldade na sua pergunta?

– Gostaria que fosse honesta comigo. Sei que está sofrendo, só que prefere se fazer de vítima em vez de lutar pelo que realmente deseja. Se ao menos me contasse o que se passa na sua cabeça, no seu coração, mas não... cada dia consigo te entender menos.

– Não diga ao meu pai que estou grávida, por favor.

– Não posso esconder seu estado. Ele não me perdoaria.

– A vida é minha. Eu mesma devo contar. Prometo que assim que nos encontrarmos falo com ele.

– Tenho sua palavra?

– Claro.

Naquele momento, Helena estacionou o carro na sede da fazenda e, deixando o interior do veículo, correu para a piscina, onde se jogou pouco se importando com o jeans que vestia.

Célia a seguiu cada vez mais preocupada. O céu ameaçava uma feia tempestade e o vento soprava forte – Sai daí, Lena. Está frio e você vai se gripar!

Ignorando os chamados, Helena tirou a calça e atravessou a piscina duas vezes, indo e voltando com fúria e insensatez. Quando o fôlego se foi, finalmente saiu da água. Célia veio ao seu encontro, as faces vermelhas de tanto gritar.

– Por que nunca me escuta?

– Eu precisava disso.

Helena seguiu para a casa e a governanta a acompanhou falando coisas que a jovem nem sequer ouvia. Quando alcançaram o quarto, Célia não conteve o choro sentido.

– Você não cresce. Não adianta. Estou cansada de lutar contra o impossível. Pra ser honesta, tenho dó do bebê que está esperando. Se é que vai deixá-lo nascer, coisa que, sinceramente, eu duvido. – Como não houve

resposta, deixou o quarto arrasada.

Já era noite quando Helena resolveu voltar para a capital. Estava arrumando as malas, quando Tiago entrou.

– Célia me contou. Ela foi embora da fazenda.

Helena continuou dobrando suas roupas, sem se dar ao trabalho de olhar para ele.

– O que está fazendo?

– É óbvio. Pode respirar aliviado. Vamos nos separar. Vou voltar pra casa.

– Sua casa é aqui.

– Não é mais.

– Você não vai deixar a fazenda esperando um filho meu.

– Quem disse que é seu?! – Helena se voltou para ele, os olhos refletindo toda mágoa que sentia.

– O que está insinuando? – Tiago se aproximou da cama, segurando-a com raiva. Olhos nos olhos, Helena não teve coragem de sustentar a mentira

– Quero dizer que o bebê é só meu. Se não suporta a mãe, não pode ter a criança.

– Não me interessa o que você pensa. Se está grávida, não vou deixar que vá embora. Quando meu filho nascer, aí sim você pode fazer o que quiser.

– Você não vai me segurar aqui. Não pode.

– Se for preciso, eu te amarro. E lembre-se, estou administrando a fazenda. Se sair daqui, vai ter que encontrar outra pessoa pra ocupar meu lugar ou então pedir ao seu pai que reassuma Embalança. Mas é claro, pode seguir o conselho da sua amiguinha e se livrar das terras. Sei que não se importa com o futuro das pessoas que trabalham aqui. Faz isso! Tenho certeza de que Seu Altino teria muito orgulho da neta.

Ele saiu do quarto batendo a porta e Helena sentou-se na cama sem ação.



Capítulo dez

O mês de março despediu-se rapidamente e, nos meses que se seguiram, Helena só pôde contar com a ajuda e companhia de Maria e Candinha, pois ela e Tiago mal se falavam e, Célia, ainda magoada, se recusava a voltar à fazenda.

O calor estava insuportável naquela manhã. Tentou se banhar e nem uma gota de água saiu do chuveiro. Proferiu algumas palavras de baixo calão bem irritada. Depois vestiu um roupão e chamou por Candinha, explicando a situação.

– Olha, Lena, só o Tiago e o Rodrigo entendem um pouco do riscado.

– Então chama o Rodrigo. Vou tomar banho em outro banheiro, mas não gosto de deixar nada pra depois. É um transtorno ter que sair do meu quarto por causa da água.

Helena se banhou em outra suíte e, meia hora depois, quando voltou para o quarto, Rodrigo já tinha dado um jeito no chuveiro. Maria e Candinha estavam limpando a bagunça que ele deixou no box e ela fez questão de acompanhar o rapaz até o corredor.

Assim que abriu a porta do quarto, Tiago que, por coincidência veio buscar um documento, os encarou assustado. Seus olhos passeando pelo roupão de Helena e os cabelos úmidos. Em seguida, analisou o estado de Rodrigo que, além de suado, havia molhado a roupa. Para piorar, Maria ficou com a incumbência de guardar a caixa de ferramentas. Antes que alguém pudesse explicar, Tiago acertou a cara de Rodrigo. Inocente, o rapaz foi ao chão com a força do soco que levou – Ficou doido, Tiago?! – Gritou Helena.

– Você não presta mesmo. Será que nem grávida se dá ao respeito?

O olhar que ele lhe lançou foi de profundo desprezo.

– Você entendeu tudo errado. Como sempre, aliás.

– É verdade, homem. Para com isso, Sá! – Rodrigo tentou se explicar.

– Calem a boca! E pode juntar suas coisas, peão, porque se não for embora da fazenda, saio eu!

Tiago estava fora de si e gritava tanto que Maria e Candinha vieram verificar o que estava acontecendo. Quando as viu saindo da suíte, ficou mudo.

– O que está acontecendo aqui? – perguntou Maria.

– Está acontecendo que o seu queridinho aí tirou conclusões precipitadas e avançou no Rodrigo como se fosse uma besta.

– Não pode ter pensado que os dois... – Foi exatamente o que pensei, Maria, e tendo a mulher que tenho não é de se admirar.

– Pra mim chega. Pense o que quiser. – Helena bateu a porta na cara dele e, trancando-se no quarto e ligou o som no volume máximo. Somente após uma hora resolveu sair e foi para a piscina. Estava tomando sol quando Maria trouxe um suco e se sentou ao seu lado.

– Como está se sentindo?

– Depende. Se está falando do que aconteceu hoje cedo, ainda não consegui superar. Como uma pessoa pode ser tão ignorante?

– Ciúme, Lena. Tiago ficou transtornado. Precisava ver a cara dele quando explicamos tudo. Acho que deve estar se desculpando com o Rodrigo até agora.

– Mesmo vendo que estava enganado, ele me ofendeu.

– Releve.

– Como?

Maria tentou mudar de assunto – E essa barriginha aí? Está se sentindo tão mal quanto antes?

– Nem tanto. O enjoo diminuiu bastante. O médico disse que no quarto mês seria assim.

– É verdade.

Pela primeira vez depois de muito tempo, Helena sentiu uma preocupação sincera por parte da outra – Parece mentira te ver esperando um bebê.

– Nem me fala. Às vezes eu acordo no meio da noite e preciso me tocar para ter certeza.

– Olha. Quero pedir desculpas pelo modo como te tratei desde que a Ana se foi. Eu te culpei, mas sei que a Ana se apaixonou pelo seu primo e disso ninguém tem culpa, não é? Estou arrependida.

– Não tem problema, Maria. Pra ser honesta, quando me contou que a Ana e o Tiago iam se casar eu não gostei. Então quando meu primo chegou, sim, eu torci por eles.

– Eu vi quando contei que você não gostou. Mas minha filha é grande pra saber o que quer da vida e eu estava errada.

– Não, você não errou. “Quem tem fama deita na cama”, não é assim?

– Sei o que todos pensam de mim. Sou mesmo uma pessoa difícil. E quer saber? Eu gosto disso.

Maria riu. Helena tinha mesmo a língua afiada.

– Não, filha, não gosta. E você não é difícil. Pode se perder às vezes, mas depois de conviver com você todo esse tempo entendi que ainda é a Helena que eu vi crescer. Um pouco confusa, impulsiva, mas com o mesmo coração de ouro. Tenho certeza de que essa fase ruim vai passar e que vai acabar encontrando seu lugar aqui na fazenda. Eu posso sentir.

– Não sei... Acho que o Tiago não concorda.

– Ele não quer escutar ninguém, mas vai acabar se dando conta de que você nunca tentou tirar o bebê.

– Você sabia?

– Acho que todo mundo sabe. Lisa ouviu e espalhou por aí.

Magoada, Helena fixou o chão e Maria se levantou. Aproximando-se da moça, tomou-lhe o rosto nas mãos e depositou um beijo suave em sua testa – A raiva dele vai passar e nós ainda vamos rir disso tudo.

Ela se afastou e Helena torceu para que suas palavras se tornassem realidade.

Era uma manhã de junho e Helena caminhava no pomar, quando foi surpreendida pela chegada de Ana e Otávio. Correu para abraçar o casal e viu a felicidade de Antônio e Maria ao receber a filha. Os três se afastaram para conversar e Otávio permaneceu com a prima.

– Mesmo te olhando, não consigo acreditar que está grávida. E a roupa então?! Até sua aparência mudou. Finalmente se tornou uma boa moça?

– Não fique muito animado, primo. A roupa é só disfarce de futura mamãe. Por dentro conservo a mesma *bad girl* de sempre.

Otávio riu, achando graça.

– Olha, antes de qualquer coisa, preciso desabafar: não acreditei quando a Ana te acompanhou.

– Eu sei. Eu também não. Queria, mas não esperava. Foi um impulso.

– E que impulso. Mudou nossas vidas. Se quer saber, parece mentira ver vocês em Embalança.

– Ana não aguentou mais adiar sua vinda. Estava triste porque nunca teve a oportunidade de se explicar com os pais. Isto é, pessoalmente. Sentia muita saudade também.

– Imagino. Ela também não se explicou com o Tiago. – não passou despercebido a Otávio, a tristeza nos olhos verdes.

– Confesso que ficamos surpresos quando Célia nos contou sobre seu

casamento. Vocês estão bem?

– Já era... Estamos praticamente separados.

– Como assim?

– Ocupamos quartos diferentes, nem conversamos direito. Só vou ficar na fazenda até o bebê nascer. Não deu certo. Como tudo em minha vida.

– Ah, não! Essa não é a Helena que eu conheço. Preferia você na versão rebelde. Está diferente, só que continua infeliz.

– É difícil ser feliz quando as coisas vão mal.

– Nada do que a gente quer vem fácil, prima. E os momentos difíceis nos tornam mais fortes, mais sábios. Não pode simplesmente se entregar.

– Fico pensando na minha vida de antes. Da época em que minha mãe e meu avô ainda estavam vivos. Eu era tão diferente, tinha tantos sonhos e expectativas. Onde estão meus sonhos agora?

– Quem sabe aí dentro. Seus sonhos não mudaram. *Quem muda é o sonhador, Lena.* Só você pode reescrever o rumo da sua vida.

– Incrível. Você sempre dá um jeito de aparecer nos momentos mais difíceis da minha vida. E aí abre aquela janelinha no fim do túnel e eu vejo uma luz tão forte, que recupero o ânimo.

– Intuição de primo. Perfil de psicólogo.

– Sei.

Os dois conversaram mais algum tempo, até que Ana veio chamar o marido. Os primos se separaram e, pensativa, Helena foi até as baías para ver o potrinho de Flor, com quem brincou durante algum tempo.

Estava escovando Thor, nome que fez questão de escolher, quando sentiu o bebê chutar. Emocionada, levou a mão ao ventre volumoso, sem notar a presença de Alcides ao seu lado.

Ao perceber que tinha companhia, sorriu meio sem graça – Não vi que estava aí.

– Eu sei, filha. Está muito bonita hoje! – ele olhou com admiração o vestido azul de renda e as delicadas sandálias rasteiras de couro cru – É a primeira vez que te vejo vestida como uma grávida.

– Nada me serve. Como precisei comprar algumas roupas, aceitei as sugestões de Candinha. Não tem nada a ver comigo, mas pelo menos é confortável.

– Pois ela acertou, ficou muito bem em você. E meu neto, como está?

– Neto?

– Alguma coisa me diz que vai ser um menino.

– Eu não quis saber o sexo. Engraçado, também acho que é um menino. E vai muito bem, está chutando forte, crescendo a cada dia.

– Coisa boa de se ouvir, mas não deve ficar entre os cavalos. Mesmo o potro, sem querer, pode te machucar.

– Sou cuidadosa. Não se preocupe.

Ambos conversaram até que Alcides precisou se afastar ao chamado de um dos empregados da fábrica de laticínios.

Helena ainda permaneceu um tempo nas baias e aproveitou para visitar Liár e Flor. Mais serena, decidiu voltar para a sede, no entanto, não deu dois passos, deparou-se com Tiago. Percebeu o modo como a olhava e não pôde evitar certa satisfação ao ver que ainda mexia com seus sentimentos.

– O pai falou que vocês conversaram. Vim ver se está precisando de alguma coisa.

– De nada. E se precisasse, não pediria a você.

Ela passou por ele com indiferença, mas Tiago a acompanhou e a segurou pelo braço. – Lena, quero falar com você.

Ela o fuzilou com o olhar e se livrou do contato – Não temos nada pra falar. Faz três meses que praticamente ignora minha presença. O que foi, de repente sentiu remorso?

– Se chegamos a tal ponto, a culpa não é só minha.

– Claro, conheço o discurso. Nosso casamento começou errado, você é louca... e nem vou me preocupar em repetir tudo o que já me falou. De qualquer forma, em pouco tempo daremos um jeito em nossas vidas.

– Como assim?

– Você entendeu muito bem. Ah! Antes que eu me esqueça, Ana e Otávio estão na fazenda.

– E eu com isso?

– Uai, quem sabe não tenta reconquistá-la? Se precisar, as alianças ainda estão no meu quarto.

Helena seguiu seu caminho e Tiago a observou sem conseguir encontrar um jeito de mudar aquela situação.

Pensou em Ana. De alguma forma, parecia que nunca fez parte de sua vida. Era Helena com seus olhos verdes e sua maneira pretensiosa de falar que lhe roubava a paz. Ela com sua pele clara e delicada e as noites insones em que seu corpo chamava pelo dela. Em certos momentos, queria invadir seu quarto e falar tudo que não conseguia dizer quando estavam frente a frente.

Irritou-se com o rumo de seus pensamentos e socou a murada do estábulo. Eles estavam afastados, Helena estava grávida e, ainda assim, a queria com desespero.

Não percebeu a aproximação de Otávio e surpreendeu-se quando o outro o tocou no ombro.

– O que quer comigo? – Perguntou num tom rude.

– Conversar... – respondeu Otávio com humildade.

– Não acho que temos nada pra conversar. Eu mal te conheço e, sinceramente, diante de tudo o que fez, não estou interessado no que tem a dizer.

– Pois eu acho que deveria.

Tiago o encarou com impaciência – Posso saber por quê?

– Sei que eu e Ana, bem, foi algo inesperado. Não vou me desculpar pelo que aconteceu porque amo minha esposa e faria tudo de novo só para tê-la comigo. Minha preocupação é Helena.

– Sua preocupação?! Helena é minha mulher, pode deixar que *eu* me preocupo com ela.

– Se realmente se importa com minha prima, faça alguma coisa. Você se afastou no momento em que ela mais precisa de você. Tem ideia do quanto a gravidez alterou a vida dela? Já não basta a situação com o pai? Ela não precisa de outra pessoa para julgá-la.

Os dois apenas se encararam por alguns segundos. Como Tiago não respondia, Otávio se afastou.

Não se passou dois tempos e Rodrigo se aproximou – O que aconteceu agora, peão? Parece que chupou limão capeta!

– Não foi nada.

– E por causa de nada que anda cusbindo marimbondo?

– Foi esse tal primo da Helena. Veio falar comigo.

– O *tar* que *levô* a Ana?

– Isso. Depois de tudo que fez, o infeliz se acha no direito de me dar lição de moral. *Eu devia é de ter quebrado a cara dele.*

– *Num* vale a pena. Ele agora é o genro do Antônio.

– Eu sei... por isso que me segurei.

– Mas não é pelo doutor que anda tão irritado. Antes do *tarzinho* chegar, já andava com o humor de uma jaguatirica.

– Helena tem o dom de me deixar nervoso.

– E *ocê* tem sido injusto com ela, *sô*. Não pensa que esqueci o soco que

leve. Fica aí se fazendo de durão e tá quase *morreno* por causa dela.

– Não estou coisa nenhuma.

– É o que todo mundo comenta, uai.

– Não é simples como vocês acham. Por acaso tomou coragem pra falar com Lisa?

– Tô levando um fora por dia.

– E anda querendo companhia?

– *Ocês* são casados, *home*! É diferente. Quem dera a Lisa fosse minha mulher.

– Olha, tudo o que sei é que minha vida tá uma confusão dos diabos.

– Pois se não tentar acertar as coisas, vai continuar desse mesmo jeitinho.

Rodrigo viu que Candinha passava pelo estábulo e deixou Tiago para ir ao encontro da moça. Tímida, ela mal conseguia olhar nos olhos do rapaz.

– *Ocê* precisa me ajudar, flor!

– Como?

– Sua irmã. Fala *cum* ela pra se encontrar comigo.

– Olha, sinto muito, Rodrigo, mas a Lisa não quer saber de você. Deixou isso bem claro.

– A danada *tá* se fazendo de difícil.

Candinha não sabia se ria ou chorava. O bobo corria atrás de Lisa que só fazia rejeitar sua presença e, em relação a ela, não conseguia enxergar um palmo diante do nariz.

– Vou ver o que posso fazer. Só não espere muita coisa.

– *Brigaduuu!* – Rodrigo estalou um beijo em suas faces antes de sair rodando o chapéu e Candinha baixou os olhos sentida, passando a mão pelo rosto corado.

A noite estava estrelada e uma enorme lua ornava o céu. Helena caminhava pelo jardim quando Ana e Otávio vieram lhe fazer companhia. Juntou-se a eles na varanda e, feliz, o casal descreveu todos os detalhes do casamento, da lua de mel, do apartamento que tinham montado, enfim, coisas que Helena ouviu com certa inveja.

Para ela, não houve viagem nem projetos de mobiliar uma casa. Simplesmente pressionou Tiago a aceitar seu pedido e agora se arrependia do que fez. Suspirou desanimada e o primo contou alguns casos engraçados para distraí-la.

Quando Ana e Otávio finalmente se recolheram, caminhou até a piscina. Estava tão quente. Sorriu ao sentir o bebê se mexer. Em meio aos dias frios das últimas semanas, aquele se excepcionou como um de grande calor. Ao ver uma de suas toalhas pendurada na cadeira, não resistiu. Tirou o vestido e entrou na água aquecida.

Recostou-se num dos degraus da escada e fechou os olhos pensativa. Não demorou e ouviu passos. Pelo som das botas ecoando no piso de cerâmica, não precisou abrir os olhos para saber que Tiago estava ali. Quando o fez, viu que ele se despia.

– Pode parar. Você não vai entrar aqui!

Ele ignorou-lhe as palavras. Logo depois caiu na água e deu algumas braçadas em sua direção.

– O que foi? Resolveu sair dos estábulos?

– Isso não me ofende, Lena. Precisa ser mais criativa. – Ele parou diante dela, a água escorrendo pelos cabelos.

– O que quer de mim? Cansou de me evitar?

– Cansei de lutar contra o que sinto. Não suporto mais dormir no quarto ao lado do seu e passar a noite em claro, me perguntando se também está acordada. Cansei de brigar quando tudo o que quero é me perder em seu corpo. Estou morrendo por você, Helena... Precisei jogar meu orgulho no chão pra te procurar.

Helena não podia acreditar no que estava ouvindo. Precisava sair dali antes que falasse mais do que pretendia. Não queria se humilhar e sempre que Tiago estava por perto, acabava se expondo demais. Fez menção de se virar, o marido a impediu.

– Seja sincera, confessa que também não aguenta mais ficar longe de mim.

– Foi você quem escolheu. Agora é tarde.

– Não é nada! – falou ele, ao encontro de seus lábios... Ao sentir sua boca tão próxima, seu calor, Helena não conseguiu articular uma só palavra. Ainda pensava o que responder quando ele colou os lábios nos dela. Quis afastá-lo, mas seu corpo tinha vontade própria e a verdade é que também queimava por ele. Sentiu sua ereção contra a barriga. Ficava difícil controlar os hormônios com ele em cima dela. O beijo se transformou num desejo sem limites e quase derreteu quando a tocou intimamente. Suas resistências foram vencidas e largou de lado qualquer se, correspondendo ao assédio do marido com intensidade e prazer. Ambos pouco se importando com o lugar onde

estavam.

Ao deixar a piscina minutos depois, Helena sentia as pernas bambas. Tinha raiva de si mesma por ter cedido tão facilmente. Ainda pensava em reagir ao que aconteceu, quando Tiago novamente a atraiu para si:

– Não quero levar essa separação adiante. Nós estamos sofrendo.

– Por que pensa que estou sofrendo? Até pouco tempo me considerava uma pessoa fria, cruel...

– Tudo bem, eu sei que tenho sido ignorante e até injusto, mas você não deixa por menos. Não venha se fazer de vítima. Mesmo assim, não posso negar que existe alguma coisa muito forte entre nós.

– Você me quer por causa do bebê, eu sei.

– Não é o fato de estar grávida. O que eu sinto, o que temos, parece um fogo que me consome por dentro, um fogo que nasceu na primeira noite em que nos amamos. Se quiser negar é um problema seu, mas esta noite não vou me importar com nada do que disser.

Tiago acordou mais tarde do que de costume. Ao ver que não estava sozinho no quarto, um inevitável sorriso se desenhou em seu rosto. Passou a mão nos cabelos da esposa. Ao notar que ela despertava, a atraiu para si e cobriu-lhe os lábios, sem esconder os sinais evidentes de sua excitação.

Após alguns instantes, reclamou sonolenta – Estou grávida e nem assim você sossega. Desde ontem não tira suas mãos de mim. Se dormimos duas horas foi muito.

– É porque ficamos sem nos tocar tempo demais. É muito difícil resistir a você sem nada sob os lençóis. – Com tanta barriga? Estou enorme.

– Você está grávida e continua linda.

– Pois se fez o elogio com segundas intenções e sei que fez, pode esquecer. Estou faminta. Nosso filho ficaria muito feliz se trouxesse meu café.

Tiago riu e deixou a cama, entrando no banheiro. Após fazer a barba e se lavar, vestiu-se e foi até a cozinha. Pediu a Maria que o ajudasse a arrumar uma bandeja para a esposa. A caseira não escondeu a surpresa, todavia, atendeu seu pedido sem perguntas. Quando ele voltou para o quarto com o café da manhã, Helena já estava de camisola e bem acordada.

– Acabo de constatar que você nasceu pra trazer o meu café na cama!

– Sei... Não se acostume. Só fiz isso porque hoje é um dia especial. –

ele depositou um beijo rápido em seus lábios e se dirigiu à porta – Preciso ir até Esplanada, mas volto logo.

Tiago estava saindo da casa, quando se deparou com Ana. Ambos se encararam constrangidos e foi a moça quem quebrou o silêncio. – Eu queria mesmo falar com você.

– Não sei se a gente ainda tem alguma coisa pra falar.

– Claro que tem. Nós nos conhecemos desde crianças e não quero que fique nenhum mal-estar entre nós. Meus pais moram aqui, Otávio é primo de Helena e sei que vamos nos ver com frequência.

– Olha, Ana, sinceramente, já não me importo com o que fez.

– Sei que eu deveria ter dito como estava me sentindo em relação ao Otávio. Se fosse hoje, talvez eu o fizesse. Agora sei que nós dois, bem, nunca passou de uma grande amizade. Só que, antes, não percebíamos. Eu mesma só consegui fazer o que fiz, quando Helena me contou tudo.

Aproximou-se intrigado – Como assim, contou tudo?

– Ela me contou que você estava apaixonado por ela. Eu estava gostando de Otávio, mas me sentia insegura. Não queria magoar meus pais. Saber de seus sentimentos me deu coragem e o fato é que foi a decisão acertada. Fiquei feliz ao saber que se casaram. Na verdade, acho que esse foi sempre o destino dos dois. É uma pena que tenham tido problemas, de qualquer forma, sei que vão acabar superando. – ao ver a expressão séria do ex-noivo, arrependeu-se do que falou por último. – Desculpa. Acho que fui indelicada. A Lena comentou que estão brigados.

– Tudo bem, Ana. – afirmou, tentando disfarçar a raiva. Helena fazia coisas que o levavam à loucura. – Deixa pra lá. O importante é que fizemos nossas escolhas. Não vou negar que fiquei magoado quando partiu daquele jeito. Depois entendi que nunca fomos mais do que amigos.

– É verdade. Quero que saiba que tenho um carinho muito grande por você. – ela beijou-lhe as faces e, aliviada, foi ao encontro do marido.

Helena acabava de se vestir quando Tiago irrompeu no quarto – O que foi? Não precisava ir até a cidade?

– Eu não sei o que faço com você!

Helena logo notou que ele estava nervoso – Ai! O que fiz agora?

– Você! Quando penso que podemos ser felizes juntos, acontece alguma coisa que nos afasta novamente. Conversei com Ana e sabe o que ela me contou? Que só tomou coragem de fazer o que fez quando falou pra ela que eu estava apaixonado por você.

Envergonhada, Helena desviou o olhar – Eu realmente falei isso...

– Eu sei que falou, quero saber por quê?

Ele caminhou até o guarda-roupa onde ela estava apoiada e envolveu seu rosto com as mãos – Posso saber o que diabos deu em você pra mentir desse jeito?

Helena sentiu os olhos marejados. Ao notar seus lábios trêmulos, Tiago a soltou – Eu... você sabe.

– Não, não sei e estou esperando uma explicação.

– Eu precisava separar vocês.

– Precisava?!

– Ana estava apaixonada por Otávio e eu queria você. Já te contei como me sinto, não vou repetir.

– Contou mais uma das mentiras que achou conveniente. Queria me usar para desafiar seu pai e planejou isso friamente. A prova é que afastou Ana de mim. Você me fez de idiota.

– O fato de eu ter mentido não muda o que sua noivinha sentia pelo meu primo!

– Faça o favor! O que me deixa furioso é você ser tão egoísta, tão manipuladora.

– Não estrague tudo de novo, Tiago. Não pode ficar comigo e depois me rejeitar como uma coisa qualquer. Posso ter errado, mas vocês nunca seriam felizes juntos. Lutei com as armas que tinha e acreditei que estava agindo de forma acertada.

– Acertada pra quem?

Constrangida, olhou para o chão.

– Este é o problema, Lena. Sempre faz o que acha certo sem se importar com as pessoas. Você mente, engana, usa e, se não fosse por mim, teria tirado nosso bebê.

– Mentira! Não acredito que ainda pense assim. Você nunca quis me escutar, mas eu disse mais de mil vezes que não pretendia tomar aquele remédio. Você fala de mim e é teimoso como um burro xucro. Olha, quer saber? Cansei! Faz o favor de desaparecer da minha frente! Se ficou tão nervoso com o que Ana disse é porque queria estar com ela e não comigo.

– Agora você falou uma verdade! – Ele saiu batendo a porta e Helena se sentou na cama sem conseguir conter as lágrimas. Não viu quando Otávio entrou no quarto e só percebeu sua presença quando a abraçou.

– Não fique assim. Está grávida, pense no bebê.

– Às vezes, o Tiago me deixa com tanta raiva dele que não sei o que fazer.

– Aposto que ele se sente da mesma forma. O fato é que de algum modo vocês precisam aprender a se respeitar. Dava pra ouvir a discussão lá da cozinha.

– Ele só vê meus defeitos. Não adianta. Não consigo fazer com que goste de mim.

– Foi seu erro, prima. Não podemos fazer alguém gostar da gente. O sentimento acontece naturalmente.

– Estou perdida, Otávio. Não sei como agir. Amo aquele teimoso e estou sofrendo como nunca pensei ser possível. Parece que esse sentimento me rasga por dentro e quanto mais eu tento acertar as coisas, pior elas ficam.

– Pelo menos você admite que o ama.

– De quê adianta? Eu amo sozinha.

– Não estou tão certo. Aliás, fiquei sabendo sobre um certo namoro do passado. Você nunca me contou.

– Eu... ah, não faz diferença. Nem antes, nem agora.

– Pois eu acho que faz toda a diferença.

Ela fixou Otávio com incredulidade, então, levantou-se. Passou as mãos pelo rosto tentando se recompor e ocupou a cadeira da penteadeira em frente à cama.

Enquanto o primo tentava acalmá-la, fingiu ajeitar os cabelos. Abriu a gaveta disfarçadamente e, após pegar a chave do Land Rover, voltou-se para Otávio – Você tem razão. Preciso dar um jeito na minha vida.

– Vai falar com Tiago?

– Vou.

– Fico feliz.

Helena saiu apressada e bateu a porta. Otávio refletiu sobre a situação durante alguns segundos e chegou à conclusão de que a prima se acalmou rápido demais para o seu gosto. Apreensivo, resolveu segui-la. Quando chegou à varanda, ela já estava no carro. Ainda correu e gritou seu nome, porém, Helena ignorou o chamado e saiu em alta velocidade pela alameda de eucaliptos.

Em poucos instantes, Ana e a mãe se juntaram a Otávio.

– Meu Deus, aonde ela foi nessa sangria desatada? – indagou Maria, preocupada.

– Não sei. Ela me disse que ia falar com o Tiago e acreditei.

– Mentira! E o pior é que o Tiago saiu com a picape. Ai minha Nossa Senhora! Helena nunca pensa antes de fazer as coisas!

– Calma, mãe! Ficar desesperada não vai adiantar. Por que não a seguimos? – perguntou Ana para o marido, também temerosa.

– Não. Pode piorar as coisas. Não sei qual será a reação de Helena se notar que a estamos seguindo.



Capítulo onze

Ao alcançar a BR, Helena tinha duas certezas. Uma era que precisava sair da fazenda um pouco. A outra era que precisava ver Célia.

Dirigiu por duas horas consecutivas. Finalmente chegou à Capital e respirou aliviada. Estava nervosa, apertada para ir ao banheiro, com uma fome terrível e, muito, muito cansada.

Ao chegar à casa do pai, fez uma prece silenciosa para que Mauro estivesse ausente.

Estacionou o carro em frente à construção imponente. Como se pressentisse sua chegada, Célia veio encontrá-la.

– O que está fazendo aqui?! – perguntou entre emocionada e preocupada, o olhar fixo na barriga de Helena.

A contemplou por uns instantes e a tocou com carinho – Meu Deus! Ainda não posso acreditar que está grávida.

Com os olhos marejados, a jovem atirou-se nos braços de Célia.

– Estou tão esgotada. Você é a única pessoa que gosta de mim, eu sei. Não me mande embora, por favor.

– Eu? Mesmo que pudesse, nunca faria isso, filha... – ela passou a mão em seus cabelos e a conduziu ao interior da casa.

– Venha, você vai se refrescar enquanto preparo um lanche e depois descansar um pouco.

Quando Tiago voltou para a fazenda, anoitecia. Mal estacionou a picafe, Antônio o abordou transtornado, batendo na janela do carro. Assim que desceu o vidro, ele falou tão rapidamente que o rapaz não conseguiu entender uma só palavra.

– O que foi, homem? Fala direito.

– A Lena! Saiu com o carro logo depois *d’ocê* e ainda não *vortô*.

Furioso, Tiago bateu as mãos no volante – Não acredito. Por que não me avisaram?

Antônio abriu a porta da picafe e o fez sair.

– Uai, a Maria tentou seu celular o dia todo só que estava fora de serviço. Maria, Otávio e Ana tão numa aflição só.

– E o que eu faço agora?

– Não sei. A gente não quis ligar pra Célia pra não preocupar à toa, isto é, caso ela voltasse, mas está tarde e até agora nada.

– Eu vou ligar então.

Helena acordou no antigo quarto e repassou os últimos acontecimentos. Estava se ajeitando na cama, quando Célia entrou – Precisamos avisar o pessoal da fazenda. Devem estar preocupados.

– Você não ligou enquanto eu dormia?

Célia riu de sua expressão desconfiada – Geralmente cumpro minhas promessas e você me pediu para não ligar. Só que anoiteceu. Tem que avisá-los.

– Tudo bem.

Contudo, mal encostou no telefone, o aparelho tocou – *Alô?!*

A pessoa do outro lado não disse nada. Ao ouvir a respiração pesada, Helena perguntou novamente.

– Oi?

– Posso saber o que faz aí? – indagou Tiago, furioso.

Ao reconhecer a voz do marido, comprimiu os lábios nervosamente.

– Ainda pergunta? Pensei que ficaria feliz ao notar minha ausência.

– Como se pensasse em alguém além de si mesma. Estão todos preocupados. Fui até a loja resolver problemas seus, trabalhei o dia todo. Chego em casa e fico sabendo que saiu daqui feito uma doida varrida.

– Tive meus motivos.

– Você sempre tem.

– E você é sempre um grosso intratável. Tudo que faz é me julgar. Quer saber, vai pro inferno e aproveita sua vida de solteiro!

Helena bateu o telefone na cara dele e odiou-se por sentir os lábios trêmulos.

– O que aconteceu desta vez? Acho que precisamos conversar! – disse Célia, a expressão fechada.

Helena contou tudo pausadamente. Ao final, percebeu que não estava mais com tanta raiva de Tiago.

– E você ainda ficou magoada com seu marido? Acha certo ter mentido para a moça? Eles estavam noivos!

– Agora passou, Celinha.

– Não, Helena! – Célia levantou-se da cama indignada – Não mesmo. Precisa entender que o que faz com as pessoas, mais cedo ou mais tarde acaba trazendo uma consequência. Entendo o que Tiago sentiu... e em vez de pedir desculpas você se defendeu como se estivesse coberta de razão. Mentir para manipular uma pessoa é um ato vil.

– Só menti porque vi que a Ana gostava do Otávio.

– Tudo bem. Pois que ela tomasse a decisão sem estar influenciada por suas mentiras.

– Eu precisava separar os dois.

– E separou. Depois o convenceu a se casar com você. Fez o que fez apenas para provocar seu pai?

– Não. Sabe por que agi como agi.

– Não sei não.

– Eu... eu gosto daquele teimoso... – envergonhada, Helena desviou o olhar e contou sobre a relação dos dois no passado.

– Bem desconfiei. Tiago me falou alguma coisa. Mesmo assim, nunca pensei que você e ele... ah, não importa. O fato é que finalmente está assumindo seus sentimentos.

– Sim, estou. E de que adianta? Ele não acredita em mim.

– Nem vou perguntar o motivo. Ele simplesmente não consegue confiar em você. Às vezes me perco entre a menina meiga que foi e essa Helena manipuladora que se tornou e ainda tento entender qual delas você é.

– Eu mudei Célia. Sei que não sou exemplo pra ninguém, mas estou tentando. Quero ser uma boa mãe pro meu filho e amo Tiago de verdade. Sempre amei. Só não conseguia enxergar. Antes, o rejeitei porque minha vida

estava um inferno e não cabia nenhum sentimento além de raiva dentro de mim. Se nos encontrávamos, fazia de tudo para provocá-lo e me mostrar indiferente. O que ele representava me atraía e, ao mesmo tempo, me irritava. Era como se eu precisasse afastá-lo, para ter autocontrole. Só que desta vez, quando cheguei lá e fiquei sabendo que estava noivo, alguma coisa mudou. Meu coração começou a gritar e lutei com as únicas armas que tinha, entende?

– Entendo que você se sentia dividida, era muito menina, estava ferida e com medo. – comovida, Célia a abraçou.

Conversaram ainda algum tempo e depois jantaram. Quando Mauro voltou para casa, Helena dormia.

– Assim que entrei um dos seguranças me falou que *Ela* está aqui.

– *Ela?!*

– *Minha filha exemplar. É verdade?*

– Célia assentiu contrariada – É.

– Não me diga que o casamento acabou? – um sorriso de satisfação se desenhava nos lábios de Mauro.

– Não. – assegurou Célia e ele fechou a cara na mesma hora.

– E como a deixou entrar? Fui bem claro quando a proibi de voltar.

– Acalme-se. Ela não voltou. Veio conversar comigo. Amanhã vai embora e pretendo acompanhá-la.

– Como?!

– Vou ficar uns meses em Embalança. Helena está precisando da minha companhia e não posso negar ajuda. E nem tente me impedir ou expulsá-la daqui! Estou cansada da vida que venho levando.

Célia deixou a sala com as faces em chamas e Mauro a observou perplexo. Sentindo-se de mãos e pés atados serviu-se de uma dose de uísque e se jogou no sofá.

O relógio marcava oito e meia da manhã quando Tiago chegou à casa de Mauro acompanhado de Ana e Otávio. O segurança só liberou a entrada por se tratar do sobrinho do patrão. Após algum tempo, Célia foi avisada e veio recebê-los.

– Vocês não precisavam ter vindo. – a governanta pretendia dizer que ela e Helena saíam de manhã, mas Tiago a interrompeu, nitidamente alterado – Se vai justificar a atitude de Helena, nem precisa começar. Onde

ela está?

– Dormindo. Não acha que está um pouco nervoso?

– Nem sabe o quanto. Está na hora de alguém ouvir umas verdades.

Ana e Otávio mantiveram-se calados enquanto Célia tentava dialogar com o rapaz.

– Não esqueça que sua esposa está grávida.

– Não posso esquecer.

– O que está acontecendo? – perguntou Mauro descendo as escadas e notando a presença dos três visitantes. – Pude ouvir as vozes do meu quarto!

– Vim buscar Helena. – declarou Tiago.

– Sei. Agora sinto como se minha filha realmente estivesse em casa. De qualquer forma, não está num curral pra falar tão alto.

O olhar de Célia o fulminou ante a ofensa. Tiago ignorou as palavras do sogro e pediu à governanta que fosse chamar Helena. Antes que Célia se movesse, a jovem apareceu na escada. Ainda sonolenta, vestia um conjunto de moletom e calçava chinelos de dedo. Ao se dar conta da presença do marido, ficou nitidamente surpresa.

– Você veio?! – então fixou o pai e viu o choque de Mauro ao notar sua gravidez.

– O que significa isto?! – perguntou, apontando para a barriga da filha

– Como ninguém me contou?

Mordendo os lábios, Célia sentiu-se terrivelmente culpada e justificou:

– Helena me fez prometer. Prometeu que lhe contaria pessoalmente, só que você não vai à fazenda faz uns três meses.

– Não posso acreditar no que estou vendo.

O mal-estar foi geral. Constrangidos, Otávio e Ana pediram licença e se retiraram da sala.

Mauro, chocado, voltou-se para a filha – Espero que saiba o que está fazendo com sua vida. Sei que nunca teve juízo, mas uma criança não é um brinquedo e, sinceramente, não posso vê-la como mãe. Como permitiu que uma gravidez acontecesse?

– Eu... – ela queria dizer alguma coisa, mas não sabia o quê. Sentindo-se apunhalado pelas costas, Mauro caminhou em direção ao escritório. Preocupada, Célia o seguiu.

Helena encarou Tiago e desceu – Viu a confusão que aprontou?

– Eu?! Quem escondeu seu estado foi você. O que foi? Tem vergonha de estar esperando um filho meu?

– Não inventa. Simplesmente não tive oportunidade de contar ao meu pai. Não deixei que Célia contasse, porque eu mesma queria dar a notícia. De qualquer jeito, por que veio atrás de mim?

– Vim te buscar. Não pense que pode fazer o que quiser sem dar satisfação a ninguém. Esse tempo se foi.

– Pois sua viagem foi inútil. Eu pretendia voltar agora de manhã. Não por sua causa é claro.

– Ah, tenho certeza.

– Nunca pensei que deixaria sua toca.

– Pois se enganou. Por mim, teria vindo ontem. Foi o Otávio quem me convenceu a esperar até que o dia amanhecesse. Eles tinham que voltar pra *Beagá* hoje e aproveitei a carona. Assim, seguimos juntos no seu carro.

– Juntos?

– Algum problema?

Ambos se entreolharam. Tiago não sabia explicar o motivo real de sua vinda e Helena se arrependia por ter deixado Embalança como deixou. Decidida, avançou alguns passos e o abraçou – Pensei muito e quero pedir desculpas pelo que fiz.

O marido a olhou admirado e divertido, retribuindo o abraço – Alguma coisa me diz que você não está nem um pouco arrependida.

Ela o olhou fingindo indignação – Como?

Ele brincou com os cabelos pretos que agora estavam um pouco abaixo dos ombros – Se pudesse voltar atrás, você faria diferente?

– Você queria que eu fizesse?

Nenhum dos dois conseguiu responder. Estavam se beijando quando Ana e Otávio vieram se despedir. Assim que eles partiram, Célia comunicou que voltaria com Helena e Tiago para a fazenda.

Os três chegaram em Embalança por volta de meio-dia. Maria havia colocado a mesa para o almoço e os aguardava ansiosa. Após algumas explicações, o dia transcorreu normalmente e nada mais se falou sobre a discussão da véspera.

Embora tivessem dúvidas quanto ao que se passava dentro deles, Tiago e Helena resolveram dar uma trégua. Um inseguro em relação aos sentimentos do outro; cada qual tentando entender os próprios conflitos.

Mais tarde, ao ver Helena na rede, Lisa não resistiu e se aproximou –

Que pena! Achei que fosse ficar por lá.

– Pois pode se acostumar, queridinha. Ainda vai ter que me tolerar um bom tempo.

– Quem sabe? Talvez eu tenha sorte e você morra no parto! – antes que Helena conseguisse se levantar e dar uma resposta a altura, a moça se afastou.



Capítulo doze

Alguns dias depois, Mauro chegou à fazenda para organizar a Feira de Agricultura da Lançatec. Na área destinada ao evento, chegavam caminhões e hóspedes a cada minuto, o que demandou grande esforço e dedicação por parte dos funcionários da empresa e os de Embalança.

Helena, por sua vez, preferiu manter certa distância do pai, já que qualquer tentativa de aproximação sempre acabava em discussão.

Naquela manhã de sábado, procurou Célia e Tiago para que a

acompanhassem até a cidade a fim de fazer algumas compras. Como não obteve sucesso e não se sentia muito bem, pediu a Alcides que a acompanhasse.

Ao meio-dia, Célia e Mauro voltaram à sede da fazenda para almoçar. Ela o acompanhou até as instalações da feira na parte da manhã. Estava preocupada com Helena e sentia-se profundamente incomodada com o relacionamento entre pai e filha, pois os dois não faziam nenhum progresso.

Assim que entraram na casa, cada um foi para o próprio quarto. Não se passou meia hora e Célia dirigiu-se à cozinha para preparar o almoço. Ao terminar, foi colocar a mesa e Mauro se aproximou. Quis se afastar, contudo, ele a impediu.

– Se está procurando Helena, ela não está. Dei pela ausência do carro quando chegamos.

– Quero falar com você, Célia.

– Pode me soltar? E se alguém nos surpreende?

– Não tem ninguém em casa. Dispensei o pessoal que cuida da sede. Esqueceu que Maria e Antônio viajaram?

– As gêmeas podem chegar.

– Eu as mandei para a cidade com meu motorista.

– Mesmo assim. Não quero conversar agora.

– Você não tem o direito de me tratar assim! Está me evitando desde que cheguei. Até quando pensa que vou tolerar sua indiferença?

Furiosa, ela se esquivou – Não venha me falar em direitos. Estou cansada do seu jogo. Não quero mais ser usada.

– Por favor... sabe que eu nunca te usei.

Ela o fitou com amargura e sorriu ironicamente – Tolarei muita coisa de você, mas não subestime minha inteligência. Faz o que quer da sua vida, a cada dia está ao lado de uma mulher mais jovem na coluna social e sou obrigada a aceitar tudo calada, a viver num eterno anonimato. Não posso levar isso adiante.

Mauro então a atraiu para si e tocou-lhe as faces carinhosamente – Sabe que eu sempre te amei.

– Tenho dúvidas.

– Não tenha, por favor. Não destrua nosso relacionamento. Temos um vínculo indissolúvel.

– Será?

– Quando a Feira terminar vai voltar comigo pra nossa casa.

– Não, Mauro. Prometi a Helena ficar com ela até o nascimento do bebê. Não posso deixar minha filha sozinha nesse momento.

Célia se afastou e Mauro se sentou no sofá com a cabeça entre as mãos.

Ainda sem acreditar no que viu e ouviu, Tiago deixou a casa perplexo.

Helena era filha de Célia? *Como?! Não, não podia ser.* Tinha certeza de que a mulher nem desconfiava do que se passava entre o pai e aquela que se dizia sua governanta.

Ele foi até as baías e cavalgou Flor por algum tempo até clarear as ideias. Quando, enfim, voltou para casa, Helena havia voltado. Seguiu para o quarto e a encontrou deitada.

– O que você tem?

– Não estou muito bem hoje.

– E por que saiu?

– Tiago, você tem que deixar de ser ciumento. Seu pai me acompanhou, não fica satisfeito?

– Não é ciúme. Se não estava se sentindo bem era melhor ter ficado em casa.

– Eu quis ir até a loja. Tenho feito umas mudanças por lá. Acho que vai gostar.

– Não duvido.

– Nossa, pelo visto, também não está muito bem.

– Não é nada...

– Nada?

– Estou esgotado por causa da feira.

– Descansa um pouco. Assim me faz companhia.

Ele tirou as botas e o chapéu e se deitou ao lado dela. Pensativo, colocou a mão sobre a cabeça, o olhar fixo no teto – Há quanto tempo Célia está com vocês?

– Nem sei. Eu era bem pequena quando foi morar lá em casa. Acho que eu tinha uns dois anos. É... acho que sim. Não fosse por ela, não sei como teria feito quando perdi minha mãe. Já estava arrasada com a morte do vovô, foi ela quem me ajudou a segurar a barra. Meus dezesseis anos... uma idade complicada.

– Sílvia era uma pessoa maravilhosa. Seu Altino então, nem se fala. Ele me tratava com tanto carinho que eu gostava dele como se fosse o meu avô.

– É verdade. Dá saudade daquela época, né? De todo mundo vivo, da criança que eu fui, das nossas brincadeiras. Eu, você e Ana. Lembra aquele

dia que nós resolvemos ir até a fazenda vizinha para comprar coelhos?

– Se lembro. Nós chegamos tão tarde que ficamos de castigo por dois dias. E o pior é que nunca encontramos a tal fazenda. Acho que Maria inventou aquela criação de coelhos. Ela fazia qualquer coisa pra distrair a gente.

Ela riu e as lembranças novamente nublaram seus olhos – Eu era tão feliz...

Atento à tristeza em sua voz, Tiago voltou-se para ela e a aconchegou de encontro ao peito – E agora, como se sente aqui?

– Melhor do que quando eu cheguei, eu sei. Mas não vou mentir. Ainda me sinto perdida. – Ao ouvir suas palavras, Tiago sentiu um peso no coração e novas preocupações tomaram lugar em sua mente.

A feira destacou-se como mais uma de sucesso. Foram sete dias de intensa atividade em Embalança e, somente no último dia, Helena acompanhou Tiago ao evento.

Eles se uniram a Mauro e Célia durante o show de uma dupla sertaneja conhecida. A certa altura, quando se levantaram para dançar, Mauro, incomodado, desabafou com Célia – Não posso acreditar que está grávida... casamento mais estúpido.

– Por quê? Nada pode ser pior do que a vida que sua filha estava levando antes de vir pra cá.

– Você me surpreende. Ser esposa de um borra-botas no interior foi o futuro que desejou para Helena?

– Não sei. Se ela for feliz com Tiago, sem dúvida.

– Grávida aos 21 anos e casada com um peão. Não sei mesmo o que vocês têm na cabeça. Helena sempre teve tudo. É uma moça fina, culta. Tiago é rude, ignorante, não serve pra ela.

– Não concordo. Está fazendo um julgamento injusto e preconceituoso.

– Faça o favor, Célia. Eles pertencem a mundos completamente diferentes. Não pode negar a verdade.

– Como nós, não é?

– Não adianta, você não me entende!

– Não, não entendo mesmo! – nervoso, Mauro mordeu o lábio inferior e se afastou da mesa pisando duro.

Por toda a noite, Rodrigo esperou uma oportunidade para chegar até Lisa. Ao vê-la sozinha, caminhou decidido até ela – *Vamo dançá?*

– Quem disse que eu quero dançar com você? Vê se te enxerga.

Ela pegou o sorvete que tinha nas mãos e o enfiou na cara dele. Rodrigo virou motivo de gozação entre os conhecidos. Humilhado, resolveu voltar para a fazenda.

Ao desencilhar o cavalo, viu Candinha se aproximar. Ela apeou da própria montaria e o alcançou – Eu te segui. Vi o que a Lisa fez.

– *Desta vez, a mardita me paga. Tô cansado de ser martratado.*

– Ela faz isso porque você deixa.

– *Uai, que é que eu posso fazê se gosto dela?*

– Será que gosta mesmo? Talvez acha que gosta dela porque não consegue ser correspondido. Meu pai diz que tudo que é difícil vira desafio. Cuidado pra não *deixá* de enxergar quem realmente te quer.

– *Do que cê tá falando?!* – Perguntou, entretanto, Candinha já não o ouvia. Afastou-se chorosa, antes que falasse demais.

A primavera trouxe uma nova perspectiva da fazenda para Helena. Os pastos assumiam uma diferente tonalidade de verde e o horizonte se estendia como um tapete de cores. Flores se abriam por toda a fazenda, desde as rosas cultivadas por Maria em frente ao casarão, até as espécies exóticas e não menos belas que nasciam em meio ao campo e pelos brejos.

Embalança era palco para o canto de pássaros que faziam seus ninhos na alameda de eucaliptos e, altivos, beija-flores e borboletas bailavam entre as árvores que circundavam a lagoa.

Admirada, Helena ficava horas assistindo o desfile de potros e bezerrinhos recém-nascidos. Apesar das riquezas da estação, as caminhadas agora eram mais raras e teve que abandonar a piscina por uns tempos.

Melancólicos, seus olhos se dirigiram à boiada que os peões conduziam à distância. Célia a viu e se aproximou. Não fosse por sua companhia, estaria ainda mais entediada.

– Soube que você e Tiago discutiram.

– Ele anda intratável.

– E você não fica atrás.

Helena a fixou com expressão magoada – Por que sempre me condena?

– Você implica com cada passo que o pobre dá.

– Estou enorme, desajeitada e a culpa é dele.

– Não seja imatura. Ter um filho foi uma escolha dos dois. Uma decisão que tomaram quando não se protegeram. Não teve aula de biologia?

– Tudo entre nós sempre foi confuso. E se quer saber, ficar com ele foi algo inesperado. Quero dizer, não tive tempo de planejar nada.

– Sei... que coisa! Como se estivéssemos vivendo em outro século. Ora, Lena. Você é bem grandinha pra saber como tomar certas precauções. De qualquer forma, agora não adianta se lamentar.

– Eu sei que reclamo demais. Mas é que minha vida aqui, puxa, está complicada. Não aguento a rotina. O médico me proibiu de cavalgar, não posso entrar na piscina porque não consigo sair e, tem que concordar comigo quando digo que não há muito com o que se divertir. Tudo que faço é informatizar a vida financeira de Embalança. Mesmo assim, não dá pra ficar naquele computador o dia inteiro. Não acho uma posição confortável quando fico sentada, nem deitada, nem em pé.

Célia não escondeu um sorriso.

– Do que está rindo? – Indagou a outra, ressentida.

– Desse jeito tá difícil!

– Tá sim. Ah, desculpa, sou mesmo uma chata. Devo estar torturando o Tiago com meu mau humor.

– Confesso que estou com pena dele.

Helena abaixou a cabeça lamentando seu temperamento explosivo. Sensibilizada, Célia a abraçou – Olha, só falta um mês para o bebê nascer. Sei como os últimos meses são cansativos, mas vai passar depressa. E depois, quando estiver com seu bebê nos braços vai ver que valeu a pena.

– Você já esteve grávida?

– Não entendi.

– O modo como falou me fez pensar que sim.

Lívada, Célia pensou que por pouco não se entregou – imagina, essas coisas a gente sabe por instinto. O que eu quis dizer é que quando passar essa fase vai repensar sua vida e decidir o que quer fazer. Soube que na cidade vizinha à Esplanada, tem uma ótima faculdade. Por que não termina seu curso de Administração?

– Você não perde tempo, hein?

– Só quero o melhor pra você.

Ao sentir o bebê se mexer, Helena levou a mão ao ventre dilatado – Nem o coitadinho me suporta... – a mão de Célia se uniu a sua.

– Não quis saber o sexo da criança, mas sempre se refere ao bebê como ele.

– Sinto que vai ser um menino. – insegura, perguntou à Célia – Acha que vou conseguir ser uma boa mãe?

– A gente só não consegue o que não quer e, apesar de tudo, sempre tive fé em você. Não vou pensar diferente agora. Em caso de colo, estou bem aqui ao seu lado.

– Obrigada. Quero que saiba que pra mim é como uma mãe. E sendo assim, vai ter que gostar do meu filho como se fosse seu neto.

– E você tem alguma dúvida?

Comovida, Célia desviou o olhar para que Helena não notasse o quanto suas palavras a tocaram.

Tiago concluiu que certos dias as coisas parecem estar destinadas a dar errado. Primeiro Alcides resolveu beber justamente quando acreditava que não teria mais recaídas. Após cuidar do pai, Antônio veio chamá-lo às pressas para acudir um funcionário na fábrica, pois o homem se feriu numa das máquinas. Tinha acabado de voltar do hospital onde deixou o rapaz na companhia de Antônio e, agora, para fechar o dia com chave de ouro, o gerente da Laticínios Embalança pediu que fosse até a cidade com urgência, resolver uns problemas na loja.

Tiago foi até a sede avisar a esposa. Encontrou Helena na sala de som. Estranhou ao vê-la escutando as velhas canções de Seu Altino. A música estava tão alta que precisou gritar para que o ouvisse. Só então, ela diminuiu o volume.

– Que moda é essa?

– Meu avô adorava essas músicas.

– Eu sei. Não escutava uma delas faz é tempo. O que deu em você?

– Nostalgia. Engraçado. Antes eu não compreendia o que ele tentava me ensinar, agora vejo tudo de forma diferente.

– É porque não é mais uma menina.

– Ele costumava dizer que a vida é como um bolero. “Leninha, pra gente entender, tem que sentir a música e descobrir o compasso perfeito. E não há nada mais apaixonante do que encontrar o parceiro ideal. Sua avó se foi e, no entanto, continua dançando comigo; é ela quem alimenta meus dias e noites com lembranças felizes.”

– Pelo visto, ele estava certo. Você acha que encontrou seu parceiro?

– Você pode responder a pergunta que me fez?

Ao ver que ele hesitava, não quis saber a resposta – O que veio fazer aqui?

– Vou ter que voltar para a cidade. Maria e Célia chegaram?

– Não.

– E as gêmeas?

– Estão visitando uma tia. Graças a Deus. Não suporto as provocações de Lisa.

– Não se importa de ficar sozinha alguns instantes?

– Claro que não. Pode ir tranquilo.

– Tem certeza? – Helena viu que Tiago estava inquieto, pois o dia marcado para a cesariana estava chegando.

Ela se levantou da poltrona com dificuldade e foi até ele. – Tenho. Relaxa, não tem problema nenhum. Além do mais, Célia e Maria devem estar chegando. Qualquer coisa, telefones existem.

– Prometo não demorar.

Ela assentiu e ele beijou seus lábios rapidamente. Meia hora depois que Tiago saiu, Helena deixou a sala de som e foi até a varanda. Já era noite e se perguntou por que Célia e Maria demoravam tanto. O clima estava abafado e a dor insignificante que a acompanhou por toda a tarde aumentou. Levou a mão à testa e sentiu que estava gelada.

À medida que os minutos passavam, o mal-estar aumentava e soube que alguma coisa estava errada. Com dificuldade, chegou à sala e acomodou-se no sofá.

Ao segurar o telefone, viu que estava sem sinal. Lembrou que Célia reclamou do aparelho na véspera. Pensou no celular, mas uma forte dor tirou seu fôlego e não conseguiu chegar ao quarto. Ajoelhou-se no tapete. Sentiu as faces úmidas de suor e o medo começou a tomar conta de seus pensamentos.

Mauro chegou à fazenda quando anoitecia. E, de fato, ao alcançar a sede, o céu tornou-se uma colcha de estrelas.

Estava disposto a acabar com a teimosia de Célia. Daquela vez não a deixaria para trás. Ficou preocupado ao notar que as luzes do terreiro ao redor da casa estavam apagadas. A porta da frente aberta denunciava que a única lâmpada acesa era a do abajur na sala. Ao entrar, ouviu os gemidos de Helena e a encontrou deitada no chão.

Ele se ajoelhou ao seu lado e, delicadamente, levantou sua cabeça com as mãos – O que aconteceu? – ela estava pálida, o cabelo úmido de suor.

– O bebê... está nascendo. Tentei chegar ao quarto, não consegui. Preciso de ajuda, estou sentindo muita dor.

– Fique calma...

Mauro comprimiu as mãos nervosamente. Pensamentos nebulosos invadiram sua mente. Talvez, diante da crise que atravessava, fosse sua única oportunidade. Hesitou. Sempre foi cauteloso e uma atitude como aquela mexia com seus brios. Ela era sua única filha... Ainda não sabia o que fazer quando o motorista entrou na sala – Desculpa, patrão, mas achei meio estranho a casa não estar iluminada.

Só aí o antigo chofer viu Helena no chão – O que tem a patroinha?

– Entrou em trabalho de parto! – respondeu Mauro, irritado. Agora não tinha escolha – Vamos, mexa-se e me ajude a levá-la para o carro.

Helena pensou que pareceu se passar uma eternidade até que chegassem ao hospital. Embora o pai tentasse acalmá-la, estava desesperada – Não vou morrer, vou?

– Não fale besteira. Já chegamos à clínica.

O médico pediu que Mauro aguardasse na recepção. Tenso, pensou em Célia e ligou para o seu celular. A primeira chamada deu fora de área. Insistiu e conseguiu localizá-la.

Desesperada, Célia avisou Tiago e, em menos de vinte minutos, Célia, Maria, Antônio e Tiago se uniram a Mauro na sala de espera do hospital – Como ela está? – Célia e Tiago perguntaram quase ao mesmo tempo.

– Não sei. O médico ainda não deu notícias. Como vocês deixaram minha filha sozinha num estágio tão avançado da gravidez? Eu a encontrei no chão.

– Tiago estava na fazenda e a data da cesariana era só daqui a duas semanas.

– justificou-se Célia, aflita. Lamentando o acontecido, olhou para o rapaz – Por que saiu?

– Helena garantiu que eu podia sair. – respondeu Tiago – O gerente da loja me pediu que viesse até Esplanada com urgência. Não queria deixá-la sozinha, mas ela estava bem, nem pensei que pudesse entrar em trabalho de parto.

– Você é um irresponsável! – afirmou Mauro, encarando-o com raiva.

– Olha só o pai exemplar! Quem esqueceu que tem filha durante os últimos meses não fui eu.

Ambos estavam a ponto de se atracar quando Célia interveio – *Chega!*

Não precisamos de uma briga agora e não adianta tentar encontrar um culpado.

Maria passou a mão pelos ombros de Célia – Calma, vamos rezar e pedir a Nossa Senhora que dê um bom parto à Helena.

O tempo pareceu se arrastar. Estavam todos aflitos e assim permaneceram até uma enfermeira avisar que tudo correu bem para a mãe e o bebê. Helena já estava no quarto e podia receber visitas. Célia abraçou Mauro com os olhos marejados.

Da mesma forma, Tiago abraçou Antônio e Maria e todos manifestaram intenção de ver a jovem.

Quem entrou primeiro foi Tiago. Aproximou-se da cama com o coração acelerado. Helena dormia e comprimiu os lábios ao vê-la tão vulnerável. Percebeu, naquele momento, como se tornou importante em sua vida. Pegou suas mãos e, suavemente, roçou os lábios nos dela. Não se passou cinco minutos, Célia bateu à porta e entrou acompanhada de Mauro. Ambos velaram-lhe o sono.

Então, Tiago voltou-se para Célia:

- Ela vai dormir algum tempo. Você já viu meu menino? – Ainda não.
- Vamos juntos?
- Claro! – respondeu emocionada.

Saíram os três demasiadamente calados. Maria e Antônio contemplavam o bebê através do vidro do berçário e Tiago apaixonou-se pelo filho à primeira vista.

Após algum tempo, Célia e Tiago discutiam para decidir quem ficaria com Helena, até que resolveram ficar os dois. Maria permaneceu no quarto algum tempo, a fim de que os dois fossem até a cantina comer alguma coisa. Assim que fizeram os pedidos, escolheram uma mesa qualquer e se sentaram. Quando, enfim, se alimentaram e Célia fez menção de se levantar, Tiago a impediu, segurando sua mão esquerda. – Espera!

– Eu sei de tudo.

– Sabe o quê? – indagou Célia, confusa.

– Não contei a Helena porque estava grávida e tive medo que isso pudesse prejudicá-la, principalmente porque sei o quanto ela gosta de você.

– O que está dizendo?

– Estou dizendo que eu sei que ela é sua filha. Não quero explicações

pelas mentiras que vem contando durante toda sua vida, mas vou deixar claro que se não contar, vou falar eu mesmo.

Célia empalideceu – Você está mentindo!

– Não mesmo. Ouvi de sua própria boca.

– Meu Deus, como descobriu?!

– Peguei uma conversa sua com o Mauro. Seja lá o que existe entre os dois, nem de longe são patrão e empregada.

– Você não pode dizer a ela.

– Helena merece a verdade, Célia. De qualquer forma, está avisada. Quando minha mulher deixar o hospital e nosso filho estiver maior, vou falar tudo que ouvi.

Tiago se levantou e Célia o seguiu sem palavras. Se contasse tudo à filha, ela nunca a perdoaria.

O dia estava amanhecendo quando Helena acordou. A primeira pessoa que viu foi Tiago, cochilando numa cadeira próxima à janela. Não se passou muito tempo e Célia entrou no quarto, segurando um copo com chá.

– Você acordou... – Célia correu para abraçá-la e a ajudou a se recostar à cabeceira da cama – Viu meu filho? Ele é lindo, não é?

– É lindo sim. Também, com os pais que tem, não poderia ser diferente. A enfermeira vai trazê-lo para o quarto daqui a pouco. Impressionante como lembra você quando nasceu.

– Como pode saber? Pelo que eu sei só foi trabalhar lá em casa quando eu estava com uns dois anos.

– Eu... eu vi as fotos.

– É claro. O médico contou que foi parto normal?

– Contou sim.

– Quando cheguei, o bebê estava quase nascendo.

– E como está se sentindo agora?

– Como se tivesse levado uma surra.

Tiago ouviu a voz de Helena e acordou. Esfregou os olhos contra a luz do sol que a cortina levemente encobria e sorriu.

– Parece que alguém teve uma noite sofrida! – brincou Helena, divertindo-se com a expressão do marido.

– Só hoje, porque estou muito feliz, vou deixar você fazer hora comigo! – Ele se levantou e foi até ela, tocando-lhe o rosto com carinho –

Como está?

– Cansada. Acabei de perguntar para a Célia sobre o nosso filho. Ela falou que ele é lindo.

– Eu concordo. É lindo mesmo. Parece com você.

– É um elogio? – Tiago assentiu e cobriu-lhe os lábios levemente.

– Obrigado por ele, Lena.

– Tem que me agradecer mesmo. Passei a defender a tese de que todos os homens deveriam enfrentar um parto.

– Nossa, eu me senti tão culpado por não estar na fazenda.

– Bobagem. Ninguém podia imaginar. Senti uma dorzinha boba o dia todo, mas decidi ignorar.

– Você e sua mania de esconder o que sente. Nem quero pensar no que teria acontecido se seu pai não tivesse chegado.

– Então não pense! O importante é que deu tudo certo, né?

Ansiosa, esperou que ele finalmente dissesse o que tanto queria ouvir. No entanto, a enfermeira chegou com o bebê e os três se derreteram.

Helena olhou para aquele pedacinho de gente miúda e sentiu um nó se formar na garganta.

De repente, estava com um medo enorme de ser mãe.

Segunda Parte

“Tem mais do que mostra, tem menos do que sabes.”

William Shakespeare



Capítulo treze

Dois meses após o nascimento de Daniel, nome que deram ao filho, Helena ainda não havia superado a primeira sensação que teve ao vê-lo. Continuava com medo... e assustada.

Ela se deu conta de que não estava preparada para ser mãe. Talvez o pai estivesse certo. Não nasceu para viver na fazenda e o casamento com Tiago foi mais um de seus erros. Só que daquela vez foi longe demais. Enredou-se na própria teia, envolvendo pessoas que nada tinham a ver com seus problemas e uma delas era um bebê inocente.

Preocupada com o comportamento evasivo da filha nos últimos dias, Célia deixou o neto aos cuidados de Maria e foi procurá-la. Após muito caminhar, acabou por encontrá-la na cachoeira.

– O que está acontecendo com você? Saiu de manhãzinha sem dar qualquer satisfação. Cheguei a pensar que estivesse em Esplanada.

– E se eu estivesse mesmo lá, qual o problema?

– Daniel, Helena. Desde que nasceu, você o deixa aos cuidados do primeiro que se oferece. Não o amamentou e passa muito pouco tempo com seu filho.

Sentindo-se mal, Helena olhou Célia bem dentro dos olhos antes de

dizer – Eu... eu não tenho culpa se não consegui amamentá-lo.

– Você nem quis tentar. Sabe muito bem que nada substitui o leite materno e também não vou ficar aqui repetindo uma verdade que uma pessoa instruída como você certamente conhece. O fato é que independentemente da decisão de amamentar ou não, está rejeitando o bebê. É uma atitude preocupante.

– Não é rejeição. Eu apenas não nasci para ser mãe. Tenho medo de prejudicar meu filho. Estou apavorada. Nem consigo carregar Daniel. É um sentimento que não posso evitar.

– Você tem que lutar contra isso. Não pretendo morar aqui. Pense num modo de enfrentar seus medos.

Helena acompanhou com os olhos os passos de Célia enquanto ela se afastava. Levou mais um tempo até criar coragem e voltar para a casa. Desanimada, seguiu para o quarto. Contudo, assim que entrou, encontrou o berço ao lado da cama.

Desde que chegaram do hospital, pediu a Célia que ficasse com Daniel. Agora, porém, queriam colocá-la contra a parede.

Comprimiu os lábios nervosamente ao ver que o filho dormia. Ainda pensava no que dizer à governanta para convencê-la a ficar um pouco mais na fazenda, quando, para sua surpresa, Tiago saiu do banho.

Ambos se encararam por alguns instantes e Helena sentiu-se terrivelmente dividida. De um lado, a vontade de se jogar nos braços do marido, de outro, a vontade de fugir – Não sabia que estava aqui.

– Passei a manhã ajudando a consertar o trator e me sujei além da conta. Acho que gastei uns trinta minutos esfregando as manchas de graxa.

Ele abriu o armário e tirou algumas peças de roupa. Então, novamente se dirigiu a Helena – Você está estranha. O que aconteceu?

– Não está vendo? Célia trouxe o berço para o nosso quarto.

– Claro, ela já ficou tempo demais cuidando do Daniel. Ele é nosso filho, não dela.

– Você não me entende. Não sei cuidar de um bebê.

– Sabe sim. Qualquer animal é capaz de cuidar de sua cria. Por que com você seria diferente?

– Talvez porque eu não seja um animal. Não me pergunte o que não posso responder. Minha vida é uma bagunça. Nosso casamento é uma bagunça.

– Esta é a vida que temos.

– Você me disse que eu só precisava ficar aqui até o nascimento do bebê.

– Entendi aonde quer chegar... – Helena pôde ver a decepção no olhar de Tiago e se arrependeu imediatamente do que falou – Ainda pensa em ir embora? Realmente teria coragem de deixar Daniel? – Envergonhada, desviou o olhar – Se tem coragem largar seu filho, nem vou perguntar sobre nós.

Nervosa, Helena comprimiu as mãos. Desde o parto, evitava qualquer forma de contato íntimo com o marido. De repente, sentiu remorso das coisas que estava fazendo e dizendo. Lágrimas inundaram suas faces e se jogou na cama, afundando o rosto no travesseiro. Estava confusa. Seus sentimentos eram confusos.

Preocupado, Tiago foi até ela. Ajoelhou-se na cama e fez com que se levantasse para encará-lo – Lena, olha pra mim, quer mesmo ir embora?

Ela baixou os olhos. Estava pálida.

– Não. Não sei... estou apavorada. Não quero estragar a vida do nosso filho. Sou uma companhia ruim para um bebê.

– Não é não. É a mãe dele. Ninguém pode ser melhor companhia do que você.

Ela continuou de cabeça baixa, os olhos transbordando, mas ele envolveu-lhe o rosto com as mãos e fez com que o encarasse – Ei, esse medo vai passar. Confia em mim.

Olhos nos olhos, Helena se perguntou como poderia se tornar a mulher que ele queria. Tiago estava triste. O abraçou. Sufocou-se numa dor desconhecida, enquanto buscava o calor de seu corpo junto ao dela. E entendeu... precisava dele. Buscou-lhe os lábios com desespero. Ao notar a indecisão de Tiago, arrancou a toalha que ele tinha ao redor da cintura e o atraiu para si – Quero você dentro de mim...

Ele pareceu se retrair e tentou ler o que seus olhos diziam.

– Tem certeza? Você está me evitando há dias.

– Nunca tive tanta certeza de uma coisa.

Ela o tocou com carinho e Tiago a ajudou a se livrar das roupas, deixando qualquer argumento de lado.

Algun tempo depois, Helena se perguntou como conseguiu se manter afastada do marido durante todo aquele tempo. Viu que ele cochilava ao seu lado e, insinuante, moldou o corpo ao dele – Ele abriu os olhos e sorriu gostosamente – Assim vai me matar.

– Você descansou de mim por um bom tempo.
– É verdade. Você me deixou subindo pelas paredes.
– Estava insegura. Meu corpo... depois do bebê, não sou a mesma Helena.

– Como uma coisa tão boba passou pela sua cabeça? Você é linda, Leninha. Pra mim, agora mais do que antes.

- Se eu fizer uma pergunta, vai ser honesto?
- Que pergunta?
- Não venha dar uma de esperto. Vai ou não?
- Vou.
- Promete?
- Prometo. Ei, estou lembrando a última promessa que me fez fazer.
- E que foi obrigado a cumprir.
- Se fui. Fala logo.
- Você me ama?

Tiago ficou sério. Olhou para Helena e viu a dúvida que ela sentia – O que você acha?

- Quer parar de responder minhas perguntas com outras perguntas?
- Eu te amo, Helena. Acho que sempre te amei. Não é fácil assumir depois de tudo que me fez, mas é a verdade. Ainda pensa em me deixar?
- Não. E ainda não acredito no que ouvi.

Daniel escolheu justo aquele momento para acordar. Helena procurou sua roupa no chão e, vestindo a longa camiseta às pressas, foi até o berço. Ainda pensava em como acalmar o bebê, quando Tiago o pegou.

Admirou o modo carinhoso como ele acolheu o filho nos braços e os admirou por um bom tempo. Acabou se aproximando e reivindicou o bebê para si. De algum modo inexplicável, aquele medo horroroso havia passado e sentiu-se feliz como há muito não se sentia.

Era o mesmo antigo pesadelo. Helena acordou suada e chamando pela mãe. Tiago tentou acalmá-la, mas o bebê começou a chorar e Célia abriu a porta preocupada – O que aconteceu? Ouvi você gritar.

- Aquele pesadelo horrível. Assustei Daniel.

Tiago saiu com o bebê do quarto e Célia se sentou ao lado de Helena – Não sabia que continuava tendo esse pesadelo.

- Ele me persegue. Tive umas três ou quatro vezes desde que me casei.

Me fala uma coisa Célia, o que realmente aconteceu na noite em que minha mãe morreu?

Célia sentiu a boca secar e se levantou. Caminhou até a janela, como se precisasse de ar. No entanto, as treliças estavam fechadas.

– O que foi?

– Nada, Lena. É que faz tanto tempo e eu... eu não sei.

– É o que sempre me diz, por algum motivo, não me convence. Existe alguma coisa que minha memória bloqueou, mas não sei o quê.

– Deixe de pensar nessas coisas. Faz parte do passado, não vale a pena sofrer por algo que já aconteceu. Vou ver Daniel. Talvez seja melhor ele dormir comigo esta noite.

Uma vez no corredor, Célia tirou o bebê dos braços de Tiago e seguiu para o quarto com as pernas trêmulas e o coração acelerado. Estava cansada das chantagens emocionais que Mauro fazia para que deixasse a fazenda e da pressão de Tiago para contar a verdade à Helena.

Ana e Otávio vieram passar o final de semana na fazenda e conhecer o pequeno Daniel. Helena estava trabalhando no escritório, quando o primo entrou.

– Não acredito! Além de mãe de família, virou uma trabalhadora honesta.

Helena se levantou e o abraçou – Não brinque comigo! Sabe muito bem que informatizei toda a vida financeira de Embalança.

– Que sua modesta propriedade agrícola seja bem-vinda ao Século 21. Embora de modesta, ela não tenha nada.

– Pois pra mim, existem muitas coisas que precisam mudar. Quero modernizar a fábrica e a loja. E antes que me pergunte, ainda não sei como.

– Então pense. É nossa qualidade fundamental.

– Nosso gerente está se aposentando. Ele diz que cansou de ficar atrás de um balcão o dia inteiro. Não sei quem vamos colocar em seu lugar e estou preocupada.

– Eu não o culpo. Quem trabalhou uma vida inteira merece descanso. Por que não assume a loja?

– Eu?!

– Não conheço ninguém melhor. Você está com planos e seria um desafio. Além do mais, vai ser bom sair um pouco da fazenda, está mais do

que na hora de se envolver num projeto.

– Vamos ver...

– *Realizar*, você quer dizer. Tudo o que quebra a rotina, ainda que a rotina esteja nos sufocando, não é bem-vindo num primeiro momento.

– É verdade. Tem muitas coisas que eu gostaria de fazer e que não saem da minha cabeça.

– Pois está na hora de deixar o *se de lado*.

Helena pareceu refletir. Após alguns segundos, sorriu para o primo e mudou de assunto completamente – *Conheceu meu filhote?*

– Claro. Ele é lindo, Lena. Mais ainda do que nos retratos que me mandou. Coloquei uma foto dele no meu fundo de tela. Toda vez que sento no computador lembro-me de vocês. Ana está lá dentro, encantada com o bebê.

– Pois eu e Tiago temos uma surpresa.

– O que é? Não vai me dizer que está grávida de novo. Pelo que Candinha me disse, vocês estão em lua de mel.

– Candinha é bem falante. Ficou louco? Da próxima vez, pode ter certeza de que será planejado. Vocês homens deveriam sentir certos incômodos da gravidez.

– Calma, estou só brincando.

– Eu sei.

– Então me fala que surpresa é essa.

– Queremos que sejam os padrinhos de Daniel.

Ele a encarou com os olhos brilhantes – Nossa! Estou honrado. Ana vai ficar muito feliz!

– Ora, deixa de formalidade. Vamos falar com sua mulher.



Capítulo quatorze

Daniel estava com quatro meses de vida. Embora acompanhasse as pequenas e preciosas mudanças do bebê no dia a dia, Helena ainda sentia um vazio. Um querer mais. Como se faltasse algo fundamental para que desse um impulso na vida. Ela queria uma realização profissional e não apenas usufruir de tudo que o avô lhe deixou, sem saber de onde vinha o dinheiro,

como sempre fez.

Acabou colocando suas expectativas no papel e decidiu seguir o conselho que Otávio lhe deu em relação à loja.

Para ser sincera, desde que criança que nunca esteve tão bem, mas verdadeiramente precisava e queria fazer algo de concreto por ela e por Embalança. Realizar algo de que se orgulhasse. Reinaugurar a loja e reestruturar a fábrica pareceu a melhor decisão.

A princípio, Tiago não a levou muito a sério, o que só fortaleceu seu propósito. No entanto, após vê-la duas semanas levantando os custos e contratando mão de obra, ele entendeu que não estava de brincadeira.

Meses depois

Helena arrumou Daniel na cadeirinha sobre o banco traseiro do carro e, juntamente com Candinha, seguiu para a loja como vinha fazendo todos os dias durante o último semestre.

Após acomodá-los no andar de cima, no quarto que decorou especialmente para o filho, desceu para verificar as correspondências que recebeu no dia anterior. Entre boletos, propostas e convites, um envelope em papel pardo lhe chamou a atenção.

Seus *nome e endereço* estavam etiquetados numa impressão legível e a abertura estava lacrada. Ao abrir e ler o conteúdo, perguntou-se quem teria feito aquela brincadeira de mau gosto.

No papel ofício, a mensagem digitada em caixa-alta, ocupava quase toda a dimensão da folha:

VÁ EMBORA! SE CONTINUAR BRINCANDO DE
FAZENDEIRA SOFRERÁ SÉRIAS CONSEQUÊNCIAS .

Indignada, ligou para Tiago, que não levou mais do que vinte minutos para chegar em Esplanada – O que aconteceu? – Perguntou ao entrar na loja – Fiquei preocupado, mas você gritou tanto que não consegui entender nada.

Helena lhe estendeu o envelope sem destinatário e Tiago não gostou nem um pouco do que leu – Não posso entender quem faria uma ameaça dessas.

– Acha que Lisa seria capaz?

- Não. Ela nem sabe mexer num computador e também não iria tão longe. *Acho melhor a gente mostrar pro delegado.*
- Pode ser só uma brincadeira. Não precisamos chegar tão longe. Não vá incomodar o Moacir sem necessidade.
- *Ficou louca? É claro que temos de falar com ele. Não quero minha mulher e meu filho correndo riscos por aí. Mesmo porque, não é lá brincadeira que se faça.*

Diante da recusa da esposa em acompanhá-lo, Tiago se encaminhou para a delegacia sozinho. Ela o levou até a porta e, enquanto observava o marido atravessar a rua calçada e alcançar a picafe, o antigo gerente da loja chegou.

Ela o cumprimentou e o convidou a entrar. O viu pela última vez na reinauguração da loja que, sem dúvida, foi um sucesso.

Desde que se envolveu com a Laticínios Embalança, Helena fez uma reforma completa. Ela começou sem saber qual seria sua linha de ação, contudo, após alguns meses, a loja nem de longe lembrava o que foi no passado. Os produtos da fazenda ganharam um novo visual, ela montou um café no interior do estabelecimento e, em pouco tempo seu investimento deu frutos, atraindo turistas de toda a região. Além dos laticínios, passou a vender doces e suvenires e, com a ajuda de Tiago, muito ativo para os negócios, causou uma revolução no comércio de Esplanada.

- *E então, Seu José, o que o traz aqui?*
- *Na verdade, vim para lhe pedir um favor.*
- Pode falar.
- *Vou direto ao ponto. Ouvi falar que ocê tá procurando um novo gerente e pensei em meu neto.*
- Ele tem experiência?
- Tem sim. Trabalhou num restaurante em Belo Horizonte. Agora voltou para Esplanada e está precisando de um trabalho. É um moço bom, dedicado, estudioso. Está prestando vestibular para entrar na faculdade. Quer cursar administração. Se lhe der uma chance, não vai se arrepender.
- Pois fale com ele para me procurar. Preciso conversar com o rapaz antes de prometer alguma coisa. Como é o nome dele?
- Marcos. Sei que vai gostar do meu menino! – Com um sorriso de uma orelha a outra, José agradeceu e se despediu.

Na mesma tarde, Helena recebeu mais duas visitas. Uma do delegado Moacir para falar sobre a ameaça que recebeu. E a outra de Marcos.

Em relação ao delegado, apenas respondeu suas perguntas, sem conseguir pensar em que seria o autor da mensagem.

Quanto ao neto de José, gostou do rapaz à primeira vista e lhe deu o emprego. Ele faria uma experiência de três meses. Ela, todavia, intuiu que aquele seria seu braço direito. Negro e de estatura mediana, Marcos, além de atraente, possuía um olhar sincero e um sorriso cativante.

Passados alguns dias, Helena acabou esquecendo a ameaça. Exatamente quinze dias após receber a correspondência, Marcos lhe entregou um envelope idêntico ao primeiro. A mensagem, por sua vez, não era a mesma.

VOCÊ ESTÁ ABUSANDO DA SORTE! POR ENQUANTO
ESTOU SÓ AVISANDO, MAS SEU COMPORTAMENTO ESTÁ
COMEÇANDO A ME IRRITAR!

Mostrou para Tiago que fez um estardalhaço e, novamente, dirigiu-se à delegacia. Helena acabou se arrependendo de ter contado para o marido que, exagerado, passou a controlar cada um de seus passos, inclusive, envolvendo Célia no assunto.

A partir de então, começou a esconder os envelopes que chegavam com frequência. Com o tempo, tornou-se uma rotina e resolveu ignorar a advertência.

Quando Tiago perguntava se o autor das ameaças havia desistido de atormentá-la, respondia que sim e sorria despreocupadamente.

Aflito, Rodrigo correu para o casarão assim que avistou a picape vermelha alcançando a sede. Tiago ainda não havia chegado à varanda, quando o rapaz chegou esbaforido.

– *O que foi, homem? Que cara é essa?*

– *A coisa tá feia. Ocê nem pode imaginá o que aconteceu.*

– *E nem vou saber se você não abrir a boca depressa.*

– *Os peões que cuidam lá do haras disseram que essa madrugada os animais foram roubados.*

– *Como assim?* – Preocupado, Tiago encarou Rodrigo sem conseguir acreditar na reação do sogro ao saber que os animais da empresa tinham sido levados.

– *Um dos peões, o tal do Matias, levou um tiro e o Jairo pegô a camionete da fábrica e correu com ele pro hospital. Os outros três foram amarrados. Só conseguiram se sortá de manhã, quando o veterinário chegou. Dizem que os homens chegaram com três carreta de transporte, encapuzados e armados até os dente. A coisa foi tão bem feita que os peões chegaram a pensar que era da parte da Lançatec. E o mais estranho é que os segurança de seu Mauro foram chamados pra um treinamento na capital e nós nem fomos avisado.*

– *Claro, dá pra ver que foi programado. O delegado já tinha me avisado pra tomar cuidado que algumas fazendas foram assaltadas. Nem sei como dar a notícia ao meu sogro. Vou até Esplanada procurar o Moacir e falar com Leninha. Depois vou até o hospital saber de Matias. Chame os três peões que foram amarrados pra me acompanhar até a delegacia.*

Após duas semanas, ainda não havia sinal nem dos ladrões, nem das carretas. Intrigado, o delegado não conseguia pensar numa quadrilha tão organizada atuando na região de Esplanada.

Mais intrigado ficou dias depois, ao ver Mauro conversando com Pedro numa encruzilhada em meio à estrada de terra que conduzia à fazenda.

Se Mauro já não respondia por Embalança, o que fazia ao lado de um sujeito que, segundo corria à boca solta não prestava e, que havia inclusive atacado Helena?

Desconfiado, Moacir manteve certa distância, contudo, pelo resto do dia a cena não lhe saiu da cabeça. Seu faro não costumava se enganar e ali existia uma ligação, no mínimo, suspeita.



Capítulo quinze

Helena aproveitou a hora de almoço para ficar com Daniel. Tinha um tempo livre antes de uma reunião com um fornecedor e não se aguentava de saudade do bebê.

Assim que entrou no quarto onde Candinha ficava com o menino, ele estendeu os bracinhos e conseguiu se levantar.

Os cabelos lisos e pretos e a pele clara eram características suas. Entretanto, os olhos azuis-acinzentados, sem dúvida eram de Tiago, assim como os dedos da mão e alguns traços inegáveis. Ela o pegou no colo e brincaram por alguns minutos. Estranhando o silêncio de Candinha, sempre tão faladeira, fixou-lhe atentamente. Notou que, pela sua expressão, parecia estar a quilômetros de distância – Que cara é essa?

– *Eu? Nada ué.*

– Deixe de besteira. Sei que está tristonha. O que aconteceu? Está entediada cuidando de Daniel?

– Não, Lena. De jeito nenhum.

– O que é então?

A moça hesitou. Após alguns segundos falou – *É o Rodrigo que me irrita. Você acredita que apesar da Lisa aprontar de um tudo, o bobo ainda fica atrás dela?*

– *E isso na sua voz, eu posso entender que é ciúme?*

– *Ara, imagina!* – As faces da moça ficaram tão vermelhas que Helena não pôde conter um sorriso – A coisa está pior do que eu pensava. Por que não diz a ele como se sente?

– Deus me livre! – Candinha fez o nome do pai e Helena deu uma gargalhada.

– Do que está rindo? Pude ouvir da escada – Perguntou Tiago, surgindo na soleira da porta.

– O que está fazendo aqui? – Ignorando a pergunta, ele caminhou até Helena e começou a brincar com o bebê.

– Vai responder ou não?

– *Vim ver se está se comportando. Anda muito popular em Esplanada. Tenho que me cuidar. Nosso filho só tem um ano, ainda não pode tomar conta da mãe.*

– Não posso acreditar que veio aqui só pra me vigiar!

Ela fez uma expressão de poucos amigos e Tiago a chamou para conversar. Deixando Candinha com o menino, ocuparam outra sala.

- Sinto sua falta na fazenda.
- Não começa. Eu só fico aqui até as quatro e você nem aparece em casa a essa hora. Além do mais, sei que está mentindo.
- Eu conto, mas só depois de um beijo. – Ela o puxou pela camisa e levou os lábios aos dele. O que pretendia ser um breve contato, acabou acendendo o fogo entre eles. Quando Tiago soltou o fecho de seu sutiã, ela conscientizou-se de onde estavam e se afastou, ajeitando rapidamente a blusa.
- *Está vendo? Não dá certo.* Nunca ficamos só num beijo e tenho uma reunião daqui a alguns minutos.
- Não foi intencional. – Tiago se aproximou e tocou-lhe os cabelos com carinho – *Que mulher responsável você virou!* – Helena o empurrou e fingiu prestar atenção em alguns papéis em uma mesa ao canto – Vai falar ou não?
- Está bem, eu desisto. É aquele jornalista de novo. O tal de Carlos Maciel. Foi até a fazenda procurar informações sobre a fábrica. Quer publicar um artigo sobre a Laticínios Embalança. A loja está se tornando conhecida e imagine, ele veio da Capital só para checar.
- Pode ter certeza de que deve ser uma matéria sobre a *Lançatec*. Sabe muito bem que eu não quero associar a fábrica e a loja aos negócios do meu pai.
- Eu sei, mas talvez você deva falar um pouco sobre as mudanças que fez. Está dando certo, aumentamos a produção e estamos tendo um bom retorno. Nossos produtos nunca foram tão procurados. Seu avô ficaria orgulhoso.
- Vou pensar. De qualquer forma, se ele veio ontem, deve voltar hoje.
- *Você é quem decide. Como fui dispensado, vou voltar pra lida.*
- A gente se vê mais tarde.

Ela lhe deu as costas e, da janela, verificou o movimento na rua. Frustrado, Tiago caminhou até a porta, então, repentinamente parou. Deu meia volta e, vencendo a distância entre os dois, a abraçou por trás e insinuou o corpo ao encontro do dela – *De noite você não me escapa.*

Enquanto ele roçava os lábios em seu pescoço, Helena sentiu as pernas bambas. Tentou se virar de frente para ele, mas Tiago não deixou. Estava quase enlouquecendo, quando ouviram alguém clareando a garganta. O marido a soltou. Surpreendidos, olharam para a porta. Helena pensou que devia estar escarlate ao reconhecer o jornalista de quem falaram há pouco.

- Por favor, me desculpem. Não quis atrapalhar. O rapaz lá embaixo me deixou subir.
- Não, imagina. O Tiago estava só se despedindo.
- Estava, amor? – Ele perguntou divertido, mas Helena fechou a cara. Após

cumprimentar o jornalista, beijou a esposa no rosto e saiu apressado.

Nem um pouco embaraçado, o jornalista foi direto ao ponto.

– Seu marido contou sobre minha intenção de escrever um artigo?

– Falou por alto... Qual é mesmo a sua coluna?

– *Notícias de Minas*.

– Quero que me esclareça uma coisa. Não entendo por que um jornal conceituado como o seu se interessou por uma cidade tão pequena quanto Esplanada.

– Um amigo meu me falou sobre a região. Aliás, ele me presenteou com alguns produtos da sua fábrica. Foi assim que cheguei até vocês.

– E não tem nada a ver com a *Lançatec-MG*?

– Não diretamente. – Ele resolveu ser sincero – Mas ao chegar aqui e reconhecer você como a filha de Mauro Medeiros, sua história muito me impressionou. São casos como o seu que queremos contar.

– Tudo bem. Pelo menos você foi honesto. Se quiser jantar com a gente esta noite, poderemos conversar sobre o artigo. Estou mesmo num momento em que preciso de publicidade.

Helena chegou em casa quando anoitecia. Foi só o tempo de tomar um banho e trocar de roupa e Maria avisou que o jornalista havia chegado. Estava acabando de ajeitar o cabelo quando Tiago entrou no quarto – Chegou tarde.

– Não consegui sair da loja antes.

– Sabe que não gosto que o Daniel fique lá até essa hora.

– Não consegui falar com você no celular.

– Podia ter avisado a Maria.

– Ei, se não reparou, temos visita agora. Não podemos conversar.

Tiago tentou conter a impaciência e pegou uma roupa limpa na gaveta

– Vou tomar um banho e mais tarde quero retomar nossa conversa.

Impaciente ela bufou, mas decidiu relevar.

No instante em que Helena chegou à sala, Carlos se levantou para cumprimentá-la. – Acho que me adiantei. – desculpou-se o jornalista.

– Não, você foi pontual. Eu é que me atrasei. Peço desculpas.

– Imagine.

Ela pediu que se sentasse novamente. Assim que se acomodaram no sofá, uma das moças que Maria havia contratado para trabalhar na cozinha

trouxe um fresco.

– Você tem alguns retratos bem interessantes – Observou, fixando a prateleira acima da lareira.

– Antes de começar a trabalhar em Esplanada, redecorei a sala e fiz uma conferência nos álbuns antigos. Vou te mostrar.

Com prazer, Helena mostrou as fotografias e falou sobre o avô e a mãe. Cada vez mais interessado em sua história, Carlos pegou o porta-retrato com a foto de seu casamento e, comparou com outro, em que lhe chamou a atenção a imagem de duas crianças abraçadas – O retrato mais antigo, *são* vocês? Quero dizer, você e seu marido? – Helena riu e assentiu – Nós tínhamos onze anos. Eu trouxe uma câmera que havia acabado de ganhar da minha mãe naquelas férias. Fiz todo mundo tirar retrato e me diverti bastante.

– Posso ver que Tiago está aqui há muitos anos.

– Sim. Você não vai acreditar, mas nós começamos a namorar com onze anos.

– Não acredito.

– É verdade. De acordo com Tiago, no dia em que tiramos essa foto, nosso namoro se tornou oficial. Foi o primeiro selinho que trocamos.

Carlos riu – E o que aconteceu depois?

– Bem, aos dezesseis anos nós terminamos. Passei por um período conturbado, você sabe. Acho que todos sabem. Pelo menos, quem lia os jornais da Capital. – Ele riu e ela prosseguiu – Há pouco mais de dois anos voltei para a fazenda e... pra resumir, a gente acabou se casando.

– Você parece muito feliz.

– Sem dúvida.

– Eu andei perguntando sobre seu marido. O pessoal de Esplanada só têm elogios a fazer sobre ele. Pelo que descobri, largou a faculdade de veterinária no começo do segundo ano, após perder a mãe. E depois teve problemas com o vício do pai. Hoje se dedica exclusivamente à fazenda. Não tem planos de voltar a estudar?

Como não sabia sobre a faculdade, a jovem quase engasgou ao responder: – Claro, quero dizer, é um projeto que ele ainda tem.

A princípio, Helena quis deixar o jornalista a sós e abordar Tiago. Não entendia porque ele nunca comentou sobre o curso. Percebeu que ele deveria tomar a iniciativa e se abrir. Mas, embora optasse por permanecer em silêncio naquele momento, aquilo a incomodou profundamente.

Algum tempo depois, Tiago se juntou aos dois e Helena apresentou Alcides, Maria, Antônio, Candinha e Rodrigo ao jornalista.

Após o jantar, todos se reuniram na varanda como de costume e Helena tocou violão por mais de uma hora. Por volta de meia-noite, Carlos, nitidamente impressionado, agradeceu a hospitalidade e se despediu, com a promessa de ir até a loja no dia seguinte, a fim de coletar mais algumas informações.

Incrédulo, Mauro releu o artigo mais uma vez. Quando Célia lhe contou, pensou que estava delirando.

É uma antiga fábrica de laticínios que merece a nossa atenção. Durante quase sete décadas, a Laticínios Embalança seguiu a mesma linha de venda adotada pelo Fazendeiro Altino Campos Lanetti, filho de imigrantes italianos que, em vida, além de pioneiro na produção de produtos derivados do leite, foi um dos fundadores da cidade e proprietário da maior fazenda de Esplanada.

Até um ano atrás, a fábrica só atendia a população local e as lanchonetes e restaurantes da região, através de um pequeno estabelecimento no centro da pitoresca cidade, sob o mesmo selo dos produtos.

No entanto, a loja ganhou vida nova. A fábrica modernizou a produção e a mudança não está apenas nas embalagens e conteúdo. A atual proprietária transformou o tradicional comércio num charmoso café e passou a comercializar doces e suvenires.

O resultado não poderia ser melhor. Esplanada ganhou uma nova atração turística e os produtos da Laticínios Embalança estão sendo procurados como nunca.

O sucesso do empreendimento se deve a ninguém menos que Helena Lanetti Medeiros, filha de Mauro Medeiros, o Presidente da Lançatec-MG e neta de Altino Campos Lanetti.

A moça que até ontem recheava a coluna social mineira de fofocas, tornou-se mãe de família e vem se mostrando uma ótima empresária, sinal de que o talento para a administração está no sangue. Ela conta com funcionários dedicados e a colaboração de Tiago Costa Moreira que, além de administrador da fazenda é também seu marido. Para os moradores da

região, o casal representa um conto de fadas moderno, já que o namoro começou quando os dois eram ainda crianças.

Notícias de Minas, por Carlos Maciel.

Mauro olhou a foto recente do casal com o filho e, ao lado, um retrato de Helena e Tiago ainda crianças.

- Não é maravilhoso? – Perguntou Célia, ansiosa, puxando o jornal.
- Coisa mais ridícula. Era só o que me faltava!
- Do que está falando? A felicidade de sua filha te incomoda?
- Vai me dizer que acredita em contos de fadas?
- Não entendi a ironia.
- Faça-me um favor. Sua filha criou raízes naquele fim de mundo e você parece estar gostando.

- Helena mudou de vida. Está trabalhando e, como prova este artigo, conseguindo ótimos resultados. Pensei que ficaria orgulhoso, no mínimo, aliviado.

Mauro pegou o jornal de volta e o amassou irritado. Célia fez uma expressão desgostosa. Ultimamente, parecia obcecado com a ideia de que Helena deveria vender a fazenda.

- Pretendo passar uns dias com meu neto. Por acaso quer me acompanhar?

- De jeito nenhum.

Taciturno, passou as mãos pelos cabelos. Estava mais do que na hora de tomar uma atitude. Ele havia esperado demais e agora tinha certeza de que não poderia contar com a sorte.

Intrigada com o convite inesperado que encontrou em sua secretária eletrônica naquela manhã, Íris dirigiu-se à mansão de Mauro, onde teve que esperar por mais de duas horas, até que o empresário finalmente pudesse recebê-la.

Assim que o viu, sorriu provocante – Confesso que estou curiosa para saber o que quer comigo.

- Quero fazer um negócio com você e como sei que faz qualquer coisa por dinheiro, não consegui pensar em ninguém mais adequado.

Grosso – Pensou Íris, mas nada disse – Levando em conta nossos últimos encontros, em que, diga-se de passagem, me expulsou da vida da sua filha, do que se trata?

Temendo que alguma empregada pudesse ouvi-lo, Mauro a conduziu até seu escritório, onde fechou a porta. Acomodando-se numa elegante poltrona atrás de uma mesa polida de granito, indicou uma cadeira para que a ruiva se sentasse a sua frente.

Íris passou olhar pelo luxuoso cômodo onde cada móvel e peça refletia limpeza e bom gosto.

Pensou que a vida era boa demais quando se tinha posses e empregados à disposição, motivo pelo qual sempre invejou Helena.

– Se já acabou sua inspeção, vou ser bem direto. Quero separar minha filha de Tiago. Fui muito tolerante, mas não posso mais permitir que esse casamento ridículo continue. Pensei que isso fosse acabar logo, só que está demorando demais.

– Espera, até onde sei, Helena e Tiago estão muito bem.

– E daí? Mais um motivo para separá-los. Não vou permitir que ela crie o meu neto naquele fim de mundo.

– E quem garante que eu vou conseguir? Se quer saber, tentei antes e não adiantou nada. Tiago não gosta de mim. Das últimas vezes me expulsou da fazenda. Como vou me aproximar?

– Tenho certeza de que vai pensar em alguma coisa.

– Quanto?

– Quinhentos mil, – Íris quase engasgou diante do valor – mas só quando Helena sair de Embalança.

– Será um prazer! – afirmou a jovem, os olhos refletindo toda sua ambição.

Rodrigo esperou Lisa acordar para falar com ela. Assim que a viu deixar a casa do pai, se aproximou – *Pensô na minha proposta?*

– Não vou me casar com você. Quero ser dona de um salão de beleza, não posso me amarrar agora. Mas se quer mesmo me agradar, tenho uma ideia.

– *O que é? Faço qualquer coisa procê.*

– *Preciso testar uns cremes de hidratação. Vem aqui em casa mais*

tarde, que o pai vai sair e será meu primeiro cliente.

– Estarei aí.

Rodrigo montou no cavalo e foi procurar Tiago tão animado que quase caiu da montaria. – Tenho um encontro com Lisa.

– Quer dizer que finalmente ela se resolveu?

– *Não ainda. Ela me quer como seu primeiro cliente.*

– Cliente? Como assim?!

– *Ela cismou de ser cabeleireira, ocê sabe e quer dá um trato no meu cabelo.*

– Ai! Cuidado homem! Eu se fosse você, agradecia e passava longe daquela doida.

– *Ara! Pela Lisa eu faço qualquer coisa.*

– *Já que não consigo abrir seus olhos, simbora verificar como estão as coisas na fábrica.*

Eram quase oito horas da noite e Helena se sentou na varanda com o violão. Estava dedilhando uma canção sertaneja quando Tiago, Maria e Antônio se juntaram a ela. Não se passou muito tempo e Candinha se aproximou com Daniel.

Colocou o violão de lado para brincar com o filho e, tempestuosamente, Rodrigo passou correndo pela alameda de eucaliptos, chamando Tiago.

Todos se levantaram assustados – *O que foi agora, criatura?* – Perguntou Tiago, preocupado.

Uma vez na varanda, todos estranharam o grande chapéu que encobria seus cabelos – *Não sabem o que aquela mardita fez comigo. A peonada tá rindo faz pra mais de hora.*

– O que está acontecendo? – Indagou Helena, confusa.

Quando Rodrigo tirou o chapéu, todos ficaram mudos e, em poucos segundos, perderam-se num acesso incontido de risos.

Tiago não podia acreditar na aparência do amigo. Os cabelos antes pretos e lisos estavam ressecados e numa tonalidade tão clara de louro que, em contraste com sua pele morena, atribuiu-lhe uma aparência cômica.

– *Gente, que é que eu vou fazer agora?*

– *Eu te avisei.* – falou Tiago – *Toda vez que se mete com Lisa, sai chamuscado.*

– *Num posso ficá assim.*

– Calma, Rodrigo – disse Helena com dó e indignada ante a atitude cruel de Lisa – *Amanhã cedo eu dou um jeito nisso.*

– *Ara, patroinha! Tem certeza que dá para fazer alguma coisa?*

– Claro.

Enervada com a maldade da irmã, Candinha entrou na casa com os olhos marejados. Vendo o que se passava com ela, Helena a seguiu – Lisa é má. Como pode brincar assim com os sentimentos de alguém?

– Ela faz isso porque ele deixa.

– *Eu sei... é um trouxa mesmo. Como posso gostar tanto dele?*

– *Olha, Candinha, não adianta chorar. Se acalme que acho que desta vez o Rodrigo aprendeu a lição.*

A moça fez um olhar de descrença, mas permaneceu em silêncio, torcendo para que as palavras de Helena se tornassem realidade.

Quando Helena voltou à varanda, só Tiago esperava por ela. Estava deitado na rede, os olhos fechados, cantarolando uma canção sertaneja.

– *Uai, cadê todo mundo?* – ela perguntou.

– Foram dormir. Eu mesmo acabei de colocar o Daniel no berço.

– Hum... ótimo ficarmos sozinhos. Quero mesmo te fazer uma pergunta.

– O quê?

– Por que não me contou que precisou largar a faculdade quando sua mãe morreu?

– Ah, isso... Não achei importante. Por um bom tempo você não quis saber nada da minha vida e nem eu da sua.

– Tudo que diz respeito a você me interessa. Pensa em voltar?

– Para a faculdade?

– Aham.

– Não sei.

– Dou a maior força. Você leva jeito com os animais.

Tiago sorriu – Fazemos assim, quando você voltar eu volto, ok?

– Mas eu ainda penso em retomar meus estudos.

– Eu também não desisti de todo. Dizem que nunca é tarde. No momento não posso, mais pra frente a gente conversa.

– Combinado. – ela sorriu e pleiteou um lugar na rede ao lado dele – *Como o Rodrigo foi deixar a Lisa fazer aquilo com o cabelo dele?*

– *Nem me fala. Eu bem que avisei. Ele parece cego quando o assunto é*

aquela lá.

– *E deixa de enxergar Candinha que arrasta uma boiada por ele.*

– *Isso mesmo. E você? Arrasta uma boiada por mim?*

– *Não sei. Me diz você o que seria capaz de fazer por mim...*

– *Eu arrasto o Tigre ou o Leão. Tá de bom tamanho?*

– *Ah... é mais do que eu faria. De minha parte, pensei numa galinha.*

Eles se encararam divertidos e Helena capturou seus lábios num beijo demorado. Apesar da brincadeira, percebeu que, por ele, seria capaz de qualquer coisa.

Na manhã seguinte, ao chegar em Embalança, Célia encontrou Rodrigo sentado na varanda a esperar por Helena que tinha ido até a cidade. Tentou permanecer séria ao se inteirar da história, contudo, quando Rodrigo tirou o chapéu, não conseguiu se conter – Desculpa, rapaz, mas é impossível não rir. Seu cabelo era tão bonito, como deixou que ela fizesse isso?

– *Lisa mentiu pra mim. Falou que só queria hidratá e me aprontô uma arapuca.*

Antes que Célia fizesse algum comentário, Helena estacionou diante da casa e desceu com algumas sacolas. Em menos de duas horas, hidratou o cabelo de Rodrigo, pintou na tonalidade de antes e voltou a hidratar. Quando, enfim, terminou, o rapaz se olhou no espelho e respirou aliviado. – *Graças a Deus! Num sei nem como posso te agradecê, sá!*

– Não foi nada.

Rodrigo deixou a casa dando vivas e uis e Helena encarou Célia divertida – Ele não existe.

– Não mesmo.

Lisa cortava a sala da casa do pai de um lado para o outro, furiosa por Jairo ter chamado sua atenção diante de Tiago e da peonada. E tudo por causa das intrigas da irmã. Como o pai pôde tratá-la tão mal por causa daquela brincadeirinha inocente com o cabelo de Rodrigo? Só aturava a presença daquele abestalhado por causa do ciúme que provocava em Candinha, mas precisava se vingar da irmã.

Pensou dia e noite no que faria. Como Candinha vivia enfurnada no casarão, era difícil encontrar uma oportunidade de lhe dar o troco. Viu a oportunidade perfeita numa manhã de sábado, quando ela e o pai acabavam

de chegar de Esplanada. Jairo foi para a cozinha a fim de arrumar um vazamento na pia. Justamente naquele momento, Candinha acabava de chegar da horta toda enlameada.

– *O que aconteceu procê ficar nesse estado?*

– *Eu caí. Vim só trocar de roupa, porque tenho que sair com a Lena.*

– *Tá precisada é de um banho.*

– *Eu tomo lá.*

– *Se eu fosse você tomava banho aqui mesmo. Dá até má impressão.*

– *O pai já arrumou a maçaneta da porta do banheiro?*

– *Ainda não. Mas só estamos nós duas aqui. Quarqué coisa, cê bate na porta que eu abro.*

– *Então num arrede o pé daqui até eu terminar de me lavar.*

– *Pode deixar. Prometo.*

Candinha tinha acabado de entrar no banho quando Rodrigo chegou trazendo algumas flores para Lisa. Algo passou pela cabeça da moça e viu que não existiria momento mais perfeito para se vingar daqueles dois.

Num olhar amuado, puxou o rapaz pelas mãos alegando que o chuveiro estava com problemas.

– *Uai, Lisa, se quiser eu arrumo.* – ofereceu Rodrigo, prestativo.

– *Ocê faria isso por mim?*

– *Craro, ué!*

– *Então cê tira a camisa pra não se molhá. É que eu deixei o chuveiro ligado.*

– *Faz mal não, Sá.*

– *Faz sim. E não precisa ficá envergonhado que nem o pai nem a Candinha tão em casa.*

Rodrigo concordou e a seguiu até o corredor que levava ao banheiro. Porém, mal entrou no pequeno cômodo, Lisa lhe deu um violento empurrão e bateu a porta sabendo que sem a maçaneta no lado de dentro, tanto Candinha como Rodrigo ficariam sem saída. Satisfeita, ela correu para falar com o pai.

Desequilibrando-se com o empurrão, Rodrigo que nada entendeu, escorregou no piso úmido e bateu de encontro ao box. Com o impacto do corpo do rapaz, a porta de plástico se abriu e Candinha quis desaparecer ao ver Rodrigo cair aos seus pés e encará-la assustado. Nua e molhada puxou a toalha pendurada diante de si e procurou se cobrir como pôde. Fechando a torneira em seguida, disse quase num sussurro – *Deus do céu, que vergonha, o que cê tá fazendo aqui, home?*

– *Sua irmã... ela... ela me disse que o chuveiro tava estragado. Olha, Candinha, num fiz por mal. De jeito nenhum eu ia fazê uma coisa dessas c'ocê!*

Ela ajudou Rodrigo a se levantar e antes que pudessem entender o que estava acontecendo, Jairo abriu a porta do banheiro e os encarou chocado – *O que significa isto? Quando Lisa me disse que havia um homem em nossa casa eu pensei que ia encontrar qualquer um aqui dentro, menos ocês dois. Por acaso perderam a vergonha?*

Furioso e sem querer ouvir qualquer explicação, Jairo se atirou sobre o rapaz. Candinha gritou e Lisa foi chamar por Tiago que, por sua vez, correu para a casa de Jairo preocupado, fazendo com que ele soltasse o rapaz.

Candinha chorava e Rodrigo não conseguia se explicar tão revoltado estava com a atitude de Lisa – *Você não acredita no meu desgosto, Tiago.*

– *Calma, Jairo. Tenho certeza de que eles podem se explicar.*

– *Não tem explicação. Esse desgraçado vive atrás das minhas meninas e agora comprometeu Candinha. Não posso aceitar uma coisa dessa. Escuta aqui seu cabra, cê vai se casar com minha filha nem que eu tenha que lhe amarrá. Não criei ela para cair na boca do povo.*

– *Pai...* – Candinha choramingou e tentou contar a verdade, mas o pai mandou que ficasse calada e exigiu que fosse se vestir.

Rodrigo viu o olhar de satisfação de Lisa e encarou Jairo humilhado – *Eu me caso com a Candinha sim. – arrasado, olhou para Tiago e saiu da casa sem conseguir se defender.*

Mais tarde, ao saber do acontecido, Helena foi ver Candinha e a encontrou inconsolável. Pausadamente, a moça explicou o que de fato se passou e afirmou que tinha certeza de que Lisa fez de propósito.

– *Aquela infeliz... pode pensar na minha cara ao ver Rodrigo estatelado ali no chão e eu sem roupa?*

Helena não sabia se ria ou chorava, tão aflita estava a moça – *Vai me desculpar, mas sua irmã é uma peste.*

– *E eu num sei?* – Disse Candinha chorosa.

– *Olha, se quer saber, ela acabou te fazendo um favor.*

– *Como assim? O pai não quer nem ouvir minha versão da história.*

– *Pense bem. Você ama o Rodrigo. Se estiverem casados, vai ser mais fácil conquistá-lo.*

– *Cê só pode estar brincando. Ele vai é ficar com ódio de mim.*

– *De jeito nenhum. Ele sempre te respeitou muito. Acho mesmo que é*

a sua chance.

– Ele não me quer, Lena.

– Ele nem sabe o que quer. Vamos mostrar pra ele. Vocês vão se casar e viver no casarão. Com o tempo, tudo se ajeita.

Candinha estava temerosa, mas tanto Helena falou que acabou por arrancar um sorriso da moça.



Capítulo dezesseis

Para desgosto de Lisa, Rodrigo levou mesmo o compromisso adiante e seu casamento com Candinha aconteceu num sábado, em 18 de novembro de 2006, duas semanas após o desagradável episódio na casa de Jairo.

Solícita, Helena ajeitou uma das suítes do casarão para os noivos e ofereceu uma festa em Embalança para a qual convidou gente de toda a região. Mesmo Otávio e Ana vieram de Belo Horizonte e a cantoria se estendeu madrugada a fora.

Quando o último convidado se despediu e todos se recolheram, Helena conduziu os noivos até o quarto que mandou arrumar, onde finalmente ficaram a sós.

Já no interior do aposento, sem conseguir evitar o constrangimento, Rodrigo olhou a enorme cama de casal e disse para Candinha – *Ó, cê num se preocupa, que continuo lhe respeitando como se fosse minha irmã e pretendo dormir no chão.*

Decepcionada, a moça simplesmente o encarou e disse – *Eu sei... nem precisa me falar. Não queria que tivesse se casado comigo obrigado. O pai ia acabar entendendo. Está mais do que na hora da gente falar pra ele o que a Lisa fez. Ela não presta.*

– *Só ia causá mais dissabor. Jairo não consegue vê como a filha é e talvez seja melhor assim. De qualquer forma, já tá tarde e a gente pensa no que fazer depois.*

Constrangido, Rodrigo foi se trocar no banheiro e, extremamente

infeliz, Candinha se perguntou quanto tempo aquele bobo ainda levaria para perceber o que ela realmente sentia por ele.

Íris chegou à fazenda quando anoitecia. Estacionou o carro em frente ao casarão, dizendo a si mesma que precisaria ser convincente.

A primeira pessoa a recebê-la foi Célia que, de má vontade, a fez entrar e chamou por Helena.

Helena deixou Daniel aos cuidados de Candinha e, curiosa, foi até a sala. Ao vê-la, a ruiva se desmanchou em prantos e a abraçou desesperada – O que aconteceu?

– Você não acredita. Estou na rua. Perdi o emprego e não consegui pagar o aluguel do apartamento nos últimos meses. Eu não queria trazer problemas pra você, por isso não te contei antes sobre minha situação.

– Puxa Íris, nem sei o que dizer.

– Ao ser despejada, não tinha pra onde vir e... por isso vim pra cá.

– Claro, olhe, pode ficar aqui até se ajeitar.

– Posso mesmo? – Íris ergueu o olhar, demonstrando alívio – Tem certeza? Sei que seu marido não gosta de mim.

– Eu converso com ele. Pode deixar.

Assim que voltou para casa e deparou-se com a ruiva, o aborrecimento de Tiago se tornou evidente. Nada naquela mulher lhe inspirava confiança e tinha impressão de que só estava ali para se aproveitar da esposa. Mal juntou, deixou a mesa emburrado e foi para o quarto.

Preocupada, Helena o seguiu.

– Você poderia ao menos tentar ser um pouco gentil com Íris. Eu lhe contei que ela está passando por uma fase difícil.

– Não tolero essa mulher. Principalmente ao pensar que, por ela, Daniel não estaria aqui. Como você consegue aceitar alguém que queria matar seu filho?

– O tempo passou. As pessoas mudam.

– Algumas. A cara dela não me engana. Você está agasalhando uma cobra.

– Ela é inconsequente sim, mas é o jeito dela. Nem sempre podemos julgar as pessoas pelos nossos valores.

– Pode falar o que quiser, não suporto conviver com ela.

– Vai ter que encontrar um jeito de aceitar minha decisão, pois não tenho coragem de deixá-la na rua. Puxa Tiago, sei que não gosta dela, mas faz um esforço. Por mim.

Helena o abraçou, contudo, Tiago a afastou e forçou-a a encará-lo – Depois não quero ouvir você reclamar. Pode se preparar. Alguma coisa ela quer aqui.

– Estou começando a entender porque está tão irritado. Você não confia em mim. Esse é o problema. Depois de tudo que vivemos juntos, ainda continuo sendo a Helena que chegou aqui há dois anos.

– Não é isso.

– É sim.

– Está vendo? Íris está aqui há menos de 24 horas e já estamos brigando.

Helena perdeu a paciência – Estamos brigando porque você é um ignorante, inseguro, idiota e todos os nomes que eu achar pra te xingar não vão ser suficientes.

– Tudo bem. Se prefere agir como a menininha mimada que sempre foi, é uma escolha sua.

– O fato é que tenho o direito de hospedar quem eu quiser na *minha* casa.

– Estava demorando. Por acaso quer me jogar na cara que estou vivendo às suas custas?

Helena mordeu o lábio inferior ao perceber que o ofendeu.

– Pois pode ficar com a *sua casa* e os hóspedes que quiser. Faça bom proveito!

Magoado, caminhou para a porta. Sabia muito bem que naquele momento os olhos de Helena soltavam faíscas e que ela ficaria furiosa por não terminarem a discussão, mas estava chateado demais para levar aquilo adiante. Quando ele bateu a porta e seus passos ecoaram no corredor, Célia veio à procura da filha. – Não queria, mas acabei ouvindo a discussão de vocês. O que aconteceu? É por causa da Íris, não é?

– Até você? Não posso negar ajuda num momento tão crítico.

– Cuidado, Helena. Eu não confio nessa moça.

– Vocês veem coisas onde não existem. Não sou a mesma Helena que chegou à fazenda. Será que já não provei isso?

– A questão é o que uma pessoa mal-intencionada pode fazer com uma família. E sua amiguinha deu provas suficientes do péssimo caráter que tem.

– Íris é só uma pessoa desorientada e nesse momento precisa de alguém que lhe estenda a mão.

– Sei... e isso vale um desentendimento com Tiago?

– Ele precisa entender que eu tenho o direito de escolher minhas próprias amizades. Ele pega demais no meu pé. Não posso permitir que ele diga quem eu posso receber ou não na minha casa.

– Na sua casa?

Notando a forma egoísta e arrogante como falou, Helena desviou o olhar. – Se quer saber, acho que o Tiago aguenta coisa demais.

Célia a deixou sozinha e, atrás da janela que dava para a lateral da casa, Íris sorriu satisfeita. Seria muito fácil separar aqueles dois. Mais do que ela pensou ao aceitar a proposta de Mauro.

Após alguns dias na fazenda, Íris viu em Lisa uma possível aliada na realização de seus planos. Helena e Tiago continuavam se estranhando e as duas se ocupavam em mantê-los assim, alimentando pequenas intrigas.

A segunda-feira amanheceu nublada, como um prenúncio de que o dia não seria nada fácil.

Helena chegou bem cedo à loja, porém, pouco antes do almoço, Candinha a chamou para dizer que Daniel estava com febre. Preocupada, levou o menino para a clínica, deixando a loja aos cuidados do gerente.

Já não havia cliente algum no estabelecimento quando as quatro funcionárias se despediram de Marcos e, antes de trancar a loja, o gerente foi verificar o estoque. Contudo, mal abriu a porta para entrar na despensa, sentiu alguém lhe dar uma gravata no pescoço. Antes que pudesse reagir, levou uma pancada na cabeça e perdeu os sentidos.

O agressor sorriu satisfeito e trancou a porta. Depois, derramou o querosene sobre o balcão com um prazer quase doentio e, antes que alguém aparecesse, riscou o fósforo e deixou a loja, saindo apressado pelos fundos.

O fogo espalhou-se rapidamente pelo balcão de madeira e a fumaça já escapava pelas janelas quando o proprietário do estabelecimento vizinho se deu conta do que acontecia e chamou seus funcionários. Em instantes, todos correram para acudir. Rapidamente conseguiram conter o incêndio, porém, levou cerca de vinte minutos até que uma ambulância chegasse para acudir Marcos, pois, foi retirado da despensa inconsciente. Assim que socorreram o rapaz, o delegado chegou ao local e proibiu a entrada e saída de quaisquer

outras pessoas.

Após tentar contatar Helena inutilmente conseguiu falar com Tiago que, assustado, saiu às pressas da fazenda, vindo ao seu encontro.

O cheiro de madeira queimada e querosene impregnava o interior da loja e Tiago encarava o delegado sem saber o que pensar de tudo aquilo. Aflito, queria saber se a mulher e o filho estavam em segurança. Suas preces foram atendidas quando Candinha lhe deu um telefonema da clínica e contou que Daniel estava resfriado.

– Helena ainda pretende voltar para a loja?

– Não. Vamos direto para a fazenda.

– Ótimo. Fale com ela que estou esperando. Precisamos tratar de um assunto sério.

Desligando o aparelho, Tiago olhou para Moacir – Não comentei nada sobre o incêndio para não assustar Helena. Daniel passou mal e ela o levou ao médico. Eu... vou até o hospital me informar sobre o estado de Marcos. Se encontrar alguma prova, me avise, por favor.

Tiago saiu e Moacir inspecionou o local. Ao encontrar a lata vazia de querosene, a ensacou e pensou que aquele seria o primeiro indício para chegar ao incendiário.

Naquela mesma noite, Moacir foi até a fazenda para conversar com Helena. Ela e o marido discutiam quando ele chegou.

– Tiago lhe contou sobre o incêndio?

Helena assentiu. Derramou um pranto sentido ao se inteirar do incidente e, encarou o delegado, nitidamente nervosa.

– Eu... olha, não fiz por mal, mas como Tiago andava controlando meus passos por causa daquelas cartas anônimas que recebi, não sei se o senhor se lembra... – Claro que me lembro – interrompeu Moacir.

– Pois é, acabei escondendo o fato de que as ameaças continuaram chegando de 15 em 15 dias. O responsável só pode ter sido o autor das mensagens.

– Guardou as cartas? – ela assentiu – Estão escondidas na loja.

– Ótimo. Precisamos analisá-las.

– Onde está a sua amiga? – perguntou Tiago que mal podia controlar a raiva ao saber que a mulher havia lhe ocultado as ameaças.

– *Não vai me dizer que quer colocar a culpa em Íris! Se não se deu conta, essa história começou muito tempo antes de ela chegar.*

– *Não quero culpar ninguém injustamente. Apenas estranhei o fato de*

ela ter sumido logo hoje.

– Ela foi a Belo Horizonte para uma entrevista de emprego.

– Sei... – respondeu Tiago, desconfiado.

Moacir, impaciente, interrompeu a discussão – Posso saber por que seu marido desconfiaria da moça?

– Tiago implica com ela. É isso, nada além de implicância.

– O delegado então levou a mão ao bolso de seu paletó, de onde tirou um saco plástico contendo uma carteira de couro que Helena reconheceu como sendo a de Tiago.

– Nós a encontramos atrás do balcão enquanto examinávamos a loja. Provavelmente você a deixou cair e não notou. Esteve na loja mais cedo?

Helena ficou intrigada, pois como ela e o marido estavam afastados naqueles dias fazia algum tempo que ele não ia à loja. Confuso, Tiago pegou a carteira e falou com o delegado:

– Eu não estive lá na última semana. Engraçado, porque ontem procurei minha carteira e não encontrei.

– Estranho. Lembra-se da última vez em que a viu?

– Eu... acho que foi no depósito. Fui lá para comprar cimento e depois não a usei mais. Hoje eu pretendia voltar ao depósito e perguntar, mas tivemos problemas na fábrica e só parei de trabalhar quando você me telefonou para avisar sobre o incêndio.

– Onde esteve à tarde?

– Com Jairo, na fábrica. Não está desconfiando de mim, está?

– Por enquanto é apenas uma conversa informal. Fique calmo, eu o conheço desde moleque, mas tem que entender que preciso investigar o que aconteceu.

Moacir fez mais algumas perguntas para Helena e depois partiu, não sem antes conversar com Jairo.

Intrigada, Helena fitava Tiago com um olhar pensativo.

– O que foi? Por acaso acha que eu faria algo assim com você? – ofendeu-se Tiago.

– Não. Só que tem que concordar comigo que é bem estranho sua carteira ter aparecido na loja.

– Também acho. Está na cara que alguém quer me incriminar e nada me tira da cabeça que a sua amiguinha pode estar envolvida.

– Você está passando dos limites.

Como se tivesse escolhido o momento certo para chegar, Íris os

interrompeu exatamente naquela hora.

– Lisa me contou, amiga! Que coisa horrível, Lena, falou a ruiva, abraçando-a carinhosamente.

– Se não percebeu, quando entrou eu estava conversando com minha mulher.

– Eu... sinto muito. – a ruiva baixou o olhar.

– Ah, eu sei que sente.

Fingindo um constrangimento que não sentia, Íris pediu desculpas e se retirou.

– Você é mesmo um grosso intratável.

– Claro. E você, além de mentir pra mim, dá mais valor à presença dessa ordinária do que à minha. Será que não enxerga a falsidade no olhar dessa cascavel?

– Chega, Tiago! Pelo visto não conseguimos mais nos entender. Você está cada vez pior.

– E você, meu amor, – disse ele num tom irônico – não ouve ninguém quando coloca uma coisa na cabeça.

– O que aconteceu foi muito sério. Marcos poderia ter morrido e se Daniel estivesse lá poderia ter se sufocado com a fumaça. E em vez de me apoiar, você fica aí fazendo acusações contra a pobre da Íris e me cobrando satisfações por eu não ter te contado sobre as cartas.

– Se alguém colocou a vida do nosso filho em risco foi você. Eu não posso simplesmente te abraçar e concordar com o que fez ao me esconder essas malditas ameaças.

– Não venha me acusar de colocar meu filho em risco. O que está insinuando? Por acaso gostaria se eu acreditasse que fez isso comigo? Gosta de acusar as pessoas? Porque se for me culpar por alguma coisa, vou começar a pensar que você também pode ser culpado.

– Não acredito no que disse e vou fingir que não escutei. Agora, caso queira desconfiar de mim, fique à vontade. Peça ao delegado para me investigar, eu não tenho nada a esconder e posso provar minha inocência.

Maria chegou acompanhada de Antônio e, magoado, Tiago se retirou.

Na delegacia, Moacir mandou que verificassem todos os estabelecimentos comerciais que vendiam querosene na região e, ainda, quem havia comprado o produto nas últimas semanas. Isso, claro, após especificar a

marca que, por sorte, o fogo não apagou por completo.

Se já andava intrigado com o roubo dos animais no haras, aquele incêndio na loja de Helena só vinha aumentar suas desconfianças. Resoluto, contactou o irmão na capital. Jair vivia lá há mais de quinze anos e, além de advogado criminalista, era um excelente detetive particular.



Capítulo dezessete

No fim de semana Mauro chegou à fazenda. Fazia um bom tempo que não colocava os pés em Embalança e ficou satisfeito com o quadro que encontrou.

Célia, que o pegou conversando com Íris por duas vezes, começou a desconfiar da presença de ambos na fazenda. Fazia tempo que Mauro andava obcecado com a ideia de convencer Helena a vender a fazenda e ela sabia muito bem que quando ele queria alguma coisa, não tinha escrúpulos para levar seus planos adiante. No entanto, como se tratava só de uma suspeita, não havia nada que pudesse fazer. Ainda.

Alcides procurou Tiago por toda a manhã e estranhou quando o encontrou conversando com o filho do dono do depósito de material de construções de Esplanada.

Assim que se aproximou, viu que o rapaz se despedia e, ao lado de Tiago, observou o Jipe se afastar e levantar uma cortina de poeira.

- Posso saber o que quer com o Maurinho?
- Ele projetou minha casa.
- Que casa?
- Vou construir no terreno que seu Altino deixou para mim.
- Nunca me disse que pretendia construir alguma coisa ali.
- Antes do meu casamento com Helena, o terreno estava arrendado.

Agora as coisas mudaram.

- E sua mulher conhece seus planos?
- Não. E nem sei se vai conhecer. Estou cansado, pai. Se ela quiser ficar comigo, dessa vez vai ser do meu jeito. Não quero mais ficar na casa dela. Porque é isso que ela vive jogando na minha cara o tempo todo. Eu já devia ter tomado essa atitude há mais de um ano. Um homem precisa ter algo de seu.
- Sei não, Tiago. Acho que sua decisão pode criar ainda mais desentendimentos entre os dois.
- Pois já está tratado. Os pedreiros vão começar amanhã.

Helena estava na sacada da loja, pois as obras de reconstrução do café haviam terminado naquela manhã, quando viu Tiago sair do depósito com alguns pacotes, ao lado de uma mocinha sorridente que reconheceu como a filha mais nova de Lauro, o dono do estabelecimento.

Ela o ajudou a acomodar as coisas no carro e depois se despediu falando alguma coisa que Helena bem gostaria de saber o que era, já que fez Tiago inclinar a cabeça para trás e rir com vontade. Foi inevitável a onda de raiva... sabia muito bem que ele estava jogando charme para a moça. Não se falavam há uma semana e estava irritada com aquela situação. Mas se ele queria levar a briga adiante, que levasse. Ela não iria atrás dele, não iria mesmo.

– Estou me sentindo péssima por ter provocado esse clima entre você e o seu marido.

Só então Helena percebeu que Íris estava ao seu lado.

– Não esquenta, amiga. Você não tem culpa nenhuma. Eu e ele, a gente sempre discutiu muito. Tiago tem que parar de achar que pode mandar em mim. Primeiro meu pai e agora ele. Não vou admitir que me controle. Não mais. – Ela se afastou e os olhos de Íris brilharam de satisfação.

Ao entrar na cozinha do casarão, Maria encontrou Candinha aos prantos – O que foi, minha filha?

– Nada não.

– Como nada? Acha que me engana? Pode me explicar agora o que está acontecendo.

– *É a Lisa. Ela sabe que eu e Rodrigo, a gente num vive como marido e mulher, cê sabe. E tá se aproveitando disso pra chamá a atenção dele. Toda hora pede um favor e o bobo faz. Ele nem percebe que ela só quer me atordoá.*

– *Num sei como esse menino pode ser tão cego. Ainda mais depois de tudo o que ela fez.* – Maria abraçou a moça e balançou a cabeça contrariada – Olha, fica calma que o Rodrigo ainda vai perceber a peste que ela é.

– Será?! – indagou Candinha esperançosa, enxugando as lágrimas.

– Tenho certeza.

Já era noite quando a ruiva se esgueirou para o quarto de Mauro.

– E então? Como vão nossos planos? – perguntou ele, ansioso.

– Ainda melhores do que eu pensei. O casalzinho continua se evitando e, a cada dia que passar, a distância vai nos favorecer.

– Ótimo. Você está me saindo melhor do que a encomenda.

– Obrigada. Eu sei que sou inteligente, mas Lisa me contou algo que me deixou preocupada.

– O que é?

– Ela ouviu uma conversa entre o pai e Alcides. Tiago está construindo uma casa no terreno que herdou de seu sogro. As obras começaram há três dias.

– Não acredito. – Mauro socou a própria mão – Se ele levar Helena do casarão vai ficar mais difícil separá-los.

– O fato é que sua filha nem sonha com o que ele está fazendo.

– Bom, muito bom! Podemos usar a informação a nosso favor.

– Acha mesmo?

– Claro. Helena está irritada. Imagina quando descobrir? Mas mesmo conseguindo separá-los uma coisa me preocupa. O terreno que o caipira herdou do velho é importante para Embalança. Sem ele, a fazenda fica desvalorizada e será mais difícil vendê-la. Precisamos dar um jeito em Tiago.

Íris riu com malícia – Ele bem que poderia sofrer algum acidente.

Pense comigo... se ele morre, Daniel herda a terra.

– Você é maquiavélica. Por acaso alguém aqui falou em assassinato?

Insinuante, ela tocou as faces de Mauro – Ninguém... eu pensava mais em contar com um empurrãozinho do destino. Sabe como é? Tiago tem dívidas comigo. Não suporto aquele *caipiboy* pretensioso. Tenho certeza de que Helena ficará melhor sem ele.

– Sei... destino. Seria uma ajuda providencial.

Quando Íris o tocou com maior intimidade, Mauro a afastou – Agora saia daqui. Alguém pode vê-la e não quero arriscar.

– Pensei que poderíamos ter uma noite agradável.

– Quem sabe outro dia? Hoje não estou com cabeça. – tudo o que ele queria era se livrar da presença daquela mulher vulgar e interesseira. Infelizmente, por enquanto precisava dela.

Tiago estava sentado como o pai na varanda quando Célia chegou.

– Boa noite!

– Boa noite. – responderam os dois ao mesmo tempo. Alcides fixando-a com interesse.

– Posso conversar com você, Tiago?

– Claro.

Eles entraram na casa e Alcides alegou que precisava se encontrar com Jairo, para deixá-los à vontade. Ao se acomodarem na sala, Célia desabafou:

– Até quando você e Helena vão continuar se evitando?

– Não sei... até ela reconhecer que estava errada.

– Ou você.

– *Olha, Célia, sua filha foi longe demais. Estou cansado de ser chamado de ignorante. É como se ela quisesse me dizer o tempo todo que é boa demais pra mim. Além disso, vive me jogando na cara que estou na casa dela e, isto, homem nenhum engole. Fiquei no casarão porque nos casamos. Mas não foi uma escolha minha viver ali. De qualquer forma, quero que fale com ela que eu não pretendo mais voltar.*

– Como assim? Está pensando em se separar?

– *Quis dizer que não volto pro casarão.*

– Entendi. E o que pretende?

– Estou construindo uma casa no terreno que Seu Altino deixou pra mim. Juntei algum dinheiro nos últimos anos e poderia construir em outro

lugar, mas foi a vontade dele e, de qualquer jeito, fico mais próximo do meu filho.

– Tem certeza do que está fazendo? – Indagou, preocupada e surpresa.

Ele assentiu e, sem saber o que dizer, Célia se retirou. Ao chegar ao casarão, encontrou Íris e Helena conversando na varanda e pediu à filha que a acompanhasse.

– O que foi agora? – perguntou Helena já no quarto, sentada na cama. – Não me diga que foi atrás do Tiago.

– Por acaso fui sim. Acha certo o que estão fazendo? Vai deixar essa situação se prolongar? Faz duas semanas que não se falam. Estão agindo como crianças e nem sequer pensam no filho de vocês.

– Não vou me humilhar. Prefiro deixar as coisas como estão.

– Prefere mesmo?

– Quando se cansar do teatro, ele volta.

– Não volta não.

– Como assim? – quis saber, o coração acelerado.

– Conversei com seu marido há pouco. Ele me disse que não quer mais morar aqui.

– Está se fazendo de difícil. Tiago é machista e cabeça dura.

– Não, Lena. Ele me pareceu bem seguro. Ele..é... me contou que está construindo uma casa no terreno que herdou de seu avô. Deixou claro que poderia ter construído longe daqui e que só tomou essa decisão para ficar perto de Daniel, isto é, caso vocês realmente se separem.

Helena riu – Imagina. Ele mentiu pra me pressionar.

– Parece que as obras começaram.

– *Ähn?*

No mesmo instante a expressão da jovem mudou. – Ele não fez isso comigo! Aquele... aquele idiota. Bronco ignorante! Todo mundo deve estar rindo às minhas custas. Quem mais está sabendo?

– Acho que todo o pessoal de Embalança.

– Agora entendo as idas frequentes ao depósito. Não vou deixar o Tiago pisar em mim dessa forma, não vou mesmo!

Antes que Célia pudesse fazer qualquer coisa, a filha deixou a casa aos gritos. E continuou murmurando imprecizações até esmurrar a porta da casa de Alcides.

Tiago abriu a porta vestindo somente um calção e a encarou perplexo – *O que quer? Se não percebe, esta é a casa onde vive o meu pai. Acho que*

falei outras vezes que não tem o direito de chegar aqui desse jeito.

– *Eu chego onde quiser, como quiser. Que história é essa de construir uma casa sem falar comigo?*

– Não preciso da sua permissão pra nada. – irritado, a empurrou para a varanda e fechou a porta. – Quer falar mais baixo? Meu pai não precisa ouvir nossas brigas.

– Você está me provocando.

– Não, não estou. Apenas... cansei.

– O que quer dizer?

– Quero dizer que o ignorante aqui decidiu ficar longe da sua casa e de você.

– Vai me deixar só por que eu quis ajudar uma amiga?

– Não. Vou te deixar porque estou cansado de ser humilhado. Como pode me querer de volta se faz tão pouco de mim? Sempre deixou bem claro que é boa demais pra ficar comigo.

– Mentira, eu nunca fiz isso.

– Sim, você fez. E o pior é que nem percebe.

Envergonhada, Helena baixou o olhar. Talvez ela realmente agisse daquela forma. Talvez fosse mais parecida com o pai do que gostaria. No entanto, não podia permitir que Tiago a deixasse – Não sente minha falta?

Ele a encarou por alguns instantes, sem saber o que dizer.

– Falar o que sinto não muda minha decisão.

– Quer realmente se separar?

– Estou me referindo à decisão de levar a construção da casa adiante. Se quiser ficar comigo, vai ter que aceitar morar num lugar modesto. Estou cansado do casarão. Nunca tivemos uma vida realmente nossa. A sensação que tenho é de que estamos numa pensão. É um entra e sai de gente que me deixa maluco e nunca podemos ficar sozinhos.

– Você não pode me obrigar a sair da casa do meu avô.

– Não posso e não vou. Olha, se vai me acompanhar ou não a escolha é sua. Mas também não vai impor sua vontade e me obrigar a abandonar meus planos. Não mesmo.

– O que está querendo provar?

– Nada. Tudo o que quero é ter o orgulho de pisar num chão que eu paguei com o esforço do meu trabalho. Um lugar que eu possa achar que é realmente nosso e não seu, como vive me jogando na cara.

– *Você é um orgulhoso arrogante.*

– *E você uma arrogante mimada.* Estamos empatados.

Os olhos de Helena brilhavam de indignação e recriminou-se por querê-lo de volta. Precisava se dar mais valor. O coração batia tão alto que teve medo de que o próprio corpo a traísse. – Se quer assim, vai ser assim. Vou procurar o Doutor Rafael para cuidar do nosso divórcio.

Tiago tentou ainda segurá-la, no entanto, Helena o empurrou e correu para a sede. Desanimado, ele se segurou para não segui-la.

Tiago entrava na casa de rações quando esbarrou em Rodrigo que estava completamente arrasado.

– *Nem vou perguntar se está bem, porque tá na cara que o mundo caiu.*

– *Cê nem sabe da minha afrição.*

– *Uai, então fala.*

– *Eu sempre gostei de Candinha como uma irmã, mas depois desse casamento, num sei de nada. Eu...* – Tiago riu e Rodrigo arreliou-se: – *Tá rindo de mim, home?*

– Não. Eu já entendi. Você está começando a ver Candinha como mulher.

– E isso é certo?

– Claro que é. Qual o problema? Vocês se casaram e se ainda não enxergou que Candinha gosta de você é porque é um besta.

– Acha mesmo?

– Basta olhar nos olhos dela.

– *O problema não é só esse. É Lisa. Ela anda me tentando de novo. Tô tão dividido.*

– *Depois de tudo o que ela fez? Olha, Lisa e Candinha são muito diferentes. Candinha é como uma flor, mas Lisa, aquela ali nunca prestou. O que ela quer, eu sei, é melar seu casamento. E, pelo visto, está conseguindo. Abre os olhos antes que Candinha se canse e lhe deixe.* – Tiago se foi e Rodrigo continuou indeciso.



Capítulo dezoito

Mauro precisou deixar Embalança para resolver uns problemas na capital. Como Célia decidiu acompanhá-lo, Íris teve um espaço maior para colocar suas ideias em prática e, com a ajuda de Lisa, transformou a vida de Helena num inferno.

– Estive pensando, Lena. – falou Íris numa tarde de domingo, enquanto as duas nadavam na piscina – Por que você não deixa Daniel aos cuidados de Tiago? Não é justo ficar com toda a responsabilidade e ele sentiria na pele o que você passa todos os dias.

– Acha que pode dar certo?

– Claro. Ele precisa abrir a cabeça. Entender que os dois têm direitos. Desculpa amiga, mas seu marido está no século passado.

– E eu não sei?!

– Imagina só. Você abdicar do conforto do casarão pra morar num casebre no meio do mato.

– São os princípios machistas do Tiago.

– Vai por mim, você precisa tomar uma atitude. Não está certo. Você se esfolia para cuidar da loja e dar atenção ao menino. Ainda tem que resolver problemas na fazenda. E ele nem reconhece tudo que faz.

– É, ninguém parece ver o meu esforço.

Decidida, Helena mandou Candinha arrumar as coisas de Daniel e o levar para o pai.

Tiago estava conversando com Jairo quando Candinha chegou com o menino. Ao seu lado, um dos peões carregava umas três malas.

– O que está acontecendo?

– Olha, eu tentei falar com ela, mas não adiantou. A Helena disse que de agora em diante o Daniel vai ficar com você.

– Ela ficou maluca?

– Não sei... nem parece a mesma pessoa. Mudou de um jeito... está nervosa, agressiva.

Tiago gritou tanto que Daniel começou a chorar e ele precisou pegar o filho e brincar com ele até que se acalmasse.

– Tudo bem, Candinha, arrume as coisas na casa do papai. Coloque tudo no meu quarto e manda alguém trazer o berço. Se Helena quer guerra, vamos ter guerra.

Helena esperou por uma semana que Tiago pedisse arrego e trouxesse o filho de volta, porém, ele nada fez e ela começou a se arrepender da atitude impulsiva que tomou. Sentia falta de Daniel e todos a tratavam como uma mãe desnaturada. Maria a olhava com reprovação e mágoa. Candinha nem se aproximava. Mas se fosse atrás de Tiago ele se sentiria o dono da razão, o que não podia aceitar. Ele tinha que vir atrás dela. Era isso... mais cedo ou mais tarde ele daria o braço a torcer e viria atrás dela.

Íris percebeu o olhar pensativo de Helena em direção aos estábulos e a chamou antes que decidisse ir atrás do marido – Não vai acreditar no que Lisa me contou!

– Aquela ali, nunca diz nada de bom. Abra os olhos com ela.

– Desta vez falou com tanta satisfação que acho que é verdade.

– O quê?

– Tiago levou a tal de Carminha, a filha do dono do depósito, para ver a obra. E parece que Candinha e Daniel o acompanharam.

– Não acredito. O Tiago não teria coragem.

– Acha mesmo?!

– *Pois eu vou tirar essa história a limpo agora!*

Mas Íris a impediu – *Não! Aí ele vai saber o que você está sentindo. Acho que precisa se mostrar indiferente. Por que não vai até o advogado e pede a separação? Com o susto, ele certamente vai reagir e enxergar o que está perdendo.*

– Mas eu não quero me separar.

– Sua boba... Não é pra valer. Se fizer o que estou falando, Tiago vai levar um baque e virá atrás de você na mesma hora. Agora, se ele cruzar os braços é porque não te merece e não dá a mínima para a relação de vocês.

– Você tem razão. Estou muito quieta.

Com mil coisas na cabeça, Helena entrou em casa. Não conseguiu dormir. Queria ver o filho. Sentia uma falta terrível de Daniel, morria de vontade de se reconciliar com Tiago e, no entanto, a situação parecia se

complicar cada vez mais. Aflita, revirou-se na cama por horas e horas e acabou admitindo que não conseguiria pregar os olhos.

Assim que o dia clareou, levantou disposta a conversar com o advogado ainda naquela manhã. Afinal, o que estava acontecendo que nem a proximidade do natal e das festividades de fim de ano conseguiam sensibilizar Tiago? Íris estava certa. Precisava tomar uma atitude que verdadeiramente o assustasse.



Capítulo dezenove

Cada um de nós vê o que quer,
como quer. Cada um entende a vida
de acordo com seu momento interior.
Influenciar o outro é dedilhar as
cordas que ele pediu para ouvir, pois

naquele momento não estava pronto para notar seus enganos. O medo, a dúvida, a vulnerabilidade faz parte de ser humano. Vencê-los é sinal de evolução.

Janeiro de 2007

Com um mês e meio de trabalho ininterrupto, a casa estava praticamente acabada. Ainda naquela manhã, o eletricista e o encanador concluíram o trabalho. Sem conter o orgulho, Tiago fixou o chalé.

Com uma varanda que circundava a casa de fora a fora, a construção era como um sonho que tomava forma. E escolheu um lugar que, segundo Candinha, parecia saído das histórias de Daniel.

Sentiu os olhos úmidos ao pensar que Helena não estava participando de nada. Não conseguia entender como conseguia ignorar o filho daquele jeito. Estavam separados há dois meses e ela parecia simplesmente não se importar. Nem o natal tocou seu coração. Naquele fim de ano, ao contrário dos últimos dois, não houve festa na fazenda.

Helena estava mudada. E parecia não se importar em perder o contato com ele e o filho, já que o Doutor Rafael o procurou ainda na véspera para dizer que ela pediu a separação.

Tiago se sentiu tão abafado que nem conseguiu responder o homem. Contudo, mais tarde iria até a loja e falaria o que estava sentindo. E deixaria claro que queria a guarda do filho. Como se não bastasse a separação, Helena andava negligenciando a loja e, segundo alguns conhecidos, voltou a frequentar os barzinhos da cidade na companhia de Íris. Tudo indicava que assumiu a vida vazia de antes. Não, pensando bem era melhor que não se aproximasse de Daniel enquanto agisse assim. Não permitiria que o criasse daquela forma leviana, imprudente.

Célia chegou à fazenda e a situação que encontrou foi a pior possível. Helena e Tiago continuavam separados. Maria contou que Lena queria o divórcio e praticamente ignorava a existência de Daniel. Além disso, andava

bebendo novamente.

Quando ouviu o *Discovery* da filha se aproximar, foi esperá-la no quarto.

– Você voltou? – perguntou assim que entrou no aposento, correndo para os braços de Célia.

– Voltei e não estou nada feliz com o que fiquei sabendo. Como pode ignorar seu filho?!

Os lindos olhos verdes se umedeceram – Não estou ignorando meu filho.

– Pelo amor de Deus! Há um mês você não o vê. Nem sequer passou o natal com ele.

– A culpa é do Tiago. Foi ele quem me afastou do Daniel. – defendeu-se num gesto dramático.

– Não! Sabe que não é verdade. Você se afastou da sua família. Eu sabia que a vinda de Íris seria o fim do seu casamento. Essa mulher é a discórdia em pessoa.

– Íris não tem culpa se meu marido é um ignorante.

– De tanto falar assim ele está prestes a se tornar seu ex-marido. Cuidado pra não se arrepender depois. Tiago relevou muitas coisas. Não acredito que vá relevar um divórcio.

Célia se retirou do quarto e Helena passou os braços ao redor do corpo sentindo um frio intenso. Um frio que parecia vir da alma. Estaria agindo mal? Antes que respondesse à própria pergunta, Íris veio chamá-la para um passeio a cavalo e deixou suas dúvidas e receios de lado.

Tiago conversava com Rodrigo, quando Maria chegou ao galpão gritando seu nome e suando em bicas.

– O que foi?

Ela lhe entregou um jornal, onde circulou um anúncio com uma caneta vermelha – Quando Antônio me mostrou, quase caí de costas, filho.

Tiago leu o anúncio, a expressão se endurecendo – Helena não pode estar pensando em fazer tal coisa.

– *Sua mulher parece outra. Mesmo assim, não esperava que vendesse Embalança. Você tem que fazer alguma coisa.*

– *Calma, cadê ela?*

– Está na loja.

Ele pegou o jornal e foi em direção à picape pisando duro. Quando chegou em Esplanada ainda rangia os dentes de raiva. Desceu do carro furioso e a encontrou no balcão conversando com um cliente. Ignorando a presença de Marcos e das duas garçonetes, praticamente a arrastou para um dos quartos no andar superior.

– Como tem coragem de me tratar assim? O que pretende agora? – perguntou Helena, furiosa.

– Você é quem vai me explicar.

Ele jogou o jornal em seus pés e Helena se abaixou para pegá-lo, empalidecendo ao ler o anúncio.

– Eu não autorizei a venda da fazenda.

– *Como pode ser tão cínica? Como pôde enganar toda a gente que trabalha pra você? Fez todo mundo acreditar nos seus projetos. Ninguém imaginou que pretendia vender Embalança. Aturei o modo ridículo como me tratou, tentei entender a indiferença que tem com nosso filho e mesmo respeitar sua vontade de levar nossa separação adiante. Mas não dá pra aceitar tanta sordidez. De que matéria é feita? Como tem coragem de agir assim comigo, com Daniel, Maria, Candinha e tantos outros que confiaram em você?*

– Está dizendo que não acredita em mim?

Ele a olhou com revolta. Não conseguia entender como foi capaz de entregar o coração novamente a uma mulher tão fria. – *Maldito o dia em que nos casamos. Some da minha vida, Helena, porque a partir de agora você morreu pra mim.*

Arrasada, não conseguia articular um pensamento coerente. Ao vê-lo sair sentiu os olhos marejados. Não queria chorar, mas logo vieram as lágrimas. E tantas. Afinal, quem fez aquela brincadeira sem graça? Refletiu por alguns momentos e, decidida a tirar aquela história a limpo, voltou às pressas para a fazenda. Estacionou seu carro ao lado da picape vermelha e foi à procura de Tiago. O encontrou na casa do pai, sentado no sofá, com a cabeça entre as mãos.

Ao vê-la, ele se ergueu e indicou-lhe a porta: – Sai daqui ou não me responsabilizo por mim.

– Disse o que queria e depois saiu sem me dar chance de falar. Eu não fiz a porcaria do anúncio.

– *Não adianta mentir. Se o objetivo era chamar minha atenção, desta vez foi longe demais.*

– Você é um presunçoso. Não estou tão desesperada a ponto de precisar fazer joguinhos pra chamar sua atenção. Quer saber, agora quem cansou fui eu! Não aguento mais ser apontada como uma criança mimada. Não quero mais você me dizendo o que fazer e tomando conta de cada passo que dou, como se eu não fosse capaz de tomar conta da minha própria vida. Acima de qualquer coisa, não suporto a indiferença com que vem me tratando.

– Agora sou o culpado? E o que tem feito com Daniel? – à menção do filho, ela se afligiu ainda mais. – Talvez eu não seja boa o suficiente pra nenhum dos dois. Estou indo embora, Tiago e espero não ter que te ver tão cedo.

Uma vez no casarão, Helena passou por Maria e Candinha feito vento. No quarto, retirou a bolsa de viagem de dentro do armário, selecionando a esmo algumas roupas e objetos.

– O que está fazendo? – perguntou Célia, preocupada.

– Vou embora. Pra mim já deu! *Não aguento mais o inferno que a minha vida virou.*

– Calma, Lena. Não pode tomar outra das suas decisões impulsivas.

– *Calma nada. Se quiser ir comigo, arrume suas coisas. Vou sair em dez minutos.*

– Não pode viajar tão nervosa.

– E quem vai me impedir?

Sem escolha, Célia arrumou suas coisas rapidamente. Helena estava fora de si e não podia permitir que a filha deixasse a fazenda sozinha.

No entanto, só conseguiu respirar aliviada quando, após meia hora de estrada, Helena estacionou o carro e entregou-se a um pranto sentido. Minutos depois se acalmou, mas manteve a decisão de seguir em frente. Ao chegarem em Belo Horizonte, anoitecia.



Capítulo vinte

Nos dias que se seguiram, Helena esforçou-se ao máximo para não pensar na fazenda, naquele maldito anúncio, em tudo o que aconteceu para que estivesse agora tão distante de Tiago e de Daniel. Afundou-se na vida de antes, nos programas fúteis de Íris, que agora havia se abancado na casa de Mauro. Voltou a beber e se divertia com a aflição que causava à Célia e ao pai.

Mas após um mês naquele ritmo, percebeu que nunca mais voltaria a ser a Helena de antes. A vida noturna, as baladas, nada daquilo fazia com que se esquecesse de Embalança. Nada amenizava o vazio e a solidão que sentia. Passou noites e noites em claro. Então, começou a enxergar alguns fatos com clareza, o que a levou a questionar como permitiu que Íris lhe ditasse o que fazer. Conscientizou-se de que se deixou manipular completamente.

E não adiantava se atolar na lama, porque seus problemas continuavam existindo. Morria de saudade do filho. Estava rasgando o próprio coração com a distância. Quanto a Tiago... Apesar de tudo, ainda o amava e sofria com aquela separação absurda.

Como sua vida pôde mudar tanto em tão pouco tempo? As ameaças, o roubo dos animais da Lançatec, o incêndio, as brigas, veio tudo numa tacada só.

E ela, em vez de prestar atenção no que estava acontecendo, mergulhou na própria imaturidade, deixou que a insegurança em relação ao amor de Tiago guiasse suas atitudes. E só agora era capaz de ver a extensão de seus atos.

Usou o filho como um meio de barganha. E não bastasse esse gesto infantil foi capaz de abandoná-lo ainda tão pequeno.

Cansada de só pensar e pensar desceu as escadas da mansão disposta a perguntar ao pai sobre aquele anúncio ridículo, coisa que nunca fez, contudo, assim que se aproximou do escritório, percebeu que Mauro discutia com alguém.

– Não podemos conversar aqui. Já te falei isso antes.

– Aquela governanta insuportável saiu e Helena está trancada no quarto. – assegurou Íris.

– Não importa, não quero me arriscar. – Mauro suava frio, estava tenso e não suportava mais ser pressionado. A velha dor na nuca voltou e ele esfregou a cabeça cansado.

– Pois se não me pagar o que me deve, vou colocar a boca no mundo. Imagine a surpresa de Helena ao saber tudo o que fizemos para separá-la do caipira?

– Você não teve um trabalho tão grande.

– *Não fosse por mim, Mauro, ela ainda estaria bancando a fazendeira feliz. Eu separei os dois. E devo dinheiro pra Lisa. Ela me ajudou a fazer intrigas entre o casalzinho. Sem contar o anúncio que foi invenção minha.*

– Espera aí, eu fui o responsável pelas ameaças e o incêndio.

– Ora, não tente levar o mérito. Graças a mim sua filha está pensando até em vender Embalança.

– Não ache que vai ser tão fácil. Antes, preciso me livrar de Tiago e tenho que conseguir a guarda de Daniel.

– Já falei... um acidente pode ser bem útil.

– É arriscado demais.

Chocada, Helena se apoiou na porta. Sentia o ar faltar e a garganta parecia estar se fechando. Eles a usaram... caiu em uma armadilha e conseguiram separá-la de Tiago! Como pôde ser tão idiota? Pensou no filho. No absurdo que fez ao mandá-lo para o pai como se fosse uma coisa qualquer. Como pôde ouvir os conselhos venenosos de Íris?! O marido estava com a razão o tempo todo e ela confiou naquela cobra. Brigou com ele por causa dela. Lágrimas inundaram sua visão e não sabia o que fazer. Mauro só podia estar louco...

Irrompeu no escritório sem conter a fúria. Os olhos vermelhos e irritados e a boca amarga – Vocês dois... Como puderam fazer isso comigo? Colocaram a vida do meu filho em risco. Destruíram meu casamento e tudo por quê? Um plano sórdido de um pai que nunca me aceitou e de uma ordinária que eu acreditei ser minha amiga.

– Espera, Helena! – afirmou Mauro, lívido – Você entendeu tudo errado.

– É mesmo? Que parte? Vocês são sujos demais, baixos. Não tenho nem palavras.

Íris então a encarou com altivez – E você é burra. Tão boba que engoliu tudo e nem sequer pensou no *caipirete*. Agora é tarde. Quando saí de lá, ele tinha outros planos para o futuro.

– Íris! – gritou Mauro – *Cale a boca!*

As faces rubras de ódio, Helena estendeu a mão para Mauro – *Deixa! Fala tudo, sua cobra! Pode ter certeza de que não vai ficar assim. Vocês me pagam.*

Helena saiu do escritório às pressas e Mauro a seguiu. Aflito, tentou puxá-la em meio à escadaria, contudo, Helena se esquivou. Com o gesto brusco que fez para se livrar do contato acabou se desequilibrando e caiu.

Célia acabava de entrar na casa quando viu o acidente e correu para socorrer a filha, mas, para seu desespero, Helena estava inconsciente.

Ela chamou a ambulância que chegou após uns vinte minutos e questionou o que poderia ter acontecido entre Mauro e Helena para que ela tivesse caído daquela forma. De qualquer forma, se recusava a acreditar que o pai a tivesse empurrado.

Com os nervos em frangalhos, Célia mal podia encarar Mauro na recepção do hospital. Pelo jeito dele algo de muito grave aconteceu, só não sabia exatamente o quê. Quando, enfim, o médico veio dar notícias, parecia ter se passado uma eternidade.

– Pode ficar tranquila, Célia, – assegurou o Doutor Paulo, um velho conhecido de Mauro. Helena sofreu uma concussão, feriu um braço e tem alguns hematomas, mas não é nada grave.

– Graças a Deus! Ela já acordou?

– Já, mas estava tão agitada que precisamos sedá-la. Vamos torcer para que acorde mais serena e esclareça o que aconteceu.

Célia entrou no quarto com as mãos trêmulas e se aproximou da cama da filha com um grande nó na garganta. Passou a mão em seu rosto, pensando que os últimos meses tinham sido uma verdadeira provação.

De repente, a vida de Helena tornou-se uma confusão e ela, como mãe, nada conseguiu fazer para evitar. Amanhecia quando a jovem acordou. – Tiago? – chamou confusa.

Célia se levantou do sofá e correu até a cama – Sou eu, Lena. Como está se sentindo?

– Zonza. Que lugar é esse? O que estou fazendo aqui?

– Não se lembra de nada?

– Não... eu estava em meu quarto e então, não sei o que aconteceu. Levou a

mão à testa e, sentindo o corpo dolorido, soltou um gemido. – Ai, o que houve comigo?

– Você se machucou. Espera que eu vou chamar o médico.

Preocupada, saiu à procura do médico e lhe explicou que Helena não se lembrava do incidente. – Como no passado, Paulo.

– Acontece às vezes, Célia, você sabe. Pode ser um esquecimento temporário. O cérebro costuma bloquear as lembranças que nos afetam de algum modo.

– Tomara que seja temporário. Da última vez não foi... Algo me diz que houve alguma coisa mais séria lá em casa.

– Como?

– *Ähn? Nada. Só quero saber o que causou a queda.*

Na manhã seguinte Helena teve alta e foi para casa.

Célia notou que Mauro ficou claramente aliviado quando soube que a filha não se lembrava de nada. O que aumentou ainda mais suas desconfianças. Sem consultá-la, ele contratou uma enfermeira para cuidar da filha e ela começou a suspeitar que Helena estava sendo sedada.

Continuou sendo uma suspeita até que Célia ouviu uma conversa entre Mauro e seu advogado, onde ele expôs claramente sua intenção de interditar a filha. Assustada, esperou Mauro e Íris saírem da casa para ligar para a fazenda. Quando Maria atendeu, ela lhe pediu que localizasse Tiago com urgência, pois voltaria a ligar dentro de quinze minutos.

Assim ela fez e respirou aliviada ao conseguir falar com o rapaz. – O que foi, Célia? Maria me deixou preocupado.

– É Lena, filho.

– O que tem ela?

– Sofreu um acidente.

– Como assim, um acidente?

– Não sei bem os detalhes, mas alguma coisa muito séria está acontecendo aqui. Ela caiu da escada e não se lembra do que houve. Eu tive a impressão de que ela discutia com Mauro, mas ele negou, acho que não quis me contar a verdade. O fato é que Helena está sendo dopada contra minha vontade e esta manhã ouvi Mauro falar em interdição. Só você pode me ajudar. Precisamos tirar minha filha daqui. Suspeito que Mauro queira incapacitá-la a fim de vender a Fazenda.

– O que está dizendo?! É uma acusação grave.

– Eu sei. Por isso meu desespero.

– Célia eu... – ela o interrompeu – Olha, reconheço que é uma situação complicada. Mas independentemente de qualquer mágoa, ela é a mãe do seu filho e, se não fizer por Helena, faça por Daniel. Se Mauro a interditar, a vida dela estará acabada e a primeira coisa que ele vai fazer é se livrar de Embalança.

– Tudo bem. O que posso fazer?

– Amanhã Helena tem uma consulta marcada. Ela vai tirar uns pontos na clínica e é nossa única chance, porque com os seguranças aqui, fica difícil deixar você entrar. Anote o endereço. Você vai ligar para o Otávio e pedir que te leve até esse local. Faça como falei e esteja aqui ainda esta noite. Agora, preciso desligar.

Assustado com tudo que ouviu, Tiago colocou o telefone no gancho – De que acidente vocês falaram? – Perguntou Maria, aflita.

– Helena. Caiu da escada na mansão.

– *Ai minha Nossa Senhora! Como ela está?*

– Pelo que entendi não foi muito sério, mas Célia precisa de ajuda. Não diga nada a ninguém, Maria. Vou viajar.

Tiago ligou para Otávio e combinaram de se encontrar no centro de Belo Horizonte, já que ele não sabia como chegar até a casa do rapaz.

Anoitecia quando chegou à Capital e, na praça onde combinaram, avistou o carro de Otávio. Ambos se cumprimentaram e ele o seguiu com a picafe até o apartamento, onde Ana os esperava aflita.

Assim que os três se acomodaram no sofá, a moça falou preocupada:

– Nós nem ficamos sabendo do acidente. Eu sei que as coisas não andavam bem para Helena porque liguei algumas vezes e Célia me disse que ela estava bebendo muito, mas não fomos avisados sobre a queda.

– Também não sei o que de fato aconteceu. Nos últimos tempos, minha vida virou de cabeça pra baixo. Foi só aquela peste da Íris se instalar na fazenda e eu e Helena começamos a brigar. Depois, tivemos aquele incêndio estúpido e nossa situação piorou de vez.

– A mãe disse que vocês vão mesmo se separar. É verdade?

– Acho que sim. Nosso casamento acabou. E vou te dizer uma coisa, Ana. Só estou aqui porque Célia me pediu. Vou fazer isso por Daniel.

Só então Otávio se manifestou:

– Vocês estavam tão bem. Está claro que aquela ruiva influenciou minha prima. Quanto ao incêndio e aos outros problemas que tiveram em

Embalança, acredito que alguém fez o que fez de propósito, só não sei com qual intenção.

Ao refletir sobre o que Otávio dizia, Tiago contou tudo que Célia lhe falou no telefone.

– Preste atenção. Acho que meu tio e Íris podem ter se unido para separá-los por conta da fazenda.

Tiago balançou a cabeça – Sei lá... parece muito fantasioso. Pra mim, Célia está cismada por outros motivos. Helena não fez as coisas que fez por causa do pai. Ela tem vontade própria.

– Helena pode ser impulsiva, mas não é tão irresponsável a ponto de vender Embalança por birra ou capricho. Da última vez que falei com Célia, a ruiva estava morando na mansão. Achei muito estranho porque até dois anos atrás, meu tio não suportava essa criatura. E, de repente, passa a aceitá-la a ponto de viver com ela? Não acha suspeito? Ele mudou muito. Nunca mais me procurou. Tentei conversar com ele e fui à empresa, mas não quis me receber. Acredito que esteja vivendo um momento de crise nos negócios, já que ouvi alguns boatos sobre ele ter de deixar a presidência da Lançatec-MG. Não sabemos a verdadeira situação em que se encontra. Se realmente estiver com problemas financeiros, isso explica seu interesse em vender a fazenda, porque de acordo com Célia, ele anda obcecado com essa ideia.

– Pode ser. – ponderou Tiago – O que você falou faz sentido. Mas ele chegaria tão longe a ponto de incendiar a loja? Era para Daniel estar lá naquela tarde... aliás, poderia ter acontecido o pior se o vizinho não tivesse gritado e socorrido a tempo. Não sei se sabem, mas o gerente estava preso no estoque e metade do primeiro andar se queimou. O rapaz ficou no hospital duas semanas.

– Nossa, é difícil acreditar que um pai prejudicaria a própria filha, mas na minha profissão eu sei que as pessoas nem sempre têm noção do que fazem e, diante do comportamento atual de meu tio, não podemos descartar a hipótese.

– Não sei o que pensar.

Eles continuaram conversando por algum tempo. Depois Tiago agradeceu ao casal por recebê-lo em casa e Ana o levou até o quarto de hóspedes.

As horas passavam e Tiago não conseguia dormir. Estava preocupado

e chegava a passar mal ao lembrar que Mauro queria interditar Helena.

A manhã custou a chegar. Era mais ou menos umas oito horas quando ele e Otávio chegaram à clínica que Célia indicou.

Eles aguardaram na porta e assim que o motorista deixou Célia, Helena e a enfermeira no local, Tiago mal pôde acreditar que a pessoa frágil que as duas mulheres amparavam era a jovem cheia de vida com quem se casou. Além de pálida, Helena estava magra e abatida.

O motorista as deixou sozinhas para estacionar o carro mais adiante e, aproveitando a oportunidade, eles interpelaram as três.

Surpresa, Helena encarou Tiago, mas estava tão grogue que não conseguiu dizer nada além de seu nome e sorrir. Ela estava confusa, tonta e, vê-lo, a deixou aliviada. Ele a viu se esquivar da enfermeira e dar alguns passos em sua direção. Ela estendeu as mãos para tocá-lo, não conseguiu e mergulhou na escuridão novamente. Preocupado, a tomou nos braços antes que caísse no chão.

A enfermeira protestou, mas Célia a empurrou. – É o marido dela.

– O doutor Mauro meu deu ordens expressas para impedir que ele se aproximasse de minha paciente.

– Vá para o inferno! – disse Célia – E leve seu patrão com você.

– Enquanto a moça correu atrás do motorista, Tiago, Célia e Otávio seguiram para a picape. Após alguns minutos, ao verificar que não estava sendo seguido, Tiago deixou o primo de Helena no apartamento e pegou a estrada para a fazenda.



Capítulo vinte e um

Após duas horas e meia, a picape finalmente alcançou Embalança e Célia se surpreendeu ao ver Tiago pegar um outro caminho que não fosse o da sede.

– Aonde estamos indo? – quis saber.

– Pra minha casa. Lá estão meu pai, Maria e Candinha. Não sei se me precipitei, mas acabei construindo três casas anexas, próximas a minha. Uma para meu pai, outra para Maria e Antônio e, ainda, uma para abrigar Candinha e Rodrigo. Coisa simples. A construção foi rápida. Tive medo de que Helena realmente quisesse vender a fazenda e fizemos um mutirão para agilizar as obras.

Ele olhou para o banco de trás, onde Helena permanecia adormecida com a cabeça no colo de Célia. – Eles agora ficam na sede durante o dia e voltam pra casa ao entardecer.

– Você é um filho de ouro. Imagino o orgulho de seu pai e, claro, de Maria e Antônio.

– Não fiz mais do que minha obrigação. Eu ia trazer meu pai de

qualquer jeito. E quanto à Maria e Antônio, eles são como minha família. Sei que não gostariam de morar na cidade com a Ana. Depois, me ajudam em tudo. Maria já fez até uma horta pra nós. Plantou flores em torno das três construções e Antônio está formando o pomar. Compraram inclusive alguns animais. Doutor Rafael fez um contrato de usufruto para eles, no caso de me acontecer alguma coisa.

– Muito bonito de sua parte.

– Quanto a Rodrigo e Candinha, se eu começar minha própria criação de gado, vou precisar deles. Candinha é como uma mãe para meu filho e Rodrigo é meu braço direito.

– Entendo. E Daniel, como está?

– Lindo, forte e falante. Às vezes, sinto que fica triste e penso em Helena. Eu me pergunto se ele sente falta dela, só que é muito pequeno pra se dar conta do que está acontecendo.

– Tenho certeza de agora que essa situação vai mudar.

– Como Mauro fez uma coisa dessas com a filha? Até ver vocês chegarem à clínica, não acreditei que tivesse coragem de agir assim. – Tiago confessou, enquanto estacionava a picape em sua propriedade.

– Infelizmente, as pessoas nos surpreendem de todas as formas. Boas e ruins. Imagine o que estou sentindo. – ao erguer os olhos, Célia se deu conta de que tinham chegado. Admirou-se com a beleza da casa e mesmo das outras três construções mais recuadas.

Um riacho cortava o terreno de fora a fora e árvores altivas circundavam o gramado recém-plantado.

Na mesma hora, Maria saiu da casa de Tiago e veio recebê-los – *Eu já tava colocando o coração pela boca!* O que aconteceu com Leninha, Célia? – Indagou, abrindo a porta do carro e olhando para o banco traseiro. Comovida, Maria sentiu um nó se formar na garganta – *Está tão abatida! Nem parece nossa menina.*

– Eu sei – afirmou Célia, desgostosa – Daniel e Candinha estão em casa?

– Não. Estão lá com Alcides. Deixei a casa vazia porque fiquei com medo do estado de Helena. Pelo visto, fiz bem.

– Com certeza.

Tiago saltou da picape e, com a ajuda de Célia, tirou Helena do carro e a levou nos braços até o quarto, onde a acomodou na cama.

Célia viu o capricho no interior da casa e ficou ainda mais admirada.

Tiago construiu uma casa que parecia de bonecas. Os móveis, as cortinas, os tapetes, tudo acolhedor e de extremo bom gosto. Parou diante do quartinho decorado de Daniel e sorriu ao sentir o cheiro de bebê. Helena ficaria surpresa; quem sabe os dois finalmente se acertassem.

Helena acordou após uma hora, mas continuava sob os efeitos dos remédios e sem entender o que acontecia. Ela continuou assim nas quarenta e oito horas seguintes. Acordando e dormindo. Perguntando onde estava. Dizendo coisas desconexas e voltando a mergulhar naquele estado de letargia, da mesma forma como Célia a viu fazer durante a última semana após o acidente.

Aflito, Tiago mal continha a raiva – Por que Mauro quis mantê-la nesse estado? Não posso pensar num pai que queira isso para a filha.

– Ele nunca soube lidar com Helena. Só que de uns tempos pra cá, cismou que vai se desfazer da fazenda.

– E ela impediria?

– Claro.

– Não sei. Ainda penso que ela fez aquele anúncio.

– Não, Tiago. Você não conhece sua mulher. Helena pode ter seus defeitos, mas é uma pessoa leal e estava realmente envolvida com Embalança, com o projeto de levar os sonhos do avô adiante. Em algum momento, talvez influenciada por quem não devia e você sabe *quem*, meteu os pés pelas mãos. Quanto ao anúncio, acredito sinceramente que foi coisa de Mauro. Ele vem agindo de uma forma bem estranha.

– Ele iria tão longe?

– Acha que interditar a filha é uma atitude normal?

– De fato, não.

– Pois é. Antes ele ameaçava e eu acreditava que era só para tentar controlar Helena. Mas ele mudou demais. Não reconheço o homem por quem me apaixonei um dia. Confesso que estou assustada. Depois do que tenho visto ultimamente, não duvido de mais nada. Estou começando a achar que ele enlouqueceu. E tem mais. Desconfio da relação que tem com a peste da Íris. Ela está morando na mansão e os peguei discutindo algumas vezes.

– Será?

– Pode apostar. O que precisamos fazer agora é proteger Helena. Mauro não vai sossegar até conseguir o que quer e com certeza virá atrás da filha.

– Uma coisa eu te prometo, Célia. Ele não toca mais nela. Pode ter

certeza. Não consigo esquecer aquela cena em frente à clínica, mal pude acreditar quando vi Helena naquele estado.

– Nem me fala.

Ficar dois dias sem as drogas surtiu efeito e Helena acordou lúcida. Ao se mexer, sentiu corpo pesado e a boca seca. A cabeça parecia pesar uma tonelada e começou a se conscientizar de que havia sofrido um acidente. Aliás, a última coisa que lembrava era de acordar no hospital. No entanto, não sabia dizer onde estava. Viu a janela, a cortina florida, passou o olhar pelo guarda-roupa, a cômoda, porém, não reconhecia nada.

Então, sua atenção se voltou para um ruído ao lado da cama. Deitados num tapete, reconheceu Tigre e Leão. Confusa, sorriu. Cogitou se estava sonhando, mas os cães se levantaram e, após se espreguiçarem, fizeram festa ao perceber que estava acordada.

Será que estava delirando? Com dificuldade, recostou-se à cabeceira da cama. Sentiu a camisola grudada de suor e concluiu que precisava urgentemente de um banho. Tentou se levantar, contudo, num gesto de carência para pular em seu colo, Tigre e Leão a impediram. Sentiu as pernas trêmulas e apoiou-se na cama para não cair. Justamente nesse momento, Tiago entrou no quarto – *Você?! Que lugar é este? O que está fazendo aqui?*

– Calma, Lena. Está na minha casa. – Sem saber como os cães entraram no quarto fez um sinal para que saíssem e caminhou rapidamente até ela, a fim de ajudá-la a recuperar o equilíbrio.

– Como assim, sua casa? Eu... eu não entendo, estamos em Embalança?!

Ele assentiu e foi grande a alegria que a invadiu. – Nossa, minha cabeça está tão confusa. Eu estava no hospital e de repente... parece que acordei aqui. Como?

– Célia veio com você. Mais tarde ela te explica tudo.

– E Daniel? Meu filho está aqui também?

Ele balançou a cabeça assentindo e os olhos de Helena brilharam de contentamento. – Meu Deus, que falta senti do meu bebê. Antes de vê-lo eu preciso de um banho. Por favor, chama a Célia pra mim?

– Claro.

Ele saiu e Célia veio minutos depois.

Após o banho, Helena sentiu-se mais desperta e Célia trouxe uma vitamina de frutas que ela bebeu com vontade.

– A sensação que tenho é a de que estou renascendo.
– De certa forma, você está.
– O que aconteceu comigo? Como vim parar aqui?
– Eu pedi ao Tiago que te buscasse. Os últimos dias foram bem difíceis e quero que se fortaleça antes de conversarmos. O importante é que está com sua família e não há nada que eu quisesse mais do que vê-los juntos novamente.

– O que está dizendo? Eu e Tiago estamos separados.
– *Vocês são dois teimosos empacados que se adoram e não dão o braço a torcer. Não estava feliz em Belo Horizonte e acho que pelo menos disso você se lembra.*

– Eu sei. Ainda não consigo acreditar que tive coragem de deixar meu filho... Preciso ver Daniel.
– Vou buscá-lo.

Algun tempo se passou e, assim que a porta se abriu e Helena viu o filho dando uns passos vacilantes em sua direção, não conseguiu conter a emoção – *Bebê! Que saudade!*

Célia o colocou em seus braços e tanto a mãe quanto o filho demonstraram grande alegria com o reencontro. O cabelo de Daniel estava maior e tinha cachinhos nas pontas. E não era só o cabelo. Ele também havia crescido... Com os olhos marejados, pensou nos dois meses de ausência na vida do menino e não pôde evitar o remorso.

Da porta, Tiago assistiu a cena e um nó se formou em sua garganta. Parecia estar voltando alguns meses no tempo e mais uma vez se perguntou o que *diabos* aconteceu para separá-los daquele jeito.

Quando seus olhos se encontraram com os de Helena, eles se encararam por alguns segundos. Constrangido, fechou a porta e se afastou.

Após três noites dormindo no sofá, Tiago acordou acabado, porém, como Célia ocupava o quarto de hóspedes não lhe restava outra opção.

Ainda não havia amanhecido quando saiu de casa. Precisava estar na fazenda cedo para conversar com Jairo.

Selou Liár rapidamente e, ao alcançar a estrada, os primeiros raios de sol iluminaram o horizonte. Foi então que avistou um casal à distância, parcialmente encoberto pelas árvores. Como estranhou o fato de estarem na divisa de Embalança, amarrou Liár a um eucalipto e se aproximou dos dois,

evitando fazer ruídos.

Como suspeitava, Pedro e Lisa discutiam. Não conseguiu ouvir bem o que falavam, mas os insultos logo passaram e os dois se abraçaram, rolando pelo chão. Boquiaberto, se afastou. Se Jairo presenciasse tal cena teria um infarto. Pensou em Rodrigo e na decepção que sofreria com Lisa. No entanto, não tinha coragem de contar a nenhum dos dois o que viu.

Resolveu tomar um atalho para que o casal não o visse e, ao longo do dia, questionou há quanto tempo durava aquele caso.

Moacir desligou o telefone perplexo. As informações que recebeu do irmão eram nitroglicerina pura. E se seu faro estivesse certo, já sabia quem era o autor do roubo no haras e do incêndio na loja.

Agora, precisava encontrar uma forma de forjar um flagrante e chegar até o cúmplice.

Helena acordou bem-disposta e, ao sentar-se na cama, intrigou-se com um livro aberto sobre o criado-mudo.

Reconheceu um dos diários do avô. *O mais especial*. O que escreveu para sua avó. Ficou profundamente emocionada.

Anos atrás, Altino lhe contou que, embora conhecesse a esposa desde criança, os primeiros anos de casamento não foram fáceis. Como as conversas sempre terminavam em discussão passou a escrever para ela sobre seus sentimentos. Todas as manhãs, deixava no travesseiro uma mensagem e uma rosa vermelha, exatamente como a que via agora. Era como se pudesse ouvir sua voz novamente – *Foi como salvei meu casamento, Lena. Escrevendo o que eu nunca conseguia falar*.

Trêmula, segurou a encadernação de couro e recolheu a rosa, a fim de aspirar seu perfume e ler a mensagem.

Seu olhar assemelhava-se ao leito de um rio.

E nem se quisesse poderia decifrar-lhe a expressão.

Afinal, entre a superfície e o fundo havia um limite que não podia transpor.

Continuou acompanhando-lhe os passos imprevisíveis. Seguindo, impassível, a constante impossibilidade de

alcançá-la.

Era aquele um tempo sem contorno; tão frágil quanto a proximidade que em certos momentos experimentavam.

Talvez, estivesse à margem de seus pensamentos ou navegando no ressentimento da distância estabelecida.

Como antes, como ontem...

Até que o rio tocasse-lhe o corpo, a alma. Então, já não seriam dois. E aquele olhar primeiro, quiçá, permitisse-lhes um destino em comum.

Helena não conteve o pranto. Como o diário foi parar ali? Lembrou que na ocasião da morte do avô o procurou incansavelmente e não o encontrou. Estaria com Tiago durante todos aqueles anos?

Ainda não sabia o que pensar. Devia ser quase dez horas da manhã quando finalmente deixou o quarto.

Sentiu-se mais forte e saiu para conhecer a casa que o marido construiu. Ficou surpresa com os detalhes e o capricho com que o lugar foi construído.

Apesar de simples, nada parecia faltar. E foi inevitável a sensação de ter sido excluída. Durante o tempo que ficaram afastados ela parecia não ter feito falta nenhuma.

Além da sala, havia a cozinha, o quarto de casal, o quarto de Daniel, um banheiro social, um quarto de hóspedes e um escritório pequeno com mesa e computador, onde ela se sentou e, através da janela de vidro, admirou a beleza da paisagem da vegetação naquela parte do terreno.

Quando, enfim, chegou à varanda, Tiago acabava de desmontar Liár. Ela correu até o cavalo que a reconheceu de imediato. Tiago se afastou e limpou as botas numa lâmina em meio à grama, própria para tal finalidade. – Cadê os outros?

– Não sei. Acordei faz pouco e vi a casa vazia. – ela acarinhou Liár e fez carinho no cavalo. Então, olhou de lado para Tiago. Quis perguntar sobre o diário e a rosa, mas desistiu.

– Falei com Célia pra não te deixar sozinha. Provavelmente eles devem estar na casa de Maria.

– E a Flor, e Thor?

– Estão ótimos. Thor está lindo. Ficou na sede. Flor está aqui. – ele indicou o pequeno estábulo, numa área mais recuada.

Helena voltou o olhar para as outras construções e sentiu um grande orgulho de Tiago – Você pensou em tudo.

– Tive medo de que vendesse a fazenda.

– Você não acredita em mim... nunca tive intenção de vendê-la.

– Você fez muitas coisas que eu pensei não ser capaz de fazer. Como me acusar do incêndio, como abandonar nosso filho... – ao perceber que ela empalidecia, Tiago se arrependeu – Desculpa. Sei que ainda está fraca, não deu pra segurar.

– Não faz mal. Sei que o que fiz com Daniel foi errado. – Ela pareceu ponderar e, com medo de gerar uma discussão, mudou de assunto – Percorri cada cômodo da casa. Você cuidou dos detalhes com muito capricho.

– Não é mérito só meu. Maurinho fez um ótimo projeto. E os pedreiros que contratei são excelentes profissionais. Quando a casa ficou pronta, Ana e Otávio vieram visitar Daniel e me ajudaram a escolher os móveis. Como vê, tem mão de muita gente. Ih, nas outras construções então, nem imagina. Todo mundo ajudou.

– Não posso negar que sinto inveja por não ter participado.

– Você fez falta. – inseguro, desviou o olhar. Como ela, sabia que havia algo mais a ser dito, mas simplesmente não conseguia. Não ainda. Então, Helena aumentou a proximidade entre eles. Os olhos verdes, perscrutando os azuis-acinzentados. – Quem está na sede?

– *Rodrigo e Antônio. E o pai tá na fábrica com o Jairo.*

– A loja?

– Eu passo lá todos os dias. Marcos é um funcionário exemplar, só que... sem você, não é a mesma coisa.

Os dois estavam constrangidos. Calaram-se alguns instantes e foi Tiago quem venceu o silêncio – Agora que está melhor, quero te fazer um pedido.

– O que é?

– Não me separe de Daniel.

– Nunca pensei em separá-los.

– Eu sei... é só que essa casa não faz sentido sem meu filho e... – ele queria dizer sem você, no entanto, a mágoa ainda era grande e a situação entre eles, incerta. – Não posso aceitar que o leve para a sede.

– Está me pedindo ou me informando?

– Foi você quem o deixou comigo.

Com as faces rubras, ela comprimiu as mãos demonstrando ansiedade – *Se ele fica, eu fico também. Não quero mais me separar do meu filhinho.*

Essa loucura durou além da conta. Não sei onde andei com a cabeça.

– Se estou lembrado, em uma de nossas últimas discussões você me disse que não fazia sentido morar aqui.

– Antes não. Agora vocês construíram um lar. Talvez nossa vida seja melhor do que foi na sede, com tantas pessoas entrando e saindo da casa.

– *Nossa vida?! –* ela ficou calada e Tiago não pôde evitar um sorriso. – Tudo bem, quero ver quanto tempo consegue ficar...

Tão logo ele se afastou, Helena foi conhecer a casa de Maria e Alcides. Caminhou algum tempo na companhia de Célia e depois de brincar com Daniel, decidiu descansar.

Cochilou o restante da tarde. Estava se levantando da cama quando Candinha irrompeu no quarto. As duas se abraçaram e Helena logo perguntou sobre Rodrigo.

– A quantas anda seu casamento?

– Na mesma.

– Não acredito.

– *Rodrigo me vê como uma irmã mais nova.*

– *Pois já passou da hora de mudar essa situação.*

– *E como, ué?! Ele parece que nem me vê. A gente ainda dorme separado. E Lisa, aquela peste continua infernizando minha vida e provocando o Rodrigo. É como se ela me dissesse o tempo todo, vocês se casaram e nada mudou.*

Sentindo uma leve enxaqueca, Helena levou a mão à testa e prometeu pensar em alguma coisa. Após algum tempo, Candinha se foi e Célia entrou no quarto – Maria quer saber se vamos voltar para a sede.

– Não. Tiago me deu um ultimato para não separá-lo de Daniel. Se meu filho fica, eu fico também.

– Ah... sei. Quer dizer que você só vai ficar por causa de Daniel?

– Claro! – a moça se fez de ofendida e Célia deixou o aposento sorrindo.

Por toda a tarde Helena pensou na situação de Candinha e resolveu recorrer a Tiago para ajudá-la. Ansiosa, esperou que voltasse. Assim que ele estacionou a picape na garagem, levantou-se da rede na varanda e correu em sua direção.

Surpreso, ele observou sua aproximação em silêncio – O que

aconteceu?

– Quero muito falar com você.

– Deu pra notar.

– *Não vem com essa cara de deboche. O assunto é sério.*

– Fala, uai.

– Não aqui. – ela o puxou para o interior da casa. No quarto, trancou a porta.

Confuso, Tiago sentou-se na cama e esperou que ela falasse.

– É sobre o casamento de Candinha e Rodrigo. A situação deles venceu qualquer limite.

– Como assim?

– *Quer fazer o favor de me levar a sério? Você sabe muito bem que os dois ainda não... bem... aff! Cê sabe.* – ela não conseguiu evitar o rubor que se espalhou pelas faces e caminhou até a janela, ficando de costas para ele. – Eles não estão vivendo como marido e mulher.

Tiago se divertiu com seu desconforto e esperou que ela se voltasse para ele, antes de responder – Se o casamento envolve tudo o que passei, sorte a do Rodrigo.

Helena não conteve um suspiro de impaciência e, nervosa, aproximou-se e sentou-se de frente para ele.

– Embora esteja achando graça, não estou brincando! Candinha está sofrendo e Lisa faz de tudo para tornar sua vida miserável. Ela veio me ver. Contou que Lisa manda recados para Rodrigo, age como se ele fosse solteiro.

Lembrando-se do que viu nas primeiras horas da manhã, a expressão de Tiago endureceu – A gente não deve se intrometer.

– *Ah, pelo amor de Deus, Tiago!* Você nunca foi covarde. O que está acontecendo? Sei que gosta da Candinha e sei também o quanto você e Rodrigo são amigos. Precisa me ajudar.

– Só por curiosidade, o que pretende fazer?

– Ainda não sei. Pensei que pudesse me ajudar a encontrar uma saída.

Num gesto espontâneo, segurou as mãos de Tiago, porém, ele se retraiu e se levantou. – Não sei, vou pensar a respeito. – Depois, deixou o quarto apressado e apreensivo.

Devia ser umas onze da noite. Helena se revirava na cama e, quando

fechava os olhos, imagens confusas de Íris e Mauro discutindo dançavam em sua mente.

Além disso, o rumo que sua vida tomou a atormentava. Ouviu passos lá fora. Teve a impressão de que alguém estava forçando a janela e se assustou.

Saltou da cama e verificou, a fechadura estava intacta. Continuava ouvindo passos na folhagem. O coração disparou.

Andava impressionada demais. Pensou em gritar e chamar alguém... *não, melhor não*. Só podia ser coisa da sua cabeça, porque os cachorros não estavam latindo.

Como seria impossível voltar a dormir, colocou o robe para ir até a cozinha e beber um copo de leite. Ao chegar à sala e acender um abajur, surpreendeu-se ao ver que Tiago dormia no sofá. Um sofá que, sem dúvida, era pequeno demais para ele. Contrariada pensou que, até então, nem tinha questionado onde ele estava dormindo. Viu suas botas encostadas na mesa de centro e o chapéu em cima. Ele estava de roupa e se sentiu culpada por ocupar seu quarto.

Aproximou-se e tocou seus cabelos tentando acordá-lo. Ele comprimiu os olhos contra luz e levou as mãos ao rosto sem entender o que acontecia – *O que foi?*

– Não pode dormir aqui. Está mal acomodado. Não me importo se dividirmos a cama.

– *Você me acordou por causa disso?*

Ela assentiu. Tiago fechou os olhos e voltou a recostar a cabeça no travesseiro – Ei, não ouviu o que eu falei?

– *Ouvi, acho melhor não.*

– O que foi? Está com medo de ser atacado?

– *Não. Só não me parece uma boa ideia.*

– *Pois continue aí e espero que acorde com o pescoço duro todas as manhãs, porque se esse é seu plano para me forçar a sair da sua casa, pode desistir. Afinal, foi você quem me trouxe. Como Célia pretende ficar, acho melhor encomendar outra cama pra colocar na sala!*

Irritada, Helena foi para a cozinha. Comeu algumas bolachas e tomou um copo de leite. Quando decidiu se recolher, viu que o sofá estava vazio e não pôde evitar um sorriso.

Ao entrar no quarto, Tiago ocupava um lado da cama. Tirou o robe e o jogou na cadeira diante do espelho. Pensativa, entrou no banheiro. Após lavar o rosto e escovar os dentes, se deitou e apagou a luz do abajur.

Não se passou cinco minutos e teve certeza de que aquela não era mesmo uma boa ideia. A simples presença do marido ao seu lado fazia com que todos seus sentidos se aguçassem e, em vez de dormir, continuou se revirando na cama. Daquela vez, as imagens que a atormentavam eram outras.

Após um tempo, notou que Tiago já não ressonava tranquilamente e soube que o havia acordado.

– *Eu sabia que não ia dar certo.* – ele sussurrou – *Você não para de se mexer e estou com sono.*

– Desculpa. Ando passando as noites em claro. Há também uma coisa que quero te perguntar.

– O quê?

– O diário do meu avô. Desde que o encontrei sobre o criado-mudo, tenho me feito a mesma pergunta. Como ele chegou a você?

– *Seu Altino me entregou quando descobriu que estava com aquela doença.*

Helena pensou no câncer que minou a vida do avô e sentiu os olhos marejados – E por que nunca me contou?

– Seu avô me pediu que o entregasse a você quando se casasse. Você sabe, ele tinha dessas coisas... Afirmou que precisava ser um casamento por amor. Depois que Daniel nasceu eu quis te entregar, mas não houve o momento ideal. Até aquela manhã.

– E por que colocou justamente naquela página?

– Porque é como me sinto.

Helena não soube o que dizer e se levantou – Vou tomar um banho pra ver se consigo relaxar.

Tiago tentou inutilmente fechar os olhos. Só de pensar em Helena nua no chuveiro, qualquer possibilidade de sono se esvaiu. Incrível. Esteve com raiva daquela mulher por meses, jurou não mais aceitar aquele relacionamento, e, em poucos dias de convívio suas resistências caíram por terra. Continuava louco por ela e a queria de forma tão intensa que chegava a doer.

Procurou inúmeros argumentos razoáveis para não ceder. E continuou procurando motivos para se fazer de indiferente. Ainda tentava lutar contra o que sentia quando ela se deitou ao seu lado e o perfume do sabonete que conhecia tão bem invadiu suas narinas.

Sua insuscetibilidade durou dois minutos ou menos. Até que Helena

moldou o corpo ao dele e sentiu que ainda estava nua – Ficou louca?

– Preciso lutar com as armas que tenho.

Por alguns minutos, teve medo que o marido se afastasse. Mas ele se voltou para ela e capturou seus lábios num beijo agressivo.

– Tem noção do que causou em mim desde que me deixou? – perguntou instantes depois.

– Tiago, por favor, diga que não importa mais o que aconteceu. Que não vai guardar mágoa. Minha vida não faz sentido sem você e Daniel... Durante esses meses quase enlouqueci. Esperei que fosse me buscar, sonhei com o momento em que ficaríamos juntos novamente...

– As coisas não são tão fáceis!

Decepcionada, ela se retraiu. – Quer dizer que por uma questão de orgulho vamos continuar afastados?

– Você acha tudo simples demais.

– E você sempre complica.

– *Acontece que não podemos dar ré no tempo.*

– Não mesmo. O que não vai mudar o que eu sinto... e o que sinto é uma vontade louca de estar com você. Por acaso aceita a distância entre nós?

– Tenho medo de continuar sofrendo.

– Ninguém vive sem sofrer e, independentemente do que aconteceu entre nós, quero que saiba que eu te amo.

Ela se afastou e virou para o lado. Não conseguiu evitar as lágrimas. Tiago quis se levantar e sair do quarto, no entanto, não conseguiu. Ele a puxou e a beijou ternamente. Não quis ouvir nem falar mais nada. Sabia que seus corpos falariam por eles. Tudo que queria era estar novamente nos braços de Helena.

Amaram-se com loucura e, ao amanhecer, ainda brincavam e faziam juras de amor.

Pela quarta vez naquela semana, Rodrigo achou outro bilhete de Lisa em meio as suas coisas. E, desta vez, pedia que deixasse Embalança com ela.

Nunca se sentiu tão dividido. Sempre desejou Lisa, ao mesmo tempo, não conseguia nem pensar em magoar Candinha. Era uma moça doce, carinhosa. Às vezes, queria deixar a amizade de lado e ser de fato seu marido. Contudo, sabia que Candinha não gostava dele como homem.

Precisava tomar uma decisão. Não conseguia mais viver daquele jeito. Anoitecia e ainda não sabia o que fazer.

– O que ocê tá fazendo aqui, peão?
– Que susto, Tiago. Quase me mata.
– Uai, eu voltei porque Candinha estava preocupada com você.
Sem saber o que fazer, Rodrigo entregou o bilhete ao amigo.
– O que realmente sente por Candinha?
– Não sei. Tô dividido, atordado.
– Lisa não presta e isso aqui pode ser só mais uma brincadeira de mau gosto. Se deixar Candinha, não sei se ela vai aceitar que volte depois. Aliás, acho que ela aguentou até demais.
– O que tá insinuando?
– Ela gosta de você, homem. Sempre te falei e não sei se não acredita ou não quer acreditar.
– Não pode saber o que ela sente.
– Eu sei. Ela conversa com minha mulher, esqueceu?
– Não pode ser. Ela nunca me deixou perceber nada.
– O que ela pode fazer? Agarrar um homem do seu tamanho à força?
– Será?!
– Só vai ter certeza se tentar. Esquece a Lisa. Ela não presta e você não pode correr o risco de perder Candinha. Vem, vamos embora.

Tão logo Rodrigo chegou em casa, Candinha correu a recebê-lo na varanda.

– O que aconteceu? Você não voltou e eu... – antes que a moça conseguisse concluir a frase, Rodrigo a beijou. Foi inesperado e não sabia o que pensar. Surpresa e emoção se mesclavam. Ele se afastou após alguns segundos e passou mão em seu rosto corado.

– Ocê gosta de mim, Candinha?
– Se for brincadeira é de muito mau gosto.
– E quem tá brincando? Eu te fiz uma pergunta séria!

Por alguns instantes, Candinha limitou-se a ouvir o descompasso do próprio coração. Então, finalmente se decidiu.

– É bobo mesmo. Será que não percebe? É o único que ainda não notou...

– Não notei o quê?!
– Que eu amo ocê, seu tonto. Sempre amei.
– É verdade?! – indagou Rodrigo, sem conter a emoção e o orgulho.

Feliz, ela assentiu.

– *Diacho, eu sô uma besta mesmo.*

– *E eu num sei?!*

Tiago viu Rodrigo tomar Candinha nos braços e entrar em casa apressado. Sorriu satisfeito e estava parado em meio à varanda quando Helena chegou e o abraçou por trás – O que faz sozinho aqui fora?

Ele se voltou para a mulher e tocou-lhe os cabelos com carinho – Acabo de ver uma coisa que você ia gostar e muito.

– O quê?

– Rodrigo e Candinha finalmente estão juntos!

– Jura?

– Juro.

– Não acredito! O que você fez?

– *Nada demais. Eu só tentei abrir os olhos de um peão bocó.*

– Candinha deve estar no céu.

– Pois eu sei muito bem onde ela está e confesso que estou com inveja.

Helena arqueou as sobrancelhas e o puxou pelo cinto – Não precisa ter inveja. Nem um pouco.

Ele a encarou com um olhar cheio de promessas – Agora falou uma verdade!

Mauro observou a arma no interior da gaveta da mesa de granito. Estava carregada e o silencioso permitiria que se livrasse de alguns inconvenientes sem alarde. Já não tolerava a presença de Íris fazendo exigências em sua casa. As coisas iam de mal a pior. Segundo seus olheiros de plantão, em breve, todos saberiam que ele não era mais o sócio majoritário da *Lançatec-MG* e muito menos o presidente. Credores de todas as partes faziam cobrança. As dívidas o engoliam. Dívidas do pôquer e dos investimentos arriscados que fez.

Se o escândalo viesse à tona, Helena descobriria que Sílvia doou sua parte da fazenda para a filha em vida, com a anuência dele. Na época, chantageado pela mulher que ameaçava se divorciar, não teve outra escolha. Precisava acalmá-la ou ela o deixaria. E tudo ia muito bem até que... O fato é que não adiantava se lamentar.

Precisava agir. Ignorando os atos falhos e a ambição desmedida que o

levou à ruína, ambição que foi sua maior característica desde a infância, culpava o mundo por sua infelicidade, vitimizava-se. Era mais fácil pensar que foi enganado por todos. Ignorar que se casou por interesse. Que causou a morte do tio, um homem rico e solitário, para se tornar seu único herdeiro.

Bateu a mão na mesa furioso. Bando de inúteis! A própria filha o traiu. Helena e Célia o deixaram atolado na lama. Mas as duas não perdiam por esperar. Um sorriso delineou seus lábios ao pensar que com a venda de Embalança, ainda poderia deixar o país. Atirou uma garrafa de uísque vazia contra a porta e Íris entrou aos berros.

– *Ouvi sua conversa no telefone. Seu miserável, está falido! Por isso não me pagou. Eu vou agora mesmo até a fazenda contar para a filhinha querida o papai ordinário que ela tem.*

– E o que vai ganhar agindo assim?

– O prazer de vê-lo desmascarado. O prazer de dizer que você está falido, seu crápula nojento. Você me usou!

– Estou cansado de ouvir sua voz, estou farto da sua presença!

– Não tanto quanto eu estou de você.

Enfurecida, avançou para a porta – Eu, no seu lugar, não cometeria o erro de dar as costas para um homem que acabou de ofender.

Ela se voltou para dizer mais alguns desaforos e viu a arma brilhando em suas mãos. Antes que conseguisse dizer qualquer coisa, Mauro atirou. Ela levou a mão direita ao peito e, surpresa, sentiu o sangue quente escorrer entre os dedos. – *Seu demônio...* – tentou ainda dar alguns passos, mas caiu no tapete inconsciente... a vida se esvaindo a cada segundo.

Mauro se levantou e, após guardar a arma na maleta, saiu apressado. Agora sim ele acertaria as contas com Tiago. Estava mais do que na hora de se livrar daquele estorvo.



Capítulo vinte e dois

Tiago e Helena foram até a sede da fazenda buscar algumas roupas e objetos pessoais. Ela pegou os porta-retratos e algumas peças de arte de que gostava.

Ainda na véspera, ela e o marido concordaram em transformar a sede de embarcação num Hotel Fazenda.

A picape estava cheia de coisas e ela sentia falta do próprio carro. Estava sozinha na varanda quando Mauro chegou no *Discovery*. Riu, pensando se teria sido transmissão de pensamento. Porém, estranhou quando o viu na companhia de Célia e Daniel.

Célia parecia aflita. Foi quando percebeu que o pai apontava um revólver para eles – O que está acontecendo?!

Ela quis correr para o filho, mas Mauro advertiu – Fique onde está! Você sempre me criou problemas, Helena. Mas se não me obedecer agora, Daniel vai sofrer as consequências.

– Está louco, pai?

– Mais do que você pensa e já não tenho nada a perder, acredite.

– Vai sair comigo agora da fazenda. Encontrei um comprador para Embarcação. Ele está disposto a me dar o valor em espécie em troca de um simples contrato de gaveta. Basta você assinar a procuração que tenho na minha pasta e me acompanhar nas negociações.

– Eu não posso vender a fazenda.

– *Ah, tenho certeza que pode!*

Desesperada, Célia tentou argumentar:

– Não pode levar isso adiante, Mauro. Largue essa coisa e nós vamos te ajudar.

– Cale a boca! Teve a coragem de me deixar quando eu mais precisava de você. – ele a empurrou e Daniel começou a chorar.

Helena torcia para Tiago não chegar à varanda, pois tinha medo do que

poderia acontecer se ele visse que Mauro ameaçava a vida de Daniel. Desceu os degraus apressada. – Tudo bem, solte meu filho e eu vou com você.

Ao avançar alguns passos, Helena viu o Delegado Moacir se aproximar. Ele estava atrás de Mauro. Disfarçou e tentou ignorar sua presença para que o pai não notasse.

– Por favor, pai! Estou implorando!

Mauro aceitou a troca. Ao notar que Maria se aproximava assustada, Helena pediu que levasse o menino dali. Com Daniel nos braços, Maria correu para a antiga casa que ocupava. Ganhando tempo, Helena tentou chamar o pai à razão.

– Você vem comigo agora! – ele exigiu, completamente fora de si.

Ela estava a dois metros do pai quando o delegado gritou: – Parado, Mauro! Você não tem saída!

Justamente naquele momento, Tiago chegou à varanda. Mauro apontou a arma para ele e Helena sentiu as pernas bambas e um frio terrível na boca do estômago. – *Não, pai! Pelo amor de Deus!*

– Não tenho nada a perder e não vou deixar esse desgraçado vivo para usufruir de tudo que é meu. – Determinado, engatilhou a arma.

Célia, ao ver o que ele pretendia fazer, jogou-se em cima de Mauro. Ele tentou se livrar da mulher e, no mesmo instante, dois tiros foram disparados. Um saiu da arma de Mauro; o outro da de Moacir.

Célia caiu primeiro. Em seguida, levando a mão à nuca, Mauro desabou sobre ela.

– *Nãooo!* – Gritou Helena e correu em direção aos dois, abaixando-se e tocando-os com desespero.

Tiago correu para ampará-la e a afastou do casal, acolhendo-a nos braços.

O delegado se aproximou acompanhado de um policial e retirou o corpo de Mauro de cima de Célia, colocando-os lado a lado. Checou os sinais vitais e, após alguns segundos, se aproximou de Helena, encarando-a com compaixão. – Sinto muito, não tive escolha. Seu pai não resistiu.

– E Célia? Também está morta? – indagou Helena entre lágrimas.

O delegado negou.

Tiago verificou o ferimento de Célia – *Não, amor. Veja, ela está respirando. O tiro pegou só de raspão. O socorro deve demorar, mas acho que nosso veterinário pode conter o sangramento.*

Com o corpo sacudido pelos soluços, a jovem se ajoelhou ao lado de

Célia. Ao vê-la ferida, as lembranças invadiram sua mente...

Era muito nova quando descobriu a verdade. Sílvia ouviu uma discussão entre o marido e a governanta e lhe contou o que descobriu aos prantos. Aquele foi o dia mais triste de sua vida, o dia em que Sílvia se matou.

Célia era sua mãe biológica... *mãe....* e ela não conseguiu se lembrar daquilo durante anos porque caiu da escada, como no dia em que ouviu Mauro e Íris discutindo. Eles tentaram destruir seu casamento. O pai queria acabar com a vida de Tiago e quase conseguiu.

O veterinário se aproximou, levaram Célia para dentro da casa e ele tomou as providências para conter o sangramento. Em pouco tempo, o socorro chegou e nem foi preciso levar Célia para o hospital.

Moacir mandou remover o corpo de Mauro e a noite avançava quando as patrulhas deixaram a fazenda.

Mais tarde, Moacir contou a Helena e Tiago sobre a verdadeira situação de Mauro, as dívidas, o vício pelo jogo e o assassinato de Íris. Explicou que só chegou em Embalança a tempo porque o irmão, que a seu pedido já andava investigando o empresário, foi informado do crime.

– Eu queria forjar um flagrante. Não consegui. Tudo aconteceu muito rápido. A sorte foi que meu irmão, que é detetive particular, plantou um olheiro na casa de seu pai. Ao saber do assassinato da ruiva, vim diretamente para a fazenda e, por sorte, já estava aqui quando seu pai chegou.

– É inacreditável.

– Eu lamento, mas ele foi o culpado do incêndio e do roubo dos animais. Agora, queremos pegar o cúmplice.

– E quem é? – quis saber Helena chocada com os últimos acontecimentos.

– O tal Pedro. Descobrimos seu envolvimento através da lata de querosene. Ele mesmo a comprou num depósito em Lua Mansa, a dez quilômetros de Esplanada. Infelizmente, antes que pudéssemos prendê-lo, fugiu. E parece que uma das filhas de Jairo o acompanhou. A tal Lisa.

– Não consigo entender o que leva um pai a agir desse jeito? – desabafou Tiago.

– Olha, – disse o delegado – já vi de um tudo nessa vida e nem sempre as histórias acabam com finais felizes. Filho, as pessoas têm passado e o de algumas não é nada bonito. Outras se perdem em vícios, em fraquezas. Ou

ainda, é o poder, o dinheiro que pode mexer com a cabeça de qualquer um. Acho que é isso. Uma doença da alma. O mal que fala mais alto. Mas é difícil achar uma explicação fácil...

– É, concordo.

Helena não comentou. Não conseguia. Estava engasgada. Mal podia acreditar em tamanha insanidade. Por pouco o pai não destruiu sua vida, por pouco não matou Tiago.

Levou anos em atrito com Mauro. Um homem com quem ela nunca conseguiu conviver. Agora sabia a razão. Ele estava doente. Porque só alguém gravemente enfermo era capaz de fazer tudo o que ele fez.

O delegado se foi e Helena se jogou nos braços do marido, contando-lhe sobre o passado, o presente. Sobre tudo o que lembrou. Emocionada, desculpou-se com ele.

A manhã dava os primeiros sinais quando Célia acordou. Ao ver Helena ao seu lado, respirou aliviada – Está tudo bem com vocês? – Sim, graças a você, *mãe*...

– Você sabe? – perguntou temerosa.

A filha assentiu. – eu lembrei de tudo ontem.

– Não me odeie, por favor. – pediu Célia, com os olhos marejados.

– Nunca. Nem se eu quisesse poderia. Não depois do que fez por mim, por Tiago.

Emocionadas, elas se abraçaram e Helena contou como se lembrou de tudo.

– Não pense mal de mim. Nunca quis prejudicar a Sílvia.

– E por que aceitou esconder que era minha mãe biológica?

– Não havia outro jeito de ficar perto de você. Eu vou te contar tudo. Conheci Mauro quando comecei a trabalhar como secretária na *Lançatec*. Naquela época, eu era jovem, ingênua. Seu pai já era casado, mas desde a primeira vez em que o vi, soube que seria importante em minha vida. Ele era charmoso, atencioso. Acabamos nos envolvendo. Ele falava sobre os problemas que tinha no casamento e tanto fez que não resisti... deixei meus valores de lado. Então, engravidei e ele me falou que não tinha como se separar de Sílvia, contou que ela era doente, que não podia ter filhos e me implorou para lhe entregar o bebê. Queria que ela assumisse meu filho. Eu não queria, juro, só que a minha situação era muito difícil... Meus pais

morreram cedo. Eu morava de favor e meus tios nunca me aceitariam com um bebê nos braços. Quando você nasceu acreditei que era a melhor coisa a ser feita e Mauro me prometeu que eu sempre estaria por perto.

E ele cumpriu a promessa. Terminei tudo com ele. Após um tempo, eu me tornei a governanta de Sílvia sem que ela soubesse da verdade e não mais aceitei ser a amante do seu pai. Ele continuou insistindo ao longo dos anos. Sílvia estava cada vez mais depressiva e os dois viviam discutindo.

Uma tarde, Mauro me beijou e eu o rejeitei. Ela ouviu nossa briga. O resto você sabe. Me perdoa, Helena. Nunca quis causar mal a ninguém. Sofri muito e me senti culpada pela morte de Sílvia. Pode ter certeza de que enquanto ela estava viva e eu morei naquela casa, nunca tive nada com Mauro. E não teria se a tivesse conhecido antes.

– Acredito em você. Não vou negar que dói, é tudo muito difícil pra mim.

– Claro, eu sei...

– E quando ela se foi vocês reataram?

Constrangida, Célia assentiu. – Sim, apesar de tudo eu o amava e acabamos nos envolvendo novamente. Até um ano atrás. De repente, Mauro não era o homem por quem me encantei.

Sempre me senti culpada porque sabia que estávamos te enganando. Você ainda estava grávida de Daniel quando Tiago descobriu.

Ele me fez prometer que eu contaria a verdade. Não consegui. Implorei que respeitasse o meu silêncio. Não era hora de contar. Só continuei na mansão porque tinha medo do que Mauro poderia fazer com você caso eu não o vigiasse. Para ele, tornou-se uma obsessão se livrar da fazenda. Eu sabia que os negócios não iam bem e que ele estava tendo um caso com Íris. Só não fazia ideia do quanto estava fora de si.

Célia não conteve as lágrimas e Helena tocou sua face com carinho – Chega. Vamos deixar o passado pra trás. Eu tenho minhas mágoas, mas também possuo saldos negativos e, diante do fato de ter se arriscado para salvar Tiago, estarei sempre em dívida. Seja como for, você sempre me amou. Estranho... eu não lembrava que era minha mãe biológica, mas sentia de alguma forma. Acho que ficou no meu subconsciente.

Emocionadas, elas se abraçaram e tentaram superar os tristes acontecimentos. Afinal, não podemos caminhar sem esquecer nossas dores, nossos erros.



Epílogo

“Felicidade é ter o que fazer,
ter algo que amar, e algo que
esperar.”

Aristóteles

A primavera chegou levando os ventos funestos que assombraram Embalança nos últimos tempos. Era um começo novo e promissor.

O Hotel Fazenda seria inaugurado e deslocaram a sede para o terreno de Tiago. Naquela noite, porém, estavam todos reunidos no casarão. Para alegria de Maria e Antônio, Ana e Otávio chegaram à tarde, o que deixava a família completa.

Alcides e Célia começavam a construir algo além da amizade.

Pedro foi preso e, só e mal falada, Lisa se mudou para a casa da madrinha em Esplanada. Trabalhava em um aviário para se manter.

E como a vida é feita de momentos, Candinha e Rodrigo irradiavam felicidade. Assim como Helena e Tiago.

A certa altura, Candinha, Ana e Helena disseram que queriam contar uma novidade. Falaram quase ao mesmo tempo e se entreolharam surpresas.

Helena sorriu e se voltou para Ana – Ok! Você primeiro. Candinha

depois e eu aceito ser a última.

Ana aceitou a sugestão de Helena e se adiantou para os pais – Acho que vocês vão ficar felizes, porque Daniel vai ganhar um priminho.

– *O que você tá dizendo, filha?* – Perguntou Maria, emocionada.

– Estou grávida.

Naquele momento, Candinha e Helena não conseguiram evitar uma gargalhada – *O que foi agora?* – Manifestou-se Ana, indignada.

Ninguém conseguiu entender o motivo do riso e Candinha se apressou em explicar – Não fique zangada. *A gente tá rindo porque era justamente o que eu e a Lena queríamos contar.*

– *Ara!* – exclamou Rodrigo – *E você num me disse nada?*

– Queria fazer surpresa.

– *Mas como era surpresa se a Helena já sabia?*

– *Uai, nós fomos ao mesmo médico.*

– *Juntas?* – quis saber Tiago.

– Mais ou menos. Vocês nem vão acreditar... a gente se encontrou no consultório. Não é muita coincidência? Candinha confirmou suas suspeitas um pouco antes de eu confirmar as minhas.

– *Minha Nossa senhora! Não sei se ouvi bem... as três estão grávidas?!*

– Perguntou Maria, assustada.

– Pelo visto, brincou Célia – Teremos bastante barulho em Embalança.

Tiago atravessou a varanda e estreitou Helena nos braços – Como não desconfiei?

– Não sei. Anda prestando pouca atenção em mim.

Risos se fizeram ouvir. Enquanto os outros comemoravam, eles se afastaram e caminharam até a piscina – *Espera!* – Pediu Helena – Tenho ainda uma condição pra viver na nova sede.

– Qual?

– Uma piscina. Até falei com Maurinho. Por acaso vai se opor?

– De jeito nenhum. É só que... – Só que o quê?

– *Nossos banhos de piscina são um perigo e acaba de me ocorrer que nossa casa vai precisar de mais quartos.*

– *De todo jeito vai. Foi outra coisa que acertei com Maurinho. Não te falei ainda, mas dessa vez são dois.*

– *Dois o quê?*

– Gêmeos, amor.

– *Áhn? É verdade?!*

- Sem margem de erro.
- *E eu que pensei que a gente estava fora de forma.*
- Engraçadinho!

Ela arqueou as sobrancelhas, fazendo uma expressão furiosa e Tiago não conteve uma gargalhada.

- Está rindo do quê?
- Seus olhos são como um espelho. Refletem raiva, alegria, prazer, todos os seus sentimentos. Já disse que amo seus olhos?
- Não. É bom saber. E eu, amo você! Mas acho que agora sabe.

Ambos se abraçaram e ele pensou na vida. No reencontro com Helena. Na forma como o destino os uniu. Olhou para o céu estrelado e se perguntou como um mundo tão confuso pode, em certos momentos, se tornar o céu.

Feliz, tocou o rosto da esposa com carinho e buscou-lhe os lábios com paixão. Naquele instante, compreendeu que apesar das diferenças, seus corações seguiam o mesmo ritmo.

Assim como deve ser o amor. Assumindo o compasso que a vida deve seguir. Porque “destino” é uma questão de saber aonde queremos ir; onde pretendemos chegar com nossas escolhas. E de compreender que, embora a dor exista, a felicidade também é possível e, não raro, depende só de um gesto. Ou quem sabe de uma palavra, de um toque, de um momento em que somos capazes de abandonar nossas limitações e superar as expectativas; enfrentar as provas da existência com coragem. Enfim, capazes de enxergar além do óbvio.

Como um olhar que vai além dos outros... *Nada furtivo, nada temeroso e nem um pouco indiferente.*

Promoção imperdível!

Quer ganhar um de meus livros impressos?

Se você leu “Sem Destino” até o final e gostou do romance, avalie o livro na

Amazon, pois a sua opinião é muito importante para que eu leve meu trabalho adiante. Depois é só enviar o print da sua avaliação e seu endereço para meu e-mail:

blongobucco@hotmail.com

Pronto! Agora você receberá um exemplar de “Mais que uma escolha” em sua casa!!!

Espero que curta muito!

Beijos da autora!

[1] Composição: Joel Marques e Chitãozinho

[2] Sucesso de Bruno e Marrone em 2003.

[3] Scarlett O'Hara, personagem principal de “E o vento levou”, obra de Margareth Mitchell.